



## ATIVIDADES ORIENTADAS DE ENSINO

### TEMA 1

#### FICHAMENTO 1

**Discente:** Estefani Gabrieli Alves de Souza

**Orientadora:** Camila Bellini Colussi Macedo

FREUD, Sigmund. **Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen.** Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Imago, 2010.

“Nessa controvérsia a respeito do caráter dos sonhos, os escritores imaginativos parecem tomar o partido dos antigos, da superstição popular e do autor de A Interpretação de Sonhos. Pois quando um autor faz sonhar os personagens construídos por sua imaginação, segue a experiência cotidiana de que os pensamentos e os sentimentos das pessoas têm prosseguimento no sonho, sendo seu único objetivo retratar o estado de espírito de seus heróis através de seus sonhos. E os escritores criativos são aliados muito valiosos, cujo testemunho deve ser levado em alta conta, pois costumam conhecer toda uma vasta gama de coisas entre o céu e a terra com as quais a nossa filosofia ainda não nos deixou sonhar.” (p.5).

“Mas esse pensamento sensato não vem arrefecer nosso interesse pela maneira como os escritores fazem uso dos sonhos. Mesmo que essa investigação nada de novo nos ensine sobre a natureza dos sonhos, talvez permita-nos obter alguma compreensão interna (insight), ainda que tênue, da natureza da criação literária. Os sonhos verdadeiros já eram considerados como estruturas imoderadas e arbitrárias - e agora somos confrontados com livres imitações desses sonhos! Entretanto, há muito menos liberdade e arbitrariedade na vida mental do que tendemos a admitir, e pode ser até que não exista nenhuma. Aquilo que no mundo externo denominamos de casualidade pode, como sabemos, ser colocado dentro de leis. Assim também o que chamamos de arbitrariedade da mente repousa sobre leis das quais só agora começamos vagamente a suspeitar. Vamos, então, prosseguir” (p.6).

“Um jovem arqueólogo, Norbert Hanold, descobriu num museu de antiguidades em Roma um relevo que o atraía muitíssimo, tendo com grande prazer conseguido do mesmo uma excelente cópia em gesso, a qual colocou em seu gabinete de trabalho numa cidade universitária



da Alemanha para admirá-la com vagar. A escultura representava uma jovem adulta, cujas vestes esvoaçantes revelavam os pés calçados com leves sandálias, surpreendida ao caminhar. Um dos pés repousava no solo, enquanto o outro, já flexionado para o próximo passo, apoiava-se somente na ponta dos dedos, estando a planta e o calcanhar perpendiculares ao solo. Provavelmente foi esse modo de andar incomum e particularmente gracioso que atraiu a atenção do escultor e que, tantos séculos depois, seduziu seu admirador arqueólogo.” (p.7).

“Pouco depois ele teve um sonho terrível, no qual se encontrava na antiga Pompéia, testemunhando a destruição da cidade pela erupção do Vesúvio. ‘Estava junto ao foro, ao lado do templo de Júpiter, quando subitamente viu Gradiva a uma pequena distância. Até aquele momento nem sequer lhe ocorrera a possibilidade de encontrá-la, mas então isso lhe ocorreu como sendo muito natural, já que era pompeana e residia em sua cidade natal, na mesma época que ele, sem que disto ele tivesse a menor suspeita.(12.) Receoso da sorte que a aguardava, gritou para a prevenir, ao que, sem se deter, a jovem voltou-lhe o rosto sereno, mas continuou seu caminho até alcançar o pórtico do templo. Ali sentou-se em um dos degraus e curvou-se lentamente até repousar a cabeça no piso, enquanto suas faces cada vez mais pálidas pareciam transformar-se em mármore. Ele se precipitou em sua direção, mas ao alcançá-la encontrou-a deitada no largo degrau com uma expressão tranqüila, como se estivesse adormecida, até que a chuva de cinzas cobriu sua figura.” (p.8).

“Deixamos nosso herói no momento em que, aparentemente influenciado pelos trinados de um canário, se decide, com um propósito que evidentemente não estava claro para ele, a viajar para a Itália. Descobriremos mais adiante que não tinha nem plano nem roteiro fixos para essa viagem. A intranqüilidade e a insatisfação internas levaram-no a transferir-se de Roma para Nápoles, e daí para mais adiante. Viu-se envolvido por uma nuvem de casais em lua-de-mel e forçado a observar os ternos pares de ‘Edwins’ e ‘Angelinas’, em transportes amorosos que lhe pareciam incompreensíveis. [...]” (p.9).

“Na manhã seguinte atravessou o ‘Ingresso’ de Pompéia e, depois de livrar-se do guia, percorreu a esmo a cidade, sem que - fato estranho - lhe ocorresse à lembrança o sonho recente em que estivera presente à sua destruição. Mais tarde, à ‘cálida e sagrada hora do meio-dia, que para os antigos era a hora dos espíritos, quando os demais visitantes se haviam retirado e as ruínas jaziam desertas sob a luz do sol ardente, julgou poder transportar-se à vida que havia sido enterrada, mas não com o auxílio



da ciência. ‘Ela ensina uma concepção fria e arqueológica do mundo e faz uso de uma linguagem filológica e morta, que em nada contribuem para uma compreensão da qual participem o espírito, os sentimentos, o coração. Quem desejar atingi-la deve permanecer aqui, solitário, único ser vivente nessa calma abrasadora do meio-dia, entre as relíquias do passado, e ver, mas não com os olhos do corpo, e ouvir, mas não com os ouvidos físicos. E então... os mortos acordarão e Pompéia tornará mais uma vez à vida.’ (p.10).

“Gradiva desapareceu em frente à Casa de Meleagro. Não nos deve surpreender que o arqueólogo tenha prosseguido em seu delírio de que Pompéia tornara à vida ao meio-dia, hora dos espíritos, e que Gradiva também tenha tornado à vida e entrado na casa em que vivera antes daquele fatal dia de agosto de 79 D.C. Sua mente constrói as mais engenhosas especulações sobre a personalidade do proprietário (de quem a casa provavelmente tomara o nome) e sobre sua relação com Gradiva, demonstrando que sua ciência estava agora inteiramente a serviço de sua imaginação. Ele entrou na residência e defrontou-se subitamente, mais uma vez, com a aparição sentada em alguns degraus baixos que se estendiam entre duas colunas amarelecidas, ‘tendo sobre os joelhos um objeto branco cuja natureza ele não conseguiu precisar, talvez uma folha de papiro...’ Baseando-se na teoria que formulara sobre a origem da jovem, interpelou-a em grego e esperou, cheio de ansiedade, pela comprovação de que a aparição possuía o dom da palavra. Como não obteve resposta, interrogou-a em latim, ao que ela retrucou com um sorriso nos lábios: ‘Se desejas falar-me deves empregar o alemão.’” (p.11).

“Após o desaparecimento de Gradiva, nosso herói passou cuidadosamente em revista os hóspedes reunidos para o almoço no Hotel Diomède e no Hotel Suisse, assegurando-se assim que nos dois únicos hotéis que conhecia em Pompéia não existia ninguém que se assemelhasse, ainda que remotamente, com Gradiva. Teria, naturalmente, rejeitado como tola a idéia de que talvez pudesse realmente encontrar Gradiva ali. Logo o vinho originário das quentes faldas do Vesúvio contribuiu para intensificar o turbilhão de sentimentos em que ele passou o dia.” (p.12).

“Agora começamos a compreender e a nutrir alguma esperança. Se a jovem, em cuja figura Gradiva tornou à vida, aceitou tão plenamente o delírio de Hanold, provavelmente fazia isso para libertá-lo do mesmo. Não existia outro caminho para tal; contradizê-lo acabaria com todas as possibilidades. Mesmo o tratamento sério de um caso real de doença desse tipo só poderia ter seqüência situando-se



inicialmente no mesmo plano da estrutura delirante e passando-se então a investigá-la o mais completamente possível. Se Zoe for a pessoa indicada para esse trabalho, sem dúvida logo aprenderemos como curar um delírio como o do nosso herói, e também teremos a satisfação de saber como tais delírios têm início. Seria uma coincidência estranha - mas ainda assim, nem inédita nem isolada - se o tratamento do delírio coincidissem com a sua investigação, e se precisamente na dissecação do mesmo viesse à tona a explicação de sua origem. Se assim for, começaremos certamente a suspeitar que o nosso caso de doença possa acabar numa ‘vulgar’ história de amor. Mas não se pode desprezar o poder curativo do amor contra um delírio - e acaso a paixão do nosso herói pela sua escultura da Gradiva não possui todas as características de uma paixão amorosa, ainda que paixão amorosa por algo passado e sem vida?” (p.13).

“No mesmo atropelo de sentimentos da véspera, absorto nos mesmos problemas, ele percorreu a esmo os arredores de Pompéia. Perguntou-se qual seria a natureza corpórea de Zoe- Gradiva. Acaso se sentiria alguma coisa se se tocasse sua mão? Um estranho ímpeto o induzia à determinação de tentar tal experiência, ao mesmo tempo que relutava fortemente a admitir semelhante idéia.” (p.14).

“Apesar desse tumulto, ele acordou num estado de espírito mais lúcido e mais equilibrado. Uma roseira com flores semelhantes às que vira na véspera no peito da nova hóspede o fez lembrar que, durante o sono, ouvira alguém dizer que era costume oferecerem-se rosas na primavera. Sem refletir, colheu algumas rosas e o ato exerceu um efeito tranqüilizante em seu espírito. Sentindo-se liberto de seus sentimentos anti-sociais, dirigiu-se pelo caminho regular para Pompéia, com a mente entretida em problemas referentes a Gradiva e levando consigo as rosas, o caderno de esboços e o broche de metal. [...]” (p.15).

“Essa experiência atrevida teve dois resultados: primeiro, a eufórica convicção de ter, sem dúvida alguma, tocado uma mão humana, real, viva e quente, mas logo em seguida uma reprimenda que o fez levantar-se num sobressalto da escadaria onde estava sentado, pois, passado seu primeiro espanto, Gradiva exclamou: ‘Perdeste mesmo o juízo, Norbert Hanold!’ Como todos sabem, o melhor método para acordar um sonâmbulo, ou um indivíduo adormecido, é chamá-lo pelo seu próprio nome. Contudo, infelizmente, não se terá oportunidade de observar os efeitos produzidos em Norbert Hanold pelo fato de Gradiva ter proferido seu nome (nome que ele não revelara a ninguém em Pompéia), pois nesse momento crítico surgiu em cena o simpático casal amoroso da Casa del Fauno, e a jovem



senhora exclamou em tom de grata surpresa: ‘Zoe! Estás aqui também? E em lua-de-mel como nós? Nunca me escreveste uma única palavra a respeito disso!’ Diante dessa nova prova de que Gradiva era um ser vivo e real, Hanold fugiu.” (p.16).

“Entretanto, não tomou a direção do Hotel do Sol, onde o pai a esperava. Pareceu-lhe também ver uma sombra que, à procura de seu túmulo, desapareceu por trás de um dos monumentos funerários perto da Casa de Diomedes. Isto a levou a encaminhar-se para a Via dos Sepulcros, flexionando os pés quase perpendicularmente a cada passo. Hanold fugira para o mesmo local, confuso e envergonhado, e ali caminhava sem parar, de um lado para outro, no pórtico do jardim, empenhado em solucionar a parte ainda obscura do seu problema através de um esforço intelectual. [...]” (p.17).

“A resposta de Fräulein Bertgang revela-nos que entre os dois já houve outra relação que não a de simples vizinhos. Alegando antigos direitos, ela reclamou um tratamento mais familiar, aquele ‘du’ que ele usava tão naturalmente ao interpelar o fantasma do meio-dia, mas que repudiara ao dirigir-se a uma jovem de carne e osso: ‘Se julgais ser esse tratamento cerimonioso mais apropriado, eu também o adotarei. Mas o outro sai mais espontaneamente dos meus lábios. Não sei se meu aspecto era diferente em nossa infância, quando costumávamos brincar juntos amigavelmente ou nos atracar de quando em quando para variar. Mas se vos tivésseis dignado a olhar-me com atenção pelo menos uma vez nos últimos anos, poderíeis ter percebido que há muito tempo tenho a aparência de agora.’” (p.18).

“Na verdade, naquela época, até a idade em que começam, não sei por que, a chamar-nos de “Backfisch”, habituei-me a depender muitíssimo de vossa companhia e acreditava que nunca encontraria no mundo um amigo melhor. Eu não tinha mãe, nem irmã ou irmão, e para meu pai uma cobra-de-vidro conservada em álcool era muito mais interessante do que eu. Todos (inclusive as meninas) precisam de algo para ocupar seus pensamentos e o que quer que esteja ligado a eles. E isto é o que fostes para mim então.” (p.19).

“Já com o rapaz, as coisas tomaram um rumo diferente. Absorto na arqueologia, só se interessava por mulheres de bronze e de mármore. Nele a amizade de infância, em vez de intensificar-se transformando-se em paixão, dissolveu-se, caindo em tão profundo esquecimento que, ao encontrar socialmente a antiga companheira de brinquedos, não a reconheceu. É verdade que, se examinarmos



os fatos com mais cuidado, iremos perguntar-nos se ‘esquecimento’ será a descrição psicológica correta do destino dessas lembranças em nosso jovem arqueólogo. Existe um gênero de esquecimento que se caracteriza pela dificuldade que a convocação externa mais forte tem em despertar a memória, como se alguma resistência interna lutasse contra seu ressurgimento.” (p.20).

“Vale a pena fazer uma pausa para observar em casos patológicos como a mente humana se torna sensível, em estados de repressão, a qualquer aproximação do que foi reprimido, e como até mesmo leves semelhanças bastam para que por trás da força repressora, e por meio da mesma, o reprimido venha a emergir. Tive entre meus pacientes um jovem - pouco mais que um menino - que, após involuntariamente tomar conhecimento dos processos sexuais, passara a fugir de todos os desejos eróticos que nele surgiam. Para esse propósito utilizava vários métodos de repressão, intensificando sua dedicação aos estudos, tornando-se exageradamente dependente da mãe e adotando em geral um comportamento infantil.” (p.21).

“A própria Fräulein Zoe parece ter compartilhado do nosso enfoque do delírio do jovem arqueólogo, pois a satisfação que exprimiu na parte final de sua ‘franca, detalhada e instrutiva reprimenda’ difficilmente poderia ter base em outra coisa que não no conhecimento de que ela própria, desde o início, estivera relacionada com o interesse dele por Gradiva. Fora precisamente isto que ela não esperara dele, mas que lograra perceber através dos disfarces delirantes. O tratamento psíquico que ela administrara, entretanto, já exercera nele seus efeitos benéficos, e Hanold sentia-se libertado, pois seu delírio foi substituído por aquilo de que não constituíra senão uma cópia inadequada e distorcida. Também não hesitou mais em lembrar-se da jovem e nela reconhecer a alegre, bondosa e inteligente companheira de folguedos, que em nada mudara nos pontos essenciais. Mas fez uma descoberta muito estranha...” (p.22).

“O delírio foi, portanto, sobrepujado por uma bela realidade, mas, antes que os dois amorosos deixassem Pompéia, iriam prestar-lhe uma última homenagem. Ao alcançarem a Porta de Herculano, onde no começo da Via Consolare uma fieira de antigas pedras com ressaltos cruza a estrada, Norbert Hanold parou e pediu à jovem que caminhasse à sua frente. Percebendo sua intenção, ‘Zoe Bertgang, Gradiva rediviva, ergueu um pouco a saia com sua mão esquerda e avançou, enquanto ele a observava com um olhar sonhador. Com passos ágeis e silenciosos ela atravessou a rua sobre as pedras,



iluminada pelo sol de Pompéia.' Como o triunfo do amor, o que era belo e precioso no delírio encontrou reconhecimento como tal." (p.23).

"Mas afinal nosso propósito primitivo era somente investigar, com a ajuda de certos métodos analíticos, dois ou três sonhos que aparecem aqui e ali no texto de Gradiva. Como foi, então, que passamos a dissecar toda a história e a examinar os processos mentais dos dois personagens principais? Na verdade todo esse trabalho não foi inútil; tratava-se de trabalho preliminar essencial. Assim também, ao tentarmos compreender os sonhos reais de uma pessoa real, temos de examinar atentamente seu caráter e sua história, investigando não só as experiências que antecederam de pouco seu sonho, mas também as de seu passado remoto. Acredito até que ainda não estamos prontos para nos dedicarmos à nossa tarefa original, sendo necessário que examinemos mais demoradamente a história a fim de efetuar outros trabalhos preliminares." (p.24).

"Com exceção disso, reafirmamos que o autor apresentou-nos um estudo psiquiátrico perfeitamente correto, pelo qual podemos medir nossa compreensão dos trabalhos da mente - um caso clínico e a história de uma cura que parecem concebidos para ressaltar determinadas teorias fundamentais da psicologia médica. Já é bastante singular que o autor possa ter realizado tal trabalho, mas o que diríamos se, ao ser interrogado, ele negasse ter tido tal intenção? É muito fácil estabelecer analogias e atribuir sentidos às coisas, mas acaso não teremos emprestado a essa encantadora e poética história um significado secreto bastante distanciado das intenções do autor? É possível. Voltaremos à questão mais tarde. Por hora, entretanto, limitar-nos-emos a ressalvar que tentamos evitar qualquer interpretação tendenciosa, expondo quase toda a história nas próprias palavras do autor. Quem cotejar nossa síntese com o verdadeiro texto de Gradiva terá de corroborar nossa asserção." (p.25).

"É o que ocorre com essa imaginativa exposição da história de um caso e do seu tratamento: está realmente isenta de erros. Agora que terminamos de contar a história e satisfizemos nossa curiosidade, podemos examiná-la com mais atenção; vamos reproduzi-la fazendo uso da terminologia técnica da nossa ciência, trabalho em que não nos sentiremos desconcertados diante da necessidade de repetir o que foi dito." (p.26).



“O estado de se manter permanentemente afastado das mulheres produz uma susceptibilidade pessoal ou, como nos acostumamos a dizer, uma ‘disposição’ à formação de um delírio. Esse distúrbio mental começa a se desenvolver no momento em que uma impressão casual desperta experiências infantis esquecidas e que têm, ainda que levemente, traços de conotação erótica. Entretanto, ‘desperta’ não é exatamente a descrição adequada, se levarmos em conta o que se segue.” (p.27).

“As lembranças de Norbert Hanold de sua ligação infantil com a menina de andar gracioso estavam reprimidas, mas esta ainda não é a visão correta da situação psicológica. Enquanto lidarmos apenas com lembranças e idéias, permaneceremos na superfície. Só os sentimentos têm valor na vida mental. Nenhuma força mental é significativa se não possuir a característica de despertar sentimentos. As idéias só são reprimidas porque estão associadas à liberação de sentimentos que devem ser evitados. Seria mais correto dizer que a repressão age sobre sentimentos, mas só nos apercebemos destes através de sua associação com as idéias. Assim, os sentimentos eróticos de Norbert Hanold é que haviam sido reprimidos, e como o seu erotismo não tinha e não tivera na infância outro objeto a não ser Zoe Bertgang, suas lembranças dela foram esquecidas. O relevo antigo despertou seu erotismo adormecido, tornando ativas suas lembranças da infância. Devido a uma resistência presente nele contra esse erotismo, só enquanto inconscientes essas lembranças podiam tornar-se operativas. O que nele então se desenvolveu foi uma luta entre o poder do erotismo e o poder das forças que o reprimiam, luta esta que se manifestava como delírio.” (p.28).

“As primeiras manifestações do processo desencadeado em Hanold pelo relevo foram as fantasias que giravam em torno da figura representada nesse relevo. A figura parecia-lhe ‘atual’, no melhor sentido da palavra, e ‘viva’, como se o artista houvesse perpetuado no mármore uma visão colhida nas ruas. O arqueólogo batizou a figura de ‘Gradiva’, inspirando-se no epíteto do deus da guerra dirigindo-se ao combate - ‘Mars Gradius’. Dotou a personalidade dela com um número cada vez maior de características. Ela poderia ter sido filha de um alto personagem, talvez de um patrício ligado ao culto de alguma divindade. Acreditava poder ver nos seus traços fisionômicos uma origem grega e, por fim, sentiu-se compelido a removê-la da vida agitada de uma capital para a mais tranqüila Pompéia, onde a fazia caminhar sobre as pedras de lava que facilitavam a travessia das ruas.” (p.29).

“Assim, observamos já nos primeiros produtos das fantasias delirantes e ações de Hanold um duplo grupo de determinantes, derivando-se de duas fontes diferentes. Uma delas era manifesta para



Hanold, a outra é revelada para nós quando examinamos os processos mentais dele. Uma delas, encarada do ponto de vista de Hanold, era consciente para ele; a outra era completamente inconsciente. Uma delas procedia em sua totalidade do círculo de idéias da ciência arqueológica, a outra surgia das lembranças infantis reprimidas, que se tinham tornado ativas, e dos instintos emocionais a elas ligados. Pode-se dizer que uma era superficial e se sobreponha à outra, a qual como que se ocultava sob a primeira. A motivação científica servia de pretexto para a motivação erótica inconsciente, estando a ciência inteiramente a serviço do delírio. Entretanto, não se deve esquecer que os determinantes inconscientes nada conseguem realizar sem satisfazer simultaneamente os determinantes científicos conscientes.” (p.30).

“E aqui nossa resposta talvez seja uma surpresa. Nada realidade a situação é inversa: é a ciência que não resiste à criação do autor. Entre as precondições constitucionais e hereditárias de um delírio, e as criações deste, que parecem emergir prontas, existe uma lacuna não explicada pela ciência - lacuna esta que achamos ter sido preenchida pelo nosso autor. A ciência ainda não suspeita da importância da repressão, não reconhece que para explicar o mundo dos fenômenos psicopatológicos o inconsciente é absolutamente essencial, não procura a base dos delírios num conflito psíquico, e nem considera seus sintomas como conciliações. Acaso nosso autor ergue-se sozinho contra toda a ciência? Não, não é assim (isto é, se eu puder considerar como científicos os meus próprios trabalhos), pois já há alguns anos - e, até bem pouco tempo, mais ou menos sozinho - eu mesmo venho defendendo todos os princípios que aqui extraí da Gradiva de Jensen, expondo-os em termos técnicos.” (p.31).

“Como dizíamos, o delírio de Norbert Hanold avançou mais ainda devido a um sonho ocorrido durante seu esforços para descobrir um andar semelhante ao de Gradiva nas ruas da cidade em que ela morava. O conteúdo desse sonho pode ser facilmente resumido. O sonhador descobriu que estava em Pompéia no dia da destruição daquela infeliz cidade, e experimentou seus horrores sem correr perigo. Subitamente viu Gradiva caminhando pela rua e deu-se conta de que, sendo a jovem pompeiana, era natural que residisse em sua cidade natal, e ‘na mesma época que ele, sem que disto ele tivesse a menor suspeita’ (ver em [1]). Receando por ela, advertiu-a com um grito, ao que a jovem lhe voltou por um momento o rosto, mas sem lhe dar atenção prosseguiu seu caminho, deitou-se nos degraus do templo de Apolo e foi soterrada pelas cinzas, após ter empalidecido até adquirir a cor do mármore, como se estivesse transformando-se numa estátua. Ao despertar, ele interpretou os ruídos



matutinos da cidade que penetravam em seu quarto como gritos de socorro dos desesperados habitantes de Pompéia e o rugir do mar enfurecido. Por algum tempo permaneceu com o sentimentos de ter realmente vivido os acontecimentos de seu sonhos, tendo este lhe deixado a convicção de que Gradiva residira em Pompéia e ali perecerá no dia fatal, convicção esta que iria constituir um novo ponto de partida para seu delírio.” (p.32).

“Para a construção de um sonho não é essencial um vínculo com um estímulo sensorial externo. Aquele que dorme pode ignorar um estímulo desse gênero a partir do mundo externo, pode ser despertado pelo mesmo sem construir um sonho, ou, como aconteceu aqui, pode incorporá-lo a seu sonho, se isto lhe convier por alguma razão. Além disso, existem inúmeros sonhos cujo conteúdo de forma alguma pode ser explicado como sendo determinado por um estímulo externo sobre os sentidos do indivíduo que dorme. Portanto, procuremos outro caminho.” (p.33).

“Vamos relembrar tudo que aqui foi dito sobre a origem e a natureza das fantasias precursoras dos delírios (ver a partir de [1]). Elas são substitutos e derivados de lembranças reprimidas que não conseguem atingir a consciência de forma inalterada devido a uma resistência, mas que podem alcançar a possibilidade de se tornarem conscientes levando em consideração, por meio de mudanças e distorções, a censura da resistência. Uma vez realizada essa conciliação, as lembranças reprimidas transformam-se em fantasias que com facilidade poderão ser compreendidas erroneamente pela personalidade consciente - isto é, compreendidas de modo a se adaptarem à corrente psíquica dominante.” (p.34).

“Acaso seremos obrigados a substituir de forma análoga cada fragmento do conteúdo manifesto do sonho por pensamentos inconscientes? Se quiséssemos ser rigorosos, sim; se estivéssemos interpretando um sonho que tivesse sido realmente sonhado não poderíamos furtar-nos a esse dever. Mas em tal caso, aquele que sonhou teria de nos fornecer explicações muito mais amplas. É claro que tal requisito não pode ser satisfeito no caso da criação do autor; entretanto, não devemos esquecer que o conteúdo central do sonho ainda não foi submetido ao processo de interpretação ou tradução.” (p.35).



“Até aqui isso me parece plausível. Mas poder-se-ia com justiça ressaltar que, se o conteúdo não-distorcido do sonho é constituído de desejos eróticos, deveria ser possível identificar pelo menos algum resíduo desses desejos ocultos no sonho transformado. Bem, talvez isso seja possível, com a ajuda de um indício contido num trecho posterior da história. Ao encontrar-se pela primeira vez com Gradiva, Hanold recordou-se do sonho e pediu à jovem que se deitasse novamente na escadaria, como então a vira fazer (ver em [1]). A esse pedido, entretanto, a jovem ergueu-se indignada e deixou seu estranho companheiro, pois percebera o inconveniente desejo erótico por trás das palavras que ele pronunciara sob a influência do delírio. Julgo que devemos aceitar a interpretação de Gradiva; nem mesmo num sonho real poderíamos esperar encontrar uma expressão mais definida de um desejo erótico.” (p.36).

“A construção do novo delírio acerca da morte de Gradiva durante a destruição de Pompéia no ano de 79 não foi o único resultado do primeiro sonho, já por nós analisado. Logo após o mesmo, Hanold resolveu viajar para a Itália, viagem esta que terminou por levá-lo a Pompéia. Mas, antes dessa decisão, sucedeu-lhe outro fato. Ao se debruçar na janela julgou ver um vulto com um porte e um andar semelhantes aos de sua Gradiva. Apesar de incompletamente vestido, correu em seu encalço, mas perdeu-a de vista, sendo obrigado a voltar para casa devido aos gracejos dos transeuntes. De volta a seu quarto, o canto de um canário numa gaiola na janela da casa fronteira despertou-lhe a sensação de que também ele era um prisioneiro desejoso de liberdade, e imediatamente decidiu empreender uma viagem de primavera à Itália, plano que logo colocou em execução.” (p.37).

“Algumas explicações que inferimos de frases posteriores de Zoe Bertgang nos elucidam esse trecho obscuro da história. Na verdade, foi o original de Gradiva, a própria Fräulein Zoe, que Hanold viu passar em frente de sua janela (89) e que ele quase alcançou. Se o tivesse feito, a informação transmitida pelo sonho - que na realidade ela vivia no mesmo local e na mesma época que ele - por um feliz acaso teria recebido uma irrefutável confirmação, a qual provocaria o fim de sua luta interna.” (p.38).

“Essa interpretação da viagem de Hanold como sendo uma fuga diante do seu desejo erótico despertado pela jovem amada, e que estava tão próxima dele, é a única que se ajustará à descrição do seu estado emocional durante a estada na Itália. O repúdio ao erotismo que o dominava expressava-se pelo horror que votava aos casais em lua-de-mel. Um curto sonho que tivera em seu albergo em



Roma, ocasionado pela proximidade de um casal de alemães cujo colóquio noturno ouvia através das delgadas paredes de seu quarto, elucidou retrospectivamente as tendências eróticas do seu primeiro sonho.” (p.39).

“Com o aparecimento de Zoe Bertgang como Gradiva, clímax de tensão na história, nosso interesse logo toma um curso diferente. Assistimos até aqui ao desenvolvimento de um delírio; agora, iremos testemunhar sua cura. Poderemos indagar se o autor expôs o desenrolar dessa cura de forma totalmente fantasiosa ou se acaso a construiu de acordo com as possibilidades presentes. As palavras que Zoe dirigiu à amiga recém-casada nos dão o inegável direito de atribuir-lhe uma intenção de realizar a cura. (124 (ver em [1]).) Mas como atingiu seus propósitos? Após sobrepujar a indagação provocada pelo pedido de Hanold para que se deitasse na escadaria como ‘então’ o fizera, ela retornou no dia seguinte, à mesma hora, decidida a arrancar de Hanold os segredos cuja ignorância por parte dela a havia impedido de compreender o comportamento dele no dia anterior. Assim veio a saber do sonho, da escultura de Gradiva e do andar que era uma peculiaridade de ambas.” (p.40).

“Após seu primeiro encontro com Gradiva, Norbert Hanold dirigiu-se aos dois hotéis em Pompeia e pediu vinho nas salas de refeições em que estavam reunidos para o almoço os demais visitantes da cidade. ‘Naturalmente nem uma vez lhe ocorreu o tolo pensamento’ de que assim agia para descobrir em qual desses hotéis Gradiva estava hospedada e fazia suas refeições; contudo, é difícil atribuir outro sentido a seu comportamento. No dia seguinte a seu segundo encontro com a jovem na Casa de Meleagro, passou por uma série de experiências estranhas e aparentemente sem qualquer ligação. Descobriu uma estreita fenda na parede do pórtico, no ponto em que Gradiva desaparecera; encontrou um excêntrico caçador de lagartos, que o interpelou como se o conhecesse; descobriu um terceiro hotel, num local afastado, o ‘Albergo del Sole’, cujo dono lhe impingiu um broche coberto de pátina verde que teria sido encontrado junto aos restos de uma jovem pompeana.” (p.41).

“Podemos aplicar a esse sonho uma técnica que constitui o procedimento regular para a interpretação dos sonhos. Consiste em não prestar atenção nas conexões aparentes do sonho manifesto, mas em concentrar a atenção isoladamente em cada um dos elementos do seu conteúdo, buscando sua origem nas impressões, lembranças e associações livres do sonhador. Entretanto, como não podemos submeter Hanold a um interrogatório, teremos de nos contentar em consultar suas impressões, e timidamente substituir suas associações pelas nossas.” (p.42).



“No dia seguinte Hanold encontrou os supostos irmãos num terno abraço e pôde, assim, retificar seu engano. Na verdade o par estava em lua-de-mel, como descobrimos mais tarde, quando interromperam de forma tão inesperada o terceiro encontro de Hanold com Zoe. Se agora estivermos dispostos a admitir que Hanold, embora conscientemente os julgasse irmãos, reconheceria inconscientemente a verdadeira relação deles (revelada de forma inequívoca no dia seguinte), a fala de Gradiva no sonho irá adquirir um claro significado. A rosa vermelha tornara-se o símbolo de uma ligação amorosa. Hanold tinha ciência de que aqueles dois já eram um para o outro o que ele e Gradiva ainda tinham de se tornar. A caça de lagartos adquiriu o sentido de caça do homem, e é o seguinte o significado da fala de Gradiva: ‘Deixa-me agir sozinha, que saberei conquistar um marido tão bem quanto qualquer outra moça.’” (p.43).

“E que tal se agora tentássemos procurar no conteúdo do sonho a representação da única experiência da véspera que ainda não foi explorada, ou seja, a descoberta do terceiro hotel, o Albergo del Sole? O autor expôs esse episódio com tanta minúcia, relacionando-lhe tantos elementos, que nos surpreenderia constatar que o mesmo em nada tenha contribuído para a construção do sonho. Hanold entrou nesse hotel, que desconhecia devido a sua situação retirada e distante da estação, para comprar uma garrafa de água gasosa que aliviasse seu mal-estar. O proprietário aproveitou a oportunidade para exibir suas antiguidades, e mostrou-lhe um broche dizendo que o mesmo tinha pertencido à jovem pompeana encontrada junto ao foro nos braços do seu amado. Hanold, que conhecia essa história, mas até então nunca lhe dera crédito, viu-se compelido por uma força desconhecida a acreditar na tocante lenda e na autenticidade do broche; adquiriu-o e deixou o hotel.” (p.44).

“Mas como se deu essa substituição da nova descoberta pelo delírio? Julgo que a convicção inerente à descoberta pôde subsistir, ao passo que a própria descoberta, inadmissível à consciência, foi substituída por outro conteúdo ideativo ligado a ela por associações de pensamento. Assim, aquela convicção ligou-se a um conteúdo que na realidade lhe era estranho, conteúdo este que, sob a forma de um delírio, logrou uma imerecida aceitação. Hanold transferiu sua convicção de que Gradiva era hóspede daquele hotel para outras impressões ali recebidas; isso conduziu à credulidade diante do hoteleiro, à aceitação da autenticidade do broche e da lenda dos dois amantes mortos abraçados - mas somente através da ligação entre o que ouviu no hotel e Gradiva. O ciúme nele latente alimentou-se desse material, resultando no delírio (o qual, entretanto, contradizia seu primeiro sonho) de que a



jovem morta nos braços do amado era Gradiva e que o broche por ele adquirido pertencera a ela.” (p.45).

“Voltarei agora ao sonho para examinar um interessante pormenor que estabelece uma conexão entre duas causas que o provocaram. Gradiva salientara uma espécie de contraste entre os botões brancos de asfódelo e as rosas vermelhas. O reencontro do ramo de asfódelo na janela do Albergo del Sole constituiu para Hanold um importante indício que corroborava sua descoberta inconsciente, que encontrou expressão no novo delírio. A isso acrescentou-se o fato de que a rosa vermelha presa ao vestido da simpática recém-casada auxiliou Hanold a ver inconscientemente a natureza da relação que a unia a seu companheiro, tornando possível o aparecimento da jovem no sonho como a ‘colega’.” (p.46).

“Vamos agora tentar substituir o ‘singularmente insensato’ sonho de Hanold pelos pensamentos inconscientes que estão por trás do mesmo e que são tão diversos dele. Talvez esses pensamentos possam ser expressos da seguinte forma: ‘Ela está hospedada no “Sol” com o pai. Por que ela se diverte comigo dessa maneira? Estará apenas brincando, ou será que me ama e me quer como esposo?’ Certamente ainda durante o sono veio uma resposta que punha de lado essa última possibilidade como ‘completa insensatez,’ juízo que na aparência se estendia a todo o sonho manifesto.” (p.47).

“Quem quer que leia Gradiva certamente notará a freqüência com que o autor coloca frases ambíguas na boca de seus dois personagens principais. Ao pronunciá-las Hanold não tinha consciência dessa ambigüidade, e somente a heroína lhes percebia o segundo sentido. Quando, por exemplo, ao ouvir as primeiras palavras da jovem, ele retrucou: ‘Já sabia como soaria a tua voz’ (ver em [1]), ignorando-lhe o sonho, Zoe perguntou como isso era possível, já que ele nunca a ouvira falar. Em sua segunda conversa, por um momento ela põe em dúvida o delírio dele, diante da afirmação de a ter reconhecido à primeira vista (ver em [2]). Zoe não pôde evitar de ver nessas palavras um reconhecimento da amizade infantil de ambos (dedução correta no que diz respeito ao inconsciente dele), ao passo que ele naturalmente não percebeu esse sentido da própria exclamação, julgando que a mesma se relacionava somente ao delírio que o dominava. Por outro lado, as palavras da jovem, cuja personalidade, numa total oposição ao delírio de Hanold, demonstrava uma extrema lucidez e clareza de espírito, assumem muitas vezes uma ambigüidade intencional.” (p.48).



“Mas qual é a origem dessa singular preferência em Gradiva por falas ambíguas? Parece-nos não ser uma casualidade, mas uma consequência necessária das premissas da história. Trata-se da contraparte da dupla determinação dos sintomas, já que as falas em si constituem sintomas e, como eles, surgem de conciliações entre o consciente e o inconsciente. Simplesmente acontece que essa dupla origem é mais evidente em falas do que em atos. E quando acontece de, devido à natureza maleável do material verbal, essa dupla intenção que está por trás da fala poder ser expressa com êxito pelas mesmas palavras, temos o que denominamos de ‘ambigüidade.’” (p.49).

“O autor estabelece assim uma íntima ligação entre o desvanecimento do delírio e o ressurgimento da ânsia de amar, preparando o caminho para o inevitável desenlace amoroso. Ele conhece a natureza básica do delírio melhor do que seus críticos: sabe que o delírio resultou da combinação de um componente do desejo amoroso com a resistência a esse desejo, e deixa que a jovem encarregada da cura se apercebe do elemento que lhe é agradável. Foi somente esse conhecimento que fez com que ela se decidisse a dedicar-se ao tratamento; foi somente a certeza de ser amada pelo jovem que a induziu a confessar-lhe seu amor. O tratamento consistiu em dar-lhe acesso, pelo exterior, às lembranças reprimidas que ele não conseguia atingir no seu interior; contudo, o tratamento frustrava-se durante o mesmo a terapeuta não houvesse levado em conta os sentimentos dele, e se sua tradução final do delírio não houvesse sido a seguinte: ‘Olha, tudo isso significa apenas que tu me amas.’” (p.50).

“Mas a semelhança entre o processo empregado por Gradiva e o método analítico de psicoterapia não se limita a esses dois aspectos - tornar consciente o que foi reprimido e fazer coincidir o esclarecimento e a cura. Estende-se também ao que consideramos o ponto fundamental de toda a modificação: o despertar dos sentimentos. Toda perturbação semelhante ao delírio de Hanold, o que em termos científicos chamamos habitualmente de ‘psiconeurose’, tem como precondição a repressão de uma parcela da vida instintual ou, já podemos afirmar, do instinto sexual. A cada tentativa de fazer chegar à consciência as causas reprimidas e inconscientes da doença, o componente instintual em questão é necessariamente despertado para uma nova luta com as forças repressoras, com as quais só entra em acordo no resultado final, geralmente acompanhado de violentas manifestações de reação. O processo de cura é realizado numa reincidência no amor, se no termo ‘amor’ combinarmos todos os diversos componentes do instinto sexual; tal reincidência é indispensável, pois os sintomas que



provocaram a procura de um tratamento nada mais são do que precipitados de conflitos anteriores relacionados com a repressão ou com o retorno do reprimido, e só podem ser eliminados por uma nova ascensão das mesmas paixões.” (p.51).

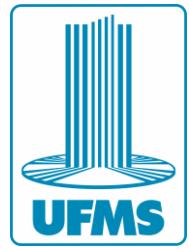
“É bem possível que a desaprovação do autor não pare aí. Talvez ele também negue ter qualquer conhecimento das regras a que obedeceu, segundo nossa exposição, e repudie os propósitos que reconhecemos em sua obra. Se for este o caso, que não julgo improvável, só existem duas explicações possíveis. Talvez tenhamos produzido apenas uma caricatura de uma interpretação, atribuindo a uma inocente obra de arte propósitos desconhecidos pelo autor, e demonstrando assim, mais uma vez, como é fácil vermos em toda a parte aquilo que se procura e que está ocupando nossa mente - possibilidade da qual a história da literatura nos fornece os exemplos mais estranhos. Que o leitor decida agora se essa explicação o satisfaz. Naturalmente preferimos optar pela outra alternativa. Acreditamos que o autor não necessitava conhecer essas regras e propósitos, podendo então tê-las refutado de boa fé, mas acreditamos também que nada descobrimos em sua obra que ali não exista.” (p.52).

“Parece que chegamos ao fim. Mas um leitor atento poderia advertir-nos que no início (ver em [1]) afirmamos serem os sonhos a representação da realização de um desejo, e não oferecemos prova alguma dessa asserção. Responderemos que essas páginas devem mostrar quão pouco justificável é tentar abranger as nossas explicações a respeito dos sonhos com a simples fórmula de que são a realização de um desejo. Mantemos, entretanto, nossa afirmação, e podemos prová-la com facilidade nos sonhos de Gradiva. Os pensamentos oníricos latentes - sabemos agora o que são - podem ser dos mais diversos tipos; em Gradiva são resíduos diurnos, pensamentos que passaram desapercebidos e não foram trabalhados pelas atividades mentais da vida de vigília. Mas para que deles resulte um sonho é necessária a cooperação de um desejo (geralmente inconsciente); isso fornece a força motivadora para a construção do sonho, enquanto o material é fornecido pelos resíduos diurnos. Na formação do primeiro sonho de Norbert Hanold, dois desejos competiam entre si; um deles era consciente, enquanto o outro era inconsciente e atuava sob a repressão.” (p.53).

“O relevo da jovem que caminha desse modo, a qual Jensen diz ser romana e à qual dá o nome de ‘Gradiva’, na verdade pertence ao período áureo da arte grega. Está no Museo Chiaramonti do Vaticano (no 644) e foi restaurado e interpretado por Hauser [1903]. Da união de ‘Gradiva’ com outros fragmentos, existentes em Florença e Munique, foram obtidos dois relevos, cada qual



**Serviço Público Federal**  
**Ministério da Educação**  
**Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul**  
**Campus de Paranaíba - Curso de Psicologia**



representando três figuras, identificadas como as Horas, as deusas da vegetação, e as divindades do orvalho fertilizador que são aliadas a elas.” (p.54).



## **ATIVIDADES ORIENTADAS DE ENSINO**

### **TEMA 1**

### **FICHAMENTO 2**

**Discente:** Estefani Gabrieli Alves de Souza

**Orientadora:** Camila Bellini Colussi Macedo

FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão.** Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Imago, 2010.

“Quando já se viveu por muito tempo numa civilização específica e com freqüência se tentou descobrir quais foram suas origens e ao longo de que caminho ela se desenvolveu, fica-se às vezes tentado a voltar o olhar para outra direção e indagar qual o destino que a espera e quais as transformações que está fadada a experimentar. Logo, porém, se descobre que, desde o início, o valor de uma indagação desse tipo é diminuído por diversos fatores, sobretudo pelo fato de apenas poucas pessoas poderem abranger a atividade humana em toda a sua amplitude. A maioria das pessoas foi obrigada a restringir-se a somente um ou a alguns de seus campos. Entretanto, quanto menos um homem conhece a respeito do passado e do presente, mais inseguro terá de mostrar-se seu juízo sobre o futuro. E há ainda uma outra dificuldade: a de que precisamente num juízo desse tipo as expectativas subjetivas do indivíduo desempenham um papel difícil de avaliar, mostrando ser dependentes de fatores puramente pessoais de sua própria experiência, do maior ou menor otimismo de sua atitude para com a vida, tal como lhe foi ditada por seu temperamento ou por seu sucesso ou fracasso. Finalmente, faz-se sentir o fato curioso de que, em geral, as pessoas experimentam seu presente de forma ingênuas, por assim dizer, sem serem capazes de fazer uma estimativa sobre seu conteúdo; têm primeiro de se colocar a certa distância dele: isto é, o presente tem de se tornar o passado para que possa produzir pontos de observação a partir dos quais elas julguem o futuro.” (p.4).

“Fica-se assim com a impressão de que a civilização é algo que foi imposto a uma maioria resistente por uma minoria que compreendeu como obter a posse dos meios de poder e coerção. Evidentemente, é natural supor que essas dificuldades não são inerentes à natureza da própria civilização, mas determinadas pelas imperfeições das formas culturais que até agora se desenvolveram. E, de fato, não é difícil assinalar esses defeitos. Embora a humanidade tenha efetuado avanços contínuos em seu controle sobre a natureza, podendo esperar efetuar outros ainda maiores, não é possível estabelecer



com certeza que um progresso semelhante tenha sido feito no trato dos assuntos humanos; e provavelmente em todos os períodos, tal como hoje novamente, muitas pessoas se perguntaram se vale realmente a pena defender a pouca civilização que foi assim adquirida.” (p.5).

“Conheço as objeções que serão levantadas contra essas afirmações. Dir-se-á que a característica das massas humanas aqui retratada, a qual se supõem provar que a coerção não pode ser dispensada no trabalho da civilização, constitui, ela própria, apenas o resultado de defeitos nos regulamentos culturais, falhas devido às quais os homens se tornaram amargurados, vingativos e inacessíveis. Gerações novas, que forem educadas com bondade, ensinadas a ter uma opinião elevada da razão, e que experimentarem os benefícios da civilização numa idade precoce, terão atitude diferente para com ela. Senti-la-ão como posse sua e estarão prontas, em seu benefício, a efetuar os sacrifícios referentes ao trabalho e à satisfação instintual que forem necessários para sua preservação. Estarão aptas a fazê-lo sem coerção e pouco diferirão de seus líderes. Se até agora nenhuma cultura produziu massas humanas de tal qualidade, isso se deve ao fato de nenhuma cultura haver ainda imaginado regulamentos que assim influenciem os homens, particularmente a partir da infância.” (p.6).

“Não gostaria de dar a impressão de me ter extraviado da linha estabelecida para minha investigação, ver em [[1]]. Permitam-me, portanto, fornecer a garantia expressa de que não tenho a menor intenção de formular juízos sobre o grande experimento em civilização que se encontra hoje em desenvolvimento no imenso país que se estende entre a Europa e a Ásia. Não posso conhecer especial nem capacidade de decidir sobre sua praticabilidade para testar a adequação dos métodos empregados ou medir a amplitude do inevitável hiato existente entre intenção e execução. O que lá está em preparo, mostra-se inacabado, tornando, portanto, baldada uma investigação para a qual nossa própria civilização, há longo tempo consolidada, nos fornece material.” (p.7).

“Essas primeiras renúncias instintuais já envolvem um fator psicológico igualmente importante para todas as outras renúncias instintuais. Não é verdade que a mente humana não tenha passado por qualquer desenvolvimento desde os tempos primitivos e que, em contraste com os avanços da ciência e da tecnologia, seja hoje a mesma que era nos primórdios da história.” (p.8).



“O ponto até o qual os preceitos de uma civilização foram internalizados - ou, para expressá-lo de modo mais popular e não psicológico, o nível moral de seus participantes-, não constitui a única forma de riqueza mental que entra em consideração ao se avaliar o valor de uma civilização. Há, além disso, suas vantagens sob forma de ideais e criações artísticas, isto é, as satisfações que podem ser derivadas dessas fontes.” (p.9).

“A satisfação narcísica proporcionada pelo ideal cultural encontra-se também entre as forças que alcançam êxito no combate à hostilidade para com a cultura dentro da unidade cultural. Essa satisfação pode ser partilhada não apenas pelas classes favorecidas, que desfrutam dos benefícios da cultura, mas também pelas oprimidas, já que o direito a desprezar povos estrangeiros as compensa pelas injustiças que sofrem dentro de sua própria unidade. Não há dúvida de que alguém pode ter sido um plebeu infeliz, atormentado por dívidas e pelo serviço militar, mas, em compensação, não deixava de ser um cidadão romano, com sua própria quota na tarefa de governar outras nações e ditar suas leis. Essa identificação das classes oprimidas com a classe que as domina e explora é, contudo, apenas uma parte de um todo maior. Isso porque, por outro lado, as classes oprimidas podem estar emocionalmente ligadas a seus senhores; apesar de sua hostilidade para com eles, podem ver neles os seus ideais. A menos que tais relações de tipo fundamentalmente satisfatório subsistam, é impossível compreender como uma série de civilizações sobreviveu por tão longo tempo, malgrado a justificável hostilidade de grandes massas humanas.” (p.10).

“Mas quão ingrato, quão insensato, no fim das contas, é esforçar-se pela abolição da civilização! O que então restaria seria um estado de natureza, muito mais difícil de suportar. É verdade que a natureza não exigiria de nós quaisquer restrições dos instintos, deixar-nos-ia proceder como bem quiséssemos; contudo, ela possui seu próprio método, particularmente eficiente, de nos coibir. Ela nos destrói, fria, cruel e incansavelmente, segundo nos parece, e, possivelmente, através das próprias coisas que ocasionaram nossa satisfação. Foi precisamente por causa dos perigos com que a natureza nos ameaça que nos reunimos e criamos a civilização, a qual também, entre outras coisas, se destina a tornar possível nossa vida comunal, pois a principal missão da civilização, sua raison d'être real, é nos defender contra a natureza.” (p.11).

“A civilização o poupa dessa tarefa; ela a desempenha da mesma maneira para todos, igualmente, e é digno de nota que, nisso, quase todas as civilizações agem de modo semelhante. A civilização não se detém na tarefa de defender o homem contra a natureza, mas simplesmente a prossegue por outros



meios. Trata-se de uma tarefa múltipla. A auto-estima do homem, seriamente ameaçada, exige consolação; a vida e o universo devem ser despidos de seus terrores; ademais, sua curiosidade, movida, é verdade, pelo mais forte interesse prático, pede uma resposta.” (p.12).

“No decorrer do tempo, fizeram-se as primeiras observações de regularidade e conformidade à lei nos fenômenos naturais, e, com isso, as forças da natureza perderam seus traços humanos. O desamparo do homem, porém, permanece e, junto com ele, seu anseio pelo pai e pelos deuses. Estes mantêm sua tríplice missão: exorcizar os terrores da natureza, reconciliar os homens com a crueldade do Destino, particularmente a que é demonstrada na morte, e compensá-los pelos sofrimentos e privações que uma vida civilizada em comum lhes impôs.” (p.13).

“As idéias religiosas acima resumidas naturalmente passaram por um longo processo de desenvolvimento, e diversas civilizações a elas aderiram em diversas fases. Issolei uma dessas fases que corresponde aproximadamente à forma final assumida por nossa atual civilização branca e cristã. É fácil perceber que nem todas as partes desse quadro concordam igualmente bem umas com as outras, que nem todas as perguntas que têm premência de resposta a recebem, e que é difícil pôr de lado a contradição da experiência cotidiana. Não obstante, tal como são, essas idéias - idéias religiosas no sentido mais amplo - são prezadas como o mais precioso bem da civilização, como a coisa mais preciosa que ela tem a oferecer a seus participantes. São muito mais altamente prezadas do que todos os artifícios para conquistar tesouros da terra, prover os homens com o sustento, evitar suas doenças, e assim por diante. As pessoas sentem que a vida não seria tolerável se não ligassem a essas idéias o valor que é para elas reivindicado. E é aqui que surge a questão: o que são essas idéias à luz da psicologia? De onde derivam a estima em que são tidas? E, para dar mais um tímido passo, qual é seu valor real?” (p.14).

“Ainda assim, penso que se justifica expressar-me dessa maneira. Tentei demonstrar que as idéias religiosas surgiram da mesma necessidade de que se originaram todas as outras realizações da civilização, ou seja, da necessidade de defesa contra a força esmagadoramente superior da natureza. A isso acrescentou-se um segundo motivo: o impulso a retificar as deficiências da civilização, que se faziam sentir penosamente. Ademais, é especialmente apropriado dizer que a civilização fornece ao indivíduo essas idéias, porque ele já as encontra lá; são-lhe presenteadas já prontas, e ele não seria capaz de descobri-las por si mesmo. Aquilo em que ele está ingressando constitui a herança de muitas



gerações, e ele a assume tal como faz com a tabuada de multiplicar, a geometria, e outras coisas semelhantes. Há, na realidade, uma diferença nisso, mas ela reside em outro lugar e ainda não posso examiná-la. A sensação de estranheza que você menciona, talvez se deva em parte ao fato de esse corpo de idéias religiosas ser geralmente apresentado como revelação divina. Contudo, essa própria apresentação faz parte do sistema religioso e ignora inteiramente o desenvolvimento histórico conhecido dessas idéias e suas diferenças em épocas e civilizações diferentes.” (p.15).

“Com prazer. Estava esperando esse convite. Contudo, trata-se realmente de uma transformação? Em Totem e Tabu, não era meu propósito explicar a origem da religião, mas apenas do totemismo. Poderá você, segundo qualquer dos pontos de vista que lhe são conhecidos, explicar o fato de que a primeira forma pela qual a divindade protetora se revelou aos homens teve de ser a de um animal, que tenha havido uma proibição contra matar e comer esse animal, e que, não obstante, o costume solene tenha sido matá-lo e comê-lo comunalmente uma vez por ano? É exatamente isso que acontece no totemismo. E dificilmente tem propósito argumentar se o totemismo deve ser chamado de religião. Ele possui vinculações estreitas com as posteriores religiões de deuses. Os animais totêmicos tornam-se os animais sagrados dos deuses, e as mais antigas, mas fundamentais restrições morais - as proibições contra o assassinato e o incesto - originam-se do totemismo. Aceite você ou não as conclusões de Totem e Tabu, espero que admita que uma série de fatos notáveis e desvinculados são nele reunidos num todo coerente.” (p.16).

“Nessa função [de proteção] a mãe é logo substituída pelo pai mais forte, que retém essa posição pelo resto da infância. Mas a atitude da criança para com o pai é matizada por uma ambivalência peculiar. O próprio pai constitui um perigo para a criança, talvez por causa do relacionamento anterior dela com a mãe. Assim, ela o teme tanto quanto anseia por ele e o admira. As indicações dessa ambivalência na atitude para com o pai estão profundamente impressas em toda religião, tal como foi demonstrado em Totem e Tabu. Quando o indivíduo em crescimento descobre que está destinado a permanecer uma criança para sempre, que nunca poderá passar sem proteção contra estranhos poderes superiores, empresta a esses poderes as características pertencentes à figura do pai; cria para si próprio os deuses a quem teme, a quem procura propiciar e a quem, não obstante, confia sua própria proteção. Assim, seu anseio por um pai constitui um motivo idêntico à sua necessidade de proteção contra as consequências de sua debilidade humana. É a defesa contra o desamparo infantil que empresta suas feições características à reação do adulto ao desamparo que ele tem de reconhecer - reação que é,



exatamente, a formação da religião. Mas não é minha intenção levar mais adiante a investigação do desenvolvimento da idéia de Deus; aquilo em que aqui estamos interessados é o corpo acabado das idéias religiosas, tal como transmitido pela civilização ao indivíduo.” (p.17).

“Tentemos aplicar o mesmo teste aos ensinamentos da religião. Quando indagamos em que se funda sua reivindicação a ser acreditada, deparamo-nos com três respostas, que se harmonizam de modo excepcionalmente mau umas com as outras. Em primeiro lugar, os ensinamentos merecem ser acreditados porque já o eram por nossos primitivos antepassados; em segundo, possuímos provas que nos foram transmitidas desde esses mesmos tempos primevos; em terceiro, é totalmente proibido levantar a questão de sua autenticidade. Em épocas anteriores, uma tal presunção era punida com os mais severos castigos, e ainda hoje a sociedade olha com desconfiança para qualquer tentativa de levantar novamente a questão.” (p.18).

“Chegamos assim à singular conclusão de que, de todas as informações proporcionadas por nosso patrimônio cultural, as menos autenticadas constituem precisamente os elementos que nos poderiam ser da maior importância, ter a missão de solucionar os enigmas do universo e nos reconciliar com os sofrimentos. Não poderíamos ser levados a aceitar algo de tão pouco interesse para nós quanto o fato de as baleias darem à luz filhotes, em vez de porem ovos, se não se pudesse apresentar provas melhores do que isso.” (p.19).

“A segunda tentativa é a efetuada pela filosofia do ‘como se’, que assevera que nossa atividade de pensamento inclui grande número de hipóteses cuja falta de fundamento e até mesmo absurdez compreendemos perfeitamente. São chamadas de ‘ficções’, mas, por várias razões práticas, temos de nos comportar ‘como se’ nelas acreditássemos. Tal é o caso das doutrinas religiosas, devido à sua incomparável importância para a manutenção da sociedade humana. Essa linha de argumentação não se afasta muito do ‘Credo quia absurdum’, mas penso que a exigência feita pelo argumento do ‘como se’ é uma exigência que só o filósofo pode apresentar. Um homem cujo pensar não se acha influenciado pelos artifícios da filosofia nunca poderá aceitá-la; na opinião de tal homem, a admissão de que algo é absurdo ou contrário à razão não deixa mais nada a ser dito. Não se pode esperar dele que, precisamente ao tratar de seus interesses mais importantes, abra mão das garantias que exige para todas as suas atividades comuns. Lembro-me de um de meus filhos que se distingua, em idade precoce, por uma positividade particularmente acentuada. Quando estava sendo contada às crianças



uma história de fadas e todas a escutavam com embevecida atenção, ele se levantava e perguntava: ‘Essa história é verdadeira?’ Quando se respondia que não, afastava-se com um olhar de desdém. Podemos esperar que dentro em breve as pessoas se comportem da mesma maneira para com os contos de fadas da religião, a despeito de tudo o que o ‘como se’ advoga.” (p.20).

“Quando digo que todas essas coisas são ilusões, devo definir o significado da palavra. Uma ilusão não é a mesma coisa que um erro; tampouco é necessariamente um erro. A crença de Aristóteles de que os insetos se desenvolvem do esterco (crença a que as pessoas ignorantes ainda se aferam) era um erro; assim como a crença de uma geração anterior de médicos de que a tabes dorsalis constitui resultado de excessos sexuais. Seria incorreto chamar esses erros de ilusões.” (p.21).

“Avaliar o valor de verdade das doutrinas religiosas não se acha no escopo da presente investigação. Basta-nos que as tenhamos reconhecido como sendo, em sua natureza psicológica, ilusões. Contudo, não somos obrigados a ocultar o fato de que essa descoberta também influencia fortemente nossa atitude para com a questão que a muitos deve parecer a mais importante de todas. Sabemos aproximadamente em que períodos, e por que tipo de homens, as doutrinas religiosas foram criadas. Se, ademais, descobrirmos os motivos que conduziram a isso, nossa atitude para com o problema da religião experimentará um acentuado deslocamento. Dir-nos-emos que seria muito bom se existissem um Deus que tivesse criado o mundo, uma Providência benevolente, uma ordem moral no universo e uma vida posterior; constitui, porém, fato bastante notável que tudo isso seja exatamente como estamos fadados a desejar que seja. E seria ainda mais notável se nossos lamentáveis, ignorantes e espezinhados ancestrais tivessem conseguido solucionar todos esses difíceis enigmas do universo.” (p.23).

“Contudo, mal sei por onde começar minha réplica. Talvez sirva de garantia o fato de que eu mesma encare meu empreendimento como completamente inócuo e livre de riscos. Aqui, não sou eu quem está supervalorizando o intelecto. Se as pessoas são como meus opositores as descrevem - e não gostaria de contradizê-los -, então não há perigo de que a crença de um devoto seja vencida pelos meus argumentos, e ele, privado de sua fé. Além disso, não disse nada que outros homens, melhores do que eu, já não tenham dito antes de mim, de modo muito mais completo, energético e impressivo. Seus nomes são bem conhecidos e não vou citá-los porque não quero dar a impressão de estar procurando colocar-me entre eles. Tudo o que fiz - e isso constitui a única coisa nova em minha



exposição - foi acrescentar uma certa base psicológica às críticas de meus grandes predecessores. É difícil esperar que precisamente esse acréscimo produza o efeito que foi negado àqueles esforços anteriores. Não há dúvida de que aqui se me poderia perguntar qual a vantagem de escrever isso, se estou certo de que será ineficaz. Retornarei a esse ponto mais tarde.” (p.24).

“Outra questão que me ocorreu foi a de saber se, no fim das contas, a publicação dessa obra não poderia causar danos. Não a uma pessoa, mas a uma causa, a causa da psicanálise, pois não se pode negar que a psicanálise é criação minha e que se deparou com muita desconfiança e má vontade. Se agora me apresento com esses pronunciamentos desagradáveis, as pessoas estarão prontas a efetuar um deslocamento de minha pessoa para a psicanálise: ‘Agora estamos vendo’, dirão, ‘aonde a psicanálise conduz. A máscara caiu; conduz a uma negação de Deus e de um ideal moral, como sempre desconfiamos. Para nos manter afastados dessa descoberta é que fomos iludidos a pensar que a psicanálise não possuía Weltanschauung e que jamais poderia elaborar uma.’” (p.25).

“O espírito científico provoca uma atitude específica para com os assuntos do mundo; perante os assuntos religiosos, ele se detém um instante, hesita, e, finalmente, cruza-lhes também o limiar. Nesse processo, não há interrupção; quanto maior é o número de homens a quem os tesouros do conhecimento se tornam acessíveis, mais difundido é o afastamento da crença religiosa, a princípio somente de seus ornamentos obsoletos e objetáveis, mas, depois, também de seus postulados fundamentais. Os americanos que instituíram o ‘julgamento do macaco’ em Dayton mostraram-se, somente eles, coerentes. Em todas as outras partes a transição inevitável é realizada através de meias-medidas e insinceridades.” (p.26).

“Poder-se-ia pensar que não haveria dificuldades especiais na maneira de executar essa última proposta. É verdade que ela envolveria uma certa parte de renúncia, mas talvez se ganhasse mais do que se perdesse, e um grande perigo seria evitado. No entanto, todos se assustam com isso, como se isso fosse expor a civilização a um perigo ainda maior. Quando São Bonifácio pôs abaixo a árvore que os saxões veneravam como sendo sagrada, os assistentes esperavam que algum acontecimento temível se seguisse ao sacrilégio. Mas nada aconteceu, e os saxões aceitaram o batismo.” (p.27).

“Aqui, porém, nosso apelo em favor da atribuição de motivos puramente racionais aos preceitos da civilização - isto é, derivá-los da necessidade social - é interrompido por uma dúvida repentina.



Escolhemos como exemplo a origem da proibição do homicídio. Mas nossa descrição dela concorda com a verdade histórica? Tememos que não; parece não ser mais do que uma elaboração racionalista. Com o auxílio da psicanálise, efetuamos um estudo precisamente dessa parte da história cultural da humanidade, e, baseando-nos nele, somos obrigados a dizer que, na realidade, as coisas aconteceram de outro modo. Mesmo no homem atual os motivos puramente racionais pouco podem fazer contra impulsões apaixonadas.” (p.28).

“Contudo, e tal como foi demonstrado por argumentos que não preciso repetir aqui, o pai primevo constituiu a imagem original de Deus, o modelo a partir do qual as gerações posteriores deram forma à figura de Deus. Daí a explicação religiosa ser correta. Deus realmente desempenhou um papel na gênese daquela proibição; foi Sua influência, e não uma compreensão interna (insight) de necessidade social, que a criou. E o deslocamento da vontade do homem para Deus é plenamente justificado, pois os homens sabiam que se tinham livrado do pai através da violência, e, em sua reação a esse ato ímpio, resolveram respeitar doravante sua vontade. Dessa maneira, a doutrina religiosa nos conta a verdade histórica - submetida embora, é verdade, a certa modificação e disfarce -, ao passo que nossa descrição racional não a reconhece.” (p.29).

“Já foram repetidamente indicados (por mim próprio e, particularmente, por Theodor Reik) os múltiplos pormenores em que a analogia entre religião e neurose obsessiva pode ser acompanhada, e quantas das peculiaridades e vicissitudes da formação da religião podem ser entendidas a essa luz. E harmoniza-se bem com isso o fato de os crentes devotos serem em alto grau salvaguardados do risco de certas enfermidades neuróticas; sua aceitação da neurose universal poupa-lhes o trabalho de elaborar uma neurose pessoal.” (p.30).

“A aparência de contradição provavelmente surgiu porque lidei com assuntos complicados de modo muito apressado. Até certo ponto, porém, podemos remediar isso. Continuo a sustentar que o que escrevi é, sob determinado aspecto, inteiramente inócuo. Nenhum crente se permitirá ser desviado de sua fé por esses argumentos ou outros semelhantes. O crente está ligado aos ensinamentos da religião por certos vínculos afetivos. Contudo, indubitavelmente existem inumeráveis outras pessoas que não são crentes, no mesmo sentido. Obedecem aos preceitos da civilização porque se deixam intimidar pelas ameaças da religião e têm medo dela enquanto se vêem obrigados a considerá-la como parte da realidade que as cerca. São as pessoas que desertam tão logo lhes é permitido abandonar sua crença



no valor de realidade da religião. No entanto, elas também não são afetadas por argumentos. Deixam de temer a religião quando observam que os outros não a temem, e foi a respeito delas que afirmei que acabariam por saber do declínio da influência religiosa mesmo que eu não publicasse meu trabalho. [[1].]” (p.31).

“Mas moderarei meu zelo e admitirei a possibilidade de que também eu esteja perseguindo uma ilusão. Talvez o efeito da proibição religiosa do pensamento não seja tão negativo quanto suponho; talvez acontecesse que a natureza humana permanecesse a mesma, ainda que não se abusasse da educação para submeter as pessoas à religião. Não sei, e tampouco você pode saber. Não são apenas os grandes problemas da vida que atualmente parecem insolúveis; muitas questões menores também são difíceis de responder. Mas você tem de admitir que, aqui, estamos justificados em ter esperanças no futuro - a de que talvez exista, ainda a ser desenterrado, um tesouro capaz de enriquecer a civilização, e de que vale a pena fazer a experiência de uma educação não religiosa.” (p.32).

“Sobre outro ponto concordo irrestritamente com você. Sem dúvida é insensato começar a tentar eliminar a religião pela força, e de um só golpe. Acima de tudo, porque isso seria irrealizável. O crente não permitirá que sua crença lhe seja arrancada, quer por argumentos, quer por proibições. E mesmo que isso acontecesse com alguns, seria crueldade. Um homem que passou dezenas de anos tomando pílulas soporíferas, evidentemente fica incapaz de dormir se lhe tiram sua pílula. Que o efeito das consolações religiosas pode ser assemelhado ao de um narcótico é fato bem ilustrado pelo que está acontecendo nos Estados Unidos. Lá estão tentando agora - claro que sob a influência de um domínio feminista - privar o povo de todos os estimulantes, intoxicantes e outras substâncias produtoras de prazer, e, em vez delas, a título de compensação, empanturram-no de devoção. Trata-se de outro experimento sobre cujo resultado não precisamos sentir-nos curiosos” (p.33).

““Isso soa esplêndido! Uma raça de homens que renunciou a todas as ilusões e assim se tornou capaz de fazer tolerável sua existência na Terra! Entretanto, não posso partilhar de suas expectativas. E isso não por ser o obstinado reacionário por quem talvez me tome. Não, mas por ser sensato. Parece que agora trocamos de papéis: você surge como um entusiasta que permite ser arrebatado por ilusões, e eu represento as reivindicações da razão, os direitos do ceticismo. O que você expôs me parece ser construído sobre erros que, seguindo seu exemplo, eu poderia chamar de ilusões, por traírem de modo bastante claro a influência de seus desejos.” (p.34).



“Outra vantagem da doutrina religiosa, em minha opinião, reside numa de suas características a que você parece particularmente opor-se, pois permite um refinamento e sublimação das idéias que tornam possível para ela livrar-se da maioria dos resíduos oriundos do pensamento primitivo e infantil. O que então sobra é um corpo de idéias que a ciência não mais contradiz e que é incapaz de refutar. Essas modificações da doutrina religiosa, que você condenou como meias-medidas e transigências, tornam-lhe possível evitar a cisão entre as massas não instruídas e o pensador filosófico, e preservar o vínculo comum entre eles, tão importante para a salvaguarda da civilização. Com isso, não haveria necessidade de temer que os homens do povo descobrissem que as camadas superiores da sociedade “não mais acreditam em Deus”. Acho que agora lhe demonstre que seus esforços se reduzem a uma tentativa de substituir uma ilusão já provada e emocionalmente valiosa, por outra, que não foi provada e não possui valor emocional.”” (p.35).

“Em segundo lugar, observe a diferença entre a sua atitude para com as ilusões e a minha. Você tem de defender a ilusão religiosa com todas as suas forças. Se ela se tornar desacreditada - e, na verdade, a ameaça disso é bastante grande - então seu mundo desmoronará. Nada lhe resta a não ser desesperar de tudo, da civilização e do futuro da humanidade. Dessa servidão, estou, estamos livres. Visto estarmos preparados para renunciar a uma boa parte de nossos desejos infantis, podemos suportar que algumas de nossas expectativas mostrem que não passam de ilusões.”” (p.36).



## ATIVIDADES ORIENTADAS DE ENSINO

### TEMA 1

#### FICHAMENTO 3

**Discente:** Estefani Gabrieli Alves de Souza

**Orientadora:** [Camila Bellini Colussi Macedo](#)

FREUD, Sigmund. **Moisés e Monoteísmo.** Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Imago, 2010.

“Mas julgar que a Moisés e o Monoteísmo falta algo na forma da apresentação não se destina a acarretar uma crítica do interesse de seu conteúdo ou da força convincente de seus argumentos. Sua base histórica é sem dúvida questão para o debate dos peritos, mas a engenhosidade com que os desenvolvimentos psicológicos se ajustam às premissas, tem probabilidade de persuadir o leitor que não se mostre predisposto. Particularmente aqueles familiarizados com a psicanálise do indivíduo ficarão fascinados em ver a mesma sucessão de desenvolvimentos apresentada na análise de um grupo nacional. [...]” (p.04).

“Privar um povo do homem de quem se orgulha como o maior de seus filhos não é algo a ser alegre ou descuidadamente empreendido, e muito menos por alguém que, ele próprio, é um deles. Mas não podemos permitir que uma reflexão como esta nos induza a pôr de lado a verdade, em favor do que se supõe serem interesses nacionais; além disso, pode-se esperar que o esclarecimento de um conjunto de fatos nos traga um ganho em conhecimento.” (p.05).

“A primeira coisa que atrai nossa atenção a respeito da figura de Moisés é seu nome, que em hebraico é ‘Mosheh’. ‘Qual é a sua origem’, podemos perguntar, ‘e o que significa?’ Como sabemos, a descrição contida no segundo capítulo do Êxodo já fornece uma resposta. É-nos dito aí que a princesa egípcia que salvou o menininho abandonado no Nilo deu-lhe esse nome, fornecendo-se um razão etimológica: ‘porque das águas o tenho tirado’. Essa explicação, contudo, é claramente inadequada. ‘A interpretação bíblica do nome como “o que foi tirado das águas”’, argumenta um autor no Jüdisches Lexikon, ‘constitui etimologia popular, com a qual, de início, é impossível harmonizar a forma ativa da palavra hebraica, pois “Mosheh” pode significar, no máximo, apenas “o que tira fora”. Podemos apoiar essa rejeição por dois outros argumentos: em primeiro lugar, é absurdo atribuir a



uma princesa egípcia uma derivação do nome a partir do hebraico, e, em segundo, as águas de onde a criança foi tirada muito provavelmente não foram as do Nilo.” (p.06).

“O que os impediu de proceder assim não pode ser ajuizado com certeza. Possivelmente, sua reverência pela tradição bíblica era invencível. Possivelmente, a idéia de que o homem Moisés pudesse ter sido outra coisa que não um hebreu pareceu monstruosa demais. Como quer que seja, surge que o reconhecimento de o nome de Moisés ser egípcio não foi considerado como fornecendo prova decisiva de sua origem, e que nenhuma outra conclusão foi disso tirada. Se a questão da nacionalidade desse grande homem é encarada como algo importante, pareceria desejável apresentar novos materiais que auxiliassem no sentido de sua resposta.” (p.07).

“‘Sargão, o poderoso Rei, o Rei de Agade, sou eu. Minha mãe era uma vestal, a meu pai não conheci, ao passo que o irmão de meu pai morava nas montanhas. Em minha cidade, Azupirani, que fica à margem do Eufrates, minha mãe, a vestal, concebeu-me. Em segredo ela me teve. Depositou-me num caixote feito de caniços, tampou a abertura com piche, e abandonou-me ao rio, que não me afogou. O rio me conduziu até Akki, o tirador de água. Akki, o tirador de água, na bondade de seu coração, tirou-me para fora. Akki, o tirador de água, criou-me como seu próprio filho. Akki, o tirador de água, fez-me seu jardineiro. Enquanto eu trabalhava como jardineiro, [a deusa] Istar ficou gostando de mim; tornei-me Rei e, por quarenta e cinco anos, governei regiamente.’Ver em [[1]]” (p.08).

“Comecemos com as duas famílias entre as quais, segundo a lenda, o destino da criança é lançado. Segundo a interpretação analítica, como sabemos, as famílias são uma só e a mesma, apenas cronologicamente diferenciadas. Na forma típica da lenda, a primeira família, aquela em que a criança nasceu, é a aristocrática, freqüentemente de categoria real; a segunda família, aquela em que a criança cresceu, é humilde ou passa por maus dias. Isso concorda, ademais, com as circunstâncias [do ‘romance familiar’] a que a interpretação faz a lenda remontar. [...]” (p.09).

“Basta a reflexão de um momento, porém, para dizer-nos que uma lenda original de Moisés como essa, uma lenda que não mais se desvie das outras, não pode ter existido, pois seria de origem egípcia ou judaica. A primeira alternativa está afastada: os egípcios não tinham motivo para glorificar Moisés, visto este não ser um herói para eles. Temos de supor, então, que a lenda foi criada entre os judeus, o que equivale a dizer que foi ligada, em sua forma familiar [isto é, na forma típica de uma lenda de



nascimento], à figura de seu líder. Mas ela era totalmente inapropriada para esse fim, pois que utilidade poderia ter para um povo uma lenda que transformava seu grande homem em estrangeiro?” (p.10).

“O desvio da lenda de Moisés em relação a todas as outras de sua espécie pode ser remontado a uma característica especial de sua história. Ao passo que normalmente um herói, no correr de sua vida, se eleva acima de seu começo humilde, a vida heróica do homem Moisés começou com ele descendo de sua posição elevada e baixando ao nível dos Filhos de Israel.” (p.11).

“Se, então, Moisés foi egípcio, nosso primeiro proveito dessa hipótese é um novo enigma, um enigma difícil de decifrar. Se um povo ou uma tribo se dispõe a um grande empreendimento, é de esperar que um de seus membros assuma o lugar de líder ou seja escolhido para esse posto. Mas não é fácil imaginar o que poderia ter induzido um egípcio aristocrata - um príncipe, talvez, ou então um sacerdote ou alto funcionário - a colocar-se à testa de uma multidão de estrangeiros imigrantes, num nível atrasado de civilização, e abandonar seu país com eles. O bem conhecido desprezo que os egípcios sentiam pelos estrangeiros torna particularmente improvável tal procedimento. Na verdade, eu bem poderia acreditar que foi precisamente por isso que mesmo naqueles historiadores que reconheceram ser egípcio o nome do homem, e que lhe atribuíram toda a sabedoria dos egípcios, ver em [[1]], não se dispuseram a aceitar a possibilidade óbvia de que Moisés era egípcio.” (p.12).

“Há algo que se coloca no caminho dessa possibilidade: o fato de haver o mais violento contraste entre a religião judaica atribuída a Moisés e a religião do Egito. A primeira é um monoteísmo rígido em grande escala: há apenas um só Deus, ele é o único Deus, onipotente, inaproximável; seu aspecto é mais do que os olhos humanos podem tolerar, nenhuma imagem dele deve ser feita, mesmo seu nome não pode ser pronunciado. Na religião egípcia, há uma quantidade quase inumerável de divindades de dignidade e origem variáveis: algumas personificações de grandes forças naturais como o Céu e a Terra, o Sol e a Lua, uma abstração ocasional como Ma’at (Verdade ou Justiça), ou uma caricatura como Bes, semelhante a um anão.” (p.13).

“Outra possibilidade nos é aberta por um acontecimento marcante na história da religião egípcia, um acontecimento que só ultimamente foi reconhecido e apreciado. Continua sendo possível que a



religião que Moisés deu a seu povo judeu era, mesmo assim, a sua própria, que era uma religião egípcia, embora não a religião egípcia.” (p.14).

“Amenófis nunca negou sua adesão ao culto solar de On. Nos dois hinos a Aten que sobreviveram nas tumbas de pedra, e que foram provavelmente compostos por ele próprio, louva o Sol como criador e preservador de todas as coisas vivas, tanto dentro quanto fora do Egito, com um ardor que não se repete senão muitos séculos depois, nos Salmos em honra do deus judeu Javé. Ele, porém, não se contentou com essa espantosa previsão da descoberta científica do efeito da radiação solar. Não há dúvida de que ele foi um passo além, de que não adorou o Sol como um objeto material, mas como símbolo de um ser divino cuja energia manifestava em seus raios.” (p.15).

“Já comparei a religião judaica com a religião popular do Egito e demonstrei a oposição existente entre elas. Devo agora fazer uma comparação entre as religiões judaica e de Aten, na expectativa de provar sua identidade original. Isso, estou ciente, não será fácil. Graças à vingatividade dos sacerdotes de Amun, talvez saibamos muito pouco a respeito da religião mosaica em sua forma final, tal como foi fixada pela classe sacerdotal judaica, cerca de oitocentos anos mais tarde, em épocas pós-exílicas. Se, apesar desse estado desfavorável do material, encontrarmos algumas indicações que favoreçam nossa hipótese, poderemos atribuir-lhes um alto valor.” (p.16).

“Moisés não apenas forneceu aos judeus uma nova religião; pode-se afirmar com igual certeza que ele introduziu para eles o costume da circuncisão. Esse fato é de importância decisiva para nosso problema e sequer foi levado em consideração. É verdade que o relato bíblico o contradiz mais de uma vez. Por um lado, faz a circuncisão remontar à era patriarcal, como sinal de um pacto entre Deus e Abraão; por outro, descreve, em passagem particularmente obscura, como Deus ficou irado com Moisés por ter negligenciado um costume que se tornara sagrado,, e procurou matá-lo; a esposa dele, porém, uma madianita, salvou-o da ira de Deus realizando rapidamente a operação.” (p.17).

“De acordo com essa nossa construção, o Êxodo do Egito teria ocorrido durante o período que vai de 1358 a 1350 a.C., isto é, após a morte de Akhenaten e antes do restabelecimento, por Haremhab, da autoridade estatal., O objetivo da migração só poderia ter sido a terra de Canaã. Após o colapso da dominação egípcia, hordas de belicosos arameus irromperam naquela região, conquistando e saqueando, e demonstraram dessa maneira onde um povo capaz poderia conquistar novas terras para



si. Tomamos conhecimento desses guerreiros pelas cartas encontradas, em 1887, na cidade em ruínas de Amarna. Nelas, eles são chamados de ‘habiru’, e o nome foi transferido (não sabemos como) para os invasores judeus posteriores - ‘hebreus’ -, aos quais as cartas de Amarna não podiam referir-se. Ao sul da Palestina também, em Canaã, viviam as tribos que eram os parentes mais próximos dos judeus que então abriam caminho para fora do Egito.” (p.19).

“Nesse ponto, espero defrontar-me com uma objeção a minha hipótese. Essa hipótese situou Moisés, um egípcio, no período de Akhenaten. Fez sua decisão de assumir o povo judeu derivar das circunstâncias políticas do país naquela ocasião, e identificou a religião que ele apresentou ou impôs a seus protegés como a religião de Aten, que, na realidade, tinha desmoronado no próprio Egito. Espero que me seja dito que apresentei essa estrutura de conjecturas com excessiva positividade, para a qual não existe base alguma no material. Acho que essa objeção não se justifica. Já dei ênfase ao fator de dúvida em minhas observações introdutórias; por assim dizer, coloquei esse fator fora dos colchetes e pode-se permitir que eu me poupe o trabalho de repeti-lo em vinculação a cada item dentro deles.” (p.20).

“Outro traço atribuído a Moisés possui direito especial a nosso interesse. É dito que Moisés era ‘pesado de boca’; ele deve ter sofrido de uma inibição ou distúrbio da fala. Por conseguinte, em suas supostas negociações com o faraó, precisou do apoio de Aarão, que é chamado de seu irmão.. Essa, mais uma vez, pode ser uma verdade histórica, e constituiria uma contribuição bem- vindas à apresentação de um retrato vívido do grande homem. Contudo, também pode ter outra significação, mais importante. Pode recordar, de modo ligeiramente deformado, o fato de que Moisés falava outra língua e não podia comunicar-se com seus neo-egípcios semíticos sem intérprete, pelo menos no início de suas relações - uma nova confirmação, portanto, da tese de que Moisés era egípcio.” (p.21).

“Esses historiadores modernos, dos quais podemos tomar Eduard Meyer (1906) como representante, concordam com a história bíblica num ponto decisivo. Também eles acham que as tribos judaicas, que mais tarde se desenvolveram no povo de Israel, adquiriram uma nova religião num determinado ponto do tempo. Contudo, segundo eles isso não se realizou no Egito ou ao sopé de um montanha na Península de Sinai, mas numa certa localidade conhecida como Meribá- Cades, um oásis distinguido por sua riqueza em fontes e poços, na extensão de terra ao sul da Palestina, entre a saída oriental da Península de Sinai e a fronteira ocidental da Arábia. Aí eles assumiram a adoração de um deus Iavé



ou Javé, provavelmente da tribo árabe vizinha dos madianitas. Parece provável que outras tribos da vizinhança também fossem seguidoras desse deus.” (p.22).

“Não podemos discutir a impressão de que esse Moisés de Cades e Madiã, a quem a tradição podia realmente atribuir o erguimento de uma serpente de metal como um deus da cura, é alguém inteiramente diferente do aristocrático egípcio por nós inferido, que apresentou ao povo uma religião em que toda a magia e todos os encantamentos eram proscritos nos termos mais estritos. Nossa Moisés egípcio não é menos diferente, talvez, do Moisés madianita do que o deus universal Aten o é do demônio Javé em sua morada no Monte de Deus. E se tivermos alguma fé nos pronunciamentos dos historiadores recentes, teremos de admitir que o fio que tentamos tecer a partir de nossa hipótese de que Moisés era egípcio rompeu-se pela segunda vez. E dessa vez, parece, sem esperança de remendo.” (p.23)

“Não pode haver dúvida de que elementos muito diferentes se uniram na construção do povo judeu, mas o que deve ter causado a maior diferença entre essas tribos foi o fato de elas terem experimentado ou não a estada no Egito e aquilo que se seguiu a essa estada. Considerando esse ponto, podemos dizer que a nação surgiu da união de suas partes componentes, e a isso se ajusta o fato de, após breve período de unidade política, ela se ter cindido em dois fragmentos - o reino de Israel e o reino de Judá. A história gosta de reintegrações como essa, onde uma fusão posterior é desfeita e uma separação anterior reemerge.” (p.24).

“Apresento como hipótese provisória que, entre a queda de Moisés e o estabelecimento da nova religião em Cades, duas gerações, ou talvez mesmo um século, se passaram. Não vejo meio de decidir se os neo-egípcios (como gostaria de chamá-los aqui), isto é, aqueles que retornaram do Egito, encontraram seus parentes tribais após estes já terem adotado a religião de Javé, ou antes. A segunda possibilidade poderia parecer a mais provável, mas, no resultado, não haveria diferença. O que aconteceu em Cades foi uma conciliação, em que a parte assumida pelas tribos de Moisés é inequívoca.” (p.25).

“Trouxemos à baila a retenção da circuncisão como prova do fato de que fundação da religião em Cades envolvia uma conciliação. Podemos perceber sua natureza a partir dos relatos concordantes fornecidos por J e E, que assim retornam, nesse ponto, a uma fonte comum (uma tradição documentária ou oral). Seu intuito principal era demonstrar a grandeza e o poder do novo deus Javé.



Como os seguidores de Moisés davam tanto valor à sua experiência do Êxodo do Egito, esse ato de libertação tinha de ser representado como devido a Javé” (p.26).

“A narrativa bíblica que temos perante nós contém dados históricos preciosos e, na verdade, valiosíssimos, os quais, contudo, foram deformados pela influência de poderosos intuios tendenciosos e embelezados pelos produtos da invenção poética. No decorrer de nossos esforços até agora, pudemos detectar um desses intuios deformantes, ver em [[1]]. Essa descoberta nos aponta o caminho posterior. Temos de descobrir outros intuios tendenciosos semelhantes. Se contratarmos meios de reconhecer as deformações produzidas por esses propósitos, traremos à luz novos fragmentos do verdadeiro estado de coisas que jaz por trás deles.” (p.27).

“Os intuios deformantes que estamos ansiosos por apreender já deviam ter estado em ação sobre as tradições antes que qualquer delas fosse registrada por escrito. Já descobrimos um deles, talvez o mais poderoso de todos. Como dissemos, com o estabelecimento do novo Deus, Javé, em Cades, tornou-se necessário fazer algo para glorificá-lo. Seria mais correto dizer: tornou- se necessário ajustá-lo, abrir espaço para ele, apagar os traços de religiões mais antigas. Isso parece ter sido conseguido com completo sucesso com referência à religião das tribos residentes: nada mais ouvimos dela. Com os que retornavam do Egito, isso não foi tão fácil; eles não se deixariam ser privados do Êxodo, do varão Moisés ou da circuncisão.” (p.28).

“Não devemos esperar que as estruturas míticas da religião dêem demasiada atenção à coerência lógica. De outra maneira, o sentimento popular, justificadamente, poderia ter-se ofendido contra uma divindade que fez um pacto com seus antepassados, com obrigações mútuas, e que depois, por séculos a fio, não mais concedeu atenção a seus sócios humanos, até que, subitamente, lhe ocorreu manifestar-se de novo a seus descendentes.” (p.29).

“De todos os acontecimentos de tempos primitivos que posteriormente poetas, sacerdotes e historiadores empreenderam elaborar, um se salienta, cuja supressão foi imposta pelos mais imediatos e melhores motivos humanos. Trata-se do assassinato de Moisés, o grande líder e libertador, descoberto por Sellin a partir de alusões nos escritos dos profetas. A hipótese de Sellin não pode ser chamada de fantástica; é bastante provável. Moisés, derivando-se da escola de Akhenaten, não empregou métodos diferentes dos que o rei usara; ele ordenou, forçou sua fé ao povo.” (p.30).



“Temos agora de fazer uma tentativa de elucidar as relações cronológicas desses acontecimentos. Colocamos o Éxodo no período posterior ao fim da XVIII Dinastia (1350 a.C.). Ele pode ter ocorrido então ou um pouco depois, já que os cronistas egípcios incluíram os anos supervenientes de anarquia no reinado de Haremhab, que lhes pôs fim e durou até 1315 a.C. O ponto fixado seguinte (mas também único) da cronologia é fornecido pela estela de [o faraó] Merenptah (1225-15 a.C.), que se gaba de sua vitória sobre Israal (Israel) e da dispersão de sua semente (?). O sentido a ser ligado a essa inscrição é, infelizmente, duvidoso, supondo-se que prove que as tribos israelitas já estavam, nessa época, estabelecidas em Canaã. Eduard Meyer, corretamente, conclui a partir dessa estela que Merenptah não pode ter sido o faraó do Éxodo, como levianamente foi anteriormente presumido.” (p.31).

“Não é mais possível avaliar a parte assumida pelos levitas na vitória final do deus mosaico sobre Javé. Eles haviam tomado o partido de Moisés no passado, quando o acordo fora alcançado em Cades, numa lembrança ainda viva do amor de quem haviam sido o séquito e os compatriotas. Durante os séculos que passaram desde então, fundiram-se com o povo ou com a classe sacerdotal, e tornou-se função principal dos sacerdotes desenvolver e supervisionar o ritual, e, ao lado disso, preservar a escritura sagrada e revisá-la de acordo com seus fins. [...]” (p.32).

“Não deveria sentir-me seguro em fornecer essa descrição, se não pudesse apelar para o julgamento de outros investigadores com conhecimento especializado, que perceberam a significação de Moisés para a religião judaica à mesma luz que eu, ainda que não tenham reconhecido sua origem egípcia. Assim, por exemplo, Sellin (1922, 52) escreve: ‘Conseqüentemente, temos de pintar a verdadeira religião de Moisés - sua crença num só Deus moral, que ele prega - como sendo, daí por diante, necessariamente propriedade de um pequeno círculo do povo.’” (p.33).

“Com a audácia daquele que tem pouco ou nada a perder, proponho-me pela segunda vez romper uma intenção bem fundada e acrescentar a meus dois ensaios sobre Moisés aparecidos em Imagoa parte final que retive. Terminei o último ensaio com a asserção de que sabia que minhas forças não seriam suficientes para isso. Quis significar, naturalmente, o debilitamento dos poderes criativos que acompanham a velhice, mas pensava também em outro obstáculo.” (p.34).



“Não apenas acho, mas sei que me deixarei ser dissuadido por esse segundo obstáculo, pelo perigo externo, de publicar a última parte de meu estudo sobre Moisés. Fiz ainda outra tentativa de afastar do caminho a dificuldade, dizendo-me que meus temores se baseiam numa superestimação de minha própria importância pessoal, que provavelmente será completamente indiferente às autoridades que eu escolha escrever sobre Moisés e a origem das religiões monoteístas.” (p.35).

“Encontrei a mais amistosa recepção na encantadora, livre e magnânima Inglaterra. Aqui vivo agora, hóspede bem-vindo; posso exalar um suspiro de alívio agora que o peso foi tirado de mim e mais uma vez posso falar e escrever - quase disse ‘e pensar’ - como quero ou como devo. Aventuro-me a apresentar ao público a última parte de minha obra.” (p.36).

“Esse é o primeiro e talvez o mais claro caso de uma religião monoteísta na história humana; uma compreensão interna (insight) mais profunda dos determinantes históricos e psicológicos de sua origem seria de valor incomensurável. Entretanto, cuidou-se de que informações demasiadas sobre a religião de Aten não chegassem até nós. Já sob os débeis sucessores de Akhenaten tudo o que ele havia criado entrou em colapso. A vingança da classe sacerdotal que ele havia suprimido grassou contra sua memória; a religião de Aten foi abolida, e a cidade capital do faraó, estigmatizado como um criminoso, foi destruída e saqueada. Por volta de 1350 a.C., a XVIII Dinastia terminou; após um período de anarquia, a ordem foi restaurada pelo general Haremhab, que reinou até 1315 a.C. A reforma de Akhenaten parecia ser um episódio fadado ao esquecimento.” (p.37).

“As relações cronológicas entre esses dois eventos e entre eles e o Êxodo do Egito são muito incertas. O ponto de referência histórico mais aproximado é fornecido por uma estela do faraó Merenptah (que reinou até 1215 a.C.), a qual, no correr de uma descrição de campanhas na Síria e na Palestina, nomeia ‘Israel’ entre os inimigos derrotados. [...]” (p.38).

“O notável, porém, é que não foi esse o caso - que os efeitos mais poderosos da experiência do povo deveriam vir à luz apenas mais tarde e abrir caminho para a realidade no decorrer de muitos séculos. É improvável que Javé diferisse muito em caráter dos deuses dos povos e tribos circunvizinhos. É verdade que combateu com eles, tal como os próprios povos lutavam uns com os outros, mas não podemos supor que viesse à cabeça de um adorador de Javé daqueles dias negar a existência dos



deuses de Canaã, Moab ou Amalek, e assim por diante, mais do que negar a existência dos povos que neles acreditavam.” (p.39).

“Sob três importantes aspectos, o deus posterior dos judeus tornou-se, ao final, semelhante ao velho deus mosaico. O primeiro e decisivo ponto é que ele foi verdadeiramente reconhecido como o único deus, ao lado do qual qualquer outro deus era impensável. O monoteísmo de Akhenaten foi levado a sério por um povo inteiro; na verdade, esse povo apegou-se tanto a essa idéia, que ela se tornou o principal conteúdo de sua vida intelectual e não lhe deixou interesse para outras coisas.” (p.40).

“Além disso, deparamo-nos com o fato de que os próprios registros e escritos históricos judaicos nos apontam o caminho, asseverando bastante definitivamente - dessa vez, sem contradizer-se - que a idéia de um deus único foi trazida ao povo por Moisés. Se há uma objeção à fidedignidade dessa afirmação, é a de que a revisão sacerdotal do texto que temos perante nós faz, obviamente, demasiadas coisas remontarem a Moisés.” (p.41).

“Confessamos a crença, portanto, de que a idéia de um deus único, bem como a rejeição do ceremonial magicamente eficaz e a ênfase dada às exigências éticas feitas em seu nome, foram de fato doutrinas mosaicas, às quais de início nenhuma atenção foi prestada, mas que, após um longo intervalo ter transcorrido, entraram em operação e acabaram por tornar-se permanentemente estabelecidas. Como explicaremos um efeito retardado desse tipo e onde nos deparamos com um fenômeno semelhante?” (p.42).

“O próximo exemplo para o qual nos voltamos parece ter ainda menos em comum com nosso problema. Pode acontecer que um homem que experimentou algum acidente assustador - colisão ferroviária, por exemplo, - deixe a cena desse evento aparentemente incólume. No decorrer das semanas seguintes, contudo, desenvolve uma série de sintomas psíquicos e motores graves, os quais só podem ser remontados a seu choque, à concussão, ou ao que quer que seja. Agora, esse homem tem uma ‘neurose traumática’.” (p.43).

“O fenômeno da latência na história da religião judaica, com o qual estamos lidando, pode ser explicado, portanto, pela circunstância de que os fatos e as idéias que foram intencionalmente repudiados pelos que podem ser chamados de historiadores oficiais, nunca se perderam realmente.



Informações sobre eles persistiram em tradições que sobreviveram entre o povo. Na verdade, como Sellin nos assegura, houve realmente uma tradição sobre o fim de Moisés que contradizia redondamente a descrição oficial e que estava muito mais perto da verdade. O mesmo, podemos presumir, também se aplicou a outras coisas que aparentemente deixaram de existir ao mesmo tempo que Moisés - a alguns dos conteúdos da religião mosaica que tinham sido inaceitáveis para a maioria de seus contemporâneos.” (p.44).

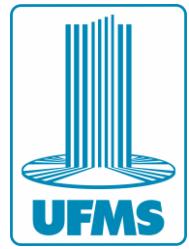
“As epopéias nacionais de outros povos - alemães, indianos, finlandeses - também vieram à luz. É tarefa dos historiadores da literatura investigar se podemos presumir em relação à sua origem os mesmos determinantes que os dos gregos. Uma tal investigação renderia, acredito, um resultado positivo. Aqui está o determinante que identificamos: um fragmento de pré-história que, imediatamente depois, estaria sujeito a parecer rico em conteúdo, importante, esplêndido, e sempre, talvez, heróico, mas que jaz tão atrás, em tempos tão remotos, que apenas uma tradição obscura e incompleta informa as gerações posteriores sobre ele. [...]” (p.45).

“A única analogia satisfatória com o notável curso de acontecimentos que encontramos na história da religião judaica reside num campo aparentemente remoto, mas é bastante completa e aproxima-se da identidade. Nela, mais uma vez nos deparamos com o fenômeno da latência, o surgimento de manifestações ininteligíveis, a exigir uma explicação, e um acontecimento precoce, e depois esquecido, como determinante necessário. Encontramos também a característica da compulsão, que se impõe à mente juntamente com uma subjugação do pensamento lógico, aspecto que, por exemplo, não entrou em consideração na gênese do poema épico.” (p.46).

“Todos esses traumas ocorrem na primeira infância até aproximadamente o quinto ano de idade. Impressões da época em que uma criança está começando a falar ressaltam como sendo de particular interesse; os períodos entre as idades de dois e quatro anos parecem ser os mais importantes; não se pode determinar com certeza quanto tempo após o nascimento esse período de receptividade começa.” (p.47).



**Serviço Público Federal**  
**Ministério da Educação**  
**Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul**  
**Campus de Paranaíba - Curso de Psicologia**





## **ATIVIDADES ORIENTADAS DE ENSINO**

### **TEMA 1**

#### **FICHAMENTO 4**

**Discente:** Estefani Gabrieli Alves de Souza

**Orientadora:** Camila Bellini Colussi Macedo

FREUD, Sigmund. **Cinco lições de Psicanálise** Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Imago, 2010.

“SENHORAS E SENHORES, - Constitui para mim sensação nova e embaracosa apresentar-me como conferencista ante um auditório de estudiosos do Novo Mundo. Considerando que devo esta honra tão somente ao fato de estar meu nome ligado ao tema da psicanálise, será esse, por consequência, o assunto de que lhes falarei, tentando proporcionar-lhes, o mais sinteticamente possível, uma visão de conjunto da história inicial e do ulterior desenvolvimento desse novo processo semiológico e terapêutico.” (p.8).

“A paciente do Dr. Breuer, uma jovem de 21 anos, de altos dotes intelectuais, manifestou, no decurso de sua doença, que durou mais de dois anos, uma série de perturbações físicas e psíquicas mais ou menos graves. Tinha uma paralisia espástica de ambas as extremidades do lado direito, com anestesia, sintoma que se estendia por vezes aos membros do lado oposto; perturbações dos movimentos oculares e várias alterações da visão; dificuldade em manter a cabeça erguida; tosse nervosa intensa; repugnância pelos alimentos e impossibilidade de beber durante várias semanas, apesar de uma sede martirizante; redução da faculdade de expressão verbal, que chegou a impedir-lhe de falar ou entender a língua materna; e, finalmente, estados de ‘absence’ (ausência), de confusão, de delírio e de alteração total da personalidade, aos quais voltaremos mais adiante a nossa atenção.” (p.9).

“O Dr. Breuer não mereceu certamente essa censura com relação à sua paciente. Embora não pretendesse, no princípio, curá-la, não lhe negou, entretanto, interesse e simpatia, o que lhe foi provavelmente facilitado pelas elevadas qualidades de espírito e de caráter da jovem, das quais ele nos dá testemunho na história clínica que redigiu. Sua carinhosa observação proporcionou-lhe bem logo o caminho que lhe permitiu prestar à doente os primeiros auxílios.” (p.10).



“Permitam-me que os detenha alguns momentos ante esta experiência. Ninguém, até então, havia removido por tal meio um sintoma histérico nem penetrado tão profundamente na compreensão da sua causa. O descobrimento desses fatos devia ser de ricas consequências, se se confirmasse a esperança de que outros sintomas da doente - e talvez a maioria - se houvessem originado do mesmo modo e do mesmo modo pudessem ser suprimidos. Para verificá-los, Breuer não mediou esforços e pesquisou sistematicamente a patogenia de outros sintomas mais graves. E realmente era assim.” (p.11).

“Quando, alguns anos mais tarde, comecei a empregar nos meus próprios doentes o método semiótico e terapêutico de Breuer, fiz experiências que concordam com as dele. Numa senhora de cerca de quarenta anos existia um tic (tique) sob a forma de um especial estalar da língua, que se produzia quando a paciente se achava excitada e mesmo sem causa perceptível. Originara-se esse tique em duas ocasiões nas quais, sendo desígnio dela não fazer nenhum rumor, o silêncio foi rompido contra sua vontade justamente por esse estalido. Uma vez, foi quando com grande trabalho conseguira finalmente fazer adormecer seu filhinho doente, e desejava, no íntimo, ficar quieta para o não despertar; outra vez, quando numa viagem de carro com os dois filhos, por ocasião de uma tempestade, assustaram-se os cavalos e ela cuidadosamente quisera evitar qualquer ruído para que os animais não se espantassesem ainda mais. Dou esse esse exemplo dentre muitos outros que se acham consignados nos Studies on Hysteria (Estudos Sobre a Histeria).” (p.12).

“Desde já aceito a objeção que provavelmente os senhores formularam refletindo sobre a história da paciente de Breuer. Todos os traumas que influíram na moça datavam do tempo em que ela cuidava do pai doente, e os sintomas que apresentava podem ser considerados como simples sinais mnêmicos da doença e da morte dele. Correspondem, portanto, a uma manifestação de luto, e a fixação à memória do finado, tão pouco tempo depois do traspasse, nada representa de patológico; corresponde antes a um processo emocional normal. Reconheço que na paciente de Breuer a fixação aos traumas nada tem de extraordinário. Mas em outros casos - como no tique por mim tratado, cujos fatores datavam mais de quinze e dez anos -, é muito nítido o caráter da fixação anormal ao passado. A doente de Breuer nos haveria de oferecer oportunidade de apreciar a mesma fixação anormal, se não tivesse sido tratada pelo método catártico tão pouco tempo depois do traumatismo e da eclosão dos sintomas.” (p.13).



“Uma segunda observação de Breuer obriga-nos agora a atribuir grande significação aos estados de consciência para a característica dos fatos mórbidos. A doente de Breuer exibia, ao lado de seu estado normal, vários outros de ‘absence’, confusão e alterações do caráter. Em estado normal ela ignorava totalmente as cenas patogênicas ou pelo menos havia rompido a conexão patogênica. Sob hipnose era possível, depois de considerável esforço, trazer tais cenas à memória, e por este trabalho de evocação os sintomas eram removidos. Ficaríamos em grande perplexidade para interpretar esse fato se a experiência do hipnotismo já não nos tivesse indicado o caminho.” (p.14).

“Receio que esta parte de minha exposição não lhes pareça muito clara. Os presentes devem, contudo, ser indulgentes; trata-se de concepções novas e difíceis que talvez não possam fazer-se muito mais claras, prova de que nossos conhecimentos ainda não progrediram muito. A teoria de Breuer, dos estados hipnóides, tornou-se aliás embaraçante e supérflua, e foi abandonada pela psicanálise moderna. Mais tarde me ouvirão falar, nem que seja sucintamente, das influências e processos que era mister descobrir atrás das fronteiras dos estados hipnóides, por Breuer fixadas. Não de ter tido também a impressão, sem dúvida justa, de que a pesquisa de Breuer só lhes pode dar uma teoria muito incompleta e uma explicação insuficiente dos fenômenos observados; porém as teorias completas não caem do céu e com toda a razão desconfiarão se alguém lhes apresentar, logo no início de suas observações, uma teoria sem falhas, otimamente rematada. Tal teoria certamente só poderá ser filha de sua especulação e nunca o fruto da pesquisa imparcial e desprevenida da realidade.” (p.15).

“O que sobretudo me impelia era a necessidade prática. O procedimento catártico, como Breuer o praticava, exigia previamente a hipnose profunda do doente, pois só no estado hipnótico é que tinha este o conhecimento das ligações patogênicas que em condições normais lhe escapavam. Tornou-se-me logo enfadonho o hipnotismo, como recurso incerto e algo místico; e quando verifiquei que apesar de todos os esforços não conseguia hipnotizar senão parte de meus doentes, decidi abandoná-lo, tornando o procedimento catártico independente dele.” (p.16).

“Nesta idéia de resistência alicercei então minha concepção acerca dos processos psíquicos na histeria. Para o restabelecimento do doente mostrou-se indispensável suprimir estas resistências. Partindo do mecanismo da cura, podia-se formar idéia muito precisa da gênese da doença. As mesmas forças que hoje, como resistência, se opõem a que o esquecido volte à



consciência deveriam ser as que antes tinham agido, expulsando da consciência os acidentes patogênicos correspondentes. A esse processo, por mim formulado, dei o nome de ‘repressão’ e julguei-o demonstrado pela presença inegável da resistência.” (p.17).

“Talvez possa ilustrar o processo de repressão e a necessária relação deste com a resistência, mediante uma comparação grosseira, tirada de nossa própria situação neste recinto. Imaginem que nesta sala e neste auditório, cujo silêncio e cuja atenção eu não saberia louvar suficientemente, se acha no entanto um indivíduo comportando-se de modo inconveniente, perturbando-nos com risotas, conversas e batidas de pé, desviando-me a atenção de minha incumbência.” (p.18).

“Agora, para dizê-lo sem rebuços: chegamos à convicção, pelo exame dos doentes histéricos e outros neuróticos, de que a repressão das idéias, a que o desejo insuportável está apenso, malogrou. Expeliram-nas da consciência e da lembrança; com isso os pacientes se livraram aparentemente de grande soma de dissabores.” (p.19).

“Neste estado de perplexidade vali-me de um pressuposto cuja exatidão científica foi anos depois demonstrada pelo meu amigo C. G. Jung, de Zurique, e seus discípulos. Devo afirmar que às vezes é muito útil ter um pressuposto.” (p.20).

“Conhecemos, no domínio da vida psíquica normal, exemplos em que situações análogas às que admitimos produzem resultados semelhantes. É o caso do chiste. O problema da técnica psicanalítica forçou-me a estudar o mecanismo da formação das pilhérias. Quero expor-lhes apenas um desses exemplos, aliás uma anedota da língua inglesa.” (p.21).

“Esse material associativo que o doente rejeita como insignificante, quando em vez de estar sob a influência do médico está sob a da resistência, representa para o psicanalista o minério de onde com simples artifício de interpretação há de extrair o metal precioso. Se diante de um doente quiserem os presentes ter um conhecimento rápido e provisório dos complexos reprimidos, sem lhes penetrar na ordem e nas relações, podem dispor da ‘experiência da associação’, cuja técnica foi aperfeiçoada por Jung (1906) e seus discípulos. Para o psicanalista este método é tão precioso quanto para o químico a análise qualitativa; prescindível na terapêutica dos neuróticos, é



indispensável para a demonstração objetiva dos complexos e para o estudo das psicoses, com tanto êxito empreendido pela Escola de Zurique.” (p.22).

“Acompanhem-me agora numa rápida excursão pelo campo dos problemas do sonho. Quando acordados, costumamos tratar os sonhos com o mesmo desdém com que os doentes rejeitam as idéias soltas despertadas pelo psicanalista. Desprezamo-los, olvidando-os em geral rápida e completamente. O nosso descaso funda-se no caráter exótico apresentado mesmo pelos sonhos que possuem clareza e nexo, e sobre a evidente absurdade e insensatez dos demais; nossa repulsa explica-se pelas tendências imorais e menos pudicas que se patenteiam em muitos deles. É de todos sabido que a antigüidade não compartilhou tal desapreço para com os sonhos.” (p.23).

“De que há pensamentos latentes do sonho e que entre eles e o conteúdo manifesto existe de fato o nexo aludido, os presentes se convencerão pela análise de sonhos, cuja técnica se confunde com a da psicanálise. Pondo de lado a aparente conexão dos elementos do sonho manifesto, procurarão os senhores evocar idéias por livre associação, partindo de cada um desses elementos e observando as regras da prática psicanalítica.” (p.24).

“Impende-nos adverti-los finalmente de que não se deixem desorientar pela objeção de que aparecimento de pesadelos contradiz o nosso modo de entender o sonho como satisfação de desejos. Além de que é necessário interpretar os pesadelos antes de sobre eles poder firmar qualquer juízo, pode dizer-se de modo geral que a ansiedade que os acompanha não depende assim tão simplesmente do conteúdo onírico, como muitos imaginam por ignorar as condições da ansiedade neurótica. A ansiedade é uma das reações do ego contra desejos reprimidos violentos, e daí perfeitamente explicável a presença dela no sonho, quando a elaboração deste se pôs excessivamente a serviço da satisfação daqueles desejos reprimidos.” (p.25).

“Se os ouvintes reunirem os meios que estão ao nosso alcance para descobrimento do que na vida mental jaz escondido, deslembiado e reprimido - o estudo das idéias livremente associadas pelos pacientes, seus sonhos, falhas e ações sintomáticas; se ainda juntarem a tudo isso o exame de outros fenômenos surgidos no decurso do tratamento psicanalítico e a respeito dos quais farei algumas observações quando tratar da ‘transferência’ - chegarão comigo à conclusão de que a nossa técnica já é suficientemente capaz de realizar aquilo que se propôs:



conduzir à consciência o material psíquico patogênico, dando fim desse modo aos padecimentos ocasionados pela produção dos sintomas de substituição. O fato de enriquecermos e aprofundarmos durante o tratamento os nossos conhecimentos sobre a vida mental, dos sãos e dos doentes, deve ser considerado apenas como estímulo especial a este trabalho e uma de suas vantagens.” (p.26).

“Mas, antes de tudo, uma coisa: o exame psicanalítico relaciona com uma regularidade verdadeiramente surpreendente os sintomas mórbidos a impressões da vida erótica do doente; mostra-nos que os desejos patogênicos são da natureza dos componentes instintivos eróticos: e obriga-nos a admitir que as perturbações do erotismo têm a maior importância entre as influências que levam à moléstia, tanto num como outro sexo.” (p.27).

“Deixem-me prosseguir no relato das nossas contestações. Em outra série de casos o exame psicanalítico vem sem dúvida ligar os sintomas não a fatos sexuais senão a acontecimentos traumáticos comuns. Mas, por outra circunstância, esta diferenciação perde todo valor. O trabalho de análise necessário para o esclarecimento completo e cura definitiva de um caso mórbido não se detém nos episódios contemporâneos da doença; retrocede sempre, em qualquer hipótese, até a puberdade e a mais remota infância do doente, para só aí topar as impressões e acontecimentos determinantes da doença ulterior.” (p.28).

“Não me admiraria se estas observações de seu compatriota lhes merecessem mais crédito que as minhas. A mim mesmo foi-me dado obter recentemente um quadro mais ou menos completo das manifestações instintivas somáticas e das produções mentais num período precoce da vida amorosa infantil, graças à análise empreendida, com todas as regras, pelo próprio pai de um menino de cinco anos atacado de ansiedade.” (p.29).

“Senhores. Um princípio de patologia geral afirma que todo processo evolutivo traz em si os germes de uma disposição patológica e pode ser inibido ou retardado ou desenvolver-se incompletamente. Isto vale para o tão complicado desenvolvimento da função sexual que nem em todos os indivíduos se desenrola sem incidentes que deixem após si ou anormalidade ou disposições a doenças futuras por meio de uma regressão. Pode suceder que nem todos os impulsos parciais se sujeitem à soberania da zona genital; o que ficou independente estabelece o



que chamamos perversão e pode substituir a finalidade sexual normal pela sua própria.” (p.30).

“A propensão à neurose deve provir por outra maneira de uma perturbação do desenvolvimento sexual. As neuroses são para as perversões o que o negativo é para o positivo. Como nas perversões, evidenciam-se nelas os mesmos componentes instintivos que mantêm os complexos e são os formadores de sintomas; mas aqui eles agem do inconsciente, onde puderam firmar-se apesar da repressão sofrida. A psicanálise nos mostra que a manifestação excessivamente intensa e prematura desses impulsos conduz a uma espécie de fixação parcial - ponto fraco na estrutura da função sexual. Se o exercício da capacidade genética normal encontra no adulto um obstáculo, rompe-se a repressão da fase do desenvolvimento justamente naquele ponto em que se deu a fixação infantil.” (p.31).

“No tempo em que é dominada pelo complexo central ainda não reprimido, a criança dedica aos interesses sexuais notável parte da atividade intelectual. Começa a indagar de onde vêm as criancinhas, e com os dados a seu alcance adivinha das circunstâncias reais mais do que os adultos podem suspeitar. Comumente o que lhe desperta a curiosidade é a ameaça material do aparecimento de um novo irmãozinho, no qual a princípio só vê um competidor. Sob a influência dos impulsos parciais que nela agem, forma até numerosas ‘teorias性uais infantis’. Chega a pensar que ambos os性os possuem órgãos genitais masculinos; que comendo é que se geram crianças; que estas vêm ao mundo pela extremidade dos intestinos; que a cópula é um ato de hostilidade, uma espécie de subjugação. Mas justamente a falta de acabamento de sua constituição sexual e a deficiência de conhecimentos, especialmente no que se refere ao tubo genital feminino, forçam o pequeno investigador a suspender o improíbido trabalho. O próprio fato dessa investigação e as conseqüentes teorias性uais infantis são de importância determinante para a formação do caráter da criança e do conteúdo da neurose futura.” (p.32).

“A fuga, da realidade insatisfatória para aquilo que pelos danos biológicos que produz chamamos doença, não deixa jamais de proporcionar ao doente um prazer imediato; ela se dá pelo caminho da regressão às primeiras fases da vida sexual a que na época própria não faltou satisfação. Esta regressão mostra-se sob dois aspectos: temporal, porque a libido, na necessidade erótica, volta a fixar-se aos mais remotos estados evolutivos - e formal, porque emprega os meios psíquicos originários e primitivos para manifestação da mesma necessidade. Sob ambos os



aspectos a regressão orienta-se para a infância, restabelecendo um estado infantil da vida sexual.” (p.33).

“Senhoras e senhores. Não lhes falei até agora sobre a experiência mais importante, que vem confirmar nossa suposição acerca das forças instintivas sexuais da neurose. Todas as vezes que tratamos psicanaliticamente um paciente neurótico, surge nele o estranho fenômeno chamado ‘transferência’, isto é, o doente consagra ao médico uma série de sentimentos afetuosa, mesclados muitas vezes de hostilidade, não justificados em relações reais e que, pelas suas particularidades, devem provir de antigas fantasias tornadas inconscientes. Aquele trecho da vida sentimental cuja lembrança já não pode evocar, o paciente torna a vivê-lo nas relações com o médico; e só por este ressurgimento na ‘transferência’ é que o doente se convence da existência e do poder desses sentimentos sexuais inconscientes.” (p.34).

“Que acontece geralmente com os desejos inconscientes libertados pela psicanálise, e quais os meios por cujo intermédio pretendemos torná-los inofensivos à vida do indivíduo? Desses meios há vários. O resultado mais freqüente é que os mesmos desejos, já durante o tratamento, são anulados pela ação mental, bem conduzida, dos melhores sentimentos contrários.” (p.35).

“Não devemos deixar de contemplar também o terceiro dos possíveis desenlaces do tratamento psicanalítico. Certa parte dos desejos libidinais reprimidos faz jus à satisfação direta e deve alcançá-la na vida. As exigências da sociedade tornam o viver dificílimo para a maioria das criaturas humanas, forçando-as com isso a se afastarem da realidade e dando origem às neuroses, sem que o excesso de coerção sexual traga maiores benefícios à coletividade.” (p.36).

“Freud fez uma série de correções e acréscimos nas edições seguintes do livro. Entre eles, podemos ressaltar a pequena nota ao pé da página sobre circuncisão (ver em [2]), o resumo de um trecho de Reitler (ver em [3]) e a extensa citação de um trecho de Pfister (ver em [4]), todos incluídos na edição de 1919, e os comentários sobre o desenho de Londres (ver em [5]), acrescentado em 1923. (p.37).

“Em primeiro lugar, a idéia do ‘pássaro oculto’ no desenho de Leonardo (ver em [1]) deve ser posta de lado. Se de fato era um pássaro, será um abutre; em nada se parece com um milhafre. Esta ‘descoberta’, entretanto, não foi feita por Freud e sim por Pfister. Somente foi



introduzida na segunda edição da obra, e foi recebida por Freud com grande reserva. [...]” (p.39).

“O que impediu que a personalidade de Leonardo fosse compreendida pelos seus contemporâneos? O motivo, certamente, não terá sido a versatilidade de seus talentos nem a extensão do seu saber, que lhe permitiu apresentar-se na corte do Duque de Milão, Ludovido Sforza, apelidado Il Moro, como um virtuoso numa espécie de alaúde de sua própria invenção, ou escrever a notável carta, ao mesmo duque, na qual se gabava de suas realizações como arquiteto e como engenheiro militar. Na época do renascimento a combinação de tão amplas e diversas habilidades em um mesmo indivíduo eram comuns, embora tenhamos de reconhecer que Leonardo foi um dos exemplos mais brilhantes.” (p.40).

“Na verdade, é muito possível que a imagem de um Leonardo extremamente feliz e amante de todos os prazeres não seja verdadeira senão no primeiro período, e o mais longo também, da vida do artista. Mais tarde, quando a queda de Ludovico Moro fê-lo deixar Milão, a cidade que era o centro de suas atividades e onde tinha uma situação assegurada, forçando-o a uma vida instável e de poucos sucessos externos, até encontrar seu último refúgio na França, a centelha de seu gênio poderá ter-se esmaecido e alguma faceta estranha de sua natureza poderá ter vindo à tona.” (p.41).

“Por mais válidas que possam ser essas desculpas, elas não conseguem livrar Leonardo de toda a responsabilidade. A mesma luta penosa frente a um trabalho, a fuga final e a indiferença quanto ao seu destino futuro, tudo isso pode acontecer a muitos outros artistas, mas não há dúvida de que esse comportamento ocorre em Leonardo em grau muito mais elevado.” (p.42).

“Se compararmos esses relatos sobre o modo de trabalhar de Leonardo com a evidência de inúmeros desenhos e estudos que deixou e que mostram todos os motivos que aparecem em suas pinturas sob os aspectos mais variados, seremos compelidos a rejeitar o conceito de que sua impaciência e sua volubilidade possam, de algum modo, tê-lo influenciado com relação à sua arte.” (p.43).

“Se um estudo biográfico tem realmente como objetivo chegar à compreensão da vida mental de seu herói, não deverá omitir, como acontece com a maioria das biografias - por discrição ou por melindre - sua atividade sexual ou sua individualidade sexual. O que se conhece de



Leonardo neste setor é pouco; porém este pouco é repleto de significados.” (p.44).

“Existe uma única maneira de compreender a peculiaridade dessa vida sexual e emocional com relação à dupla natureza de Leonardo como artista e como pesquisador científico. Entre os seus biógrafos, muitas vezes alheios a qualquer enfoque psicológico, existe, a meu entender, apenas um, Edmondo Solmi, que se aproximou da solução do problema; mas um escritor que escolheu Leonardo como o personagem de uma longa novela histórica, Dmitry Sergeyevich Merezhkovsky, interpretou do mesmo modo esse homem incomum ao retratá-lo e exprimiu claramente o seu ponto de vista, não com palavras simples porém (segundo o estilo dos autores imaginativos) em termos plásticos. A opinião de Solmi sobre Leonardo é a seguinte (1908, 46): `O seu insaciável desejo de tudo compreender em seu redor e de pesquisar com atitude de fria superioridade o segredo mais profundo de toda a perfeição condenou sua obra a permanecer para sempre inacabada.’’ (p.45).

“No seu caso parece que foi isso o que realmente sucedeu. Seus afetos eram controlados e submetidos ao instinto da pesquisa; ele não amava nem odiava, porém se perguntava acerca da origem e do significado daquilo que deveria amar ou odiar. Parecia, assim, forçosamente, indiferente ao bem e ao mal, ao belo e ao horrível. Durante esse trabalho de pesquisa, o amor e o ódio se despiam de suas formas positivas ou negativas e ambos se transformavam apenas em objeto de interesse intelectual.” (p.46).

“Existem ainda outras consequências. A investigação substituiu a ação e também a criação. Um homem que começou a vislumbrar a grandeza do universo com todas as suas complexidades e suas leis, esquece facilmente sua própria insignificância. Perdido de admiração e cheio de verdadeira humildade, facilmente esquece ser, ele próprio, uma parte dessas forças ativas e que, de acordo com a medida de sua própria força, terá um caminho aberto diante de si para tentar alterar uma pequena parcela do curso preestabelecido para o mundo - um mundo em que as menores coisas são tão importantes e extraordinárias quanto o são as coisas grandiosas.” (p.47).

“Quando verificamos que na imagem apresentada pelo caráter de uma pessoa um único instinto adquiriu uma força exagerada, como aconteceu com a ânsia de conhecimento em



Leonardo, procuramos a explicação numa predisposição especial - embora as suas determinantes (provavelmente orgânicas) nos sejam ainda praticamente desconhecidas. Nossos estudos psicanalíticos dos neuróticos levaram-nos, no entanto, a formular mais duas hipóteses que seria gratificante encontrar confirmadas em cada caso particular.” (p.48).

“Quando o período de pesquisa sexual infantil chega a um final após um período de enérgica repressão sexual, o impulso de pesquisa terá três possíveis diferentes vicissitudes, resultantes de sua relação primitiva com interesses sexuais. No primeiro caso, a pesquisa participa do destino da sexualidade; portanto, a curiosidade permanecerá inibida e a liberdade da atividade intelectual poderá ficar limitada durante todo o decorrer de sua vida, sobretudo porque, logo a seguir, a influência da educação acarretará uma intensa inibição religiosa do pensamento.” (p.49).

“Se refletirmos acerca da ocorrência, em Leonardo, desse poderoso instinto de pesquisa e a atrofia de sua vida sexual (restrita ao que poderíamos chamar de homossexualidade ideal [sublimada]), sentir-nos-emos inclinados a proclamá-lo um modelo ideal do nosso terceiro tipo. A essência e o segredo de sua natureza parecem derivar do fato que, depois de sua curiosidade ter sido ativada, na infância, a serviço de interesses sexuais, conseguiu sublimar a maior parte da sua libido em sua ânsia pela pesquisa. Mas, por certo, não será fácil provar a verdade dessa hipótese. Para fazê-lo, necessitariímos conhecer alguns pormenores sobre seu desenvolvimento mental durante os primeiros anos de sua infância, e parece absurdo desejar dados dessa natureza quando os pormenores sobre sua vida são tão escassos e tão inseguros, e ainda mais por tratarem de informações sobre circunstâncias que ainda hoje escapam à atenção dos observadores, mesmo em se tratando de pessoas de nossa geração.” (p.50).

“O que encontramos aqui é, portanto, uma recordação de infância, e sem dúvida de natureza bem estranha. Não só estranha pelo que conta como pela idade a que se refere. Que uma pessoa possa lembrar-se de alguma coisa da época de sua amamentação talvez não seja impossível, porém essa recordação não poderá, certamente, ser considerada real. No entanto, o que a memória de Leonardo afirma - que um abutre abriu a boca da criança com sua cauda - parece tão pouco provável e tão fabuloso, que uma outra hipótese seria talvez mais cabível e poria um fim às duas dificuldades antes mencionadas. Nessa outra versão, a cena do abutre não seria uma recordação de Leonardo, porém uma fantasia que ele criou mais tarde transponde-a para sua



infância.” (p.51).

“Se a examinarmos do ponto de vista de um psicanalista, a fantasia de Leonardo acerca do abutre não nos parecerá mais tão estranha. Verificaremos já ter encontrado casos semelhantes em muitas situações diferentes, em sonhos, por exemplo. Aventuramo-nos, assim, a traduzir a linguagem da fantasia em palavras mais facilmente compreensíveis. A tradução nos revelará então um conteúdo erótico.” (p.52).

“Compreendemos então porque Leonardo veio a associar a lembrança de sua suposta experiência do abutre com a sua época de lactâncio. O que a fantasia encerra é meramente uma reminiscência do ato de sugar - ou ser sugado - o seio de sua mãe, uma cena de humana beleza que ele, como tantos outros artistas, esmerou-se em reproduzir em seus quadros ao representar a mãe de Deus e seu Menino.” (p.53).

“Neste ponto surge em nossa mente um pensamento vindo de tão longe que somos quase tentados a pô-lo de lado. Nos hieróglifos do antigo Egito a mãe era representada pela imagem de um abutre. Os egípcios veneravam também uma Deusa-Mãe que era representada com cabeça de abutre ou, então, com várias cabeças, das quais pelo menos uma era de abutre. O nome dessa deusa era pronunciado Mut. Será que a sua semelhança com a nossa palavra Mutter [mãe] é mera coincidência? Existe, portanto, uma relação real entre abutre e mãe - mas em que é que isto nos pode ajudar? Não podemos esperar que Leonardo tivesse tido conhecimento disto pois sabemos que o primeiro homem que conseguiu decifrar os hieróglifos foi François Champollion, que viveu entre 1790-1832.” (p.54).

“Mais adiante chegamos a uma fone de informação que poderá transformar em certeza a hipótese de ter Leonardo conhecimento da lenda do abutre. O culto editor e comentador de Horapollo escreveu a seguinte nota no texto já mencionado acima [Leemans, 1835, 172]: ‘Caeterum hanc fabulam de vulturibus cupide amplexi sunt Patres Ecclesiastici, ut ita argumento ex rerum natura petito refutarent eos, qui Virginis partum negabant; itaque apud omnes fere hujus rei mentio occurrit.’” (p.55).

“Se é verdade que as lembranças ininteligíveis da infância de uma pessoa, as fantasias que



delas resultam, invariavelmente gravam os elementos mais importantes do desenvolvimento mental, segue-se, então, que o fato confirmado pela fantasia do abutre, isto é, que Leonardo passou os primeiros anos de sua vida sozinho com sua mãe, terá exercido influência decisiva na formação de sua vida interior. Uma consequência inevitável dessa situação foi que a criança - que em sua tenra infância enfrentou um problema a mais do que as outras crianças - começou a pensar nesse enigma com uma intensidade toda especial, e, assim, numa tenra idade tornou-se um pesquisador atormentado pela grande pergunta - saber de onde vêm os bebês e o que tem a ver o pai com sua origem. Foi uma vaga suspeita de que suas pesquisas e a história de sua infância estivessem assim ligadas que o fez mais tarde, declarar que tinha sido destinado, desde o começo de sua vida, a investigar o problema do vôo das aves, já que havia sido visitado por um abutre, quando em seu berço. Mais tarde, não será difícil mostrar que sua curiosidade acerca do vôo das aves deriva das pesquisas sexuais da sua infância.” (p.56).

“A deusa egípcia Mut, que tinha cabeça de abutre, figura sem nenhuma característica pessoal, segundo o artigo de Drexler no léxico de Roscher, fundia-se freqüentemente com outras deusas de personalidade mais marcante, tais como Ísis e Hathor, porém conservou, ao mesmo tempo, separados, sua existência e seu culto. Uma característica especial do panteão egípcio era que os deuses individuais não desapareciam quando ocorria um processo de sincretismo. Ao mesmo tempo que sucedia a fusão dos deuses, as divindades individuais continuavam a sua existência independente.” (p.57).

“As teorias性uals infantis explicam-nos isso. Existe uma época em que o genital masculino é compatível com a imagem da mãe. Quando um menino começa a ter curiosidade pelos enigmas da vida sexual, fica dominado pelo interesse que tem pelo seu próprio genital. Passa a considerar essa parte de seu corpo valiosa e importantíssima para ele e crê que ela deve existir nas outras pessoas com as quais ele se acha parecido.” (p.58).

“Enquanto as pessoas se mantiverem na atitude ditada pela nossa civilização de desprezo pelos órgãos genitais e pelas funções sexuais, não poderão absolutamente compreender as atividades da sexualidade infantil e provavelmente fugirão ao assunto afirmado ser incrível o que aqui dissemos. Para compreender a vida mental das crianças necessitamos recorrer a analogias encontradas nos tempos primitivos.” (p.59).



“Neste ponto, um pouco de reflexão mostrará que não nos satisfaz ainda o modo pelo qual foi explicada a cauda do abutre na fantasia infantil de Leonardo. Parece haver nela alguma coisa mais que não conseguimos ainda compreender. A mais notável de todas elas foi ter sido transformado o ato de mamar no seio materno em ser amamentado, isto é, em passividade, portanto, numa situação cuja natureza é indubitavelmente homossexual. Quando nos lembramos da probabilidade histórica de Leonardo ter-se comportado em sua vida como uma pessoa emocionalmente homossexual, ocorre-nos perguntar se esta fantasia não indicaria a existência de uma relação causal entre as relações infantis de Leonardo com a mãe e sua posterior homossexualidade manifesta, ainda que ideal [sublimada]. Não nos atreveríamos a inferir qualquer conexão dessa natureza da reminiscência confusa de Leonardo se não soubéssemos, pelos estudos psicanalíticos de pacientes homossexuais, que tal ligação existe de fato e é, na verdade, condição intrínseca e necessária.” (p.60).

“Depois desse estágio preliminar, estabelece-se uma transformação cujo mecanismo conhecemos mas cujas forças determinantes ainda não compreendemos. O amor da criança por sua mãe não pode mais continuar a se desenvolver conscientemente - ele sucumbe à repressão. O menino reprime seu amor pela mãe; coloca-se em seu lugar, identifica-se com ela, e toma a si próprio como um modelo a que devem assemelhar-se os novos objetos de seu amor. Desse modo ele transformou-se num homossexual. O que de fato aconteceu foi um retorno ao auto-erotismo, pois os meninos que ele agora ama à medida que cresce, são, apenas, figuras substitutivas e lembranças de si próprio durante sua infância - meninos que ele ama da maneira que sua mãe o amava quando era ele uma criança. Encontram seus objetos de amor segundo o modelo do narcisismo, pois Narciso, segundo a lenda grega, era um jovem que preferia sua própria imagem a qualquer outra, e foi assim transformado na bela flor do mesmo nome.” (p.61).

“Conhecem-se poucos detalhes sobre o comportamento sexual do grande artista e cientista, mas devemos crer na possibilidade de as afirmativas de seus contemporâneos não terem sido totalmente erradas. À luz de tais afirmativas, portanto, ele nos parece ter sido um homem cujas necessidades e atividades sexuais eram excepcionalmente reduzidas, como se uma aspiração mais elevada o houvesse colocado acima das necessidades animais comuns da humanidade. Haverá sempre uma dúvida quando se trata de saber se ele terá alguma vez



procurado a satisfação sexual direta e, se o fez, de que maneira; ou teria ele prescindido completamente de qualquer ato dessa natureza? Achamos justo, no entanto, procurar nele também as forças emocionais que impulsionam outros homens imperativamente à prática do ato sexual; pois não podemos imaginar a vida mental de nenhum ser humano sem que tivesse havido em sua formação o desejo sexual em seu sentido mais amplo - libido - mesmo que tal desejo se tivesse afastado de sua finalidade original, ou fosse refreado, e não chegasse a exercer-se.” (p.62).

“Os biógrafos de Leonardo não desejam de modo algum procurar a solução dos problemas mentais de seu personagem partindo de suas pequenas fraquezas e peculiaridades; e o comentário que habitualmente fazem sobre essas contas estranhas são para ressaltar-lhes a gentileza e a consideração para com os alunos. Esquecem-se de que o que carece de explicação não é o comportamento de Leonardo mas sim o fato de ter deixado, acerca dele, esses testemunhos. Como é impossível acreditar que seu motivo tenha sido deixar provas de sua bondade, devemos pressupor ter sido outra razão, de natureza afetiva, que o levou a fazer esses apontamentos.” (p.63).

“Esta interpretação feita pelo escritos psicólogo não pode ser provada mas é tão verossímil e está tão de acordo com tudo o que conhecemos da atividade emocional de Leonardo, que não posso deixar de aceitá-la como correta. Ele conseguira sujeitar seus sentimentos ao domínio da pesquisa e reprimir a sua livre expressão; mas para si mesmo havia ocasiões em que o que suprimira forçava um meio de expressão.” (p.64).

“Ainda não demos por terminada a análise da fantasia do abutre de Leonardo. Com palavras que tão claramente sugerem a descrição de um ato sexual (‘e fustigou muitas vezes sua cauda contra meus lábios’), Leonardo acentua a intensidade das relações eróticas entre mãe e filho. Da ligação desta atividade de sua mãe (o abutre) com a dominância da zona bucal, não será difícil adivinhar que a fantasia contém uma outra lembrança. Podemos traduzi-la assim: ‘Minha mãe beijou-me apaixonada e repetidamente na boca.’ A fantasia surge da lembrança de ser alimentado no seio e de ser beijado pela mãe.” (p.65).

“Leonardo passou quatro anos pintando esse retrato, talvez de 1503 até 1507, durante a sua segunda permanência em Florença, época em que tinha mais de cinqüenta anos. Segundo Vasari, durante o trabalho Leonardo empregou todos os meios ao seu alcance para divertir essa



senhora e conservar-lhe no semblante o sorriso famoso. No seu estado atual, o quadro conserva pouco de todos os detalhes delicados que seu pincel, na época, reproduziu sobre a tela; enquanto foi pintado, foi proclamado como sendo o mais elevado que a arte poderia realizar, porém é sabido que o próprio Leonardo não se satisfez com o resultado; declarando que estava incompleto não o entregou à pessoa que o encomendara, levou-o consigo para a França, onde o seu patrono, Francisco I, o adquiriu para o Louvre.” (p.66).

“No entanto, esta situação pode ter ocorrido de outro modo. A necessidade de um motivo mais profundo para explicar a atração tão forte que o sorriso da Gioconda exerceu sobre o artista, a ponto de nunca mais vir a libertar-se dele, tem sido mantida por mais de um de seus biógrafos. Walter Pater, que vê no retrato de Mona Lisa ‘uma presença... expressiva daquilo que os homens sempre ambicionaram, durante milênios, possuir’ [1873, 118], e que descreve com muita sensibilidade o ‘sorriso distante, sempre sombreado por algum triste presságio, que transparece em toda a obra de Leonardo’ (p.67).

“Vamos tentar explicar melhor o que aqui sugerimos. Poderia ser que Leonardo tivesse ficado fascinado pelo sorriso de Mona Lisa, por lhe ter despertado alguma coisa que há muito habitava sua mente - provavelmente uma antiga lembrança. Esta lembrança era de suficiente importância pois, uma vez despertada, nunca mais dela se libertou; sentia-se sempre forçado a dar-lhe novas formas de expressão. A afirmativa de Pater, segundo a qual podemos ver desde a infância um rosto como o de Mona Lisa esboçar-se na contextura de seus sonhos, parece convincente e merece ser acatada.” (p.68).

“A infância de Leonardo teve característica igual à que o quadro reproduz. Teve duas mães: primeiro, sua verdadeira mãe Caterina, de quem o separaram quando tinha entre três e cinco anos; e depois uma madrasta moça e carinhosa, Donna Albiera, esposa de seu pai. Pela combinação dessa situação de sua infância com a outra que mencionamos acima (a presença da mãe e da avó) e pela composição que fez reunindo os três personagens numa unidade, o desenho de ‘Sant’Ana com Dois Outros’ veio a concretizar-se para ele.” (p.69).

“Quando em pleno vigor de sua mocidade, Leonardo reencontrou o sorriso de beatitude e enlevo que vira pairar nos lábios de sua mãe quando o acariciava, ele já tinha estado tempo demais sob o domínio da inibição para que pudesse voltar a desejar tais carícias dos lábios de



outras mulheres. Ele porém se tornara pintor e, portanto, lutou para reproduzir com seu pincel o sorriso famoso em todos os seus quadros (tanto nos que ele próprio pintou como nos que incumbia seus alunos de fazer sob sua orientação) - assim foi com a Leda, com o João Batista e com o Baco.” (p.71).

“É fora de dúvida que seu pai exerceu também influência importante no desenvolvimento psicossexual de Leonardo, não somente de modo negativo por sua ausência durante sua primeira infância, mas também de modo direto, por sua presença no período posterior da infância de Leonardo. Quem deseja a própria mãe na infância não poderá evitar o desejo de substituir o pai e de identificar-se com ele na imaginação, e depois constituir como tarefa de sua vida obter ascendência sobre ele. Quando Leonardo foi recebido em casa de seu avô, antes de ter completado cinco anos, sua jovem madrasta Albiera terá certamente substituído sua mãe em sua afeição, e ele terá sentido o que pode ser chamado de relações normais de rivalidade com seu pai.” (p.73).

“Quando alguém, como aconteceu com Leonardo, escapa à intimidação pelo pai durante a primeira infância e rompe as amarras da autoridade em suas pesquisas, muito nos admiraríamos se continuasse sendo um crente, incapaz de se desfazer dos dogmas religiosos. A psicanálise tornou conhecida a íntima conexão existente entre o complexo do pai e a crença em Deus. Fez-nos ver que um Deus pessoal nada mais é, psicologicamente, do que uma exaltação do pai, e diariamente podemos observar jovens que abandonam suas crenças religiosas logo que a autoridade paterna se desmorona.” (p.74).

“O caso de Leonardo não parece desmentir este ponto de vista relativo à religião. Enquanto vivo, foram-lhe feitas acusações de heresia e de apostasia contra o Cristianismo (o que, na época, significava a mesma coisa) que foram claramente descritas na primeira biografia que Vasari [1550] escreveu sobre ele. (Müntz, 1889, 292ss.) Na segunda edição (1568) de sua Vite, Vasari suprimiu estas observações. Devido à susceptibilidade enorme de sua época no tocante a questões religiosas, bem podemos compreender por que Leonardo, até mesmo em seus cadernos evitou qualquer comentário direto à sua posição face ao Cristianismo. Em suas pesquisas, jamais se deixou induzir em erro por influência dos relatos sobre a Criação, contidos nas Sagradas Escrituras; pôs em dúvida, por exemplo, a possibilidade de um dilúvio universal, e em geologia fez cálculos em termos de centenas de milhares de anos sem hesitação maior do que a dos homens



dos tempos modernos.” (p.75).

“Mas por que será que tantas pessoas sonham sentindo-se capazes de voar? A resposta que nos dá a psicanálise é que voar, ou ser um pássaro, é somente um disfarce para outro desejo, e que mais de uma conexão, seja por meio de palavras ou de coisas, leva-nos a reconhecer esse desejo. Quando consideramos que às crianças perguntadoras dizemos que os bebês são trazidos por um grande pássaro, tal como a cegonha; quando nos lembramos de que os antigos povos representavam o falo como possuindo asas; que a expressão mais comum, em alemão, para a atividade sexual masculina é ‘vögeln’” (p.76).

“Ao admitir que desde sua infância sentia-se ligado de maneira especial e pessoal ao problema do vôo, Leonardo confirma que as suas pesquisas infantis eram dirigidas para questões sexuais; e era isso exatamente o que esperávamos, de acordo com a investigação que fizemos sobre crianças de nossa época. Pelo menos esse problema escapara à repressão que mais tarde o afastaria da sexualidade. Com ligeiras variantes em seus significados, o mesmo assunto continuou a interessá-lo, desde os anos de sua infância até a época de sua plena maturidade intelectual; e é muito possível que não tivesse conseguido a destreza que desejava, quer no sentido sexual primário, quer no sentido mecânico, e que permaneceu frustrado em ambos os desejos.” (p.77).

“Em 1883, J. P. Richter tentou provar com esses documentos que Leonardo havia realmente feito todas essas observações quando em viagem a serviço do Sultão do Egito, e até mesmo adotara a religião maometana, quando no Oriente. Segundo ele, a visita deu-se antes de 1843 - isto é, antes de ter-se instalado na corte do Duque de Milão. Mas a argúcia de outros autores facilmente reconheceu a evidência do que a suposta viagem de Leonardo ao Oriente realmente significava - uma produção imaginária do jovem artista, criada para seu próprio divertimento e na qual ele encontrou expressão para um desejo de conhecer o mundo e enfrentar aventuras.” (p.78).

“O próprio Leonardo, com seu amor à verdade e sua sede de conhecimento, não desencorajaria qualquer tentativa de descobrir o que determinava seu desenvolvimento mental e intelectual, tomando como ponto de partida as peculiaridades triviais e os enigmas de sua natureza. Nós o homenageamos quando dele aprendemos algo. Em nada ficará diminuída sua



“...grandeza ao fazermos um estudo dos sacrifícios que lhe custou o desenvolvimento a partir de sua infância, e se juntarmos os fatores que o marcaram com o estigma trágico do fracasso.” (p.79).

“Uma poderosa onda de repressão pôs fim a esse excesso infantil e determinou as disposições que se deveriam manifestar nos anos da puberdade. O resultado mais evidente da transformação foi o afastamento de toda atividade sexual grosseira. Leonardo estava capacitado para viver em abstinência e dar a impressão de ser uma criatura assexuada. Quando ondas de excitações da puberdade chegaram ao adolescente, elas não o molestaram forçando-o a procurar formações substitutivas custosas e prejudiciais. Devido à sua tendência muito precoce para a curiosidade sexual, a maior parte das necessidades de seu instinto sexual puderam ser sublimadas numa ânsia geral de saber, escapando assim à repressão.” (p.80).

“Ao atingir o ápice de sua vida, quando ingressava na casa dos cinqüenta - época em que as características sexuais das mulheres já sofreram a involução, enquanto nos homens a libido, com freqüência, apresenta um enérgico surto - sofreu ele uma nova transformação. Camadas ainda mais profundas de seu conteúdo anímico tornaram-se mais uma vez ativas; mas esta nova regressão veio beneficiar a sua arte que se encontrava num processo de atrofamento. Encontrou a mulher que lhe despertou a lembrança do sorriso feliz e sensual de sua mãe; e, influenciado por esta lembrança reaguçada, voltou a encontrar o estímulo que o guiava no princípio de suas tentativas artísticas, na época em que retratou mulheres sorridentes.” (p.81).

“Ainda que o material histórico de que dispomos fosse muito abundante e os mecanismos psíquicos pudessem ser usados com a máxima segurança, existem dois pontos importantes onde uma pesquisa psicanalítica não nos consegue explicar por que razão é tão inevitável que a personagem estudada tenha seguido exatamente essa direção e não outra qualquer. No caso de Leonardo, tivemos de sustentar o ponto de vista de que o acaso de sua origem ilegítima e a ternura exagerada de sua mãe tiveram influência decisiva na formação de seu caráter e na sorte de seu destino, pois a repressão sexual que se estabeleceu depois dessa fase de sua infância levou-o a sublimar sua libido na ânsia de saber e estabelecer sua inatividade sexual para o resto de sua vida.” (p.82).

“Mas será que não devemos fazer objeções aos achados de uma investigação que atribui a



**Serviço Público Federal  
Ministério da Educação  
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Campus de Paranaíba - Curso de Psicologia**



circunstâncias accidentais, referentes à sua constelação parental, uma influência tão decisiva no destino de uma pessoa? O que, por exemplo, fez com que o destino de Leonardo viesse a depender de sua origem ilegítima e da esterilidade de sua primeira madrasta, Donna Albiera? Creio que ninguém terá o direito de fazê-lo.” (p.83).



**Serviço Público Federal**  
**Ministério da Educação**  
**Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul**  
**Campus de Paranaíba - Curso de Psicologia**





## ATIVIDADES ORIENTADAS DE ENSINO

### TEMA 1

### FICHAMENTO 5

**Discente:** Estefani Gabrieli Alves de Souza

**Orientadora:** Camila Bellini Colussi Macedo

FREUD, Sigmund. **Mal estar na civilização.** Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Imago, 2010.

“O título original para ele escolhido por Freud foi ‘Das Unglück in der Kultur’ (‘A Infelicidade na Civilização’), mas ‘Unglück’ foi posteriormente alterado para ‘Unbehagen’, palavra para a qual foi difícil escolher um equivalente inglês, embora o francês ‘malaise’ pudesse ter servido. Numa carta à sua tradutora, a Sra. Riviere, Freud sugeriu ‘O Desconforto do Homem na Civilização’, mas foi ela própria que descobriu a solução ideal para a dificuldade no título finalmente adotado.” (p.39).

“A história das opiniões de Freud sobre o instinto da agressão ou de destruição é complicada e só resumidamente pode ser indicada aqui. Através de todos os seus primeiros escritos, o contexto em que ele predominantemente encarou foi o do sadismo. Seus primeiros estudos mais longos sobre ele ocorreram nos Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade (1905d), onde surgiu como um dos ‘instintos componentes’ ou ‘parciais’ do instinto sexual. ‘Assim’, escreveu ele na Seção 2 (B) do primeiro ensaio, ‘o sadismo corresponderia a um componente agressivo do instinto sexual que se tornou independente e exagerado e, por deslocamento, usurpou a posição dominante’ (Edição Standard Brasileira, Vol. VII, IMAGO Editora, 1972, págs. 159-60).” (p.40).

“É impossível fugir à impressão de que as pessoas comumente empregam falsos padrões de avaliação - isto é, de que buscam poder, sucesso e riqueza para elas mesmas e os admiram nos outros, subestimando tudo aquilo que verdadeiramente tem valor na vida. No entanto, ao formular qualquer juízo geral desse tipo, corremos o risco de esquecer quão variados são o mundo humano e sua vida mental. Existem certos homens que não contam com a admiração de seus contemporâneos, embora a grandeza deles repouse em atributos e realizações completamente estranhos aos objetivos e aos ideais da multidão. Facilmente, poder-se-ia ficar inclinado a supor



que, no final das contas, apenas uma minoria aprecia esses grandes homens, ao passo que a maioria pouco se importa com eles. Contudo, devido não só às discrepâncias existentes entre os pensamentos das pessoas e as suas ações, como também à diversidade de seus impulsos plenos de desejo, as coisas provavelmente não são tão simples assim.” (p.42).

“Nada tenho a sugerir que possa exercer influência decisiva na solução desse problema. A idéia de os homens receberem uma indicação de sua vinculação com o mundo que os cerca por meio de um sentimento imediato que, desde o início, é dirigido para esse fim, soa de modo tão estranho e se ajusta tão mal ao contexto de nossa psicologia, que se torna justificável a tentativa de descobrir uma explicação psicanalítica - isto é, genética - para esse sentimento. A linha de pensamento que se segue, sugere isso por si mesma.” (p.43).

“A fim de desviar certas excitações desagradáveis que surgem do interior, o ego não pode utilizar senão os métodos que utiliza contra o desprazer oriundo do exterior, e este é o ponto de partida de importantes distúrbios patológicos. Desse modo, então, o ego se separa do mundo externo. Ou, numa expressão mais correta, originalmente o ego inclui tudo; posteriormente, separa, de si mesmo, um mundo externo. Nossa presente sentimento do ego não passa, portanto, de apenas um mirrado resíduo de um sentimento muito mais inclusivo - na verdade, totalmente abrangente -, que corresponde a um vínculo mais íntimo entre o ego e o mundo que o cerca.” (p.44).

“Esse fato nos conduz ao problema mais geral da preservação na esfera da mente. O assunto mal foi estudado ainda, mas é tão atraente e importante, que nos será permitido voltarmos um pouco nossa atenção para ele, ainda que nossa desculpa seja insuficiente. Desde que superamos o erro de supor que o esquecimento com que nos achamos familiarizados significava a destruição do resíduo mnêmico - isto é, a sua aniquilação -, ficamos inclinados a assumir o ponto de vista oposto, ou seja, o de que, na vida mental, nada do que uma vez se formou pode perecer - o de que tudo é, de alguma maneira, preservado e que, em circunstâncias apropriadas (quando, por exemplo, a regressão volta suficientemente atrás), pode ser trazido de novo à luz.” (p.45).

“A essa altura não faz sentido prolongarmos nossa fantasia, de uma vez que ela conduz a coisas inimagináveis e mesmo absurdas. Se quisermos representar a seqüência histórica em termos espaciais, só conseguiremos fazê-lo pela justaposição no espaço: o mesmo espaço não



pode ter dois conteúdos diferentes. Nossa tentativa parece ser um jogo ocioso. Ela conta com apenas uma justificativa. Mostra quão longe estamos de dominar as características da vida mental através de sua representação em termos pictóricos.” (p.46).

“Talvez estejamos levando longe demais essa reflexão. Talvez devêssemos contentar-nos em afirmar que o que se passou na vida mental pode ser preservado, não sendo, necessariamente, destruído. É sempre possível que, mesmo na mente, algo do que é antigo seja apagado ou absorvido - quer no curso normal das coisas, quer como exceção - a tal ponto, que não possa ser restaurado nem revivescido por meio algum, ou que a preservação em geral dependa de certas condições favoráveis. É possível, mas nada sabemos a esse respeito. Podemos apenas prender-nos ao fato de ser antes regra, e não exceção, o passado achar-se preservado na vida mental.” (p.47).

“Em meu trabalho O Futuro de uma Ilusão [1927c], estava muito menos interessado nas fontes mais profundas do sentimento religioso do que naquilo que o homem comum entende como sua religião - o sistema de doutrinas e promessas que, por um lado, lhe explicam os enigmas deste mundo com perfeição invejável, e que, por outro, lhe garantem que uma Providência cuidadosa velará por sua vida e o compensará, numa existência futura, de quaisquer frustrações que tenha experimentado aqui. O homem comum só pode imaginar essa Providência sob a figura de um pai ilimitadamente engrandecido. Apenas um ser desse tipo pode compreender as necessidades dos filhos dos homens, enternecer-se com suas preces e aplacar-se com os sinais de seu remorso.” (p.48).

“A questão do propósito da vida humana já foi levantada várias vezes; nunca, porém, recebeu resposta satisfatória e talvez não a admita. Alguns daqueles que a formularam acrescentaram que, se fosse demonstrado que a vida não tem propósito, esta perderia todo valor para eles. Tal ameaça, porém, não altera nada. Pelo contrário, faz parecer que temos o direito de descartar a questão, já que ela parece derivar da presunção humana, da qual muitas outras manifestações já nos são familiares.” (p.49).

“Como vemos, o que decide o propósito da vida é simplesmente o programa do princípio do prazer. Esse princípio domina o funcionamento do aparelho psíquico desde o início. Não pode haver dúvida sobre sua eficácia, ainda que o seu programa se encontre em desacordo com o



mundo inteiro, tanto com o macrocosmo quanto com o microcosmo. Não há possibilidade alguma de ele ser executado; todas as normas do universo são-lhe contrárias. Ficamos inclinados a dizer que a intenção de que o homem seja ‘feliz’ não se acha incluída no plano da ‘Criação’. O que chamamos de felicidade no sentido mais restrito provém da satisfação (de preferência, repentina) de necessidades represadas em alto grau, sendo, por sua natureza, possível apenas como uma manifestação episódica. Quando qualquer situação desejada pelo princípio do prazer se prolonga, ela produz tão-somente um sentimento de contentamento muito tênu. Somos feitos de modo a só podermos derivar prazer intenso de um contraste, e muito pouco de um determinado estado de coisas.” (p.50).

“A complicada estrutura de nosso aparelho mental admite, contudo, um grande número de outras influências. Assim como a satisfação do instinto equivale para nós à felicidade, assim também um grave sofrimento surge em nós, caso o mundo externo nos deixe definhlar, caso se recuse a satisfazer nossas necessidades. Podemos, portanto, ter esperanças de nos libertarmos de uma parte de nossos sofrimentos, agindo sobre os impulsos instintivos.” (p.51).

“Outra técnica para afastar o sofrimento reside no emprego dos deslocamentos de libido que nosso aparelho mental possibilita e através dos quais sua função ganha tanta flexibilidade. A tarefa aqui consiste em reorientar os objetivos instintivos de maneira que eludam a frustração do mundo externo. Para isso, ela conta com a assistência da sublimação dos instintos. Obtém-se o máximo quando se consegue intensificar suficientemente a produção de prazer a partir das fontes do trabalho psíquico e intelectual.” (p.52).

“Um outro processo opera de modo mais energético e completo. Considera a realidade como a única inimiga e a fonte de todo sofrimento, com a qual é impossível viver, de maneira que, se quisermos ser de algum modo felizes, temos de romper todas as relações com ela. O eremita rejeita o mundo e não quer saber de tratar com ele. Pode-se, porém, fazer mais do que isso; pode-se tentar recriar o mundo, em seu lugar construir um outro mundo, no qual os seus aspectos mais insuportáveis sejam eliminados e substituídos por outros mais adequados a nossos próprios desejos.” (p.53).

“Daqui podemos passar à consideração do interessante caso em que a felicidade na vida é predominantemente buscada na fruição da beleza, onde quer que esta se apresente a nossos sentidos e a nosso julgamento - a beleza das formas e a dos gestos humanos, a dos objetos



naturais e das paisagens e a das criações artísticas e mesmo científicas. A atitude estética em relação ao objetivo da vida oferece muito pouca proteção contra a ameaça do sofrimento, embora possa compensá-lo bastante. A fruição da beleza dispõe de uma qualidade peculiar de sentimento, tenuemente intoxicante.” (p.54).

“A religião restringe esse jogo de escolha e adaptação, desde que impõe igualmente a todos o seu próprio caminho para a aquisição da felicidade e da proteção contra o sofrimento. Sua técnica consiste em depreciar o valor da vida e deformar o quadro do mundo real de maneira delirante - maneira que pressupõe uma intimidação da inteligência. A esse preço, por fixá-las à força num estado de infantilismo psicológico e por arrastá-las a um delírio de massa, a religião consegue poupar a muitas pessoas uma neurose individual. Dificilmente, porém, algo mais. Existem, como dissemos, muitos caminhos que podem levar à felicidade passível de ser atingida pelos homens, mas nenhum que o faça com toda segurança.” (p.55).

“Até agora, nossa investigação sobre a felicidade não nos ensinou quase nada que já não pertença ao conhecimento comum. E, mesmo que passemos dela para o problema de saber por que é tão difícil para o homem ser feliz, parece que não há maior perspectiva de aprender algo novo. Já demos a resposta, ver [[1]] pela indicação das três fontes de que nosso sofrimento provém: o poder superior da natureza, a fragilidade de nossos próprios corpos e a inadequação das regras que procuram ajustar os relacionamentos mútuos dos seres humanos na família, no Estado e na sociedade.” (p.56).

“Existe ainda um fator adicional de desapontamento. Durante as últimas gerações, a humanidade efetuou um progresso extraordinário nas ciências naturais e em sua aplicação técnica, estabelecendo seu controle sobre a natureza de uma maneira jamais imaginada. As etapas isoladas desse progresso são do conhecimento comum, sendo desnecessário enumerá-las. Os homens se orgulham de suas realizações e têm todo direito de se orgulharem. Contudo, parecem ter observado que o poder recentemente adquirido sobre o espaço e o tempo, a subjugação das forças da natureza, consecução de um anseio que remonta a milhares de anos, não aumentou a quantidade de satisfação prazerosa que poderiam esperar da vida e não os tornou mais felizes.” (p.57).

“Parece certo que não nos sentimos confortáveis na civilização atual, mas é muito difícil



formar uma opinião sobre se, e em que grau, os homens de épocas anteriores se sentiram mais felizes, e sobre o papel que suas condições culturais desempenharam nessa questão. Sempre tendemos a considerar objetivamente a aflição das pessoas - isto é, nos colocarmos, com nossas próprias necessidades e sensibilidades, nas condições delas, e então examinar quais as ocasiões que nelas encontrariam para experimentar felicidade ou infelicidade.” (p.58).

“Essas coisas - que, através de sua ciência e tecnologia, o homem fez surgir na Terra, sobre a qual, no princípio, ele apareceu como um débil organismo animal e onde cada indivíduo de sua espécie deve, mais uma vez, fazer sua entrada ('oh inch of nature') como se fosse um recém-nascido desamparado - essas coisas não apenas soam como um conto de fadas, mas também constituem uma realização efetiva de todos - ou quase todos - os desejos de contos de fadas. Todas essas vantagens ele as pode reivindicar como aquisição cultural sua. Há muito tempo atrás, ele formou uma concepção ideal de onipotência e onisciência que corporificou em seus deuses. A estes, atribuía tudo que parecia inatingível aos seus desejos ou lhe era proibido.” (p.59).

“Assim como a limpeza, ela só se aplica às obrás do homem. Contudo, ao passo que não se espera encontrar asseio na natureza, a ordem, pelo contrário, foi imitada a partir dela. A observação que o homem fez das grandes regularidades astronômicas não apenas o muniu de um modelo para a introdução da ordem em sua vida, mas também lhe forneceu os primeiros pontos de partida para proceder desse modo. A ordem é uma espécie de compulsão a ser repetida, compulsão que, ao se estabelecer um regulamento de uma vez por todas, decide quando, onde e como uma coisa será efetuada, e isso de tal maneira que, em todas as circunstâncias semelhantes, a hesitação e a indecisão nos são poupadadas.” (p.60).

“Evidentemente, a beleza, a limpeza e a ordem ocupam uma posição especial entre as exigências da civilização. Ninguém sustentará que elas sejam tão importantes para a vida quanto o controle sobre as forças da natureza ou quanto alguns outros fatores com que ainda nos familiarizaremos. No entanto, ninguém procurará colocá-las em segundo plano, como se não passassem de trivialidades. Que a civilização não se faz acompanhar apenas pelo que é útil, já ficou demonstrado pelo exemplo da beleza, que não omitimos entre os interesses da civilização. A utilidade da ordem é inteiramente evidente. Quando à limpeza, devemos ter em mente aquilo que também a higiene exige de nós, e podemos supor que, mesmo anteriormente à profilaxia científica,



a conexão entre as duas não era de todo estranha ao homem. Contudo, a utilidade não explica completamente esses esforços; deve existir algo mais que se encontre em ação.” (p.61).

“A liberdade do indivíduo não constitui um dom da civilização. Ela foi maior antes da existência de qualquer civilização, muito embora, é verdade, naquele então não possuísse, na maior parte, valor, já que dificilmente o indivíduo se achava em posição de defendê-la. O desenvolvimento da civilização impõe restrições a ela, e a justiça exige que ninguém fuja a essas restrições. O que se faz sentir numa comunidade humana como desejo de liberdade pode ser sua revolta contra alguma injustiça existente, e desse modo esse desejo pode mostrar-se favorável a um maior desenvolvimento da civilização; pode permanecer compatível com a civilização.” (p.62).

“Permitindo que o sentimento comum assumisse o papel de nosso guia quanto a decidir sobre quais aspectos da vida humana devem ser encarados como civilizados, conseguimos esboçar uma impressão bastante clara do quadro geral da civilização; contudo, é verdade que, até agora, não descobrimos nada que já não fosse universalmente conhecido. Ao mesmo tempo, tivemos o cuidado de não concordar com o preconceito de que civilização é sinônimo de aperfeiçoamento, de que constitui a estrada para a perfeição, preordenada para os homens. Agora, porém, apresenta-se um ponto de vista que pode conduzir numa direção diferente. O desenvolvimento da civilização nos aparece como um processo peculiar que a humanidade experimenta e no qual diversas coisas nos impressionam como familiares.” (p.63).

“Mas, se quisermos saber qual o valor que pode ser atribuído à nossa opinião de que o desenvolvimento da civilização constitui um processo especial, comparável à maturação normal do indivíduo, temos, claramente, de atacar o problema. Devemos perguntar-nos a que influência o desenvolvimento da civilização deve sua origem, como ela surgiu e o que determinou o seu curso.” (p.64).

“Apesar de tudo, uma pequena minoria de pessoas acha-se capacitada, por sua constituição, a encontrar felicidade no caminho do amor. Fazem-se necessárias, porém, alterações mentais de grande alcance na função do amor antes que isso possa acontecer. Essas pessoas se tornam independentes da aquiescência de seu objeto, deslocando o que mais valorizam do ser amado para o amar; protegendo-se contra a perda do objeto, voltando seu amor, não para objetos isolados, mas para todos os homens,



e, do mesmo modo, evitam as incertezas e as decepções do amor genital, desviando-se de seus objetivos sexuais e transformando o instinto num impulso com uma finalidade inibida.” (p.65).

“Essa incompatibilidade entre amor e civilização parece inevitável e sua razão não é imediatamente reconhecível. Expressa-se a princípio como um conflito entre a família e a comunidade maior a que o indivíduo pertence. Já percebemos que um dos principais esforços da civilização é reunir as pessoas em grandes unidades. Mas a família não abandona o indivíduo. Quanto mais estreitamente os membros de uma família se achem mutuamente ligados, com mais freqüência tendem a se apartarem dos outros e mais difícil lhes é ingressar no círculo mais amplo da cidade. O modo de vida em comum que é filogeneticamente o mais antigo, e o único que existe na infância, não se deixará sobrepujar pelo modo cultural de vida adquirido depois. Separar-se da família torna-se uma tarefa com que todo jovem se defronta, e a sociedade freqüentemente o auxilia na solução disso através dos ritos de puberdade e de iniciação. Ficamos com a impressão de que se trata de dificuldades inerentes a todo desenvolvimento psíquico - e, em verdade, no fundo, a todo desenvolvimento orgânico.” (p.66).

“A tendência por parte da civilização em restringir a vida sexual não é menos clara do que sua outra tendência em ampliar a unidade cultural. Sua primeira fase, totêmica, já traz com ela a proibição de uma escolha incestuosa de objeto, o que constitui, talvez, a mutilação mais drástica que a vida erótica do homem em qualquer época já experimentou. Os tabus, as leis e os costumes impõem novas restrições, que influenciam tanto homens quanto mulheres. Nem todas as civilizações vão igualmente longe nisso, e a estrutura econômica da sociedade também influencia a quantidade de liberdade sexual remanescente.” (p.67).

“O trabalho psicanalítico nos mostrou que as frustrações da vida sexual são precisamente aquelas que as pessoas conhecidas como neuróticas não podem tolerar. O neurótico cria em seus sintomas satisfações substitutivas para si, e estas ou lhe causam sofrimento em si próprias, ou se lhe tornam fontes de sofrimento pela criação de dificuldades em seus relacionamentos com o meio ambiente e a sociedade a que pertence. Esse último fato é fácil de compreender; o primeiro nos apresenta um novo problema. A civilização, porém, exige outros sacrifícios, além do da satisfação sexual.” (p.68).



“A pista pode ser fornecida por uma das exigências ideais, tal como as denominamos, da sociedade civilizada. Diz ela: ‘Amarás a teu próximo como a ti mesmo.’ Essa exigência, conhecida em todo o mundo, é, indubitavelmente, mais antiga que o cristianismo, que a apresenta como sua reivindicação mais gloriosa. No entanto, ela não é decerto excessivamente antiga; mesmo já em tempos históricos, ainda era estranha à humanidade. Se adotarmos uma atitude ingênua para com ela, como se a estivéssemos ouvindo pela primeira vez, não poderemos reprimir um sentimento de surpresa e perplexidade.” (p.69).

“Acho que agora posso ouvir uma voz solene me repreendendo: ‘É precisamente porque teu próximo não é digno de amor, mas, pelo contrário, é teu inimigo, que deves amá-lo como a ti mesmo’. Compreendo então que se trata de um caso semelhante ao do Credo quia absurdum. Ora, é muito provável que meu próximo, quando lhe for prescrito que me ame como a si mesmo, responda exatamente como o fiz e me rejeite pelas mesmas razões. Espero que não tenha os mesmos fundamentos objetivos para fazê-lo, mas terá a mesma idéia que tenho. Ainda assim, o comportamento dos seres humanos apresenta diferenças que a ética, desprezando o fato de que tais diferenças são determinadas, classifica como ‘boas’ ou ‘más’.” (p.70).

“A existência da inclinação para a agressão, que podemos detectar em nós mesmos e supor com justiça que ela está presente nos outros, constitui o fator que perturba nossos relacionamentos com o nosso próximo e força a civilização a um tão elevado dispêndio [de energia]. Em consequência dessa mútua hostilidade primária dos seres humanos, a sociedade civilizada se vê permanentemente ameaçada de desintegração.” (p.71).

“Evidentemente, não é fácil aos homens abandonar a satisfação dessa inclinação para a agressão. Sem ela, eles não se sentem confortáveis. A vantagem que um grupo cultural, comparativamente pequeno, oferece, concedendo a esse instinto um escondouro sob a forma de hostilidade contra intrusos, não é nada desprezível. É sempre possível unir um considerável número de pessoas no amor, enquanto sobrarem outras pessoas para receberem as manifestações de sua agressividade.” (p.72).

“Se a civilização impõe sacrifícios tão grandes, não apenas à sexualidade do homem, mas também à sua agressividade, podemos compreender melhor porque lhe é difícil ser feliz nessa



civilização. Na realidade, o homem primitivo se achava em situação melhor, sem conhecer restrições de instinto. Em contrapartida, suas perspectivas de desfrutar dessa felicidade, por qualquer período de tempo, eram muito ténues. O homem civilizado trocou uma parcela de suas possibilidades de felicidade por uma parcela de segurança. Não devemos esquecer, contudo, que na família primeva apenas o chefe desfrutava da liberdade instintiva; o resto vivia em opressão servil.” (p.73).

“Veremos, no entanto, que a coisa não é bem assim, e que se trata simplesmente de focalizar de modo mais nítido uma mudança de pensamento há muito tempo introduzida, seguindo- a até suas últimas consequências. De todas as partes lentamente desenvolvidas da teoria analítica, a teoria dos instintos foi a que mais penosa e cautelosamente progrediu. Contudo, essa teoria era tão indispensável a toda a estrutura, que algo tinha de ser colocado em seu lugar. No que constituía, a princípio, minha completa perplexidade, tomei como ponto de partida uma expressão do poeta-filósofo Schiller: ‘são a fome e o amor que movem o mundo’.” (p.74).

“A afirmação da existência de um instinto de morte ou de destruição deparou-se com resistências, inclusive em círculos analíticos; estou ciente de que existe, antes, uma inclinação freqüente a atribuir o que é perigoso e hostil no amor a uma bipolaridade original de sua própria natureza. A princípio, foi apenas experimentalmente que apresentei as opiniões aqui desenvolvidas, mas, com o decorrer do tempo, elas conseguiram tal poder sobre mim, que não posso mais pensar de outra maneira.” (p.75).

“Em vista dessas dificuldades, ser-nos-á mais aconselhável, nas ocasiões apropriadas, fazer uma profunda reverência à natureza profundamente moral da humanidade; isso nos ajudará a sermos populares e, por causa disso, muita coisa nos será perdoada. O nome ‘libido’ pode mais uma vez ser utilizado para denotar as manifestações do poder de Eros, a fim de distingui-las da energia do instinto de morte. Deve-se confessar que temos uma dificuldade muito maior em apreender esse instinto; podemos apenas suspeitá-lo, por assim dizer, como algo situado em segundo plano, por trás de Eros, fugindo à detecção, a menos que sua presença seja traída pelo fato de estar ligado a Eros.” (p.76).

“Outra questão nos interessa mais de perto. Quais os meios que a civilização utiliza para



inibir a agressividade que se lhe opõe, torná-la inócuia ou, talvez, livrar-se dela? Já nos familiarizamos com alguns desses métodos, mas ainda não com aquele que parece ser o mais importante. Podemos estudá-lo na história do desenvolvimento do indivíduo. O que acontece neste para tornar inofensivo seu desejo de agressão? Algo notável, que jamais teríamos adivinhado e que, não obstante, é bastante óbvio.” (p.77).

“Quanto à origem do sentimento de culpa, as opiniões do analista diferem das dos outros psicólogos, embora também ele não ache fácil descrevê-lo. Inicialmente, se perguntarmos como uma pessoa vem a ter sentimento de culpa, chegaremos a uma resposta indiscutível: uma pessoa sente-se culpada (os devotos diriam ‘pecadora’) quando fez algo que sabe ser ‘mau’. Reparamos, porém, em quanto pouco essa resposta nos diz.” (p.78).

“Nesse segundo estágio de desenvolvimento, a consciência apresenta uma peculiaridade que se achava ausente do primeiro e que não é mais fácil de explicar, pois quanto mais virtuoso um homem é, mais severo e desconfiado é o seu comportamento, de maneira que, em última análise, são precisamente as pessoas que levaram mais longe a santidade as que se censuram da pior pecaminosidade. Isso significa que a virtude perde direito a uma certa parte da recompensa prometida; o ego dócil e continente não desfruta da confiança de seu mentor, e é em vão que se esforça, segundo parece, por adquiri-la.” (p.79).

“Conhecemos, assim, duas origens do sentimento de culpa: uma que surge do medo de uma autoridade, e outra, posterior, que surge do medo do superego. A primeira insiste numa renúncia às satisfações instintivas; a segunda, ao mesmo tempo em que faz isso exige punição, de uma vez que a continuação dos desejos proibidos não pode ser escondida do superego. Aprendemos também o modo como a severidade do superego - as exigências da consciência - deve ser entendida.” (p.80).

“A contradição entre essa afirmativa e o que anteriormente dissemos sobre a gênese da consciência não é, na realidade, tão grande, e vemos uma maneira de reduzi-la ainda mais. A fim de facilitar nossa exposição, tomemos como exemplo o instinto agressivo e suponhamos que a renúncia em estudo seja sempre uma renúncia à agressão. (Isso, naturalmente, só deve ser tomado como uma suposição temporária.) O efeito da renúncia instintiva sobre a consciência, então, é que cada agressão de cuja satisfação o indivíduo desiste é assumida pelo superego e



aumenta a agressividade deste (contra o ego)." (p.81).

“Tudo isso é verdade, e temos de corrigir a omissão. Tampouco existe qualquer grande segredo quanto ao assunto. Quando se fica com um sentimento de culpa depois de ter praticado uma má ação, e por causa dela, o sentimento deveria, mais propriamente, ser chamado de remorso. Este se refere apenas a um ato que foi cometido, e, naturalmente, pressupõe que uma consciência - a presteza em se sentir culpado - já existia antes que o ato fosse praticado. Um remorso desse tipo, portanto, jamais pode ajudar-nos a descobrir a origem da consciência e do sentimento de culpa em geral.” (p.82).

“Mas, se o sentimento humano de culpa remonta à morte do pai primevo, trata-se, afinal de contas, de um caso de ‘remorso’. Por ventura não devemos supor que [nessa época] uma consciência e um sentimento de culpa, como pressupomos, já existiam antes daquele feito? Se não existiam, de onde então proveio o remorso? Não há dúvida de que esse caso nos explicaria o segredo do sentimento de culpa e poria fim às nossas dificuldades. E acredito que o faz. Esse remorso constituiu o resultado da ambivalência primordial de sentimentos para com o pai. Seus filhos o odiavam, mas também o amavam. Depois que o ódio foi satisfeito pelo ato de agressão, o amor veio para o primeiro plano, no remorso dos filhos pelo ato.” (p.83).

“Chegando ao fim de sua jornada, o autor se vê obrigado a pedir o perdão dos leitores por não ter sido um guia mais hábil e por não lhes ter pouparado as regiões mais ásperas da estrada e os desconfortáveis détours. Não há dúvida de que isso poderia ter sido feito de forma melhor. Tentarei, já findando o dia, proceder a algumas correções.” (p.84).

“Embora talvez não seja de grande importância, não é supérfluo elucidar o significado de certas palavras, tais como ‘superego’, ‘consciência’, ‘sentimento de culpa’, ‘necessidade de punição’ e ‘remorso’, as quais é possível que muitas vezes tenhamos utilizado de modo frrouxo e intercambiável. Todas se relacionam ao mesmo estado de coisas, mas denotam diferentes aspectos seus. O superego é um agente que foi por nós inferido e a consciência constitui uma função que, entre outras, atribuímos a esse agente. A função consiste em manter a vigilância sobre as ações e as intenções do ego e julgá-las, exercendo sua censura. O sentimento de culpa, a severidade do superego, é, portanto, o mesmo que a severidade da consciência. É a percepção



que o ego tem de estar sendo vigiado dessa maneira, a avaliação da tensão entre os seus próprios esforços e as exigências do superego.” (p.85).

“Tampouco fará mal que passemos mais uma vez em revista as contradições que nos confundiram durante algum tempo, no correr de nossa investigação. Assim, em determinado ponto, o sentimento de culpa era a consequência dos atos de agressão de que alguém se abstivera; em outro, porém - exatamente em seu começo histórico, a morte do pai -, constituía a consequência de um ato de agressão que fora executado, ver [[1]]. Encontrou-se uma saída para essa dificuldade, pois a instituição da autoridade interna, o superego, alterou radicalmente a situação.” (p.86).

“Sinto-me tentado a extrair uma primeira vantagem dessa visão mais restrita do caso, aplicando-a ao processo da repressão. Conforme aprendemos, os sintomas neuróticos são, em sua essência, satisfações substitutivas para desejos sexuais não realizados. No decorrer de nosso trabalho analítico, descobrimos, para nossa surpresa, que talvez toda neurose oculte uma quota de sentimento inconsciente de culpa, o qual, por sua vez, fortifica os sintomas, fazendo uso deles como punição. Agora parece plausível formular a seguinte proposição: quando uma tendência instintiva experimenta a repressão, seus elementos libidinais são transformados em sintomas e seus componentes agressivos em sentimento de culpa. Mesmo que essa proposição não passe de uma aproximação mediana à verdade, é digna de nosso interesse.” (p.87).

“Em vista de sua excepcional importância, não devemos adiar mais a menção de determinado aspecto que estabelece a distinção entre os dois processos. No processo de desenvolvimento do indivíduo, o programa do princípio do prazer, que consiste em encontrar a satisfação da felicidade, é mantido como objetivo principal. A integração numa comunidade humana, ou a adaptação a ela, aparece como uma condição difficilmente evitável, que tem de ser preenchida antes que esse objetivo de felicidade possa ser alcançado. Talvez fosse preferível que isso pudesse ser feito sem essa condição.” (p.88).

“A analogia entre o processo civilizatório e o caminho do desenvolvimento individual é passível de ser ampliada sob um aspecto importante. Pode-se afirmar que também a comunidade desenvolve um superego sob cuja influência se produz a evolução cultural. Constituiria tarefa tentadora para todo aquele que tenha um conhecimento das civilizações humanas, acompanhar



**Serviço Público Federal  
Ministério da Educação  
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Campus de Paranaíba - Curso de Psicologia**

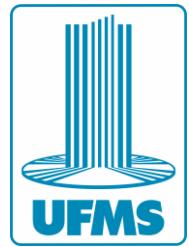


pormenorizadamente essa analogia.” (p.89).

“Creio que a linha de pensamento que procura descobrir nos fenômenos de desenvolvimento cultural o papel desempenhado por um superego promete ainda outras descobertas. Apresso-me a chegar ao fim, mas há uma questão a que dificilmente posso fugir. Se o desenvolvimento da civilização possui uma semelhança de tão grande alcance com o desenvolvimento do indivíduo, e se emprega os mesmos métodos, não temos nós justificativa em diagnosticar que, sob a influência de premências culturais, algumas civilizações, ou algumas épocas da civilização - possivelmente a totalidade da humanidade - se tornaram ‘neuróticas’? Uma dissecação analítica de tais neuroses poderia levar a recomendações terapêuticas passíveis de reivindicarem um grande interesse prático.” (p.91).



**Serviço Público Federal**  
**Ministério da Educação**  
**Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul**  
**Campus de Paranaíba - Curso de Psicologia**





## **ATIVIDADES ORIENTADAS DE ENSINO**

### **TEMA 2**

#### **FICHAMENTO 1**

**Discente:** Estefani Gabrieli Alves de Souza

**Orientadora:** Camila Bellini Colussi Macedo

SEGAL, Hanna. Capítulos I a V. In: SEGAL, Hanna. **Introdução à obra de Melanie Klein.** Coleção Psicologia Psicanalítica. Rio de Janeiro: Imago, 1973.

“Este livro tem como base uma série de aulas ministradas, no correr de vários anos, no Instituto de Psicanálise de Londres. Solicitada várias vezes pelos estudantes a lhes fornecer cópias de minhas notas de aulas, concluí que poderia ser útil e apresentá-las em livro.” (p.8).

“[...] A ordem dos capítulos é a mesma adotada para as aulas. De certa forma, o desenvolvimento da teoria psicanalítica ocorre de modo inverso ao desenvolvimento do indivíduo. O estudo de neuróticos adultos levou Freud, primeiramente, a descobertas sobre a infância e, depois, sobre a tenra infância; [...]” (p.9).

“De modo análogo, Melanie Klein, em seu trabalho com crianças, foi levada a descobrir que tanto o complexo de Édipo como o superego já estão bastante evidentes numa idade muito mais remota do que se presumia; explorações posteriores levaram-na às raízes primitivas de complexo de Édipo, às suas formulações sobre a posição depressiva e, por fim, sobre a posição esquizo-paranóide. [...]” (p.10)

“[...] O início da posição depressiva é marcado pelo reconhecimento da mãe como uma pessoa total; caracteriza-se pelo relacionamento com objetos totais e pela prevalência da integração, ambivalência, ansiedade depressiva e culpa [...]” (p.11).

“Nos estádios posteriores, pode-se lidar com os problemas surgidos - como por exemplo o complexo de Édipo - dentro de um padrão esquizo-paranóide ou de um padrão depressivo de relacionamentos,



ansiedades e defesas, sendo que as defesas neuróticas podem ser desenvolvidas por uma personalidade esquizo-paranóide ou maníaco-depressiva. [...]” (p.11).

“[...] no caso da análise de crianças a nova ferramenta foi a técnica de brincar (play technique). Inspirando-se nas observações de Freud (1920) quanto ao brincar da criança com o carretel, Melanie Klein viu que o brincar da criança, poderia representar simbolicamente suas ansiedades e fantasias. [...]” (p.13)

“Seguido a simbolização e a repetição da criança, na transferência, de relações de objeto e ansiedades mais primitivas, ela foi levada a ver que as relações de objeto da criança se prolongaram pelo passado, exatamente até uma relação com objetos parciais, tais como o seio e o pênis, precedendo a relação com os pais como pessoas totais. [...] (p.14).

“Logo, e parcialmente sob o impacto da frustração e da ansiedade no relacionamento com o seio, os desejos e as fantasias da criança se estendem a todo o corpo de sua mãe. O corpo da mãe é fantasiado como contendo todas as riquezas, inclusive novos bebês e o pênis do pai.”. (p.15).

“A criança volta para o corpo de sua mãe todos os seus desejos libidinais, mas por causa da frustração, inveja e ódio, também toda a sua destrutividade. Esses desejos também envolvem objetos fantasiados dentro do corpo da mãe, e em relação a eles a criança também tem desejos libidinais vorazes e fantasias de escavá-los e devorá-los, ou, por causa de seu ódio, inveja, fantasias agressivas [...]” (p.16).

“Quanto mais sádicas são suas fantasias referentes aos pais e quanto mais terrificantes, portanto, as imagens deles, mais a criança se sente compelida a manter esses sentimentos distantes de seus pais bons. Contudo, a introjeção de figuras más não pode ser evitada. Assim, nos estádios primitivos de desenvolvimento, a criança introjetar tanto os bons seios, pênis, corpo da mãe e casal de pais, quanto os maus. [...]. (p.17).

“As investigações de Melanie Klein dos estádios primitivos do complexo de Édipo levaram-na a discordar, em alguns importantes aspectos, das formulações de Freud sobre a sexualidade feminina e, em particular, sobre a importância do estádio fálico. [...]” (p.18).



“Em relação ao complexo de Édipo do menino houve também uma certa mudança de ênfase. A relação primitiva com o seio da mãe e as fantasias sobre o seu corpo, segundo Melanie Klein, desempenham significativo papel no desenvolvimento do Complexo de édipo tanto no menino quanto da menina” (p.19).

“Melanie Klein obteve acesso à compreensão da estrutura interna da criança seguindo a transferência e o simbolismo do brincar desta. Essa compreensão do brincar da criança como sendo a simbolização de suas fantasias levou-a a se dar conta de que não apenas o brincar mas todas as atividades da criança – mesmo a mais realisticamente orientada –, simultaneamente com sua função de realidade, serviram para expressar, conter e canalizar a fantasia inconsciente da criança através de meios de simbolização.” (p.20).

“Na obra de Melanie Klein, o conceito freudiano de fantasia inconsciente recebeu maior peso e foi bastante ampliado. As fantasias inconscientes são, em todos os indivíduos, ubíquas e sempre ativas. Isto é, sua presença não é mais indicativa de doença ou falta de sentido de realidade do que a presença do complexo de Édipo. [...]” (p.22).

“A ação de um instinto, sob esse ponto de vista, é expressa e representada na vida mental pela fantasia da satisfação desse instinto por um objeto apropriado. Visto que os instintos agem a partir do nascimento, pode-se presumir que alguma grosseira vida de fantasia existia a partir do nascimento.” (p.24).

“Em casos mais sofisticados, é possível ver como, ainda que a realidade possa ser percebida e observada com acuidade, as fantasias inconscientes podem determinar o tipo de sequencia causal atribuída aos acontecimentos [...]” (p.25).

“Esse aspecto do inter-relacionamento entre fantasia inconsciente e realidade externa verdadeira é muito importante quando se tenta avaliar a importância comparativa do ambiente no desenvolvimento da criança. [...]” (p.2).



“A consideração do uso da fantasia inconsciente como uma defesa levanta o problema do estabelecimento de qual é sua exata relação com os mecanismos de defesa. Em resumo, a distinção reside na diferença entre o processo verdadeiro e sua representação mental específica e detalhada. [...]” (p.27).

“[...] A negação do sentimento persecutório em relação a sua analista era experimentada como um corte do vínculo entre os dois seios, o bom e o mau. Após essa sessão, a divisão (splitting) e a negação diminuíram consideravelmente e ele se tornou capaz de comparecer à análise com certa regularidade. (p.28).

“Quando consideramos o relacionamento entre fantasia e os mecanismos de introjeção e projeção, podemos começar a lançar alguma luz sobre a complexa relação entre fantasia inconsciente, mecanismos e estrutura mental. [...]” (p.30).

“O sonho que se segue, apresentado por um paciente na primeira semana de sua análise, ilustra a relação entre fantasia inconsciente, realidade, mecanismos de defesa e estrutura do ego. É certo que esse paciente nunca lera qualquer literatura analítica e nunca ouvira falar desses conceitos [...]” (p.31).

“[...] A estrutura de sua personalidade também está claramente representada pelas três camadas: os instintos empurrando para cima, o superego pressionado de cima para baixo e seu sentimento de que seu ego está sendo esmagado e restringido entre os dois. [...]” (p.32).

“[...] essas duas atividades mentais têm um importante ponto em comum. Ambas capacitam o ego a sustentar a tensão sem uma descarga motora imediata. O bebê capaz de sustentar uma fantasia não é impulsionado a descarregar “como um meio de aliviar o aparelho mental de acréscimos de estímulos” [...]” (p.33).

“O princípio de realidade, como sabemos, é apenas o princípio de prazer modificado pelo teste da realidade. [...]” (p.33).



“Segundo Melanie Klein, no nascimento já existe algo suficiente para experimentar ansiedade, usar mecanismos de defesa e formar relações de objeto primitivas na fantasia e na realidade. Esse ponto de vista não está inteiramente em discordância com o de Freud.” (p.33).

“Ao mesmo tempo, é estabelecida uma relação com o objeto ideal. Assim como o instinto de morte é projetado para fora, a fim de evitar a ansiedade despertada por contê-lo, assim também a libido é projetada, a fim de criar um objeto que irá satisfazer o esforço instintivo do ego pela preservação. [...]” (p.37).

“Contra a esmagadora ansiedade de aniquilação, o ego desenvolve uma série de mecanismos de defesa, sendo provavelmente o primeiro um uso defensivo da introjeção e da projeção. Vimos que, tanto como expressão de instintos quanto como medida de defesa, o ego esforça-se para introjetar o bom e para projetar o mau [...]” (p.38).

“A partir da projeção original do instinto de morte desenvolve-se outro mecanismo de defesa extremamente importante nessa fase do desenvolvimento, ou seja, a identificação projetiva [...] (p.39).”

“Desde que se livrara de sua própria parte má, podia sentir que era boa, a boa menina que oferecia uma flor a sua analista, quando, na realidade, estava prejudicando-a dissimuladamente. A “raposa esquiva”, que ninguém podia ver, se tornava também um símbolo de sua hipocrisia.” (p.41).

“Vários mecanismos de defesa são usados para proteger o bebê, primeiramente, de experimentar o medo da morte a partir de dentro, e, depois, de perseguidores, internos ou externos, quando o instinto de morte é defletido. Contudo, todos, por sua vez, produzem ansiedades próprias. Por exemplo, a projeção para fora de sentimentos maus e de partes más do eu (self) produz perseguição externa. A reintrojeção de perseguidores dá origem a ansiedade hipocondriaca. À projeção para fora de partes boas produz a ansiedade de ser esvaziado de bondade e de ser invadido por perseguidores. A identificação projetiva produz várias ansiedades. As duas mais importantes são as seguintes: o medo de que um objeto atacado retalhe igualmente por projeção; a ansiedade de ter partes de si mesmo aprisionadas e controladas pelo objeto no qual foram projetadas. Essa última ansiedade é



particularmente forte quando foram projetadas partes boas do eu (self), produzindo um sentimento de ter sido roubado dessas partes boas e de ser controlado por outros objetos.” (p.42).

“No sonho, seu apartamento e o escritório contíguo eram invadidos por grupos de fumantes. Estes fumavam e bebiam por toda parte, deixando tudo desarrumado; queriam sua companhia e o solicitavam constantemente. De repente, no sonho, ele tomou conhecimento de que havia um cliente em sua sala de espera, para o qual havia marcado hora, e se deu conta de que não poderia receber esse cliente por causa dos fumantes que haviam invadido seu apartamento. Irritado e desesperado, começou a enxotar os fumantes e a expulsá-los, de modo que pudesse atender seu cliente na hora marcada.” (p.43).

“Contudo, em suas associações, apesar de auténticas, havia uma omissão obvia: ndo se referiu ao fato de que eu fumava muito, apesar de isso ter surgido frequentemente em sua análise, com os fumantes tendo-me representado muitas vezes, no passado, como uma perigosa mulher fálica.” (p.44).

“Esse sonho mostra uma série de mecanismos esquizóides; a divisão (splitting) do objeto e do eu (self) numa parte boa e numa parte má; a idealização do objeto bom e a divisão (splitting) da parte má do eu (self) em pequenos fragmentos; a projeção das partes más no objeto com o sentimento resultante de ser perseguido por uma grande quantidade de objetos maus. O método de projetar partes más do eu (self) dividido (split) em vários fragmentos, típico de defesas esquizóides, era característico do paciente.” (p.45).

“Descrevendo a posição esquizo-paranóide, dei ênfase às ansiedades e as defesas a elas associadas. Isso poderia fornecer uma visão enganadora dos primeiros meses do bebê. Deve ser lembrado que um bebê não passa a maior parte de seu tempo em estado de ansiedade. Ao contrário, em circunstâncias favoráveis, passa a maior parte de seu tempo dormindo, alimentando-se, experimentando prazeres reais ou alucinatórios e, assim, assimilando gradualmente seu objeto ideal e integrando seu ego. Todos os bebês, porém, têm períodos de ansiedade, e as ansiedades e defesas que constituem o núcleo da posição esquizo-paranóide são parte normal do desenvolvimento humano.” (p.46).



“Uma das realizações da posição esquizo-paranóide é a divisão (splitting). É ela que permite ao ego emergir do caos e ordenar suas experiências. No início, essa ordenação da experiência, que ocorre com o processo de divisão (splitting) em um objeto bom e um mau, pode ser excessiva e extrema; ordena, contudo, o universo das impressões emocionais e sensoriais da criança, e constitui uma precondição da integração posterior. Trata-se da base do que mais tarde se torna a faculdade de discriminação, cuja origem é a diferenciação primitiva entre bom e mau. Há outros aspectos da divisão (splitting) que permanecem e que são importantes na vida madura, Por exemplo, a capacidade de prestar atenção e de suspender a própria emoção a fim de formar um juízo intelectual não seriam alcançadas sem a capacidade de divisão (splitting) temporária reversível. (p.47).

“Antes de tudo, trata-se da forma mais primitiva de empatia, e é sobre a identificação projetiva, bem como sobre a identificação introjetiva, que se baseia na capacidade de “colocar-se no lugar do outro”. A identificação projetiva também fornece a base da forma mais primitiva de formação simbólica. Pela projeção de partes de si mesmo no objeto e pela identificação de partes do objeto com partes do eu (self), o ego forma seus primeiros e mais primitivos símbolos. (p.48)”

“[...] O medo dos perseguidores diminui, assim como diminui a divisão (split) entre objetos perseguidores e ideais. Permite-se a aproximação dos objetos perseguidores e ideais, que assim ficam mais bem preparados para a integração. Simultaneamente, a divisão (splitting) no ego diminui, quando este se sente mais forte, com maior fluxo de libido. Ele está mais estreitamente relacionado com um objeto ideal, e menos temeroso de sua própria agressividade e da ansiedade que esta desperta; torna-se possível a aproximação das partes boas e más do ego. Ao mesmo tempo que a divisão (splitting) diminui e que o ego adquire maior tolerância em relação a sua própria agressividade, a necessidade de proteção diminui e o ego se torna cada vez mais capaz de tolerar sua própria agressividade, de sentir:la como parte de si mesmo, não sendo impulsionado a projetá-la em seus objetos. Desse modo, o ego se prepara para integrar seus objetos, para se integrar; através da diminuição de mecanismos projetivos, há uma diferenciação crescente entre o que é eu (self) e o que é objeto. Assim, prepara-se o caminho para a posição depressiva. Contudo, a situação é muito diferente se há predominância de experiências más sobre experiências boas, situação que descrevemos ao tratar da psicopatologia da posição esquizo-paranóide.” (p.49).



“Melanie Klein descreve a inveja primitiva com um desses fatores, atuando a partir do nascimento e afetando substancialmente as mais primitivas experiências do bebê. A inveja, naturalmente, há muito tempo vem sendo reconhecida na teoria e na prática psicanalíticas como emoção de grande importância. Freud, em especial, deu grande atenção à inveja do pênis nas mulheres. [...]” (p.51)

“Melanie Klein, em *Inveja e Gratidão*, estabelece uma adequada distinção entre as emoções de inveja e de ciúme. Considera a inveja como sendo a mais primitiva das duas, mostrando que é uma das emoções mais primitivas e fundamentais. [...]” (p.51).

“A voracidade visa à posse de toda a bondade que possa ser extraída do objeto, sem qualquer consideração das consequências; isso pode resultar na destruição do objeto e na danificação de sua bondade, mas a destruição é incidental à aquisição desapiedada. A inveja visa a que se seja tão bom quanto o objeto; mas, quando isso é sentido como impossível, visa a danificar a bondade do objeto, para remover a fonte de sentimentos invejosos. [...]” (p.52).

“Se a inveja primitiva é muito intensa, interfere na ação normal dos mecanismos esquizóides. O processo de divisão (splitting) em um objeto ideal e outro perseguidor, tão importante na posição esquizo-paranóide, não pode ser mantido, tendo-se em vista que é o objeto ideal que dá origem à inveja e que é atacado e danificado. Isso conduz a confusão entre o bom e o mau, interferindo na divisão (splitting). [...]” (p.53).

“No primeiro ano de sua análise, sonhou que punha no porta-malas de seu pequeno carro ferramentas que pertenciam a meu carro (maior do que o dele); quando, porém, chegou a seu destino e abriu o porta-malas, todas as ferramentas estavam despedaçadas. Esse sonho simboliza seu tipo de homossexualidade; queria tomar o pênis paterno em seu ânus e roubá-lo, mas, nesse processo, seu ódio do pênis, mesmo quando introjetado: era tal, que ele o despedagaria e seria incapaz de fazer uso dele. [...]” (p.54).

“Todos esses problemas atingiram seu ponto culminante quando, depois de vários anos de análise e de considerável melhora, ele teve, pela primeira vez, de apresentar a seus colegas alguns resultados de sua pesquisa de laboratório. Em sua mente, isso era um acontecimento de abalar o mundo. [...]” (p.55).



“Como a inveja forte em relação ao objeto primário dá origem a sofrimento e falta de esperança tão agudos, poderosas defesas são mobilizadas contra ela. A danificação, que descrevi como objetivo da inveja, é parcialmente uma defesa contra ela, já que um objeto danificado suscita inveja. Pode ser reduzida para desvalorizar, a fim de proteger o objeto de danificação total, simplesmente diminuindo seu valor. Essa danificação ou desvalorização está geralmente em conexão com a poderosa projeção, no objeto, de sentimentos invejosos.” (p.57).

“A idealização, porém, estava sujeita a uma condição essencial: o objeto ideal tinha de ser sentido não apenas como possuído, mas também como criado por ele mesmo. Basicamente, o único objeto ideal era um seio interno que ele sentia ter sido originalmente criado por ele. Essa fantasia, em especial, explicava a excessiva duração de todos os seus tratamentos psiquiátricos. Ele precisava de um objeto externo que o mantivesse inteira e ininterruptamente gratificado; sob essas condições, ele podia fantasiar que ele mesmo era a fonte de alimento, e o objeto externo podia ser completamente negado ou depreciado. [...]” (p.58).

“A inveja do pênis era predominante em sua análise e se vinculava a rivalidades triangulares; ela competia com seu pai e com seu irmão mais velho pelo amor da mãe. Essa inveja do pênis era também aumentada por seus fortes impulsos reparadores em relagdo a figuras de irmã, os quais levavam a um padrão homossexual latente. As idéias de rivalidade com sua mãe eram sempre a parte mais difícil de sua análise; embora admirasse e desejasse seu pai, a rivalidade com sua mãe era geralmente deslocada para figuras de irmã ou de irmão [...]” (p.59-60).

“No dia seguinte, a paciente relatou este sonho: tinha uma excrescência em sua cabeça; parecia uma doença de pele, mas com aspecto bastante repulsivo. Podia ter sido uma excrescência cancerosa, embora no sonho ela não estivesse alarmada, mas em parte enojada e em parte preocupada. Observou, em especial, que essa excrescência ficava ao lado de sua verruga, e pareceu surpresa. No sonho, pensou o seguinte: “E a verruguinha também”, como se esperasse que a excrescência se tivesse desenvolvido a partir da verruga, ou a tivesse substituído, mas não que sofresse de ambas. Mostrou essa excrescência a seu marido como se quisesse demonstrar-lhe alguma coisa. Não estava certa se isso era uma confissão ou um pedido de tranquilização ou ajuda.” (p.61).



“Seu sucesso tinha de ser moderado, pois se sentia muito culpada por tê-lo e muito temerosa de sua inveja projetada; não podia, em especial, permitir-se criatividade em seu trabalho, que representava para ela competindo com sua mãe pelos atributos criativos femininos, uma competição em que, se fosse bem sucedida, projetaria em sua mãe uma inveja avassaladora. A inveja era, com efeito, “a verruga em seu cérebro”, interferindo em toda criatividade. A própria verruga secou e caiu alguns dias depois da análise do sonho. Como a inveja de mim surgiu completamente no primeiro plano da análise, era possível ver que os baldes danificados também representavam sua análise esvaziada, na qual podia permitir-se apenas um sucesso bastante moderado, tanto para mim quanto para ela mesma, como um modo de impedir inveja em ambas.” (p.63-64).

“A psicopatologia da fase mais primitiva do desenvolvimento é, de modo nada surpreendente, o mais obscuro e difícil problema na pesquisa psicanalítica. Trata-se da fase de desenvolvimento mais distante no tempo do momento em que vemos nossos pacientes, quando suas experiências mais primitivas já se modificaram, se deformaram e se confundiram com as posteriores. [...]” (p.66).

“No desenvolvimento normal, o bebê projeta no seio e na mãe parte do eu (*self*) e objetos internos. Essas partes projetadas permanecem relativamente inalteradas no processo de projeção; quando ocorre a subsequente reintrojeção, elas podem ser reintegradas no ego. Além disso, essas partes projetadas seguem certas linhas de demarcação psicológica e fisiológica. Por exemplo, o “mau” pode ser projetado, ou o “bom”, ou certos órgãos de percepção como a vista ou a audição, ou ainda impulsos sexuais. A “raposa esquiva”, no material da criança apresentado no capítulo sobre a posição esquizo-paranóide, constitui exemplo desse tipo de projeção. [...]” (p.67).

“Segundo minha experiência, alguns pacientes tentam salvar uma parte expelida (split-off) do objeto e o que permanece do ego, tentando expelir (split-off) e isolar esses “objetos bizarros” em uma espécie de “terceira área”. Por exemplo, um paciente esquizóide marginal disse o seguinte: “Não posso entrar em contacto com a senhora. Aqui está minha cabeça no travesseiro e aí está a senhora em sua poltrona. Mas entre a ponta da minha cabeça e a senhora nada existe a não ser uma horrível mistura sangrenta.” (p.68).

“O ataque à realidade por identificação projetiva está em conexão com outro processo característico da posição esquizoparanóide, também descrito por Bion, ou seja, os ataques aos vínculos: qualquer



fundo ou órgão que o bebê perceba que vincule objetos uns aos outros é violentamente atacado. Assim, a própria boca do bebê e o mamilo são destruídos, de uma vez que constituem um vínculo entre o bebê e o seio.” (p.69).

“O paciente que se queixava da “mistura” passou por uma fase de agudos sentimentos persecutórios em relação a sua esposa. Suspeitava, em particular, de que ela estragava intencionalmente sua comida e, vez ou outra, de que realmente o envenenava, Suspeitava também de que ela fosse perigosamente ambivalente e de que inclusive tivesse impulsos assassinos em relação a filhinha deles. Frequentemente, ele me acusava de tomar o partido de sua esposa, e gradualmente suas suspeitas vieram de modo mais completo para a transferência. [...]” (p.70).

“Logo que o paciente tomava conhecimento de sua própria destrutividade, tinha de projetar para fora sua parte boa, para que não fosse subjugada pela parte má num conflito interno. Assim, ele estabeleceu sua esposa e eu, que representamos sua mãe, como os objetos ideais que continham todas as suas próprias partes boas, deixando-o inteiramente mau e esvaziado. Essa configuração correspondia a várias situações em que o paciente deixava para mim, na transferência, ou para sua esposa, em casa, todo o trabalho que tinha de ser feito. Contudo, essa idealização era muito precária. [...]” (p.71).

“As pessoas com as quais tinha relações estavam divididas em duas categorias. As pessoas da primeira categoria eram sentidas como sendo dependentes dela. Sentia-se responsável por elas, preocupada com elas e culpada se as negligenciava, Todas eram sentidas como estando à beira de um “colapso” mental. Essas pessoas eram continentes de seu próprio “colapso” projetado. [...]” (p.72).

“Durante algum tempo, a paciente mostrou-se bastante resistente às interpretações transferenciais, até que um dia relatou que tivera um sonho. Esse sonho era a respeito de um urinol que não podia ser usado porque estava coberto com uma capa de chita — situação que, no sonho, a lançou em estado de desespero e de raiva. Ela associou o sonho com o fato de que, na tarde anterior, me telefonara sobre uma mudança de sessão, tendo-me achado seca e brusca ao telefone. [...]” (p.73).

“A paciente era uma moça de dezesseis anos, com uma longa história de esquizofrenia. Veio de uma pequena cidade, X, para Londres logo depois que seu pai se suicidara. Não haviam contado à paciente



que se tratara de suicídio, e supunha-se que ela não sabia. Quando sua mãe falou com ela sobre os arranjos para seu tratamento, ela perguntou apenas se a analista era casada e se tinha filhos. [...]” (p.74).

“Nessa última sequência, a paciente mostra bastante claramente seus sentimentos em relação a seu mundo interno. Ela se sente dividida (*split*): há uma parte de si mesma, como o castelo, cheia de riquezas — seus objetivos ideais e suas maravilhosas qualidades —, e outra parte pobre e cheia de bichos. Sente que incorporou as coisas boas voraz e invejosamente e que, ao fazer isso, sente que privou as pessoas de toda bondade. Elas se tornaram vazias e más, transformadas em bichos que a perseguem. Sente-se invadida pelos bichos (a doença do início da sessão) e exilada do castelo de seus sonhos; em seu mundo interno, ela tem de viver em sua própria parte expelida (*splitoff*) e esvaziada — a pequena casa —, desprovida de sentimento, de sensação e de qualquer experiência, exceto a da pobreza e a da perseguição. [...]” (p.78).



## ATIVIDADES ORIENTADAS DE ENSINO

### TEMA 2

#### FICHAMENTO 2

**Discente:** Estefani Gabrieli Alves de Souza

**Orientadora:** Camila Bellini Colussi Macedo

SEGAL, Hanna. Capítulos VI a X. In: SEGAL, Hanna. **Introdução à obra de Melanie Klein.** Coleção Psicologia Psicanalítica. Rio de Janeiro: Imago, 1973.

“Ao descrever a posição esquizo-paranóide, tentei mostrar como um manejo bem sucedido das ansiedades experimentá-las nos primeiros meses do desenvolvimento do bebé leva a uma organização gradual de seu universo. À medida que os processos de divisão (splitting), projeção e introjeção ajudam a organizar suas percepções e emoções, e a separar as boas das más, o bebê se sente confrontado com um objeto ideal — que ele ama, tem adquirir e conservar, e com o qual tenta identificar-se — e com um objeto mau, no qual projetou seus impulsos agressivos e que é sentido como uma ameaça do próprio bebê e a seu objeto ideal.” (p.80).

“Com essa alteração na percepção do objeto, há uma mudança fundamental no ego, porque, assim como a mãe se torna um objeto total, o ego do bebê se torna um ego total, e é cada vez menos dividido (split) em seus componentes bons e maus. A integração do ego e do objeto ocorre simultaneamente, A diminuição de processos projetivos e a maior integração do ego significam que a percepção de objetos é menos deformada, de modo que os objetos maus e ideais se aproximam. [...]” (p.81).

“Na posição depressiva, os processos introjetivos são intensificados. Isso é devido em parte à diminuição dos mecanismos projetivos e em parte à descoberta feita pelo bebê de sua dependência em relação a seu objeto, que agora ele percebe como sendo independente e com possibilidades de se afastar. Isso aumenta sua necessidade de possuir esse objeto, de mantê-lo dentro e, se possível, de protegê-lo de sua própria destrutividade. A posição depressiva tem início na fase oral do desenvolvimento, quando o amor e a necessidade levam a devorar. [...]” (p.82).



“Vejamos agora um sonho típico, tido por uma paciente que se sentia ameaçada por uma experiência de desespero depressivo. Tratava-se de uma paciente maníaco-depressiva, e, na ocasião do sonho, ela estava num intervalo relativamente isento tanto de depressão quanto de mania. No dia anterior ao sonho, ficara claro que a continuação de sua análise estava ameaçada por dificuldades financeiras, e ela me perguntou se eu continuaria o tratamento caso não pudesse pagar por algum tempo. Como suas dificuldades no mundo externo pareciam bastante reais, dei-lhe alguma indicação de que não pensava em terminar seu tratamento naquele ponto.” (p.83).

“A experiência de depressão mobiliza no bebê o desejo de reparar seu objeto ou seus objetos destruídos. Anseia por compensar o dano que infligiu a eles em sua fantasia onipotente, por restaurar e recuperar seus objetos amados perdidos, e por lhes dar de volta vida e integridade. Acreditando que seus próprios ataques destrutivos foram responsáveis pela destruição do objeto, acredita também que seu próprio amor e seu próprio cuidado podem desfazer os efeitos de sua agressividade. O conflito depressivo é uma luta constante entre a destrutividade do bebé e seu amor e impulsos reparadores, o fracasso na reparação leva ao desespero; seu sucesso, a esperança renovada.” (p. 85).

“Ao mesmo tempo, durante o desenvolvimento e a elaboração da posição depressiva, há um fortalecimento do ego pelo crescimento e pela assimilação de objetos bons, os quais são introjetados no ego e também no superego.” (p.86).

“A medida que os objetos ideal e perseguidor se aproximam na posição depressiva, o superego se torna mais integrado e é experimentado como um objeto interno total, ambivalentemente amado. Os danos a esse objeto dão origem a sentimentos de culpa e de auto-reprovação. Nas fases primitivas da posição depressiva, o superego ainda é sentido como muito severo e perseguidor (o iceberg com dentes no sonho da paciente intensamente deprimida), mas, à medida que se estabelece mais plenamente a relação de objeto total, o superego perde alguns de seus aspectos monstruosos e se aproxima mais da imagem de pais bons e amados. [...]” (p.87).

“Nesse ponto, pode-se ver a gênese da formação simbólica. A fim de poupar o objeto, o bebé em parte inibe seus instintos e em parte os desloca ou os substitui — o início da formação simbólica. Os processos de sublimação e de formação simbólica estão estreitamente vinculados; ambos são produto de conflitos e ansiedades pertinentes à posição depressiva.” (p.88).



“À medida que o bebê passa por repetidas experiências de luto e reparação, perda e recuperação, seu ego se torna enriquecido pelos objetos que ele teve de recriar dentro de si mesmo e que se tornam parte dele. Sua confiança em sua capacidade de reter ou recuperar objetos bons aumenta, bem como sua crença em seu próprio amor e potencialidades [...]” (p.89).

“Interpretei o relógio como representando principalmente seu sentido de realidade; ela sentia, essencialmente, que eu era a mãe com o seio redondo representado pelo relógio, e que ela própria era o bebê. Interpretei também que meu feriado era sentido por ela como a longa noite durante a qual ela tinha de ficar sozinha, enquanto eu ou a mãe — estava longe com o pai.” (p.91).

“O que chama atenção nesse material é o modo como os vários aspectos de integração estavam em tão estreita conexão, e o modo como essa integração se acompanhava de progresso em seu sentido de realidade. A interpretação de sua identificação projetiva capacitou a criança a recuperar sua própria parte de bebê que sofria privação. Tornando-se novamente um bebê, ela experimentou a divisão (splitting) do seio (o relógio amarelo e o azul). Minha interpretação da divisão (splitting) fez com que ela se desse conta de sua própria agressividade, e o seio se tornou integrado (os três relógios ligados pelo barbante). [...]” (p.92).

“São intoleráveis as experiências de depressão recorrente e, mesmo, desespero com que o bebê se defronta quando sente que arruinou completa e irremediavelmente sua mãe e o seio dela; o ego usa todas as defesas à sua disposição contra esse estado. Essas defesas pertencem a duas categorias — reparação e defesas maníacas. Quando se pode lidar com as ansiedades depressivas através da mobilização de desejos reparadores, elas levam a um maior crescimento do ego.” (p.95).

“A relação maníaca com objetos é caracterizada por uma tríade de sentimentos — controle, triunfo e desprezo. Esses sentimentos estão diretamente relacionados com sentimentos depressivos de valorizar o objeto e de depender dele, bem como de medo de perder e culpa, sendo também defensivos contra eles. O controle é um modo de negar a dependência, de não reconhecê-la e, contudo, de compelir o objeto a preencher uma necessidade de dependência, visto que um objeto, que é totalmente controlado, é, até certo ponto, um objeto com o qual se pode contar. [...]” (p.96).



“Pensou então que o fato de elas serem tão pequenas devia significar que representavam uma prima, muitos anos mais nova do que ele, com a qual tivera brincadeiras sexuais na infância. Interpretei que, em sua fantasia, ele atribuía o seio de sua mãe à menina, de modo a se proteger contra uma experiência de dependência, com a ameaça de perda que esta implicava. Se atribuísse os seios à menina, poderia possuí-los, controlá-los, puni-los, triunfar sobre eles, e seria capaz de usa-los sem nunca ter de experimentar sua dependência deles.” (p.98).

“O paciente estabeleceu um elo entre os dois sonhos e se deu conta de que devia ser ele mesmo quem comia carne humana. Devia ter comido seu patrão, que representava seu pai, e assim chegara a sentar-se na cadeira do patrão, sentindo-se tão estranhamente grande e pesado. Esses sonhos ilustram o que Freud quis dizer com “festa maníaca”. O objeto é devorado e faz-se a identificação com ele, sem que sejam experimentadas nem perda nem culpa. No primeiro sonho, o paciente lidou claramente com a culpa através da projeção.” (p.99).

“As primeiras associações do paciente diziam respeito aos dois homens que se queixavam. Um era autor de comédias e escrevia farsas terrivelmente engraçadas; nesse ponto, o paciente interrompeu-se para rir novamente, lembrando-se dessas farsas engraçadas. O escritor sofria de depressões periódicas bastante intensas, mas isso não tinha muita importância porque quando ocorriam ele fazia um pouco de E.C.T. (eletroconvulsoterapia), e então ficava logo bom. O outro homem que se queixava era um cirurgião, um ginecologista contra quem o paciente fora prevenido por um amigo, que o descreveram como “um verdadeiro açougueiro”. O próprio paciente estabeleceu um vínculo entre essa associação e o sonho anterior, em que havia pessoas com facas de açougueiro.” (p.100).

“O paciente estabeleceu conexão entre o macaco e eu, e entre o gatinho (kitten) e sua namorada, chamada Kitty, a qual muitas vezes competia comigo dando-lhe suas próprias interpretações. Quando me associou com o macaco, sentiu-se obviamente embarulado e assegurou-me, de modo condescendente, que o fato de ele me representar pelo macaco não constitua um ataque a mim, já que se tratava de um macaquinho realmente muito simpático.” (p.101).

“Esse sonho ilustra alguns dos perigos envolvidos nas defesas maníacas, A integração que o paciente obviamente alcançou na posição depressiva fora rompida pela divisão (splitting) de seu objeto e de seu ego. Mecanismos projetivos empobreceram. A relação de objeto total estava ameaçada, a figura do “macaco” era inumana — uma regressão parcial à relação de objeto parcial. A fim de manter a



negação de sua ansiedade depressiva e de sua culpa, ele também tinha de negar sua preocupação com o objeto, e isso levava a uma renovando do ataque ao objeto; triunfava sobre seu pai e atacava-o novamente com desprezá-lo e ridicularizá-lo.” (p.103).

“As fantasias e atividades reparadoras resolvem as ansiedades da posição depressiva. A aguda intensidade da ansiedade depressiva é mitigada pelas repetidas experiências de perda e recuperação do objeto. O reaparecimento da mãe, após ausências, as quais são sentidas como morte, e o contínuo amor e cuidado que o bebé recebe de seu ambiente, fazem com que ele se dê mais conta da elasticidade de seus objetos externos e se torne menos temeroso dos efeitos onipotentes dos ataques que faz a eles em suas fantasias. Seu próprio crescimento e as restaurações que efetua em relação a seus objetos, trazem maior confiança em seu próprio amor, sua própria capacidade de restaurar seu objeto interno e de retê-lo como bom, mesmo face a privado por objetos externos. [...]” (p. 105).

“Sonhou que dirigia seu automóvel, indo para o trabalho. Nesse ponto, havia alguma ansiedade no sonho porque a corrente elétrica estava cortada, mas ela se deu conta de que tinha uma lanterna de pilha e que a pilha funcionava. Quando chegou ao trabalho, esperou que um médico viesse ajudá-la; contudo, quando ele apareceu, tinha um braço quebrado numa tipóia e nada podia fazer. Pouco a pouco, ela se deu conta de que o trabalho que esperavam que fizesse era reabrir uma enorme vala comum. Começou a cavar sozinha, à luz de sua pequena lanterna. Aos poucos, à medida que cavava, percebeu que nem todas as pessoas enterradas nesta vala estavam mortas.” (p.106).

“A reparação maníaca é uma defesa na medida em que seu objetivo é reparar o objeto de tal modo, que culpa e perda nunca sejam experimentadas. Um aspecto essencial da reparação maníaca é que ela tem de ser feita sem reconhecimento de culpa e, portanto, sob condições especiais. Por exemplo, a reparação maníaca nunca é feita em relação aos objetos primários ou aos objetos internos, mas sempre em relação a objetos mais remotos; em segundo lugar, o objeto em relação ao qual a re-paraçao é feita nunca pode ser experimentado como tendo sido danificado pela própria pessoa; por fim, o objeto deve ser sentido como sendo inferior, dependente e, em profundidade, desprezível.” (p.108).

“Por causa dessas condições, a culpa subjacente que a reparação maníaca procura aliviar não é, na verdade, aliviada, e a reparação não traz satisfação durável. Os objetos que estão sendo reparados são tratados inconscientemente — e às vezes conscientemente — com ódio e desprezo, sendo



invariavelmente sentidos como ingratos e, pelo menos inconscientemente, temidos como perseguidores potenciais” (p.109).

“Perto do fim de uma das sessões, pediu-me para desenhar uma menina. A menina, disse, era Ann, e ela ia pintar seu traseiro. Então, pôs uma enorme massa de tinta marrom em cima e entre as pernas da menina. Quando isso foi interpretado como as fezes que ela estava fazendo com o alimento, fez rapidamente uma massa marrom semelhante saindo da cabeça da menina. Pude então interpretar para ela que, quando me odiava, fazia em sua cabeça, com minhas palavras, o que sentia que estava fazendo em sua barriguinha com o alimento da mamãe. Confirmou isso dizendo que o “blá, blá, blá” era realmente “plop, plop” (sua expressão infantil para fezes).” (p.110).

“A sessão seguinte mostra uma completa mudança de estado de espírito, em que os mecanismos maníacos recuam e a reparação verdadeira se estabelece. Tão logo entrou na sala, dirigiu-se novamente para a caixa, abriu-a, deu um pequeno suspiro e disse: “Não é uma pena estar tão estragada?”. Voltou-se então para mim e disse: “Vamos tentar consertá-la juntas.” Dessa vez nem insistiu na velocidade do processo ou em que ele fosse completo, nem queria que a caixa ficasse exatamente como antes. [...]” (p.112).

“A aceitação da realidade psíquica envolve a renúncia à onipotência e à mágica, a diminuição da divisão (splitting) e a remoção da identificação projetiva. Significa a aceitação da idéia de ser parado — a diferenciação entre o próprio eu (self) e os pais, com todos os conflitos que isso implica. Envolve também, como parte da reparação, permitir que os objetos da pessoa sejam livres, que se amem e se restaurem uns aos outros, sem depender da própria pessoa. Quando a reparação é parte de defesas maníacas contra ansiedades depressivas, faltam todos esses elementos ou a maioria deles.” (p.114-115).

“A criança reage à situação por um aumento de seus sentimentos agressivos e de suas fantasias. Os pais, em suas fantasias, são atacados por todos os meios agressivos à sua disposição, e são percebidos na fantasia como sendo destruídos. De uma vez que a introjetado é muito ativa durante esse estágio do desenvolvimento, os pais atacados e destruídos são imediatamente introjetados e sentidos pela criança como parte de seu mundo interno. Ou seja, na situação depressiva, o bebê não tem de lidar



apenas com um seio e uma mãe internos destruídos, mas também com o casal de pais interno destruído da situação edipiana primitiva.” (p.117-118).

“Esse sonho continua a pôr em relevo o tema de sua incapacidade de “incorporar”, tal como relacionada com suas dificuldades com o seio, quando defrontada com a situação edipiana. A tigela de mingau representa novamente o seio, mas esse seio, para ela, está cheio das partes sexuais dos pais, como se a relação sexual ocorresse exatamente dentro do seio. A relação sexual é sentida como muito má, e os pedaços dos órgãos genitais dos pais são sentidos não apenas como danificados (a bolsa rasgada, a cruz quebrada), mas também como vingativos e danificados. Tal como no primeiro sonho, a paciente se defronta com a situado na qual as ansiedades edipianas parecem interferir em sua incorporado da comida boa proveniente da mãe e das figuras maternas.” (p.119).

“O sonho representa seu ataque a mim e a meu marido, que representamos os pais na situação edipiana. Meu jardim, onde eu passaria as noites com meu marido, se torna a festa no jardim do sonho. Nossa relação sexual se torna um caso sórdido, no qual meu marido vai ao bordel “fazer o ‘jig jig’” e se suicida. A alternativa para essa situação é o jardim secreto; nele, ela incorpora os pais em relação sexual — os dois pássaros brancos, bico a bico — e os imobiliza, paralisa a relação sexual deles. O jardim secreto representa seu mundo interno e, em especial, seu genital, no qual ela contém as figuras dos pais paralisadas, e em identificando com elas tem de ser frígida e imóvel. [...]” (p.120).

“Um importante papel é desempenhado no complexo de Édipo primitivo pela fantasia dos pais combinados. Essa fantasia aparece primeiramente quando o bebê se dá conta de sua mãe como objeto total, mas não diferencia plenamente entre o pai e a mãe; fantasia o pênis ou o pai como uma parte de sua mãe e sua idealizado dela faz com que ele a veja como o continente de tudo que é desejável: seio, bebês, pênis (penises). Ataques invejosos e projeções podem transformar essa figura num perseguidor ameaçador.” (p.121).

“Nos sonhos que acabei de descrever, provenientes de pacientes que estavam muito doentes, podemos observar o estádio realmente primitivo do complexo de Édipo. Esse estádio primitivo é caracterizado pela agudeza da ambivalência, pela predominância das tendências orais e pela escolha incerta do objeto sexual. Seria difícil concluir, a partir de qualquer desses sonhos, qual dos pais é o mais desejado e qual é tratado como rival. [...]” (p.123).



“Seria muito complicado entrar em todas as combinações possíveis da relação oral com os pais e nas diversas formas como ela se desenvolve em relação genital. É suficiente dizer que, bastante cedo, as situações orais são acompanhadas por desejos anais, uretrais e genitais, e que a aproximação do pênis do pai, tanto para a menina quanto para o menino, logo se desenvolve em situação genital, em desejo de relação sexual com o pai e desejo de receber bebês dele.” (p.124).

“A masturbação, que vinha sendo pré-genital ou genital, se torna aos poucos predominante ou exclusivamente .genital; as fantasias masturbatórias — que de inicio estavam em conexão com as fantasias orais, anais e uretrais, mesmo quando a masturbação era genital — se tornam também mais consistentemente relacionadas com a relação sexual genital. As fantasias do menino centram-se na relação sexual com a mãe e nos medos de castração; as da menina centram-se na relação sexual com o pai e na ansiedade em relagio a ataques de sua mãe, Essas ansiedades, por sua vez, trazem movimentos regressivos até que a genitalidade esteja mais plenamente estabelecida.” (p.125).

“Esse tema ocupou mais alguns dias. Então, na noite antes do dia em que esperava receber minha conta, teve outro sonho, no qual alguém lhe enviava um cheque de 89 ou 98 libras. Primeiramente, associou oito e nove com os meses de gravidez. Pensou também em alguns cheques que havia recebido, dois dos quais eram post mortem, das heranças de pessoas que tinham morrido. Ele se sentia muito mal quanto a esses cheques. Grande parte da sessão foi ocupada por sua ansiedade referente ao futuro, tornando-se claro que seu sentimento predominante era de que permaneceria em análise, o que, nesse ponto, representava ser ele o bebé, até que pudesse ser mais rico, maior e melhor do que sua analista.” (p.128).

“Frequentemente pergunta-se em que extensão as descobertas de Melanie Klein e seus conceitos afetam a técnica psicanalítica, e, de modo inverso, em que extensão essa técnica pode influenciar a compreensão do material de um paciente. É certo que há algumas diferenças técnicas ao se lidar com o material que provém das teorias de Melanie Klein, e que sua técnica, por sua vez, exerce influência no tipo de material que se torna disponível no e para o paciente. Foi uma invenção técnica — ou seja, a técnica de análise de crianças — que deu a Melanie Klein acesso às mais primitivas camadas da mente, levando-a à descoberta do complexo mundo interno na mente da criança e a importância do papel desempenhado pela projetado e introjetado na formação da estrutura mental interna e das relações externas da criança [...]” (p.131).



“Frequentemente pergunta-se em que extensão as descobertas de Melanie Klein e seus conceitos afetam a técnica psicanalítica, e, de modo inverso, em que extensão essa técnica pode influenciar a compreensão do material de um paciente. É certo que há algumas diferenças técnicas ao se lidar com o material que provém das teorias de Melanie Klein, e que sua técnica, por sua vez, exerce influência no tipo de material que se torna disponível no e para o paciente. Foi uma invenção técnica — ou seja, a técnica de análise de crianças — que deu a Melanie Klein acesso às mais primitivas camadas da mente, levando-a à descoberta do complexo mundo interno na mente da criança e a importância do papel desempenhado pela projetado e introjetado na formação da estrutura mental interna e das relações externas da criança. Essa técnica influenciou a teoria” (p.132).

“Naturalmente, a adesão rigorosa ao método psicanalítico básico não deve tornar-se rigidez. Com certos pacientes, algumas vezes pode ser necessário começar com sete vezes por semana; com certos psicoativos, como com crianças pequenas, a prescrição talvez tenha de ser feita, para serem perseguidos e atingidos, a partir das sessões, etc. Contudo, uma vez estabelecido o cenário (setting), este não deve estar sujeito a controle pela doença do paciente. [...]” (p.133).



## **ATIVIDADES ORIENTADAS DE ENSINO**

### **TEMA 2**

### **FICHAMENTO 3**

**Discente:** Estefani Gabrieli Alves de Souza

**Orientadora:** Camila Bellini Colussi Macedo

KLEIN, Melanie. **A psicanálise de crianças.** Imago, Rio de Janeiro: Imago, 1997. Capítulo 1 - 3.

“A psicanálise levou à criação de uma nova psicologia do desenvolvimento. As observações psicanalíticas ensinaram-nos que, mesmo nos seus mais tenros anos, as crianças experimentam não apenas impulsos sexuais e ansiedade, como também grandes desapontamentos. Junto com a crença na assexualidade da criança acabou também a crença no “paraíso da infância”. Estas são conclusões que foram obtidas a partir da análise de adultos e da observação direta de crianças, confirmadas e complementadas pela análise de crianças pequenas.” (p.23).

“Passarei a considerar agora o conteúdo e as causas desses sentimentos em tão tenra idade fazendo referência a um outro caso. Trude, com a idade de três anos e nove meses, repetidamente fazia de conta em sua análise que era noite e nós duas estávamos dormindo. Ela se aproximava silenciosamente de mim vindo do canto oposto da sala (que supostamente era o seu quarto) e me ameaçava de várias maneiras, tais como: me esfaquearia na garganta, me atiraria para fora da janela, me queimaria, me entregaria para a polícia, etc. Amarrava meus pés e minhas mãos ou levantava a manta sobre o sofá e dizia que estava fazendo “Po-Kaki-Ku-ki”.” (p.24).

“Trude havia desejado roubar os bebês à sua mãe grávida, matá-la e tomar o seu lugar no coito com o pai. Tinha dois anos de idade quando a irmã nasceu. Foram esses impulsos de ódio e agressividade que, em seu segundo ano, haviam dado origem a uma fixação cada vez mais forte na mãe, e a uma ansiedade e sentimento de culpa graves que encontraram expressão, entre outras coisas, em seus terrores noturnos. Concluo a partir disso que a ansiedade e os sentimentos de culpa que a criança pequena experimenta muito cedo na vida têm sua origem nas tendências agressivas relacionadas com o conflito edipiano.” (p.25).



“Esses jogos provavam também que essa ansiedade se referia não apenas aos pais reais da criança como também, e mais especialmente, a seus excessivamente severos pais introjetados. O que estamos vendo aqui corresponde ao que chamamos de superego nos adultos.<sup>1</sup> Os sinais típicos, que são mais pronunciados quando o complexo de Édipo alcançou o auge e que precedem o seu declínio, são eles próprios apenas o estágio final de um processo que vem se dando há anos. A análise de crianças muito pequenas mostra que o conflito edípico se instala já na segunda metade do primeiro ano de vida e que a criança começa simultaneamente a construir o seu superego.” (p.27).

“É surpreendente a facilidade com que as crianças aceitam por vezes a interpretação e mostram mesmo um prazer inequívoco nisso. Provavelmente a razão está em que, em certas camadas de suas mentes, a comunicação entre o consciente e o inconsciente é ainda comparativamente fácil, de modo que o caminho de volta para o inconsciente é muito mais simples de ser encontrado. [...]” (p.28).

“As formas arcaicas e simbólicas de representação que a criança emprega no seu brincar estão associadas com outro mecanismo primitivo. Quando brinca, a criança mais age do que fala. Ela coloca atos — que originalmente ocuparam o lugar de pensamentos — no lugar de palavras; isto significa que “acting out” é para ela da maior importância [...]” (p.29).

“Na análise de crianças, nunca será excessivo o alto valor que atribuirmos à importância do acting out e de fantasias a serviço da compulsão à repetição. A criança pequena, naturalmente, faz uso do acting out mais do que qualquer outra, mas mesmo as mais velhas recorrem constantemente a esse mecanismo primitivo. O ganho de prazer que ela assim obtém fornece-lhe um estímulo indispensável para continuar sua análise, embora não devesse nunca ser mais do que um meio para alcançar um fim.” (p.30).

“Crianças neuróticas não toleram bem a realidade porque não podem tolerar frustrações. Protegem-se da realidade negando-a. O que é fundamental e decisivo para sua adaptação futura à realidade é sua maior ou menor capacidade de tolerar aquelas frustrações que surgem da situação edipiana.” (p.31).



“Do mesmo jeito que o modo de expressão é diferente na criança, também o é a situação analítica como um todo. E, não obstante, tanto na criança quanto no adulto os princípios fundamentais da análise são os mesmos. A interpretação consistente, a resolução gradual das resistências, a referência firme e consistente da transferência, seja ela positiva ou negativa, a situações arcaicas — esses princípios estabelecem e mantêm uma situação analítica correta não menos com a criança do que com o adulto.” (p.32).

“Falando de modo geral, os seguintes princípios são fundamentais para a minha técnica com relação a todos os grupos etários. Na medida em que as crianças e os jovens sofrem de ansiedade em um grau mais agudo do que os adultos, devemos procurar acesso à sua ansiedade e ao seu sentimento inconsciente de culpa e estabelecer a situação analítica tão rapidamente quanto possível. Em crianças pequenas essa ansiedade habitualmente encontra um escoamento em ataques de ansiedade; durante o período de latência mais freqüentemente toma a forma de uma rejeição carregada de suspeita, ao passo que na idade intensamente emocional da puberdade leva uma vez mais a uma aguda geração de ansiedade, que agora, contudo, em conformidade com o ego mais desenvolvido da criança, freqüentemente se expressa por meio de resistências de uma natureza violenta e desafiadora, que podem facilmente fazer com que a análise se interrompa. Uma certa quantidade de ansiedade pode rapidamente ser resolvida em crianças de todas as idades se a transferência negativa for sistematicamente tratada e dissolvida desde o início” (p.34).

“ [...] A análise da situação transferencia e da resistência, à remoção da amnésia infantil arcaica e dos efeitos da repressão, bem como o desvelamento da cena primária — tudo isso a técnica do brincar faz. Pode-se ver que todos os critérios do método psicanalítico se aplicam também a esta técnica. A análise através do brincar leva aos mesmos resultados que a técnica de adultos, com uma única diferença, a saber, que o procedimento técnico é adaptado à mente da criança.” (p.35).

“Demonstrarei os princípios da análise do brincar por meio de exemplos extraídos da análise de uma criança pequena. Peter, com a idade de três anos e nove meses, era uma criança muito difícil. Tinha uma fixação muito forte na mãe e era muito ambivalente. Era incapaz de tolerar frustrações, totalmente inibido no seu brincar, e dava a impressão de ser alguém extremamente tímido, queixoso e pouco masculino. Seu comportamento era por vezes agressivo e desdenhoso e ele se dava mal com as outras crianças, em especial com seu irmão menor [...]” (p.36).



“Posso referir-me apenas muito brevemente aqui à maneira pela qual as fantasias da criança, tais como se apresentaram no seu brincar, foram se tornando cada vez mais livres em resposta a um contínuo interpretar; como a inibição no brincar diminuiu e como a diversidade dos seus jogos gradualmente se ampliou; e como certos pormenores se repetiam diversas vezes até que fossem esclarecidos por meio de interpretações, e aí, então, pudessem dar lugar a novos detalhes. Da mesma forma que os elementos do sonho levam ao desvelamento do conteúdo latente do sonho, também os elementos das brincadeiras das crianças, que correspondem a essas associações, propiciam um vislumbre do seu conteúdo latente.” (p.38).

“Na sessão recém-descrita, Peter esteve mostrando as seguintes coisas: o homem de brinquedo, o veado, etc., que ficavam caindo representavam o seu próprio pênis e a inferioridade deste em comparação com o membro ereto do pai. Fazer xixi logo em seguida servia para provar o contrário para si próprio e para mim. O carro que não parava de se mexer e que despertava tanto sua admiração quanto sua raiva era o pênis do pai praticando o coito o tempo todo. [...]” (p.39).

“Em outra ocasião, pude ver com clareza impressionante a necessidade de interpretação imediata. Foi no caso de Trude, que, como se pode lembrar, veio a mim para uma única sessão quando tinha a idade de três anos e nove meses, e teve que adiar seu tratamento devido a circunstâncias externas. Essa criança era muito neurótica e fortemente fixada na mãe, de um modo incomum. Entrou na minha sala de má vontade e cheia de ansiedade, e eu fui obrigada a analisá-la em voz baixa com a porta aberta.” (p.41).

“Eis aqui outro exemplo extraído do mesmo caso. Na segunda sessão de Peter, minha interpretação do material que ele havia trazido tinha sido que ele e seu irmão masturbavam-se mutuamente. Sete meses depois, quando tinha quatro anos e quatro meses de idade, trouxe um longo sonho, rico em material associativo, do qual se segue um fragmento. “Dois porcos estavam em um chiqueiro e na minha cama.” (p.43).

“Tenho repetidamente enfatizado a capacidade da criança de fazer uma transferência espontânea. Isto se deve em alguma medida a uma ansiedade muito mais aguda que a criança pequena sente em comparação com o adulto e à sua maior prontidão de reagir com ansiedade. Uma das maiores tarefas



psicológicas, se não a maior tarefa, que a criança tem que realizar e que toma a maior parte da sua energia mental é a do domínio da ansiedade. [...]” (p.44).

“Segue-se do exposto que não apenas é essencial uma interpretação no momento exato como também é essencial uma interpretação profunda. Se nos deixarmos impressionar pela urgência do material apresentado, temos que retraçar não apenas o conteúdo de representação como também a ansiedade e o sentimento de culpa a ele associados até a camada mental que está sendo ativada [...]” (p.45).

“O caso de Trude, que estava tão apreensiva quando entrou em minha casa pela primeira vez, já me havia ensinado que com tais pacientes a interpretação imediata era o único meio de diminuir a ansiedade e de pôr a análise em movimento [...]” (p.46).

“[...] Seguindo uma inspiração repentina, tomei como assunto da minha atividade o material que ela própria havia produzido na sessão anterior. Ao final desta, ela estivera brincando em volta da pia, havia alimentado as bonecas e dado a elas enormes canecas de leite, etc. [...]” (p.47).

“[...] Por outro lado, refugiou-se de imediato no sofá e espontaneamente tomou a mesma posição que tinha assumido no dia anterior, fechando os olhos e chupando os dedos. Pude sentar-me ao seu lado e continuar o jogo da última sessão imediatamente. Toda a sequência de eventos do dia anterior foi recapitulada mas de uma forma abreviada e mitigada. E após algumas poucas sessões havíamos progredido tanto que só presenciamos traços brandos de um ataque de ansiedade no início das sessões.” (p.48).

“A técnica que empreguei para analisar os ataques de ansiedade de Ruth mostrou-se muito eficaz em outro caso. Durante a análise de Trude, sua mãe ficou doente e teve que ser hospitalizada. [...]” (p.49).

“Minhas próprias experiências subsequentes, bem como as da Sra. M. N. Searl e de outros analistas de crianças, testemunharam a eficácia dessas medidas técnicas em outros casos também. Nos anos de trabalho que se passaram desde o tratamento desses dois casos, foi ficando muito claro para mim que o pré-requisito essencial para conduzir a análise de uma criança muito pequena — e, na verdade, uma



análise aprofundada de crianças mais velhas —está na certeza com que se apreende o material apresentado. [...]” (p.50).

“Gostaria de acrescentar algumas observações de natureza teórica relativas a esses ataques de ansiedade. Refiri-me a eles como uma repetição dè pavor nocturnas; e referi-me à posição assumida pelo paciente durante essas crises ou antes, na tentativa de dominá-los, e assinalei que era uma repetição da situação de ansiedade da criança à noite na cama. Mas mencionei também uma situação de ansiedade arcaica específica que parecia estar subjacente tanto ao pavor nocturnus quanto aos ataques de ansiedade [...]” (p.51).

“Ao descrever meus métodos de análise, tenho muitas vezes me referido aos brinquedinhos que são postos à disposição das crianças. Gostaria de explicar brevemente por que esses brinquedos são tão valiosos na técnica do brincar. O fato de serem pequenos, o número deles e sua grande variedade dão à criança uma ampla gama de representação no brincar, ao mesmo tempo que a própria simplicidade deles capacita-os a serem postos aos mais variados usos. Desse modo, brinquedos como esses são muito adequados para a expressão de fantasias e de experiências de todos os tipos e com grande detalhe. [...]” (p.52)

“Pode-se pensar a partir do que foi dito que tudo o que temos de fazer para analisar uma criança é colocar brinquedos na frente dela e então ela começará a brincar com eles de um jeito fácil e desinibido. Não é nada disso que acontece [...]” (p.53).

“Tratei no último capítulo dos princípios subjacentes à técnica da análise de crianças muito pequenas. Neste, farei uma comparação dela com a técnica do período de latência, utilizando uma história clínica como ilustração. Esse histórico também me dará oportunidade de discutir algumas questões teóricas relativas a princípios e também de descrever a técnica usada na análise de neuroses obsessivas em crianças — técnica que tive que desenvolver no curso do tratamento deste caso incomumente difícil e interessante” (p.55)

“Em uma série de jogos similares, ela representou seu desejo de expulsar o pai da sua posição junto à mãe. Por outro lado, em muitos outros jogos mostrou seu desejo edipiano direto de livrar-se da mãe para conquistar o pai. Assim, fez com que um professor de brinquedo desse aulas de violino às crianças batendo a cabeça contra o violino ou ficasse de cabeça para baixo enquanto lia um livro. Em



seguida, fê-lo jogar fora o livro ou o violino conforme fosse o caso e dançar com a sua aluna. Os dois, em seguida, se beijaram e se abraçaram. Numa outra ocasião, um professor e uma mulher — representados por um homenzinho e uma mulherzinha —estavam dando às crianças lições de boas maneiras, ensinando-as como curvar-se e fazer reverência, etc.” (p.56).

“Além de fazer essas brincadeiras, ela também começou a cortar papel e a fazer moldes com ele. Enquanto fazia isso, contou-me que era “carne moída” o que estava fazendo e que era sangue que estava saindo do papel; nesse momento, deu um estremeção e imediatamente disse que estava enjoada. Em uma ocasião falou de uma “salada de olhos”, em outra disse que estava cortando “beiradas” do meu nariz. Estava aqui repetindo o desejo de morder e arrancar meu nariz, desejo que já havia expressado na sua primeira sessão. (E, de fato, ela fez várias tentativas de realizar esse desejo.) Dessa maneira, mostra também sua identidade com a “terceira pessoa”, o homenzinho que invadiu a casa e ateou logo nela, etc., e que mordeu e arrancou o nariz da mulher. Na sua análise, como na de outras crianças, cortar papel revelou-se algo multideterminado. Dava vazão a impulsos sádicos e canibalescos, mas servia ao mesmo tempo a tendências reativas, porque representava também uma atividade criativa. Os moldes lindamente recortados, representando, por exemplo, uma toalha de mesa, representavam os genitais dos pais ou o corpo da mãe, restaurados da destruição que em fantasia ela havia anteriormente infligido a eles.” (p.57).

“Em uma outra ocasião, Erna repentinamente passou de uma lavadeira para uma vendedora de peixes e pôs-se a gritar, anunciando suas mercadorias. Durante essa brincadeira, abriu a torneira (que costumava chamar de “torneira do creme batido”), tendo-a antes envolvido com papel. Quando o papel ficou encharcado e caiu na pia, ela o rasgou e apresentou-o como peixe para ser vendido” (p.58).

“ A análise de Erna revelou também que teatro e representações de todos os tipos simbolizavam o coito entre os pais. Os inúmeros desempenhos em que Erna fez sua mãe representar o papel de uma atriz ou dançarina, admirada por todos os espectadores, mostravam a imensa admiração — uma admiração misturada com inveja —que tinha por ela. Muitas vezes também, em identificação com a mãe, fingia ser ela mesma uma rainha diante de quem todo mundo fazia mesuras.” (p.59).



“Em uma das brincadeiras de Erna, foi realizada uma “representação por um padre” que abriu uma torneira, e sua parceira, uma dançarina, bebeu dela. À criança, que se chamava “Cinderela”, só era permitido olhar e ela tinha que ficar absolutamente quieta. Uma súbita e tremenda erupção de raiva por parte de Erna nesse momento mostrou com que sentimentos de ódio se faziam acompanhar suas fantasias e como ela lidava mal com esses sentimentos. Toda a sua relação com a mãe fora distorcida por eles, na medida em que cada medida educacional, cada ato de disciplina infantil, cada frustração inevitável, era sentida por ela como um ato exclusivamente sádico por parte da mãe, realizado com vistas a humilhá-la e maltratá-la.” (p.60).

“A vida mental de Erna era dominada por fantasias sádico-anais. Em um estágio posterior da sua análise, começando mais uma vez a partir de brincadeiras ligadas à água, ela produziu fantasias em que fezes “assadas” e coladas a roupas eram também usadas para cozinhar e serem comidas. De novo, ela brincava que estava sentada na privada e comia aquilo que produzia lá ou que nós dávamos esse produto uma à outra [...]” (p.61).

“Mas essas fantasias de Erna eram rapidamente seguidas de sentimentos de ódio contra seus irmãos e irmãs imaginários —pois eles eram, em última análise, apenas substitutos do pai e da mãe — e de sentimentos de culpa muito intensos em função dos atos destrutivos que ela, junto com os outros, havia perpetrado contra os pais em suas fantasias. E ela normalmente acabava tendo uma crise de depressão.” (p.62).

“[...] Mesmo enquanto essas fantasias estavam em curso ela muito freqüentemente era tomada por raiva e depressão. Ia, então, para o banheiro e lá fantasiava em voz alta enquanto defecava. Ao sair, ela se atirava no divã e começava a chupar o dedo com paixão, a se masturbar e a enfiar o dedo no nariz. Conseguí que me contasse as fantasias que acompanhavam toda essa atividade de defecar, chupar o dedo, masturbar-se e enfiar o dedo no nariz [...]” (p.63).

“As fantasias de Erna de ser cruelmente perseguida pela mãe começaram a mostrar o seu caráter paranóide mais distintamente. Como já mencionei, ela encarava cada passo dado na sua educação e na maneira como era cuidada, mesmo os mais ínfimos detalhes da sua vestimenta, como um ato de perseguição por parte da mãe. Não só isso, mas também qualquer outra coisa que sua mãe fizesse — a maneira como se comportava com relação ao pai, as coisas que fazia para seu próprio divertimento,



e assim por diante —eram sentidos por Erna como uma perseguição a ela. Além do mais, sentia-se continuamente espionada. Um motivo da sua excessiva fixação na mãe era a compulsão de ficar o tempo todo observando-a. [...]” (p.64).

“No caso de Erna pude confirmar para além de qualquer dúvida a transformação do amor pelo genitor do mesmo sexo em ódio, conhecido como sendo a causa de delírios de perseguição, juntamente com uma acentuada proeminência dos mecanismos de projeção. [...]” (p.65).

“[...] Seu sadismo diminuiu e suas fantasias de perseguição diminuíram muito em número e intensidade. Mudanças importantes ocorreram também em sua relação com a realidade, que se fizeram sentir, entre outras coisas, por uma crescente infiltração desta em suas fantasias.” (p.66).

“Gostaria de enfatizar a gravidade incomum deste caso. Os sintomas obsessivos que, entre outras coisas, privavam a criança quase que inteiramente de sono, as depressões e outros sinais de doença, e o desenvolvimento anormal do seu caráter eram apenas um pálido reflexo da vida pulsional inteiramente anormal, extravagante e desenfreada que estava por trás deles. As perspectivas futuras de uma neurose obsessiva que, como esta, por anos teve um caráter progressivo só poderiam ser descritas como muito sombrias. Pode-se afirmar com toda segurança que o único remédio em um caso assim é um tratamento psicanalítico no momento oportuno.” (p.67).

“[...] Ela nunca havia de fato superado o seu desmame. E houve ainda uma terceira privação por ela sofrida subsequentemente a esta. Quando tinha entre seis e nove meses de idade, sua mãe notou com que evidente prazer sexual ela respondia aos cuidados corporais habituais, em especial à limpeza de seus genitais e ânus. A enorme excitabilidade da sua zona genital não deixava margem a dúvidas. Por isso, sua mãe exerceu uma discrição maior ao lavar essas regiões, e quanto mais velha e mais treinada se tornava a criança, tanto mais fácil, naturalmente, era conseguir isso. [...]” (p.68).

“Os sintomas obsessivos de Erna tiveram a seguinte explicação. O caráter obsessivo do seu chupar de dedos era causado por fantasias de chupar, morder e devorar o pênis do pai e os seios da mãe. O pênis representava o pai como um todo e os seios a mãe como um todo. A análise revelou também os graves traços depressivos no quadro clínico que eu mencionarei apenas de forma breve neste momento” (p.69).



“A estrutura da sua masturbação obsessiva era muito complicada. Ela distingua entre várias formas: uma pressão com as pernas que chamava de ranking;2 um movimento de balanço, já mencionado, chamado sculpting e um puxar do clitóris, chamado de “jogo do armário”, em que ela tinha “vontade de puxar para fora uma coisa muito comprida.” Além disso, costumava produzir uma pressão na vagina, puxando a ponta do lençol por entre as pernas. Várias identificações operavam nessas diferentes formas de masturbação dependendo de estar ela, de acordo com as fantasias que a acompanhavam, desempenhando a parte ativa do pai ou a parte passiva da mãe, ou ambas ao mesmo tempo. Essas fantasias masturbatórias de Erna, que eram fortemente sadomasoquistas, mostravam uma ligação clara com a cena primária e com suas fantasias primárias. Seu sadismo se dirigia contra os pais no ato sexual e, como reação a isso, tinha fantasias correspondentes de caráter masoquista.” (p.70).

“ O sintoma mais resistente de Erna era sua inibição na aprendizagem. Era tão grave que, apesar de todos os esforços que fazia, ela levava dois anos para dominar o que crianças normalmente aprendem em poucos meses. Essa dificuldade foi mais intensamente afetada numa fase posterior da análise, e quando conclui seu tratamento havia sido reduzida, embora não inteiramente removida [...]” (p.71).

“Voltando ao caso de Erna, já disse anteriormente que no final da análise suas fantasias de perseguição estavam bem reduzidas, tanto na quantidade quanto na intensidade. Contudo, na minha opinião, seu sadismo e sua ansiedade podiam e deveriam ter sido ainda mais reduzidos a fim de prevenir a possibilidade de que uma enfermidade a atingisse na puberdade ou quando se tornasse adulta. Mas, já que a continuação da análise não era possível na ocasião, sua conclusão foi deixada para um tempo futuro.” (p.72).

“Consideremos agora uma questão de técnica: como já disse mais de uma vez, Erna costumava ter com frequência ataques de raiva durante a sessão de análise. Essas crises de raiva e seus impulsos sádicos não raramente assumiam formas ameaçadoras a mim dirigidas. É um fato familiar que a análise libera fortes afetos em neuróticos obsessivos; e em crianças eles tomam uma expressão muito mais direta e sem controle do que nos adultos. Desde o começo, deixei muito claro a Erna que ela não deveria me atacar fisicamente.” (p.73).



“A extensão com que cada um desses métodos é empregado variará muito, naturalmente. Por exemplo, com Erna fui levada desde muito cedo a desenvolver o seguinte plano. Durante um período, ela costumava ter um acesso de raiva sempre que eu lhe dizia que a sessão havia acabado, e eu tinha por hábito, portanto, abrir as portas duplas do meu consultório para verificar como ela estava, sabendo que seria extremamente doloroso para ela se a pessoa que vinha buscá-la visse o que quer que fosse dos seus ataques. Nessa época, é preciso dizer, minha sala ficava parecendo um campo de batalha depois que Erna saía.” (p.74).

“Proponho agora utilizar os dados obtidos deste caso para ilustrar os pontos de vista teóricos que desenvolvi desde então e que serão expandidos na segunda parte deste volume. Os faróis enfeitados do trem, que Erna achava que eram “tão lindos, vermelhos e brilhantes” e que ela chupava, representavam o pênis do pai (cf. também “algo longo e dourado” que mantinha o capitão suspenso na água), e eram também equacionados com os seios da mãe. Que ela tinha um forte sentimento de culpa por chupar coisas ficava evidente pelo fato de que, quando eu desempenhava o papel da criança, ela declarava que “chupar” era a minha falta maior. Tal sentimento de culpa pode ser explicado pelo fato de que chupar também representava arrancar a mordidas e devorar os seios da mãe e o pênis do pai. Posso referir-me aqui à minha tese de que é o processo de desmame que, junto com o desejo da criança de incorporar o pênis do pai, e seus sentimentos de inveja e de ódio pela mãe, põe em marcha o conflito edipiano. Essa inveja se baseia na teoria sexual arcaica da criança de que ao copular com o pai a mãe incorpora e retém o pênis deste.” (p.75).

“[...] Em seu inconsciente, essas atividades estavam equacionadas com rasgar, cortar ou queimar o corpo da mãe, juntamente com as crianças que continha, e castrar o pai. Ler, também, como consequência da equação simbólica do corpo da mãe com livros, viera a significar uma remoção violenta de substâncias, crianças, etc. do interior da mãe.” (p.76).

“Para finalizar, farei uso deste caso para levantar ainda mais um ponto a que vim, como resultado de experiências posteriores, a atribuir validade geral também. O caráter das fantasias de Erna e de sua relação com a realidade é, na minha experiência, típico daqueles casos em que traços paranóides são fortemente atuantes. Além disso, os determinantes subjacentes que descobri no seu caso quanto ao desenvolvimento de seus traços paranóides e a homossexualidade a eles associada revelaram-se também fatores gerais básicos na gênese da paranoia. Na segunda parte deste livro (capítulo ix), esta



**Serviço Público Federal  
Ministério da Educação  
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Campus de Paranaíba - Curso de Psicologia**



questão será objeto de mais estudo. Apenas assinalarei brevemente aqui que descobri traços paranóicos fortes em muitas crianças por mim analisadas e fui, assim, levada à convicção de que uma tarefa importante e promissora da análise de crianças é desvelar e aclarar traços psicóticos no início da vida do indivíduo.” (p.77).



## **ATIVIDADES ORIENTADAS DE ENSINO**

### **TEMA 2**

#### **FICHAMENTO 4**

**Discente:** Estefani Gabrieli Alves de Souza

**Orientadora:** Camila Bellini Colussi Macedo

KLEIN, Melanie. **A psicanálise de crianças.** Imago, Rio de Janeiro: Imago, 1997. Capítulo 4 - 7.

“A análise cle crianças no período de latência apresenta dificuldades especiais. Diferentemente da criança pequena, cuja imaginação vívida e ansiedade aguda capacitam-nos a obter acesso com mais facilidade ao seu inconsciente e fazer contato com ele, as crianças no período de latência têm uma vida imaginativa limitada, em consonância com a forte tendência à repressão característica dessa idade; por outro lado, em comparação com o adulto, o ego delas é ainda pouco desenvolvido e elas não têm nem insight com respeito à sua doença nem desejo de serem curadas e, por isso, elas não têm incentivo para começar uma análise nem encorajamento para prosseguir com ela. A isso se acrescenta a atitude geral de reserva e falta de confiança tão típica desse período da vida — uma atitude que é em parte resultado de sua intensa preocupação com a luta contra a mastur- bação e, assim sendo, as torna profundamente avessas a qualquer coisa que cheire a busca e interrogação ou toque os impulsos que elas mal e mal conseguem manter sob controle.” (p.78).

“[...] Se em análises do período de latência escolhemos este ponto para darmos nossas primeiras interpretações — com isto, naturalmente, não quero dizer explicações no sentido intelectual, e sim apenas interpretações do material à medida que ele emerge na forma de dúvidas e medos ou de conhecimento inconsciente ou teorias sexuais<sup>1</sup> e assim por diante —, logo nos depararemos com sentimentos cie culpa e ansieclacle na criança e teremos, desse modo, estabelecido a situação analítica.” (p.79-80).

“[...] Com crianças de cinco a dez anos, participo de brincadeiras desse tipo que continuam de uma sessão para outra por períodos de semanas e meses, e um jogo só dá lugar a outro quando todos os seus pormenores e conexões tiverem sido esclarecidos pela análise. [...]” (p.81).



“Devido aos sentimentos de culpa ligados à introjeção sádico-oral do seio da mãe, Inge desde um estágio muito inicial encarou a sua frustração oral como uma punição.<sup>1</sup> Seus impulsos de agressão contra a mãe, que emergiam da situação edipiana, e o seu desejo de despojar a mãe de seus filhos haviam fortalecido esses sentimentos de culpa arcaicos e levado a um medo muito profundo, ainda que disfarçado, da mãe. Era por esse motivo que ela era incapaz de manter a posição feminina e tentava se identificar com o pai. Mas tampouco era capaz de aceitar a posição homossexual, em função de um excessivo medo do pai, cujo pênis ela queria roubar. [...]” (p.82).

“O caso seguinte dá oportunidade de demonstrar a aplicação de uma técnica mista. Kenneth, de nove anos e meio, um menino muito infantil para a sua idade, era medroso, tímido e gravemente inibido, e sofria de uma ansiedade intensa. Desde a mais tenra idade sofria de ruminações mórbidas em um grau muito acentuado. Erá um completo desastre com seus estudos, sendo o seu conhecimento das matérias da escola igual ao de uma criança de sete anos. Em casa era extremamente agressivo, arrogante e difícil de ser controlado. Seu interesse não sublimado e aparentemente desinibido em todas as questões sexuais era inco- mum; empregava palavras obscenas por gosto e exibia-se e masturbava-se desavergonhadamente, o que era inabitual para uma criança da sua idade.” (p.83).

“Seu medo de mim começou na primeira sessão. Um pouco depois do começo da análise, ele teve o seguinte sonho de ansiedade. Sem mais nem menos era um homem que estava sentado na minha cadeira em vez de mim. Eu, então, me despi e ele ficou horrorizado de ver que eu tinha um genital masculino excepcionalmente grande. Em conexão com a interpretação deste sonho, um rico material surgiu com respeito à sua teoria sexual da “mãe com pênis”, uma imagem mental que, como a análise provou, se achava definitivamente incorporada em Mary para ele. Ele evidentemente tinha sentido medo dela quando pequeno, pois ela batia nele severamente, mas ainda era incapaz de admitir esse fato até que um sonho posterior o fez mudar de atitude.” (p.84).

“Kenneth ficou imensamente surpreso quando por fim reconheceu, a partir da sua brincadeira e das associações a ela, que ele realmente tinha sentido medo de Mary. No entanto, simultaneamente, parte de seu medo de ambos os pais também havia se tornado consciente. Suas associações mostraram claramente que por trás de seu medo de Mary rondava o medo de uma mãe má fazendo uma aliança com um pai castrador. Este último estava representado no sonho pelo homem no banheiro que atirou



na sua orelha e arrancou-a —o próprio lugar em que ele tantas vezes havia masturbado sua babá.” (p.85).

“Outro exemplo de modificação da técnica vem do método que adotei com Werner, um neurótico obsessivo de nove anos. Este menino, que de muitas maneiras se comportava como um adulto obsessivo e em quem uma ruminação mórbida era um sintoma acentuado, também sofria de intensa ansiedade, a qual, contudo, aparecia principalmente em uma grande irritabilidade e em ataques de raiva. [...]” (p.86).

“A ansiedade intensa e aguda de Werner expressava-se principalmente; como já disse, na forma de ataques de raiva e agressividade e numa atitude escarninha, desafiadora e de pôr defeito. Não tinha qualquer insight com relação à sua doença e costumava insistir que não havia nenhuma razão por que devesse ser analisado; e durante muito tempo, sempre que suas resistências apareciam, ele se comportava comigo de uma maneira raivosa e cheia de desdém. Em casa, também, era uma criança difícil de lidar, e a família mal teria sido capaz de induzi-lo a prosseguir com o tratamento, se eu não tivesse conseguido desde logo resolver sua ansiedade aos poucos, até que sua resistência à análise se restringisse quase que inteiramente à hora da sessão.” (p.87).

“Quando, após algumas semanas, esclareci este material para Egon em conexão com o que já estava compreendido,<sup>1</sup> isso teve um efeito muito extenso em duas direções. Em casa, seus pais ficaram surpresos pela liberdade muito maior no seu comportamento; e, na análise, ele exibiu o que eu reconheço como sendo a reação típica ao efeito de resolução das interpretações. Ele começou a acrescentar novos pormenores ao seu monótono jogo —pormenores que, embora de início apenas perceptíveis a uma observação muito de perto, foram se tornando mais claros e que, à medida que o tempo passava, ocasionaram uma completa alteração na brincadeira. [...]” (p.88).

“A inibição de Egon para brincar remontava à idade de quatro anos e, em parte, até mesmo a um período ainda anterior. Ele havia construído coisas antes de ter três anos e havia começado a recortar papel bem mais tarde, mas manteve essa atividade por muito pouco tempo e mesmo naquela época só recortava cabeças. Nunca havia desenhado em sua vida e depois da idade de quatro anos já não tinha mais prazer com nenhuma dessas atividades anteriores. O que estava aparecendo agora, portanto, eram sublimações resgatadas de uma profunda repressão, em parte em forma de



revivescências e em parte como novas criações; e a maneira infantilizada e muito primitiva pela qual ele encetava cada uma dessas ocupações de fato pertencia ao nível de uma criança de três ou quatro anos. Devo acrescentar que simultaneamente a todas essas mudanças todo o caráter do menino tomou um rumo melhor.” (p.90).

“Embora seja verdade que de modo geral fazemos grande uso de associações verbais quando lidamos com crianças no período de latência, só podemos fazê-lo de um modo diferente do que empregamos com adultos. Com crianças como Kenneth, por exemplo, que logo pôde reconhecer conscientemente a ajuda que lhe era dada pela psicanálise e que se dava conta da necessidade que tinha dela, ou mesmo com Erna, muito mais nova, cujo desejo de ser curada era muito forte, foi possível desde o começo perguntar ocasionalmente: “Em que é que você está pensando?” Mas com muitas crianças de menos de nove ou dez anos seria inútil colocar tal questão. A maneira pela qual uma criança deve ser questionada decorre da maneira como ela brinca ou associa.” (p.91).

“[...] Ao lidar com crianças do período de latência, é essencial, acima de tudo, fazer contato com suas fantasias inconscientes, e isto é feito pela interpretação do conteúdo simbólico de seu material em relação com a sua ansiedade e sentimentos de culpa. Mas, uma vez que a repressão da fantasia nesse estágio do desenvolvimento é muito mais severa do que em estágios anteriores, muitas vezes temos que encontrar acesso ao inconsciente através de representações que são, segundo o que tudo indica, inteiramente desprovidas de fantasia. [...]” (p.92).

“Mas o fato de na análise de crianças entrarmos em comunicação com o inconsciente antes de uma relação frutífera com o ego ter sido estabelecida não significa que o ego tenha sido de algum modo impedido de participar no trabalho analítico. Qualquer exclusão desse tipo seria impossível, se considerarmos que o ego está tão intimamente ligado ao id e ao superego e que só obtemos acesso ao inconsciente através dele. Contudo, a análise não se aplica ao ego enquanto tal (como o fazem os métodos educacionais), mas só procura abrir um caminho para as instâncias inconscientes da mente — aquelas que são decisivas para a formação do ego.” (p.93).

“Agora, se o material subjacente a representações muito marcantes e complícadas não for diferente daquele subjacente a representações pobres, torna-se irrelevante do ponto de vista da análise qual dos



dois tipos de representação é escolhido como ponto de partida para a interpretação. Pois na análise de crianças é só a interpretação, na minha experiência, que dá início ao processo analítico e o mantém em andamento. Portanto, também é possível interpretar com certeza associações monótonas a que faltam fantasia, contanto que o analista compreenda suficientemente o material e o ligue com a ansiedade latente. Se se procede dessa maneira, fortes interesses egóicos e sublimações se originarão lado a lado com a resolução de quantidades de ansiedade e a remoção da repressão. Desse modo, por exemplo, Ilse — cujo caso será considerado mais pormenorizadamente no capítulo a seguir — pouco a pouco desenvolveu a partir do seu desenhar monótono e obsessivo um claro pendor para o trabalho manual e um talento para desenhar, sem que eu tivesse de qualquer modo sugerido ou encorajado tal atividade.” (p.94).

“[...] O grau de dificuldade que venham a causar dependerá naturalmente da sua atitude inconsciente e do seu grau de ambivalência. É por esse motivo que encontrei igual obstaculização por parte de pais familiarizados com análise e por aqueles que não sabiam praticamente nada a respeito. [...]” (p.95).

“Com crianças, não menos do que com adultos, considero essencial que a análise seja conduzida no local de trabalho do analista e que um horário definido seja mantido. E, como um meio suplementar de evitar o deslocamento da situação analítica, achei necessário não permitir que a pessoa que traz a criança para a análise espere na minha casa. Ela traz a criança e a leva de volta na hora combinada.” (p.96).

“A menos que os erros cometidos sejam por demais grosseiros, evito interferir na maneira pela qual a criança está sendo criada, pois os erros nesse campo normalmente dependem em tão grande medida dos próprios complexos dos pais que os conselhos em geral se revelam não apenas inúteis como na medida para aumentar a ansiedade e o sentimento de culpa deles; e isso só colocará mais obstáculos no caminho da análise e terá um efeito desfavorável na atitude dos pais com relação ao filho.” (p.97).

“Se é aconselhável que o analista veja os pais com alguma freqüência ou se é mais prudente limitar ao máximo os encontros com eles vai depender das circunstâncias de cada caso individual. Em várias situações, senti que a segunda alternativa era o melhor meio de evitar atrito em minhas relações com a mãe.” (p.98).



“Análises típicas na época da puberdade diferem em muitos aspectos essenciais de análises no período de latência. As moções pulsionais da criança são mais poderosas, a atividade da sua fantasia maior e seu ego tem outros objetivos e uma relação diferente com a realidade. Por outro lado, há pontos de semelhança com a análise da criança pequena, pelo fato de que na puberdade encontramos novamente uma predominância dos movimentos pulsionais e do inconsciente e uma vida de fantasia muito mais rica. Além disso, na puberdade manifestações de ansiedade e de afeto são muito mais agudas do que no período de latência e são uma espécie de recrudescência da ansiedade tão característica das crianças pequenas.” (p.99).

“A fantasia do adolescente é, contudo, mais adaptada à realidade e a seus interesses egóicos mais fortes, e o conteúdo delas é, por esse motivo, muito mais facilmente reconhecível do que nas crianças pequenas. Além disso, em consonância com a maior gama de atividades do adolescente e suas relações mais sólidas com a realidade, o caráter de suas fantasias sofre alterações. O impulso de provar sua coragem no mundo real e o desejo de competir com outros tornam-se mais proeminentes. Esta é uma das razões pelas quais o esporte, que oferece tanta oportunidade para rivalizar com outros e não menos oportunidade para admirar seus feitos brilhantes e que também propicia um meio de superar a ansiedade, ocupa um espaço tão grande na vida e nas fantasias do adolescente.” (p.100).

“Em alguns casos, a repressão levou a uma limitação tão extrema da personalidade que ao adolescente sobra apenas um único interesse definido — digamos, um determinado esporte. Um único interesse desse tipo equivale a uma brincadeira invariável realizada por uma criança pequena com exclusão de todas as demais. Ela se tornou o representante de todas as suas fantasias reprimidas e, em geral, tem o caráter de um sintoma obsessivo mais do que de uma sublimação. Relatos monótonos sobre futebol ou ciclismo podem durante meses ser o único tópico de conversa na sua análise. Temos que extrair dessas associações, por mais pobres que possam parecer, os conteúdos de suas fantasias reprimidas. Se seguirmos uma técnica análoga àquela da interpretação do sonho e do brincar, e levarmos em consideração os mecanismos de deslocamento, condensação, representação simbólica e assim por diante, e se observarmos as conexões entre sinais mínimos de ansiedade nele e o seu estado afetivo geral, podemos atravessar essa fachada de interesse monótono e pouco a pouco penetrar nos complexos mais profundos de sua mente. [...]” (p.101).



“Na análise de Ludwig, de catorze anos, cuja fase introdutória descrevi acima, pude descobrir por meio de material semelhante o motivo dos seus fortes sentimentos de culpa em relação ao irmão menor. Quando, por exemplo, Ludwig falava do seu trem a vapor que precisava ser consertado, ele imediatamente prosseguia dando associações sobre o trenzinho do irmão, que nunca mais prestaria outra vez. Revelou-se que sua resistência em relação a isso e seu desejo de que a sessão acabasse logo eram causados pelo medo que sentia da mãe, que poderia descobrir as relações sexuais que haviam acontecido entre ele e o irmão menor, das quais ele se lembrava parcialmente. [...]” (p.102).

“Em conexão com certas associações sobre uma viagem de barco que ia fazer com um amigo, ocorreu a Ludwig que o barco pudesse afundar, e ele repentinamente tirou do bolso o seu bilhete de trem e pediu-me que lhe dissesse qual era o prazo de validade. [...]” (p.103).

“[...] Além de muitos outros significados que possa ter e com os quais estamos familiarizados, é, em última análise, o sinal externo e visível de que o interior do seu corpo e as crianças lá contidas foram completamente destruídos. Por esse motivo o desenvolvimento de uma atitude feminina completa na menina leva mais tempo e está cercado por mais dificuldades do que acontece no caso do menino ao estabelecer sua posição masculina. Essa maior dificuldade no desenvolvimento da mulher resulta em um reforçamento do componente masculino da menina na puberdade. Em outros casos, apenas um desenvolvimento parcial, principalmente do lado intelectual, tem início nessa ocasião, enquanto sua vida sexual é personalidade permanecem numa latência prolongada que, em muitos casos, pode durar para além da época da puberdade. [...]” (p.104).

“Descobrimos agora que é o seu medo de ter o corpo destruído pela mãe a causa de ela ter assim se recusado a adotar a posição de mulher e de mãe. Nesse estágio da análise, as idéias que ela produz são muito semelhantes às que encontramos em meninas pequenas. No segundo tipo, o da menina cuja vida sexual está fortemente inibida, a análise de início é habitualmente tomada por assuntos do tipo apresentados no período de latência. Relatos sobre a escola, o desejo de agradar a professora e fazer bem as lições, o interesse por bordado, etc., ocupam grande parte do tempo. Nesses casos, correspondentemente, devemos usar os métodos adequados ao período de latência e, resolvendo sua ansiedade passo a passo, liberar as atividades reprimidas da sua fantasia. [...]” (p.105).



“Foi apenas pelo desejo urgente da mãe que Ilse veio para a análise, impelida por aquela docilidade acrítica de crianças muito aquém da sua idade, a qual, junto com sua atitude de ódio, caracterizava sua fixação à mãe. Sugerí de início que ela se deitasse no divã. Suas escassas associações se referiam principalmente a uma comparação entre os móveis da minha sala e os da sua casa, especialmente os do seu próprio quarto. [...]” (p.106).

“Durante os meses que se seguiram, as associações de Ilse consistiram essencialmente de desenho — aparentemente desprovido de fantasia — feito com compasso, segundo medidas exatas. Essas mensurações e os cálculos de partes de coisas eram sua atividade principal, e a natureza compulsiva dessa ocupação foi se tornando progressivamente clara.<sup>2</sup> Depois de muito trabalho lento e paciente, foi estabelecido que as várias formas e cores dessas partes representavam diferentes pessoas. [...]” (p.107).

“[...] Em casa chorava durante horas antes de começar a escrever um trabalho para a escola e, de fato, não conseguia completá-lo. Também entrava em desespero se, antes de sair para a escola, descobrisse que não havia conservado suas meias e estas estivessem com buracos. Repetidamente suas associações quanto ao seu fracasso na aprendizagem levaram-nos a questões de uma deficiência com as suas roupas ou seu corpo. Durante meses a fio, suas sessões eram preenchidas, junto com histórias sobre a escola, por monótonos comentários a respeito dos punhos e colarinhos das suas blusas, laços ou qualquer outro item do seu vestuário —como eram muito longos ou muito curtos ou sujos ou da cor errada.” (p.108).

“À medida que as dificuldades de aprendizagem de Ilse continuavam a diminuir, uma grande mudança teve lugar na sua natureza como um todo. Tornou-se capaz de adaptação social, fez amizades com outras meninas e passou a se dar muito melhor com os pais e irmãos. Poderíamos agora considerá-la uma menina normal e seus interesses se aproximavam daquilo que era adequado para a sua idade; e como passou a ser boa na escola, uma favorita das professoras e havia se tornado quase que uma filha obediente demais, a família se sentia completamente satisfeita com o êxito da análise e não via motivo para a sua continuação. [...]” (p.109).

“A continuação da análise, que agora prosseguia de forma normal, levou a mudanças extensas não apenas quanto a isso mas em todo o desenvolvimento da personalidade de Ilse. Neste particular, ela foi muito ajudada pelo fato de que nós tivemos oportunidade de analisar a ansiedade que a



menstruação despertou nela. Seus laços excessivamente positivos com a mãe eram causados por ansiedade e sentimentos de culpa. [...]” (p.110).

“Mencionei anteriormente os atos sexuais realizados por Ilse e o irmão, um ano e meio mais velho do que ela. Não muito depois de ter começado a análise de Ilse, iniciei também o tratamento do irmão. As duas análises mostraram que a associação sexual entre os dois remontava a muito tempo atrás, no começo da infância, e tinha continuado por todo o período de latência, embora em intervalos mais raros e numa forma abrandada. O mais notável é que Ilse não tinha nenhum sentimento de culpa consciente quanto a isso, mas detestava o irmão. A análise do irmão teve o efeito de fazê-lo pôr um ponto final a essas relações性uais, e isso de início despertou nela um ódio ainda mais intenso por ele. Mas, mais adiante na análise de Ilse, junto com as outras mudanças que se deram nela, ela começou a ter fortes sentimentos de culpa e ansiedade com respeito a esses episódios.” (p.111).

“Ao analisar as camadas mais profundas da mente, temos que observar certas condições definidas. Em comparação com a ansiedade modificada dos extratos superiores, a ansiedade dos níveis mais profundos é muito maior tanto em quantidade quanto em intensidade e torna-se, portanto, imperativo que sua liberação seja devidamente regulada. Conseguimos isso remetendo continuamente a ansiedade de volta às suas fontes e resolvendo-a, e através da análise sistemática da situação transferencial.” (p.112).

“Além disso, tendo a quantidade da sua ansiedade sistematicamente regulada, a criança não acumulará ansiedade excessiva durante os intervalos em sua análise ou se o tratamento for prematuramente interrompido. No caso de tais interrupções, é verdade, a ansiedade muitas vezes se torna momentaneamente mais aguda, mas o ego da criança logo é capaz de ligá-la e modificá-la e até mais do que antes da análise. Em certos casos, a criança pode evitar até mesmo uma fase passageira de ansiedade mais aguda desse tipo.” (p.113).

“A primeira questão que sé apresenta é: que dificuldades devem ser encaradas como normais e que dificuldades como neuróticas nas crianças — quando estão elas sendo meramente travessas e quando estão realmente doentes? De modo geral, esperamos nos deparar com certas dificuldades típicas, que variam consideravelmente em quantidade e no efeito, as quais, contanto que não excedam certos limites, são vistas como fazendo parte do desenvolvimento da criança. Contudo, como uma certa



quantidade de dificuldades é inevitável no desenvolvimento da criança, creio que ficamos inclinados a pouco apreciar em que medida essas dificuldades cotidianas deveriam ser vistas como a base de perturbações graves de desenvolvimento e indicativas dessas mesmas perturbações.” (p.115).

“O adulto normal pode racionalizar seus desagrados—e nunca há falta deles — das mais variadas maneiras, dizendo que o objeto deles é “chato”, “de mau gosto” ou “pouco higiênico” e muitas outras coisas, ao passo que em uma criança os desagrados e hábitos desse tipo que, é preciso admitir, são mais intensos e menos adaptados socialmente do que no adulto, são atribuídos a “má-criação”. No entanto, eles são invariavelmente uma expressão de ansiedade e de sentimentos de culpa. Estão intimamente relacionados com fobias e usualmente a ceremoniais obsessivos também e são determinados pelos complexos da criança nos menores detalhes; e, por esse motivo, são freqüentemente muito resistentes a medidas educativas, embora possam muitas vezes ser resolvidos por análise como qualquer sintoma neurótico.” (p.116).

“Nas crianças, há um tipo de vivacidade excessiva que muitas vezes vem acompanhada de uma maneira despótica e desafiadora e que as pessoas, a partir do seu próprio ponto de vista, freqüentemente confundem ou com um sinal especial de “temperamento” ou com desobediência mesclada com desafio e desprezo. Tal comportamento é também uma forma de compensar a ansiedade e esse método de lidar com a ansiedade influí muito na formação do caráter da criança e na sua atitude posterior com relação à sociedade.<sup>1</sup> A “agitação” que muitas vezes acompanha essa vivacidade excessiva é, na minha opinião, um sintoma importante. As descargas motoras que a criança pequena consegue através desse desassossego freqüentemente se tornam condensadas no começo do período de latência em movimentos definidos e estereotipados que habitualmente passam despercebidos no quadro geral de atividade extremada que a criança apresenta. Na puberdade, ou às vezes até antes, eles reaparecem ou se tornam mais óbvios e formam a base de um tique.” (p.117).

“Em muitos casos, inibições no brincar são a base de inibições da aprendizagem. Em vários casos de crianças que eram inibidas para brincar se tornaram muito boas na escola, descobriu-se que seu impulso para aprender era essencialmente compulsivo, e algumas delas —especialmente na puberdade —desenvolvem graves limitações na sua capacidade de aprender. Inibições na aprendizagem, como inibições na capacidade de brincar, podem apresentar todos os graus de intensidade e tocas as variedades de forma, como indolência, falta de interesse, aversão forte por determinados assuntos ou o hábito peculiar de recusar fazer a lição de casa a não ser no último minuto



e mesmo então só em resposta a pressões. Essas inibições na aprendizagem são muitas vezes a base de inibições vocacionais futuras, cujos sinais mais antigos já podem, desse modo, ser vistos nas inibições que a criança pequena tem ao brincar.” (p.118).

“A atitude da criança em relação a presentes é também muito característica. Muitas crianças são insaciáveis a esse respeito, na medida em que nenhum presente pode lhes dar alguma satisfação real e duradoura ou leva a qualquer coisa que não desapontamento. Outras têm muito pouco desejo de recebê-los e mostram-se igualmente indiferentes a qualquer presente. Observamos em adultos essas mesmas atitudes em muitas situações. Há entre as mulheres aquelas que estão sempre ansiando por roupas novas mas que nunca realmente sentem prazer com elas e que, aparentemente, nunca “têm nada para vestir”. [...]” (p.119).

“Gostaria também de enfatizar o elemento psicogênico nas várias doenças físicas a que estão sujeitas as crianças. Verifiquei que muitas crianças encontram em grande medida uma expressão para a sua ansiedade e sentimento de culpa adoecendo (e nesse caso, melhorar tem um efeito reassegurador) e que, em geral, suas doenças freqüentes numa certa idade são em parte determinadas pela neurose. Esse elemento psicogênico tem o efeito de aumentar não apenas a sensibilidade da criança a infecções, como a gravidade e duração da própria doença.<sup>1</sup> Observei que, de maneira geral, depois de uma análise levada a termo a criança se acha muito menos sujeita a resfriados em particular. Em alguns casos sua suscetibilidade a eles foi quase que inteiramente eliminada.” (p.120).

“Do que foi dito até agora, concluo que as dificuldades que não faltam jamais no desenvolvimento de uma criança são neuróticas em essência. Em outras palavras, toda criança passa por uma neurose que só difere em grau de um indivíduo para outro. Já que a psicanálise mostrou-se ser o meio mais eficaz de remover as neuroses de adultos, parece lógico fazer uso dela para combater as neuroses das crianças e, além disso, verificando que toda criança atravessa uma neurose, aplicá-la a todas as crianças. Presentemente, devido a considerações práticas, só é possível submeter as dificuldades neuróticas de crianças normais a tratamento analítico em casos raros. Portanto, ao descrever as indicações para tratamento, é importante esclarecer que sinais sugerem a presença de uma neurose grave, isto é, uma neurose que não deixa qualquer dúvida de que a criança sofrerá dificuldades consideráveis também nos anos futuros.” (p.121).



“Normalmente, esperaríamos ver traços claros das lutas e crises sérias pelas quais a criança passa nos primeiros anos de sua vida. Contudo, esses sinais diferem de muitas maneiras dos sintomas do adulto neurótico. Até certo ponto, a criança normal mostra abertamente sua ambivalência e seus afetos; a sujeição às premências pulsionais e às fantasias age de forma reconhecível e também é reconhecível a influência do seu superego. [...]” (p.122).

“Em muitas crianças, a incapacidade original de tolerar frustração fica obscurecida por uma grande adaptação aos requisitos da sua educação. Desde muito cedo elas se tornam crianças “boas” e “cooperativas”. Mas são precisamente essas crianças que mais comumente têm aquela atitude de indiferença com relação a presentes e agrados mencionados anteriormente. Se, além dessa atitude, exibem uma inibição muito grande para brincar e uma fixação excessiva a seus objetos, a probabilidade de desenvolverem uma neurose em anos vindouros é muito grande. [...]” (p.123).

“Além de tudo, parece-me que não sabemos muito sobre a estrutura mental e as dificuldades inconscientes do indivíduo normal, uma vez que ele tem sido muito menos objeto da investigação psicanalítica do que o neurótico. A experiência analítica de crianças mentalmente saudáveis de várias idades convenceu- me de que, muito embora o ego delas reaja de modo normal, elas também têm que enfrentar grandes quantidades de ansiedade, forte culpa inconsciente e profunda depressão, e, em alguns casos, a única coisa que distingue a dificuldade delas das da criança neurótica é o fato de que são capazes de lidar com elas de uma maneira mais esperançosa e ativa. O resultado obtido por meio do tratamento analítico nesses casos também me parece provar seu valor mesmo com crianças que são apenas muito levemente neuróticas. Parece ter fundamento o pressuposto de que, diminuindo a ansiedade e sentimento de culpa delas e efetuando mudanças fundamentais na sua vida sexual, pode-se exercer uma grande influência não apenas em crianças neuróticas mas também no futuro das crianças normais.” (p.124).

“Quando, como resultado do trabalho analítico, uma criança que começa com um único interesse obsessivo em brincar adquire um interesse cada vez mais amplo por jogos, temos um processo equivalente à expansão de interesses e ao aumento da capacidade de sublimação que é o objetivo da análise de um adulto. Desse modo, pela compreensão do brincar das crianças podemos avaliar a capacidade de sublimação delas nos anos vindouros; e podemos também dizer quando uma análise é uma proteção suficiente contra futuras inibições da capacidade de aprender e de trabalhar.” (p.125).



“Tenho repetidamente observado que o brincar das crianças, como os sonhos, têm uma fachada e que só podemos descobrir seu conteúdo latente por meio de uma cuidadosa análise, da mesma maneira que descobrimos o conteúdo latente dos sonhos. Mas o brincar, por causa da sua relação mais próxima da realidade e seu papel fundamental como expressão da mente infantil, muitas vezes sofre uma elaboração secundária mais forte do que o sonho. Por esse motivo, é apenas muito gradualmente, através das mudanças por que passam as brincadeiras da criança, que chegamos a conhecer as várias correntes de sua vida mental.” (p.126).

“O fortalecimento gradual de suas tendências heterossexuais ficou registrado através de várias alterações no seu brincar. De início, os pormenores das suas brincadeiras mostravam que suas fixações pré-genitais ainda predominavam nas suas relações heterossexuais ou, - então, repetidamente substituíam suas fixações genitais. Por exemplo, a carga que o trem trazia para a cidade ou o furgão que fazia entregas na casa freqüentemente simbolizavam excrementos; e, nesse caso, a entrega se faria na porta traseira. O fato de que esses jogos representavam um tipo violento de coito anal com a mãe se mostrava, entre outras coisas, no fato de que ao descarregar carvão, digamos, do furgão, o jardim ou a casa muitas vezes se estragavam, as pessoas na casa ficavam bravas, e a brincadeira logo era interrompida por causa da sua própria ansiedade.” (p.127).

“[...] Uma fantasia típica de menino desse tipo — e que Kurt também externou — é a de copular com a mãe conjuntamente com o pai ou se revezando com este. Aqui podem estar envolvidas fantasias combinadas genitais e pré-genitais ou apenas predominantemente genitais. Nos jogos de Kurt, por exemplo, dois homenzinhos ou duas carretas entrariam por um portão ou em um edifício que representava o corpo da mãe (uma outra entrada seria o ânus da mãe). Esses dois homenzinhos muitas vezes se punham de acordo em entrar juntos ou se alternando; ou, então, um deles subjugaria ou passaria a perna no outro. Nessa luta, o homenzinho menor —Kurt — transformando-se em um gigante obteria a vitória e removeria o maior — o pai. [...]” (p.128).

“À medida quê sua análise avança, o menino se torna progressivamente capaz de pôr em prática em jogos e sublimações as fantasias heterossexuais em que ousa lutar com o pai pela posse da mãe. Suas fixações pré-genitais diminuem e a própria luta muda muito em caráter. Seu sadismo diminui, o que facilita a luta, uma vez que desperta menos ansiedade e culpa nele. Assim, sua capacidade ampliada



de realizar suas fantasias em brincadeiras de maneira calma e sem interrupções e de introduzir o elemento de realidade nelas mais satisfatoriamente é uma indicação de que ele possui os alicerces da potência sexual na vida futura. Essas mudanças no caráter de suas fantasias e brincadeiras vêm sempre acompanhadas por outras mudanças importantes em todo o seu comportamento, como, por exemplo, ser mais ativo e mais livre. Isto se vê através da remoção de inúmeras inibições nele e pela sua atitude diferente tanto com relação a seu ambiente mais imediato quanto ao mais distante.” (p.129).

“[...] O seu próprio medo agudo de se sujar ou ficar destruída por dentro, ou ficar malvada fazia que ela ficasse limpando a boneca com grande premência — boneca que representava a ela mesma — e trocando suas roupinhas. Apenas depois de seu complexo de castração ter sido parcialmente analisado é que transpirou que seu brincar obsessivo com a boneca bem no começo da análise já tinha dado expressão à sua ansiedade mais profunda, a saber, o medo de que a mãe tomasse as crianças dela e as levasse embora.” (p.130).

“A razão pela qual podemos prever como será a vida sexual das crianças a partir do caráter e desenvolvimento das fantasias expressas no brincar se deve ao fato de que a totalidade de suas brincadeiras e sublimações está assentada sobre fantasias masturbatórias. Se, como eu penso, suas brincadeiras são um meio de expressar as fantasias masturbatórias e de encontrar uma vazão para elas, fica compreensível que o caráter de suas fantasias ao brincar indicará a natureza de sua vida sexual futura; segue-se também que a análise de crianças é capaz não apenas de promover maior estabilidade e capacidade de sublimação na criança, mas também de assegurar um bem-estar mental e perspectivas de felicidade no adulto.” (p.131).

“Sabemos que a masturbação em bebês é uma ocorrência geral e que atividades masturbatórias são algo muito comumente difundido, em grau maior ou menor, até o período de latência, embora, naturalmente, dificilmente esperaríamos encontrar crianças, mesmo as muito pequenas, se masturbando abertamente. No período imediatamente precedente à puberdade e particularmente durante a própria puberdade, a masturbação se torna muito freqüente de novo. O período no qual as atividades da criança são menos pronunciadas é o período de latência. Isto se deve ao fato de que a dissolução do complexo de Édipo se faz acompanhar de uma diminuição das demandas pulsionais. Freud escreve: “A principal tarefa durante o período de latência parece ser a de manter à distância a tentação de masturbar.” Essa sua afirmação parece apoiar a visão de que durante o período de latência



a pressão do id ainda não diminuiu no grau normalmente aceito ou então que a força do sentimento de culpa da criança contra as demandas do id aumentou.” (p.132).

“Pareceria, então, que o declínio do conflito edipiano normalmente anuncia um período no qual os desejos sexuais da criança são abrandados mas de modo algum completamente deixados; e uma quantidade moderada de masturbação de um tipo não-obsessivo é uma ocorrência normal em crianças de todas as idades.” (p.133).

“Os dois irmãos, Günther e Franz, haviam sido criados em circunstâncias pobres, mas não desfavoráveis. Os pais se davam bem e a mãe, embora tivesse que fazer ela mesma todo o trabalho da casa, tinha um interesse ativo e esclarecido pelos filhos. Mandou Günther para ser analisado em razão de seu caráter-incomumente inibido e tímido e de sua evidente falta de contato com a realidade. [...]” (p.134).

“Quanto ao irmão menor, Franz, seu inconsciente tinha uma clara concepção do significado inconsciente dos atos e, em concordância com isso, seu terror de ser castrado e morto pelo irmão mais velho foi intensificado a um grau exagerado. Contudo, ele nunca havia se queixado a ninguém ou de algum modo permitido que as relações entre eles fossem descobertas. O menor reagia a essas atividades que o aterrorizavam com uma grave fixação masoquista e com sentimento de culpa, ainda que ele fosse o que havia sido seduzido. Seguem-se algumas das razões para essa atitude.” (p.135).

“Um grande número de observações desse tipo levou-me à conclusão de que é a pressão excessiva por parte do superego que determina uma instigação compulsiva das atividades sexuais, da mesma forma que determina uma completa supressão delas; quer dizer, a ansiedade e um sentimento de culpa reforçam fixações libidinais e intensificam desejos libidinais.<sup>1</sup> Um sentimento de culpa excessivo e uma ansiedade muito grande parecem impedir um abrandamento das necessidades pulsionais da criança quando o período de latência se instala. [...]” (p.136).

“Ficou claro no caso de Günther e Franz que a compulsão que sentiam a ter relações sexuais um com o outro era determinada por um fator que pareceria ter um significado geral para a compulsão à repetição. Quando a ansiedade diz respeito a um perigo irreal dirigido ao interior do seu corpo, o indivíduo se vê impelido a transformar aquele perigo em um perigo real e externo. (No presente caso,



o medo que Franz tinha do pênis internalizado do irmão enquanto um perseguidor e o medo aos pais “maus” internalizados premiam-no a deixar-se ser assaltado pelo irmão.) Ele continuamente criará uma situação externa de perigo desse tipo, de um modo compulsivo, na medida em que o medo da situação de perigo real,<sup>1</sup> de qualquer forma, não é tão grande quanto a ansiedade que ele sente a respeito do interior de seu corpo, e com a qual também pode lidar de uma maneira melhor.” (p.137).

“Com respeito ao segundo caso, será suficiente que eu mencione os fatos e afirme que, por diferente que seja nos pormenores, os mesmos fatores do caso anterior encontravam-se atuantes. Ilse, de doze anos, e Gert, de treze anos e meio, costumavam de tempos em tempos se engajar em atos semelhantes a um coito e que aconteciam de repente, e muitas vezes depois de longos intervalos. [...]” (p.138).

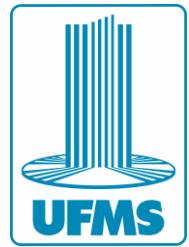
“Nesses dois casos e em outros semelhantes, o levantamento da compulsão é efetuado simultaneamente a muitas mudanças importantes e inter-relacionadas. A diminuição gradual analiticamente induzida do sentimento de culpa da criança se faz acompanhar de um decréscimo do sadismo e de uma emergência mais forte da fase genital. Essas mudanças se tornam evidentes em mudanças correspondentes nas fantasias masturbatórias [da criança] e, na criança menor, também nas suas fantasias presentes no brincar.” (p.139).

“A questão que surge agora é em que medida é possível impedir que relações dessa natureza venham a ocorrer. Parece altamente duvidoso que isso seja possível sem causar bastante dano de outras formas, uma vez que, por exemplo, as crianças teriam que ser mantidas sob uma vigilância regular e sofreriam um grave cerceamento da sua liberdade; e também, em todo caso, por mais estrita- mente que elas fossem vigiadas, sempre poderia acontecer. Além do mais, embora experiências antigas como essas possam fazer muito mal em alguns casos, em outros podem influenciar favoravelmente o desenvolvimento geral da criança.” (p.140).

“[...] A proteção estrita dos pequenos perde o seu valor porque é impotente contra o fator constitucional. Além disso, é mais difícil de ser realizada do que os educadores imaginam e traz consigo dois novos perigos que não devem ser subestimados: o fato de que pode conseguir demais — pode encorajar um excesso de repressão sexual, com resultados danosos — e o fato de que pode lançar a criança na vida sem qualquer defesa contra o assalto das exigências sexuais que encontrará na puberdade. Assim sendo, permanece extremamente duvidoso em que medida a profilaxia na



**Serviço Público Federal  
Ministério da Educação  
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Campus de Paranaíba - Curso de Psicologia**



infância pode ser efetuada com vantagem, e se uma atitude modificada quanto à situação imediata não poderia oferecer um ângulo de abordagem melhor para a prevenção das neuroses.” (p.141)



## **ATIVIDADES ORIENTADAS DE ENSINO**

### **TEMA 2**

### **FICHAMENTO 5**

**Discente:** Estefani Gabrieli Alves de Souza

**Orientadora:** Camila Bellini Colussi Macedo

KLEIN, Melanie. **A psicanálise de crianças.** Imago, Rio de Janeiro: Imago, 1997. Capítulo 8 -10.

“Pretendo nos capítulos seguintes fazer uma contribuição para o nosso conhecimento da origem e estrutura do superego. As conclusões teóricas que apresento se baseiam em análises reais de crianças pequenas que me possibilitaram ter uma visão direta dos processos mais arcaicos do desenvolvimento mental. Essas análises mostraram que as frustrações orais liberam os impulsos edipianos e que o superego começa a se formar ao mesmo tempo. Os impulsos genitais ficam de início despercebidos, uma vez que normalmente eles não se manifestam em confronto com os impulsos pré-genitais até o terceiro ano de vida. Este é o início daquele período de desenvolvimento que se caracteriza por uma demarcação distinta das tendências sexuais e que é conhecido como o florescimento inicial da sexualidade e a fase do conflito edipiano.” (p.145).

“Como Abraham e Ophuijsen assinalaram, um reforço por parte das fontes constitucionais das zonas que estão envolvidas no morder, tais como os músculos da mandíbula, é um fator fundamental na fixação do bebê no nível sádico- oral. As deficiências mais sérias de desenvolvimento e doenças psíquicas surgem ali onde as frustrações externas —isto é, condições de alimentação desfavoráveis — coincidem com um sadismo oral constitucionalmente fortalecido que prejudica o prazer do bebê no sugar. Inversamente, um sadismo oral que não se estabelece nem cedo demais nem muito violentamente (e isso pressupõe que o estágio de sucção seguiu seu curso de modo satisfatório) parece ser uma condição necessária para o desenvolvimento normal [da criança].” (p.146).

“Com relação à origem da ansiedade, Freud ampliou a sua concepção original e agora dá apenas uma validade muito limitada à hipótese de que a ansiedade surge de uma transformação direta da libido. Ele mostra que, quando o bebê que suga está com fome, ele sente ansiedade como resultado de um



aumento de tensão causado por sua necessidade, porém essa situação de ansiedade arcaica tem um protótipo ainda anterior. [...]” (p.147).

“Freud nos diz que a libido narcisista do organismo lança a pulsão de morte para fora em direção aos seus objetos com a finalidade de evitar que ele, organismo, se destrua a si próprio. Ele considera esse processo fundamental para as relações do indivíduo com seus objetos e no mecanismo da projeção. Prossegue dizendo: “Uma outra porção [da pulsão de morte] não partilha dessa transposição para fora; permanece dentro do organismo e, com a ajuda da excitação sexual que a acompanha, acima descrita, se torna ali libidinalmente ligada. É nessa porção que temos que reconhecer o masoquismo erógeno original.” (p.148).

“A ansiedade evocada na criança pelas suas moções pulsionais destrutivas faz-se sentir no ego, creio eu, em duas direções. Em primeiro lugar, implica o aniquilamento do seu próprio corpo por seus impulsos destrutivos, o que constitui um medo de um perigo pulsional interno;2 mas, em segundo lugar, focaliza os seus medos quanto a seu objeto externo, contra quem são dirigidos seus sentimentos sádicos, como uma fonte de perigo. [...]” (p.149).

“Tanto quanto nos é dado ver, a tendência sádica mais intimamente aliada ao sadismo oral é o sadismo uretral. Observações têm confirmado que as fantasias que as crianças têm de inundar e de destruir por meio de enormes quantidades de urina em termos de encharcar, afogar, queimar e envenenar são uma reação sádica a terem sido privadas de líquido pela mãe e são, em última instância, dirigidas contra o seio.” (p.150).

“Qualquer outro veículo de ataque sádico empregado pela criança, como o sadismo anal e o sadismo muscular, é em primeiro lugar dirigido contra o seio frustrador da mãe; mas ele é logo em seguida dirigido para o interior do corpo materno, que se torna assim, de imediato, o alvo de todo instrumento de sadismo altamente intensificado e eficaz. Na análise de crianças pequenas, esses desejos destrutivos sádico-orais da criança se alternam constantemente com desejos de destruir o corpo da mãe devorando-o e inundando-o; mas o seu objetivo original de devorar e destruir o seio é sempre discernível entre eles.” (p.151).



“Encontramos, além disso, nas análises de crianças pequenas, que a frustração oral desperta na criança um conhecimento inconsciente de que os pais desfrutam prazeres sexuais mútuos e uma crença inicial de que eles são de tipo oral. [...]” (p.152).

“Penso que a razão pela qual o menino tem nas camadas mais profundas de sua mente um medo tão tremendo da mãe como castradora, e pela qual ele abriga a idéia tão intimamente associada com esse medo da “mulher com pênis”, é que ele tem medo dela como uma pessoa cujo corpo contém o pênis do pai; desse modo, o que ele teme em última instância é o pênis do pai incorporado à mãe. [...]” (p.153).

“Além do aumento quantitativo que o sadismo da criança sofre em cada ponto de origem, mudanças qualitativas ocorrem aí e servem para intensificá-lo ainda mais. Na parte final da fase sádica, os ataques imaginários da criança a seu objeto, que são de uma natureza muito violenta e perpetrados por todos os métodos à disposição do seu sadismo, são ampliados, de modo a incluir ataques secretos e sub-reptícios por meio de métodos particularmente sutis, que os tornam ainda mais perigosos. [...]” (p.154).

“Não penso que se possa estabelecer uma distinção nítida entre os estágios iniciais do conflito edipiano e os estágios posteriores. Uma vez que, na medida em que minhas observações o mostram, os impulsos genitais manifestam-se ao mesmo tempo que os pré-genitais e os influenciam e modificam e uma vez que, como resultado dessa associação tão arcaica, eles próprios mostram traços de certos impulsos pré-genitais mesmo em estágios posteriores de desenvolvimento, atingir o estágio genital significa simplesmente um fortalecimento dos impulsos genitais. Tal fusão dos impulsos pré-genitais e genitais pode ser vista no bem conhecido fato de que, quando as crianças presenciam a cena primária ou têm fantasias primárias — ambos os eventos de caráter genital —, elas experimentam impulsos pré-genitais muito poderosos, tais como urinar na cama e defecar, acompanhados de fantasias sádicas dirigidas aos pais em cópula.” (p.155).

“[...] Se estamos certos em supor que as tendências edípicas da criança se manifestam quando o sadismo acha-se no auge, somos levados à conclusão de que são principalmente os impulsos de ódio que iniciam o conflito edipiano e a formação do superego e que governam os estágios mais arcaicos e mais decisivos de ambos. Tal visão, embora possa à primeira vista parecer alheia à teoria



estabelecida da psicanálise, não obstante, se encaixa com o nosso conhecimento do fato de que o desenvolvimento da libido procede do estágio pré-genital para o estágio genital. [...]” (p.156).

“Segundo minhas observações, a formação do superego é um processo mais simples e mais direto. O conflito edipiano e o superego iniciam-se sob a supremacia dos impulsos pré-genitais, e os objetos que foram introjetados na fase sádico-oral — as primeiras catexias de objetos e identificações — formam os primórdios do superego. Além disso, o que inicia a formação do superego e governa os seus estágios mais remotos são os impulsos destrutivos e a ansiedade por eles despertada. [...]” (p.157).

“Seria uma decorrência lógica que o ego encarasse o objeto internalizado como um inimigo tão cruel do id, a partir do fato de que a pulsão destrutiva que o ego lançou para o exterior foi dirigida contra aquele objeto e, consequentemente, só hostilidade contra o id pode ser esperada. Mas, pelo que se pode ver, também está envolvido um fator filogenético na origem da ansiedade muito arcaica e muito intensa que, segundo a minha experiência, a criança sente com relação a seu objeto internalizado. [...]” (p.158).

“A psicanálise não seguiu a segunda linha de pensamento. Como a literatura mostra, adotou a teoria de que o superego deriva da autoridade parental e fez dessa teoria a base de toda a investigação posterior sobre o assunto. [...]” (p.159).

“Parece-me procedente chamar as identificações arcaicas feitas pela criança de “estágios iniciais da formação do superego”, da mesma maneira que usei o termo “estágios iniciais do conflito edipiano”. Já nos estágios mais arcaicos do desenvolvimento da criança, os efeitos dessas catexias de objetos exercem uma influência de um tipo que as caracteriza como um superego, embora difiram em qualidade e tipo de influência das identificações pertencentes a estágios posteriores. Por cruel que possa ser esse superego formado sob a supremacia do sadismo, ele, não obstante, torna-se, mesmo nesse estágio tão arcaico, a agência de onde procedem as inibições pulsionais, na medida em que assume a defesa do ego contra a pulsão destrutiva.” (p.160).

“Já disse que, na fase em que o sadismo está em seu ponto máximo, um aumento adicional das tendências sádicas leva a um aumento da ansiedade. As ameaças do superego arcaico contra o id



contêm em detalhe toda a gama das fantasias sádicas que foram dirigidas ao objeto e que são agora devolvidas contra o ego, ponto por ponto. Assim, a pressão exercida pela ansiedade nesse estágio arcaico corresponderá em quantidade à extensão do sadismo originalmente presente e em qualidade à variedade e riqueza das fantasias sádicas que a acompanham.” (p.161).

“No que concerne à linha divisória entre os dois estágios sádico-anais, o mesmo autor escreve o seguinte: “Ao encarar essa linha divisória como extremamente importante, encontramo-nos de acordo com a visão médica comum. Pois a divisão que os psicanalistas fizeram apoiados pela força dos dados empíricos coincide na realidade com a classificação em neurose e psicose feita pela medicina clínica. Mas os analistas, naturalmente, não tentariam fazer uma separação rígida entre afecções neuróticas e psicóticas. Eles estão conscientes, pelo contrário, de que a libido de qualquer indivíduo pode regredir para além dessa linha divisória entre as duas fases sádico-anais, dada uma causa de doença suficientemente excitante e dados certos pontos de fixação no seu desenvolvimento libidinal que facilitem uma regressão dessa natureza.” (p.162).

“Contudo, antes de tentar estudar a relação entre as situações de ansiedade arcaicas e o caráter específico dos distúrbios psicóticos, permitam-me retomar primeiro a maneira pela qual a formação do superego e o desenvolvimento das relações de objeto afetam-se mutuamente. Se é verdade que o superego se forma em um estágio tão arcaico do desenvolvimento do ego, que ainda está tão afastado da realidade, devemos reconsiderar o crescimento das relações de objeto sob uma nova luz. [...]” (p.163).

“A interação entre relação de objeto e superego também encontra expressão, creio, no fato de que em cada estágio de desenvolvimento os métodos que o ego usa nas suas transações com o objeto correspondem exatamente àqueles usados pelo superego com relação ao ego, e pelo ego com relação ao superego e ao id. [...]” (p.164).

“Esse medo tomaria várias formas de ser atacado e machucado por um inimigo dentro dele e do qual não haveria como escapar. Um medo desse tipo é provavelmente uma das fontes mais profundas da hipocondria e o excesso dele, insuscetível como é a qualquer modificação ou deslocamento, obviamente exigirá métodos de defesa particularmente violentos. Uma perturbação do mecanismo de



projeção parece, além do mais, fazer-se acompanhar de uma negação da realidade intrapsíquica.[...]" (p.165).

“No período em que predominam os ataques por meios de excrementos venenosos, os medos que a criança tem de ataques análogos a si própria por parte de seus objetos introjetados e externos se multiplicam, segundo a maior variedade e sutileza dos seus próprios procedimentos sádicos; estes forçam a eficácia de seus mecanismos de projeção até os seus limites máximos. Sua ansiedade se espalha e se distribui por muitos objetos e fontes de perigo no mundo externo, de modo que agora ela se sente temerosa de ser atacada por uma multidão de perseguidores. [...]” (p.166).

“O ponto de fixação para a paranóia é, creio, o período no qual o sadismo está em seu apogeu, em que os ataques da criança ao interior do corpo da mãe e ao pênis que pressupõe estar lá são levados a cabo por meio de excrementos venenosos e perigosos; e delírios de referência e de perseguição parecem-me emergir dessas situações de ansiedade.” (p.167).

“Assim, as fantasias sádicas da criança a respeito do interior do corpo da mãe estabelecem para ela uma relação fundamental com o mundo externo e com a realidade. Mas sua agressividade e a ansiedade que sente como consequência dela são um dos fatores fundamentais das suas relações de objeto. Ao mesmo tempo, a sua libido também é ativa e influencia as relações de objeto. Suas relações libidinais com seus objetos e a influência exercida pela realidade contrabalançam o medo dos inimigos internos e externos. Sua crença na existência de figuras prestativas e amorosas —crença essa baseada na eficácia da sua libido1 —permite que seus objetos da realidade emergam mais poderosamente e que suas imagens fantasiosas recuem para o segundo plano.” (p.168).

“No que diz respeito ao menino, ele também desenvolve uma relação positiva com o pênis do pai a partir da posição oral de sugar, na medida em que seio e pênis são equacionados. A fixação oral ao pênis do pai que pertence ao estágio do sugar me parece ser um fator fundamental no estabelecimento da verdadeira homossexualidade. [...]” (p.169).

“Nessa fase arcaica do desenvolvimento em que, como eu denominei, o sadismo se encontra em seu ponto máximo, vim a descobrir que todos os estágios pré-genitais e o estágio genital também são



investidos em rápida sucessão. O que então acontece é que a libido gradualmente consolida sua posição através da sua luta com as moções pulsionais destrutivas.” (p.170).

“Pelo que se pode ver, existe na criança pequena, lado a lado com suas relações com objetos reais, uma relação com imagens irreais que são vivenciadas ao mesmo tempo como excessivamente boas e como excessivamente más, mas num plano diferente. Normalmente, esses dois tipos de relações de objeto se entremeiam e colorem umas às outras em um grau sempre crescente. (Este é o processo que eu descrevi como a interação entre a formação do superego e relações de objeto.) Mas, na mente da criança muito pequena, seus objetos reais e seus objetos imaginários encontram-se ainda muito separados; e isso pode, em parte, explicar o motivo de ela não exibir tanto sadismo e ansiedade com relação a seus objetos reais como seria de se esperar a partir do caráter das suas fantasias.” (p.171).

“À medida que as tendências sádicas da criança diminuem, as ameaças feitas por seu superego se tornam um tanto reduzidas na sua violência e as reações do seu ego também sofrem uma mudança. O medo avassalador que a criança tem do superego e dos objetos e que domina os estágios iniciais do desenvolvimento precipita reações violentas. Pareceria que o ego tenta se defender inicialmente contra o superego escotomizando-o — para usar o termo de Laforgue — e, em seguida, expelindo-o. [...]” (p.172).

“O indivíduo vai se tornando cada vez mais eficiente na superação da ansiedade, graças ao desenvolvimento progressivo do bebê em direção ao estágio genital, durante o qual ele introjeta imagens mais amistosas, resultando em uma mudança no caráter dos métodos do superego.” (p.173).

“A meu ver, no segundo estágio anal, a criança está fazendo uma defesa contra as imagens aterrorizantes que ela introjetou na fase sádico-oral. A ejeção do superego representaria um passo na superação da ansiedade. Esse passo não poderia ter êxito nesse estágio porque a ansiedade a ser superada é ainda excessivamente poderosa e porque o método de ejeção violenta continuamente desperta nova ansiedade. A ansiedade que não pode ser suavizada desse modo pressiona a criança a investir o próximo nível superior da libido — o segundo estágio anal — e, assim sendo, age como uma agência promotora no seu desenvolvimento.” (p.174).



“Já ouvimos que os pontos de fixação das psicoses devem ser buscados nos estágios mais arcaicos do desenvolvimento e que a fronteira entre o primeiro e o segundo estágio anal forma a linha demarcatória entre a psicose e as neuroses. Sinto-me inclinada a dar um passo adiante e a encarar esses pontos de fixação como pontos de partida não apenas para doenças subsequentes como também para perturbações que a criança sofre durante os estágios mais arcaicos da sua vida. [...]” (p.175).

“As neuroses infantis apresentam um quadro complexo constituído dos muitos traços e mecanismos psicóticos e neuróticos que encontramos isoladamente e em forma mais ou menos pura em adultos. Nesse quadro complicado, às vezes encontram-se mais fortemente enfatizadas características de uma desordem, às vezes de uma outra. Mas em muitos casos o quadro das neuroses infantis está completamente obscurecido pelo fato de que as várias desordens e as defesas empregadas contra elas estão todas em operação ao mesmo tempo.” (p.176).

“As fobias infantis a animais são uma expressão de ansiedade arcaica desse tipo. Baseiam-se na ejeção do superego aterrorizador, que é característica do primeiro estágio anal. As fobias infantis a animais representam, assim, um processo constituído de diversos movimentos, pelos quais a criança modifica o medo que sente do seu superego aterrador e do id. O primeiro movimento é o de ejetar o superego e o id e projetá-los no mundo externo, onde o superego fica equacionado com o objeto real. [...]” (p.177).

“Tal vantagem seria ainda maior se, por meio de uma fobia a um animal, o ego pudesse não apenas efetuar um deslocamento de um objeto externo para outro, mas também uma projeção de um objeto muito temido, do qual, por ser internalizado, não havia como escapar, para um outro, externo, e um menos temido. Vista sob essa luz, a ansiedade de castração é não apenas uma distorção da sentença “mordido pelo cavalo (devorado pelo lobo) em vez de ser castrado pelo pai”, como também uma ansiedade mais arcaica de um superego devorador que está na base das fobias a animais.” (p.178).

“Considerada sob a luz da nossa discussão anterior, esta idéia é vista como expressando não apenas um anseio passivo e terno que foi degradado pela regressão, mas, acima de tudo isso, como sendo uma relíquia de um estágio muito arcaico do desenvolvimento.<sup>3</sup> Se olhamos o medo do menino de ser devorado por um lobo não apenas como um substituto por meio da distorção para a idéia de ser castrado pelo pai, mas, eu sugeriria, como uma ansiedade primária que persistiu sob uma forma não



modificada ao lado de versões posteriores, modificadas, dela, então seguir-se-ia que houvera um medo do pai ativo nele que deve ter influenciado decisivamente o curso do seu desenvolvimento anormal.” (p.179).

“Considerada sob a luz da nossa discussão anterior, esta idéia é vista como expressando não apenas um anseio passivo e terno que foi degradado pela regressão, mas, acima de tudo isso, como sendo uma relíquia de um estágio muito arcaico do desenvolvimento.<sup>3</sup> Se olhamos o medo do menino de ser devorado por um lobo não apenas como um substituto por meio da distorção para a idéia de ser castrado pelo pai, mas, eu sugeriria, como uma ansiedade primária que persistiu sob uma forma não modificada ao lado de versões posteriores, modificadas, dela, então seguir-se-ia que houvera um medo do pai ativo nele que deve ter influenciado decisivamente o curso do seu desenvolvimento anormal.” (p.180).

“Acredito que na fobia do Homem dos Lobos pude reconhecer claramente a ansiedade não modificada pertencente aos estágios mais arcaicos. Suas relações de objeto eram também muito menos bem-sucedidas do que as do pequeno Hans; e o seu estágio genital insuficientemente estabelecido e o efeito dos impulsos sádico-anais esmagadores tornaram-se evidentes na grave neurose obsessiva que tão cedo fez o seu aparecimento. Parecería que o pequeno Hans fora mais capaz de modificar o seu superego ameaçador e terrível em uma imago menos perigosa e de superar o seu sadismo e ansiedade. Seu maior êxito a esse respeito também encontrou expressão em sua relação de objeto mais positiva com ambos os pais e no fato de que sua atitude ativa e heterossexual era predominante e que ele havia atingido satisfatoriamente o estágio genital de desenvolvimento.” (p.181).

“A um primeiro olhar, parecería que minha idéia do papel importante que Certos elementos da neurose obsessiva desempenham no quadro clínico das neuroses infantis diverge daquilo que Freud disse a respeito do ponto de partida da neurose obsessiva. Contudo, acredito que o desacordo pode ser dissipado em um ponto fundamental.” (p.182).

“Ao distinguir desse modo entre a origem arcaica de traços obsessivos e, mais tarde, as neuroses obsessivas propriamente ditas, espero ter sido capaz de tornar a visão aqui apresentada com referência à gênese da neurose obsessiva mais alinhada com a teoria aceita. Em Inhibitions, Symptoms and



Anxiety , Freud diz: “A neurose obsessiva se origina... n a., necessidade de afastar as exigências libidinais do complexo de Édipo.” Continua: “A organização genital da libido revela-se fraca e insuficientemente resistente, de modo que, quando o ego começa seus esforços defensivos, a primeira coisa que ele consegue é fazer retroceder a organização genital (da fase fálica), no todo ou em parte, para o nível sáclico-anal anterior.” (p.183).

“A visão de que os mecanismos obsessivos começam a se tornar ativos muito cedo na infância, no segundo ano de vida, faz parte da minha tese geral de que o superego se forma nos estágios mais arcaicos da vida da criança, sendo em primeiro lugar sentido como ansiedade pelo ego e, em seguida, à medida que o primeiro estágio sádico-anal se encerra, também como um sentimento de culpa. Essa tese uma vez mais difere da teoria tal como a conhecemos até aqui. Na primeira parte deste livro, dei os dados empíricos em que ela se baseia; gostaria agora de dar uma razão teórica para apoiá-la. Voltemo-nos para Freud novamente. “Na neurose obsessiva, a mola de toda formação de sintomas posterior é claramente o medo que o ego tem do seu superego.” (p.184).

“Nessa fase, em consequência de ligar excrementos a substâncias perigosas, venenosas, abrasadoras e com armas ofensivas de todos os tipos, a criança se torna aterrorizada com seus próprios excrementos como sendo algo que destruirá o seu corpo. Essa equação sádica de excrementos com substâncias destrutivas, juntamente com suas fantasias de ataques empreendidos com o auxílio delas, levam ainda mais a criança a um medo de que ataques semelhantes possam ser feitos contra ela, tanto pelos seus objetos externos quanto pelos internos, e a sentir um terror de excrementos e de sujeira em geral. Essas fontes de ansiedade, mais esmagadoras ainda por serem tão diversificadas, são, na minha experiência, as causas mais profundas dos sentimentos de ansiedade e culpa da criança com relação ao seu treinamento nos hábitos de higiene.” (p.185).

“Nessa fase, em consequência de ligar excrementos a substâncias perigosas, venenosas, abrasadoras e com armas ofensivas de todos os tipos, a criança se torna aterrorizada com seus próprios excrementos como sendo algo que destruirá o seu corpo. Essa equação sádica de excrementos com substâncias destrutivas, juntamente com suas fantasias de ataques empreendidos com o auxílio delas, levam ainda mais a criança a um medo de que ataques semelhantes possam ser feitos contra ela, tanto pelos seus objetos externos quanto pelos internos, e a sentir um terror de excrementos e de sujeira em geral. Essas fontes de ansiedade, mais esmagadoras ainda por serem tão diversificadas, são, na minha



experiência, as causas mais profundas dos sentimentos de ansiedade e culpa da criança com relação ao seu treinamento nos hábitos de higiene.” (p.186).

“Sabemos que a supressão de atos obsessivos desperta ansiedade e que, portanto, esses atos servem ao propósito de controlar a ansiedade. Se presumirmos que a ansiedade assim dominada pertence às mais arcaicas situações de ansiedade e culmina no medo da criança de ter o próprio corpo, bem como o corpo do seu objeto, destruído de muitas maneiras, estaremos, acredito, em melhores condições de compreender o significado mais profundo de muitos atos obsessivos. A acumulação obsessiva de coisas, assim como o desfazer-se com pulsivo delas, se toma, por exemplo, mais inteligível no momento em que podemos reconhecer mais claramente a natureza da ansiedade e o sentimento de culpa que subjazem a um intercâmbio de bens no nível anal.” (p.187).

“Muitas vezes as crianças sofrem uma interrupção nas suas representações de “dar de volta” pela necessidade de ir ao banheiro defecar. Outro pacientezinho meu, também um menino de cinco anos, costumava às vezes ter que ir ao banheiro quatro ou cinco vezes durante a sessão nesse período da sua análise. [...]” (p.188).

“O fato de que um aumento de ansiedade leva a uma regressão aos mecanismos defensivos de estágios anteriores mostra quanto decisiva é a influência exercida pelo esmagadoramente poderoso superego pertencente ao período mais arcaico de desenvolvimento. A pressão exercida por esse superego arcaico aumenta as fixações sádicas da criança, com o resultado de que ela tem constantemente que repetir os seus atos destrutivos originais de um modo compulsivo.” (p.189).

“Em relação direta com o aumento da ansiedade dá criança, o seu desejo de posse é obscurecido por sua necessidade de ter os meios para enfrentar as ameaças do seu superego e dos objetos e se torna um desejo de ser capaz de devolver tudo.” (p.190).

“Deveríamos esperar que esses três elementos que se uniram em uma ação defensiva também estariam presentes naquelas fantasias e feitos que despertaram um sentimento de culpa em primeiro lugar e, assim, provocaram aquela ação defensiva. Essa mistura de mágica, desejos malignos e atividades sexuais deve ser encontrada, creio, em uma situação que foi pormenorizadamente descrita no último capítulo —nas atividades masturbatórias do bebê.” (p.191).



“Freud disse:1 “É difícil julgar se os atos obsessivos ou de proteção realizados por neuróticos obsessivos seguem a lei da semelhança (ou, por contraste, conforme o caso); eles sofreram uma distorção ao serem deslocados para alguma coisa muito pequena, alguma ação em si mesma da maior trivialidade.” A análise de crianças muito pequenas traz prova completa do fato de que os mecanismos restituidores baseiam-se em última instância nessa lei da semelhança (ou do contraste) em quantidade, qualidade, e em cada pormenor. [...]” (p.192).

“Esse mecanismo, contudo, não parece ser típico da neurose obsessiva. O paciente no qual eu o observei apresentava um quadro clínico de tipo misto, e não um puramente obsessivo. Em virtude do mecanismo de “deslocamento para algo muito pequeno”, que desempenha um papel tão grande na sua neurose, o paciente obsessivo pode buscar em conquistas muito pequenas uma prova da sua onipotência construtiva e da sua capacidade de fazer uma restituição completa. Parece, assim, que a dúvida quanto à sua onipotência construtiva é um incentivo essencial para repetir suas ações compulsivamente.” (p.193).

“Vemos a criança pequena avassalada por uma multidão de perguntas e problemas, com que seu intelecto ainda está inteiramente despreparado para lidar. A acusação típica que ela faz contra a mãe principalmente é de que ela não responde a essas perguntas e não satisfaz mais seu desejo de conhecer do que satisfez seus desejos orais. [...]” (p.194).

“À medida que os impulsos libidinais das crianças se fortalecem e seus impulsos destrutivos se enfraquecem, também mudanças qualitativas ocorrem continuamente no seu superego, cujos efeitos são agora sentidos pelo ego como influências predominantemente de advertência. E, à medida que a ansiedade diminui, os mecanismos restitutivos se tornam menos obsessivos em caráter e funcionam mais estavelmente, eficientemente e com resultados mais satisfatórios; e, então, as reações que correspondem ao estágio genital emergem com mais clareza.” (p.195).

“No começo do seu desenvolvimento, o ego está submetido à pressão das situações de ansiedade arcaicas. Frágil como ainda é, o ego se vê exposto, por um lado, às violentas exigências do id e, por outro, às ameaças de um superego cruel, e tem que exercer seus poderes ao máximo para satisfazer os dois lados. A descrição de Freud do ego como uma “pobre criatura que tem que servir a três



senhores e, consequentemente, ameaçada por três perigos” é especialmente verdadeira quando se refere ao ego fraco e imaturo da criança pequena, cuja principal tarefa é dominar a pressão da ansiedade sob a qual se encontra.” (p.196).

“O esforço realizado pelo ego para deslocar processos intrapsíquicos para o mundo externo e deixá-los lá seguir o seu curso parece estar ligado com outra função mental, função que Freud reconheceu em sonhos de pacientes que sofriam de neurose traumática. [...]” (p.197).

“Além do alívio que a projeção proporciona por possibilitar que os estímulos pulsionais internos sejam tratados como se fossem externos, o deslocamento da ansiedade relativa aos perigos internos para o mundo externo proporciona vantagens extras. [...]” (p.198).

“Segundo minha observação de crianças, a mãe tem que provar repetidamente pela sua presença que ela não é “má”, uma mãe que ataca. A criança necessita de um objeto real para combater o medo que tem dos seus objetos introjetados aterradores e do seu superego. Além disso, a presença da mãe é usada como evidência de que esta não está morta. À medida que sua relação com a realidade avança, a criança faz um uso crescente das relações com seus objetos e suas várias atividades e sublimação como um auxílio contra o medo do superego e dos impulsos destrutivos. Meu ponto de partida foi que a ansiedade estimula o desenvolvimento do ego. O que ocorre é que, em seus esforços para dominar a ansiedade, o ego da criança convoca para seu auxílio as relações que tem com seus objetos e com a realidade. Esses esforços são, portanto, de importância fundamental para a adaptação da criança à realidade e para o desenvolvimento do seu ego.” (p.199).

“A tentativa de efetuar um ajuste entre o superego e o id não pode ser bem-sucedida no inicio da infância, pois a pressão do id e a correspondente severidade do superego absorvem então toda a energia do ego. Quando, no início do período de latência, o desenvolvimento da libido e a formação do superego se completam, o ego está mais forte e pode enfrentar a tarefa de fazer um ajuste em uma base mais ampla entre os fatores envolvidos. O ego fortalecido se une ao superego no estabelecimento de uma ajuda comum que inclui acima de tudo o submetimento do id e sua adaptação às exigências de objetos reais e do mundo externo. Nesse período do seu desenvolvimento, o ideal de ego da criança é a criança bem comportada, “boazinha”, que satisfaz os pais e os professores.” (p.200).



“Um ponto mais. Vemos que, no início da infância, o superego e o id não podem ainda se reconciliar um com o outro. No período de latência, a estabilidade é alcançada pela união do ego e do superego na busca de um alvo comum. Na puberdade, cria-se uma situação similar à do período arcaico e a isso se segue uma vez mais uma estabilização mental do indivíduo. Já discutimos as diferenças entre esses dois tipos de estabilização; e podemos ver agora o que eles têm em comum. Em ambos os casos, é atingido um ajustamento por parte do ego e do superego que se põem de acordo quanto a um alvo comum e quanto a um ideal de ego que leva em consideração as exigências da realidade.” (p.201).

“Uma brincadeira típica de meninos que revela os componentes masculinos com muita clareza consiste em brincar com carrinhos, cavalos e trens. Isso simboliza um caminho para dentro do corpo da mãe. No seu brincar, os meninos dramatizam repetidamente e com toda sorte de variações cenas de luta com o pai dentro do corpo da mãe e de cópula com esta. [...]” (p.202).

“No brincar de crianças pequenas podemos, assim, reconhecer que o ego arcaico da criança só alcança parcialmente o objetivo de controlar a ansiedade. Com o início do período de latência, a criança controla melhor sua ansiedade e, ao mesmo tempo, mostra uma capacidade maior de corresponder às demandas da realidade. Suas brincadeiras perdem seu conteúdo imaginativo e o seu lugar é aos poucos ocupado pelo trabalho escolar. A preocupação da criança com as letras do alfabeto, os números aritméticos e o desenho, que de início tem um caráter lúdico, substitui amplamente os jogos com brinquedos. A maneira pela qual as letras são juntadas, o zelo da criança em acertar sua forma e ordem e em fazê-las do mesmo tamanho, e o deleite ao conseguir a correção em cada um desses pormenores, tudo isso está baseado nas mesmas condições internas que a sua atividade anterior de construir casas e brincar com bonecas. [...]” (p.203).

“No menino, a escrita é a expressão dos seus componentes masculinos. O golpe da caneta e o sucesso com que ele forma as letras representam um desempenho ativo do coito e são prova de que ele possui um pênis e potência sexual. [...]” (p.204).

“Essa breve revisão de processos tão complicados e tão amplamente ramificados de desenvolvimento tem necessariamente que ser esquemática. Na verdade, a fronteira entre a criança normal e a criança neurótica não é muito nitidamente delineada, especialmente durante o período de latência. A criança



neurótica pode ser boa na escola. A criança normal não está sempre ansiosa por aprender, já que ela sempre procura refutar as suas situações de ansiedade de outras maneiras, por exemplo, exibindo proezas físicas. No período de latência, a menina normal muitas vezes domina sua ansiedade por modos proeminentemente masculinos e o menino pode ainda ser considerado normal mesmo que escolha modos mais passivos e femininos de comportamento para a mesma finalidade.” (p.205).

“O leitor deve estar lembrado de que eu apresentei a visão de que a situação da qual se origina a neurose obsessiva se encontra no inicio da infância. Mas eu disse que nesse período do desenvolvimento surgem apenas traços obsessivos isolados. Eles, em geral, não se organizam de modo a formar uma neurose obsessiva até que se instale o período de latência. Essa sistematização de traços obsessivos, que se dá junto com uma consolidação do superego e um fortalecimento do ego, é alcançada pelo superego e pelo ego ao estabelecerem um objetivo comum. Esse objetivo comum se torna a base do poder deles sobre o id. E, embora a supressão das pulsões da criança exigida por seus objetos seja levada a cabo com o auxílio dos seus mecanismos obsessivos, ela não terá êxito a não ser que todos os fatores envolvidos estejam agindo em concerto contra o id. Nesse processo abrangente de organização, o ego manifesta aquilo que Freud chamou de “a tendência do ego para sintetizar”. (p.206).

“Contudo, é necessário para a futura estabilidade da criança que esse mecanismo de domínio da ansiedade não predomine excessivamente. Se os interesses e conquistas e outras gratificações da criança forem completamente devotados a seus esforços de ganhar amor e reconhecimento dos seus objetos; isto é, se suas relações de objeto forem o meio predominante de controlar sua ansiedade e de dissipar seu sentimento de culpa, sua saúde mental em anos futuros não estará plantada em solo firme. [...]” (p.207).

“Freud diz que “o advento da puberdade abre um capítulo decisivo na história de uma neurose obsessiva” e, além disso, nessa ocasião “os impulsos agressivos arcaicos [serão] redespertados; mas uma proporção maior ou menor dos novos impulsos libidinais —em casos desfavoráveis, a totalidade deles — terá que seguir o curso a eles prescrito pela regressão e emergirá como tendências agressivas e destrutivas. Como consequência de as tendências eróticas se disfarçarem desse modo e devido às poderosas formações reativas do ego, a luta contra a sexualidade será daqui para a frente levada adiante sob a bandeira de princípios éticos”.”



“É aqui que entram suas atividades e conquistas. Por meio dessas conquistas, físicas ou intelectuais, que exigem, entre outras coisas, coragem, força e tenacidade, ele prova a si próprio que a castração que tanto teme não aconteceu e que ele não é impotente. Suas conquistas também gratificam suas tendências reativas e aliviam seu sentimento de culpa. [...]” (p.209)

“O processo normal de controlar a ansiedade parece estar condicionado por um grande número de fatores, nos quais os métodos específicos empregados agem em conjunção com elementos quantitativos, tais como a quantidade de sadismo e ansiedade presente e o grau da capacidade do ego de tolerar a ansiedade. [...]” (p.210).

“Tentei neste capítulo mostrar que todas as atividades e sublimações do indivíduo também servem para controlar sua ansiedade e aliviar sua culpa. A força motora de todas as atividades e interesses é, além da satisfação dos seus impulsos agressivos, o desejo de fazer restituição ao seu objeto e restaurar seu próprio corpo e partes sexuais. Vimos também que, em um estágio muito arcaico do seu desenvolvimento, seu senso de onipotência está a serviço de seus impulsos destrutivos.” (p.211).

“Finalmente, devo examinar como a explicação oferecida nessas páginas do método normal de lidar com situações de ansiedade se compara com a visão de Freud sobre o assunto. Em *Inhibitions, Symptoms and Anxiety* ele escreve: “Parece mesmo, portanto, que certos determinantes de ansiedade são abandonados e certas situações de perigo perdem o seu significado à medida que o indivíduo se torna mais maduro.” Essa afirmação, contudo, é modificada por suas observações subsequentes. [...]” (p.212).



## ATIVIDADES ORIENTADAS DE ENSINO

### TEMA 2

### FICHAMENTO 6

**Discente:** Estefani Gabrieli Alves de Souza

**Orientadora:** Camila Bellini Colussi Macedo

KLEIN, Melanie. **A psicanálise de crianças.** Imago, Rio de Janeiro: Imago, 1997. Capítulo 11-12.

“Quando consideramos quão importante tem sido cada avanço no nosso conhecimento da ansiedade de castração tanto para a compreensão da psicologia do homem quanto para alcançar uma cura da sua neurose, temos a expectativa de que um conhecimento de alguma ansiedade equivalente na menina nos capacitará a aperfeiçoar nosso tratamento terapêutico dela e nos ajudará a obter uma idéia mais clara das linhas ao longo das quais o seu desenvolvimento sexual avança.” (p.213).

“Em seu artigo “The Early Development of Female Sexuality” (1927), Ernest Jones dá o nome de afanise à destruição completa e duradoura da capacidade de obter satisfação libidinal, que ele considera uma situação de ansiedade arcaica e dominante para crianças de ambos os sexos.<sup>1</sup> Esse pressuposto está próximo da minha própria visão. Parece-me que a destruição da capacidade de obter gratificação libidinal implica a destruição daqueles órgãos que são necessários para esse propósito. E a menina cria a expectativa de ter esses órgãos destruídos no decurso dos ataques que serão feitos, principalmente pela mãe, ao seu corpo e os conteúdos deste. Seus medos referentes aos seus genitais são especialmente intensos, em parte porque seus próprios impulsos sádicos estão muito fortemente dirigidos contra os genitais da mãe e contra os prazeres eróticos que a mãe extrai deles e em parte porque o seu medo de ser incapaz de desfrutar satisfação sexual concorre, por sua vez, para aumentar o medo de que os seus próprios genitais tenham ficado danificados.” (p.214).

“Quando a menina se volta para o pênis do pai como objeto desejado, diversos fatores determinam a intensidade do seu desejo. As exigências de seus impulsos orais de sugar, aumentadas pela frustração que ela sofreu ao seio da mãe, criam em sua fantasia um quadro do pênis do pai como um órgão que, ao contrário do seio, pode provê-la com uma satisfação oral tremenda e infinita.” (p.215).



“Creio que é a combinação de todos esses fatores que dota o pênis do pai com tais enormes poderes aos olhos da menininha e torna-o o objeto da sua mais ardente admiração e desejo. Se ela mantiver uma posição predominantemente feminina, essa atitude com relação ao pênis do pai muitas vezes a levará a assumir uma atitude humilde e submissa em relação ao sexo masculino. Mas pode também lazer que ela tenha intensos sentimentos de ódio por lhe terem sido negadas as coisas que ela tão apaixonadamente adorava e pelas quais ansiava; e, se ela assumir uma posição masculina, pode dar origem a todos os sinais e sintomas de inveja do pênis.” (p.216).

“Em virtude da onipotência de pensamentos, os desejos orais [da menina] pelo pênis do pai fazem que ela sinta que de fato incorporou-o; a partir daí seus sentimentos ambivalentes pelo pênis do pai se estendem ao pênis internalizado. [...]” (p.217).

“Já me ocupei pormenorizadamente da natureza dessas fantasias masturbatórias sádicas e descobri que elas caem em duas categorias distintas, ainda que interligadas. Naquelas da primeira categoria, a criança emprega vários meios sádicos para fazer um ataque direto aos pais estejam eles combinados no coito ou separados; nas da segunda categoria, que são derivadas de um período um tanto posterior à fase em que o sadismo se encontra no auge, sua crença na sua onipotência sádica sobre os pais encontra expressão em um modo mais indireto. Ela os dota de instrumentos de destruição mútua, transformando seus dentes, unhas, genitais, excrementos e assim por diante em armas e animais perigosos, etc., e os imagina, de acordo com os próprios desejos da criança, como atormentando e destruindo um ao outro no ato da cópula.” (p.218).

“Essa visão lança uma nova luz, creio, sobre os motivos que compelem o indivíduo a realizar o ato sexual e sobre as fontes psicológicas que contribuem para a satisfação libidinal que ele obtém desse ato. Como sabemos, a satisfação libidinal de todas as suas zonas erógenas implica uma satisfação dos seus componentes destrutivos também, devido à fusão dos seus impulsos libidinais e destrutivos que ocorre naqueles estágios do seu desenvolvimento, que são dominados por suas tendências sádicas.” (p.219).

“Quanto mais ansiedade o indivíduo tem e quanto mais neurótico ele é, tanto mais as energias do seu ego e as suas forças pulsionais serão absorvidas na tentativa de superar a ansiedade; e aí, também, a satisfação libidinal será empre- gada primariamente com o propósito de dominar a ansiedade. Na



pessoa normal, que está mais distanciada das suas situações de ansiedade arcaicas e que as modifica de um modo mais bem-sucedido, o efeito dessas situações sobre suas atividades sexuais é, naturalmente, muito menor; mas, na minha maneira de ver, não é jamais ausente. Também a pessoa normal se sente impelida a testar suas situações de ansiedade específicas em suas relações com o seu parceiro amoroso, que fortalece e dá colorido a suas fixações libidinais; assim, o ato sexual sempre ajuda a pessoa normal a controlar a ansiedade. As situações de ansiedade dominantes e as quantidades de ansiedade presentes são elementos específicos das condições para amar que se aplicam a qualquer pessoa.” (p.220).

“De acordo com Freud o sadismo, embora se torne aparente primeiro em relação a um objeto, era originalmente uma pulsão destrutiva dirigida contra o próprio organismo (sadismo primário) e só mais tarde era desviado do ego pela libido narcísica; e o masoquismo erógeno é aquela porção da pulsão destrutiva que não pôde ser desviada para fora desse modo e permaneceu dentro do organismo, ficando libidinalmente ligada lá. Ele pensa, ademais, que na medida em que qualquer parte da pulsão destrutiva que foi dirigida para fora é uma vez mais voltada para dentro e retirada dos objetos, dá origem ao masoquismo secundário ou feminino.” (p.221).

“Consideraremos agora brevemente uma ou duas outras formas típicas que pode assumir a vida sexual de mulheres em quem o medo do pênis introjetado é imenso. As mulheres, que além de ter fortes inclinações masoquistas abrigam correntes mais esperançosas de sentimento, muitas vezes tendem a confiar seus afetos a um parceiro sádico e, ao mesmo tempo, a fazer esforços de todos os tipos — esforços que muitas vezes consomem todas as energias do seu ego — para transformá-lo em um objeto “bom”. Mulheres desse tipo, em quem o medo do pênis “mau” e crença no “bom” se encontram uniformemente equilibrados, muitas vezes flutuam entre a escolha de um objeto externo “bom” e um “mau”. (p.222).

“Nas fantasias sádicas tanto do menino como da menina os excretos desempenham um papel importante. A onipotência da função da bexiga e dos intestinos está intimamente relacionada com mecanismos paranóides. Esses mecanismos são maximamente eficazes naquela fase em que a criança, nas suas fantasias sádicas de masturbação, destrói os pais no coito por meios secretos através da sua urina, fezes e flatos; esses meios e métodos de ataque primários se tornam reforçados



secundariamente em função do medo da criança de ser contra-atacada e são empregados para propósitos defensivos.” (p.223).

“Pelo que me é dado julgar, a vida sexual e o ego da menina são mais fortemente e mais duradouramente influenciados em seu desenvolvimento do que o são os do menino por esse sentimento de onipotência da função da bexiga e dos intestinos. Pelo que me é dado julgar, a vida sexual e o ego da menina são mais fortemente e mais duradouramente influenciados em seu desenvolvimento do que o são os do menino por esse sentimento de onipotência da função da bexiga e dos intestinos.” (p.224).

“A atitude [da menina] com o pênis introjetado é fortemente influenciada por sua atitude para com o seio da mãe. Resumindo os elementos primários: os primeiros objetos que ela introjeta são a mãe “boa” e a mãe “má”, representadas pelo seio. [...]” (p.225).

“Enquanto estão engajadas nessas atividades ou depois de as terem completado, as crianças muitas vezes mostram raiva, depressão ou desapontamento ou mesmo reações de tipo destrutivo, que são determinadas pelo medo de não serem capazes de fazer restituição. Uma ansiedade desse tipo, que é um obstáculo subjacente a todas as tendências construtivas, provém de várias fontes.” (p.227).

“O fato de que a ansiedade da menina diz respeito ao interior do seu corpo explica em grande medida, creio, por que na sua organização arcaica o papel desempenhado pela vagina deva ser obscurecido pela atividade do clitóris. Mesmo nas suas fantasias masturbatórias mais arcaicas, em que transforma a vagina da mãe em um instrumento de destruição, ela mostra um conhecimento inconsciente sobre a vagina. Pois, embora, em virtude da predominância das suas tendências orais e anais, ela a iguale à boca e ao ânus, a menina, não obstante, a iguala em seu inconsciente, como o demonstram claramente muitos detalhes das suas fantasias, com uma cavidade nos genitais destinada a receber o pênis do pai.” (p.228).

“Há evidências suficientes para demonstrar que a vagina não assume plenamente suas funções até que o ato sexual se realize. E, como sabemos, acontece muitas vezes que a atitude da mulher à cópula se altera completamente depois de ela ter tido tal experiência, e que sua inibição a esse respeito — antes do evento, tal inibição é tão comum a ponto de ser praticamente normal — seja muitas vezes



substituída por um forte desejo por ela. Podemos daí inferir que sua inibição anterior era em parte mantida pela ansiedade e que o ato sexual teria removido essa ansiedade. [...]” (p.229).

“Dado que a menininha começa a se identificar com o pai logo depois de ela ter se identificado com a mãe, seu clitóris rapidamente assume o significado de um pênis nas suas fantasias masturbatórias. Todas as suas fantasias masturbatórias clitoridianas pertencentes a esse estágio arcaico são dominadas por suas tendências sádicas e isso me parece decisivo para o fato de que elas, em suas atividades masturbatórias em geral, diminuem ou cessam completamente quando a fase fálica chega ao fim, em um período em que seu sentimento de culpa emerge mais fortemente.” (p.230).

“Quando o bebê-menina renuncia ao seio da mãe e se volta para o pênis do pai como um objeto de satisfação, ela se identifica com a mãe. Mas, assim que sofre frustração também nessa posição, muito rapidamente se identifica com o pai, que, na sua fantasia, obtém satisfação do seio da mãe e de todo o corpo desta, isto é, dessas fontes primárias de satisfação de que ela própria foi forçada tão dolorosamente a abdicar. Sentimentos de ódio e de inveja pela mãe, bem como desejos libidinais por ela, convergem para criar essa identificação muito arcaica da menina com o pai sádico e, nessa identificação, a enurese desempenha um papel importante.” (p.231).

“A identificação da menina com o pai tendo por base o pênis introjetado” sucede de perto, na minha experiência, a identificação sádica primária que ela fez com ele por meio do urinar. Nas suas fantasias masturbatórias mais arcaicas ela se identificou alternadamente com cada um dos pais. A posição feminina que está associada à internalização do pênis do pai faz que ela tenha medo do pênis “mau” do pai que ela internalizou. [...]” (p.232).

“A posse de um pênis externo ajudaria a convencer a menina em primeiro lugar de que na realidade ela tem aquele poder sádico sobre ambos os pais sem o qual ela não consegue controlar sua ansiedade, e, em segundo lugar, de que pênis, como meio de poder sádico sobre seus objetos, é prova de que o pênis perigoso internalizado e os objetos introjetados podem ser superados; de modo que ter um pênis serve em última instância para proteger seu próprio corpo.” (p.233).



“Consideremos o caso de uma menina que concentrou suas fantasias sádicas mais particularmente em torno da destruição indireta da mãe pelo pênis perigoso do pai e que se identificou muito fortemente com o pai sádico. No momento em que suas tendências reativas e seus desejos de fazer restituição se instalaram com força, ela se sentirá premida” (p.234).

“Acho-me de acordo em muitos pontos com o artigo de Karen Horney “The Flight from Womanhood”, em que ela chega à conclusão de que a vagina bem como o clitóris desempenha um papel na vida arcaica da menininha. [Ela assinala que] seria razoável inferir dos aspectos posteriores da frigidez nas mulheres que é mais provável que a zona vaginal seja fortemente investida de ansiedade e afetos defensivos do que o clitóris. Acredita que “os desejos incestuosos da menina são infalivelmente dirigidos à vagina por seu inconsciente”. De acordo com essa abordagem, a frigidez [mais tarde na vida] deveria ser considerada como uma manifestação de defesa contra aquelas fantasias que tanto ameaçam o ego.” (p.235).

“Helene Deutsch tem uma opinião diferente. Assume, é verdade, a existência de uma fase pós-fálica durante a qual o resultado final da organização genital posterior da menina é preparado. Mas acredita que a menina não tem nada parecido com uma fase vaginal e que é mais uma exceção ela saber alguma coisa sobre a existência da sua vagina ou ter aí qualquer sensação e que, portanto, quando ela termina seu desenvolvimento sexual infantil, não pode assumir uma posição feminina no sentido genital. Como consequência, sua libido, mesmo considerando-se que uma posição feminina está sendo mantida, é obrigada a retroceder a posições anteriores dominadas por seu complexo de castração (que na visão de Helene Deutsch precede o seu complexo de Édipo); e um passo para trás desse tipo seria um fator fundamental na produção do masoquismo feminino.” (p.236).

“De volta para a menina: vemos que considerações como os conteúdos e composição das suas fantasias sádicas, a magnitude das suas tendências reativas e a estrutura e a força do seu ego afetarão suas fixações libidinais e ajudarão a decidir se a restituição feita por ela terá um caráter masculino ou feminino ou se será uma mistura dos dois.” (p.237).

“O que vai ser a posição final da menina também vai depender, dadas as mesmas condições subjacentes, de se sua crença em sua própria onipotência construtiva se equipara à força das suas tendências reativas. Se sim, seu ego pode estabelecer um objetivo adicional a ser realizado por suas



tendências reativas. E este é o de que ambos os pais sejam restaurados e devam ser novamente unidos em harmonia. [...]" (p.238).

“Sabemos que a vida pulsional arcaica da criança, de um lado, e a pressão da realidade sobre ela, de outro, interagem mutuamente e que a sua ação combinada modela o curso do seu desenvolvimento mental. Segundo o meu modo de pensar, a realidade e os objetos reais afetam as suas situações de ansiedade desde os estágios mais remotos da sua existência, no sentido de que ela os encara como inúmeras provas ou refutações da sua situação de ansiedade, que ela deslocou para o mundo externo, e ajudam, desse modo, a guiar o curso da sua vida pulsional.” (p.239).

“Na realidade, se o resultado do seu desenvolvimento vai ser favorável ou desfavorável vai depender da interação de um grande número de fatores externos. A atitude do pai em relação a ela não é a única coisa que ajuda a decidir o tipo de pessoa por quem ela se apaixonará. Não é apenas uma questão de, digamos, se ele a favorece ou a negligencia muito em comparação com a mãe ou as irmãs, mas das suas relações diretas com elas. Em que medida ela será capaz de manter sua posição feminina e naquela posição desenvolver um desejo por uma imagem paterna amorosa também depende muito do seu sentimento de culpa em relação à mãe e, assim, da natureza das relações entre a mãe e o pai. Além disso, certos eventos, como a doença ou morte de um dos pais ou de um irmão ou irmã, podem colaborar para fortalecer nela uma posição sexual ou a outra, segundo a maneira como elas afetam seu sentimento de culpa.” (p.240).

“Servindo como uma prova apoiada na realidade da existência do pênis “bom”, as relações da menina com o irmão fortalecem sua crença no pênis “bom” introjetado e moderam seu medo dos objetos “maus” introjetados. Elas também a ajudam a cloniar seu medo desses objetos, na medida em que ao realizar atos sexuais com uma outra criança ela tem o sentimento de estar em aliança com ela contra os pais. [...]" (p.241).

“Contudo, não obstante, como se pode ver, experiências desse tipo poderem ter um eleito favorável sobre a vida sexual e relações de objeto da menina, também podem levar a sérias desordens nesse campo. Se suas relações sexuais com uma outra criança servem para confirmar seus medos mais profundos — seja porque o parceiro é excessivamente sádico, seja porque realizar o ato sexual desperta ainda mais ansiedade e culpa nela em função do seu próprio sadismo excessivo — sua crença



na perniciosa de seus objetos introjetados e do seu próprio id se tornará ainda mais forte, seu superego ficará mais severo do que nunca e, como resultado, sua neurose e todos os defeitos do seu desenvolvimento sexual e caracterológico se firmarão.” (p.242).

“Meus dados confirmam plenamente a visão de Helene Deutsch de que os desapontamentos e choques a seu narcisismo, que a menina recebe quando começa a menstruar, causam um grande impacto. Mas acredito que o efeito patogênico deles se deve à circunstância de reativarem nela medos passados. Eles não são apenas alguns itens em toda uma cadeia de situações de ansiedade que a menstruação traz à tona uma vez mais. [...]” (p.243).

“Os efeitos da menstruação sobre a mente da menina são em parte responsáveis pelo fato de que nessa idade as dificuldades neuróticas da menina muitas vezes aumentam muito. Mesmo que ela seja normal, a menstruação ressuscita suas velhas situações de ansiedade, embora, dado que seu ego e seus métodos de dominar a ansiedade se desenvolveram adequadamente, ela esteja mais capacitada a modificar sua ansiedade do que no início da infância. [...]” (p.244).

“Freud afirmou que o desejo da menina de ter um filho toma o lugar do seu desejo de possuir um pênis; mas, segundo minhas observações, o que precede seu desejo por um filho é o seu desejo pelo pênis do pai em um sentido de objeto libidinal oriundo da sua posição oral. Em alguns casos a equação principal feita por ela é de crianças e fezes, em outros entre criança e pênis. No primeiro caso sua relação com a criança parece se desenvolver principalmente segundo linhas narcísicas. [...]” (p.245).

“Minha visão vai além do que Helene Deutsch disse em um ou dois pontos. A equação feita pela menina nos primeiros estágios de seu desenvolvimento entre o pênis do pai e um bebê leva-a a dar à criança dentro dela o significado de um superego paternal, uma vez que esse pênis internalizado forma o núcleo daquele superego. [...]” (p.246).

“Ferenczi descreveu as mudanças sofridas pelo interesse que a criança tem por fezes nos vários estágios de seu desenvolvimento e chegou à conclusão de que suas tendências coprofílicas são precocemente sublimadas em parte em um prazer por coisas brilhantes. Um elemento desse processo de sublimação é, creio, o medo que a criança tem de pedaços “maus” e perigosos de fezes. A partir daí há um caminho sublimatório direto que leva ao tema da “beleza”. A enorme necessidade que as



mulheres sentem de ter um corpo bonito e uma linda casa e de beleza em geral se baseia em seu desejo de possuir um interior bonito de seu corpo, no qual objetos “bons” e graciosos e excrementos inócuos se alojam. [...] (p.247).

“Já vimos de que modo o medo da mulher do pênis “mau” pode aumentar seu sadismo. Mulheres que têm uma forte atitude sádica com o marido usualmente olham a criança como um inimigo. Assim como em fantasia elas encaram ato sexual como um meio de destruir seu objeto, também elas querem ter uma criança principalmente com a finalidade de tê-la sob seu poder como se a criança fosse algo hostil a elas. Podem, então, empregar o ódio que sentem por seu inimigo interno temido contra objetos externos — contra o marido e o filho. Há também, naturalmente, mulheres que têm uma atitude sádica para com o marido e uma atitude relativamente amistosa com os filhos, e vice-versa. Mas em cada caso é a atitude da mulher com seus objetos introjetados, especialmente o pênis do pai, que determinará sua atitude para com o marido e filho.” (p.248).

“Amamentar um bebê também é muito importante e forma um vínculo muito próximo e especial entre ela e ele. Ao dar à criança um produto do seu próprio corpo que é essencial para a sua nutrição e crescimento, ela finalmente se capacita a contraditar e dar um final feliz àquele círculo vicioso que se iniciou nela quando ainda bebê com seus ataques ao seio da mãe como o primeiro objeto de seus impulsos destrutivos e que continham fantasias de destruir o seio, despedaçando-o com mordidas e sujando-o, envenenando-o e queimando-o por meio de seus excretos. Pois, em seu inconsciente, ela vê o fato de que está dando à criança um leite nutritivo e benéfico como uma prova de que suas próprias fantasias sádicas arcaicas não se realizaram ou de que ela conseguiu restaurar o objeto delas.” (p.249).

“Examinaremos agora apenas de forma breve a relação entre a formação do superego da menina e o desenvolvimento do seu ego. Freud mostrou que algumas das diferenças que existem entre a formação do superego da menina e a do menino estão associadas com distinções anatômicas entre os sexos. Essas distinções anatômicas afetam, creio, tanto o desenvolvimento do superego quanto o do ego de várias maneiras. Em consequência da estrutura dos genitais femininos, que marca a sua função receptiva, as tendências edipianas da menina estão mais amplamente dominadas por seus impulsos orais e a introjeção do seu superego é mais extensa do que no menino. Ademais, há a ausência do pênis como um órgão ativo. A maior dependência que a menina tem do seu superego, que é resultado



de suas tendências introjetivas mais fortes, é ainda mais aumentada pelo fato de ela não ter pênis.” (p.250).

“O fato de que os processos de introjeção e projeção são mais fortes na mulher do que no homem não apenas afeta, creio, o caráter de suas relações de objeto, como também é importante para o desenvolvimento do seu ego. Sua necessidade dominante e profundamente enraizada de se entregar em completa confiança e submissão ao pênis “bom” internalizado é uma das coisas subjacentes à qualidade receptiva de suas sublimações e interesses. [...]” (p.251).

“[...] Pode-se dar uma disruptão no ego em consequência de as diferentes identificações serem separadasumas das outras pelas resistências; talvez o segredo do que é descrito como ‘personalidade múltipla’ seja que as diferentes identificações tomem conta alternadamente da consciência. Mesmo quando as coisas não vão assim tão longe, permanece a questão de conflitos entre as várias identificações em que se divide o ego, conflitos que não podem no fim das contas ser descritos como inteiramente patológicos”. [...]” (p.252).

“O que é característico do desenvolvimento do ego da mulher poderia ser formulado da seguinte forma: o superego da menina é elevado a enormes alturas e magnificado, e seu ego olha para ele de baixo e se submete a ele. E, porque seu ego procura corresponder a esse superego exaltado, ele é incitado a todos os tipos de esforços que resultam em uma expansão e enriquecimento seus. Assim, enquanto no homem é o ego e, com ele, relações com a realidade que na maior parte do tempo tomam a dianteira, de modo que sua natureza como um todo é mais objetiva e prosaica, na mulher é o inconsciente que é a força dominante.” (p.253).

“Se a menina se apega essencialmente à posse imaginária de um pênis como um atributo masculino, seu desenvolvimento será radicalmente diferente. Ao rever sua história sexual, já discuti as várias razões que a obrigam a adotar uma posição masculina. No que diz respeito a suas atividades e sublimações — que ela encara inconscientemente como evidência de realidade da sua posse de um pênis ou de substitutos dele essas não são usadas apenas para competir com o pênis do pai, mas servem invariavelmente, de modo secundário, como uma defesa contra o seu superego e com a finalidade de enfraquecer-lo. Nas meninas desse tipo, além do mais, o ego assume um controle mais forte e suas buscas são na sua maior parte uma expressão de potência masculina.” (p.254).



“Desde que escrevi o texto acima, observo que apareceu um artigo de Freud em que ele discute mais especialmente o longo período de apego da menina com a mãe, e procura isolar aquele apego da operação do seu superego e do seu sentimento de culpa. Isso, na minha avaliação, não é possível, pois penso que a ansiedade e o sentimento de culpa que surgem dos seus impulsos agressivos vão intensificar seu apego libidinal primário à mãe em uma idade muito tenra. Seus medos variados das imagens fantasiosas (seu superego) e da mãe “má” real forçam a menina ainda bem pequena a encontrar proteção na mãe “boa” real. E, para fazer isso, ela tem que supercompensar pela agressão primária feita contra esta.” (p.255).

“Freud acredita que o longo apego da menina à mãe é exclusivo e ocorre antes de ela ter entrado na situação eclipiana. Mas a minha experiência de análise de meninas pequenas convenceu-me de que o apego prolongado e poderoso que elas têm à mãe não é nunca exclusivo e está vinculado a impulsos edipianos. Além do mais, a ansiedade e sentimento de culpa delas em relação à mãe afetam também o curso daqueles impulsos edipianos; pois, na minha maneira de ver, a defesa da menina contra a feminilidade provém menos de suas tendências masculinas do que do medo que tem da mãe. [...]” (p.256).

“A análise da criança muito pequena mostra que nos seus estágios mais arcaicos o desenvolvimento sexual do menino acompanha as mesmas linhas que o da menina.<sup>1</sup> No menino, a frustração oral por ele vivenciada reforça suas tendências destrutivas contra o seio da mãe. Também como na menina, o período em que o sadismo se encontra em seu ponto máximo, introduzido pelo impulso sádico-oral, se instala com a retirada do seio materno — fase em que o alvo é atacar o interior do corpo dela.” (p.258).

“A apreensão à força cicio pênis cicio pai e de excrementos e crianças de dentro do corpo da mãe dá origem a um medo intenso de retaliação. Ter destruído o interior do corpo da mãe, além de assaltá-lo, se torna, além do mais, uma fonte de mais profundo medo que ele sente dela. E, quanto mais sádica tiver sido a destruição imaginária do corpo dela, maior será o seu terror dela como rival.” (p.259).

“É, ademais, de grande importância para o resultado final do desenvolvimento do menino o fato de sua vida mental arcaica ter ou não sido dominada por um medo dos pais combinados na cábula e formando uma unidade inseparável hostil a ele. Uma ansiedade desse tipo faz que seja mais difícil



para ele manter qualquer posição e traz situações de perigo que eu considero como as fontes mais profundas da impotência sexual. Essas situações de perigo específicas surgem do medo que o menino tem de ser castrado pelo pênis do pai dentro da mãe — isto é, de ser castrado pelos pais “maus” combinados — e de seu medo, muitas vezes evidenciado, de que seu próprio pênis seja impedido de retroceder e de ser trancado no interior do corpo da mãe.” (p.260).

“O interior do corpo da mãe, que se sucede ao seio como o objeto da criança, logo assume o significado de um lugar que contém muitos objetos (inicialmente representados pelo pênis e excrementos). Em consequência, as fantasias do menino de tomar posse do corpo da mãe copulando com ela formam a base de suas tentativas de conquistar o mundo externo e de controlar a ansiedade segundo linhas masculinas. Tanto no que diz respeito ao ato sexual, quanto às sublimações, ele desloca suas situações de perigo para o mundo externo e supera-as lá, por meio da onipotência de seu pênis.” (p.261).

“Essa concentração de onipotência sádica no pênis é de importância fundamental para a posição masculina do menino. Se ele tem uma crença primária forte na onipotência do seu pênis, pode opô-lo à onipotência do pênis do pai e assumir a luta contra aquele órgão temido e admirado. Para que um processo de concentração deste tipo se dê, parece que seu pênis deve ser fortemente investido pelas várias formas do seu sadismo;<sup>2</sup> e a capacidade do seu ego de tolerar a ansiedade e a força de seus impulsos genitais (que, em última instância, são impulsos libidinais) parece ter uma parcela decisiva na consecução desse processo. Mas se, quando os impulsos genitais passam para primeiro plano, o ego tiver que apresentar subitamente uma defesa muito eficaz contra os impulsos destrutivos, esse processo de focalizar o sadismo no pênis sofrerá uma interferência.” (p.262).

“Portanto, mesmo em uma época em que o menino ainda está sob o domínio de seu sadismo e quando os meios por ele empregados são totalmente de uma natureza destrutiva, o impulso para dominar a ansiedade se torna um estímulo para obter satisfação genital e um fator que promove desenvolvimento. Além do mais, nessa fase já aquelas medidas destrutivas se tornam elas próprias postas a serviço de suas tendências restitutorias na medida em que a mãe deve ser salva do pênis “mau” do pai dentro dela, embora ao fazer isso elas ainda atuem de uma maneira violenta e danosa.” (p.263).



“Normalmente, o medo que o menino sente dos pênis do pai dentro da mãe diminui à medida que suas relações com seus objetos se desenvolvem e ele avança na conquista de seu próprio sadismo. Uma vez que seu medo do pênis “mau” é em grande medida derivado de seus impulsos destrutivos contra o pênis do pai e uma vez que o caráter de suas imagens depende amplamente da qualidade e quantidade do seu próprio sadismo, a redução desse sadismo e com ela a redução da ansiedade abrandarão a severidade de seu superego e, desse modo, melhorarão as relações do seu ego tanto com respeito a seus objetos imaginários internalizados quanto com seus objetos reais externos.” (p.264).

“No curso normal das coisas, à medida que as tendências genitais do menino se tornam mais fortes e ele supera seus impulsos sádicos, suas fantasias de fazer restituição começam a ocupar um espaço maior. Como já foi visto, fantasias restituidoras com relação à mãe já existem enquanto seu sadismo é ainda dominante e tomam a forma de destruir o pênis “mau” do pai dentro dela. [...]” (p.265).

“Já foi dito repetidamente nestas páginas que o ato sexual é um meio muito importante de dominar a ansiedade para ambos os sexos. Nos estágios iniciais do desenvolvimento da criança, o ato sexual, além dos seus propósitos libidinais, serve para destruir ou danificar o objeto (embora tendências positivas já estejam em operação por trás da cena). Em estágios posteriores, além da satisfação libidinal que proporciona, o ato sexual serve para restaurar o corpo ferido da mãe e, desse modo, para dominar a ansiedade e a culpa.” (p.266).

“O resultado do desenvolvimento do menino depende essencialmente do curso favorável da sua fase feminina arcaica. Como enfatizei antes, é condição para um firme estabelecimento da posição heterossexual que o menino tenha êxito em superar essa fase. Em artigo anterior, assinalei que o menino muitas vezes compensa os sentimentos de ódio, ansiedade, inveja e inferioridade que surgem da sua fase feminina reforçando seu orgulho da posse de um pênis, e desloca esse orgulho para atividades intelectuais. [...]” (p.267).

“Essa fase feminina arcaica tem ainda um outro efeito favorável sobre as relações do menino com as mulheres na vida futura. A diferença entre as tendências sexuais do homem e da mulher requer, como sabemos, diferentes condições psicológicas de satisfação para cada um e os leva a buscar o preenchimento de requisitos diferentes e mutuamente incompatíveis, cada qual nas suas relações com o outro. [...]” (p.268).



“Já mencionei por que é que, quando o estágio genital foi plenamente alcançado, uma condição necessária para a potência sexual seja que o menino acredite na qualidade “boa” do seu pênis — isto é, na sua capacidade de fazer restituição por meio do ato sexual. Essa crença está em última instância vinculada a uma condição concreta — concreta do ponto de vista da realidade psíquica a saber, que o interior do seu corpo se encontra em bom estado. Em ambos os sexos, as situações de ansiedade que surgem de eventos perigosos, ataques e encontros dentro do próprio corpo, e que se encaixam com situações de ansiedade relacionadas com eventos semelhantes dentro do corpo da mãe, constituem as situações de perigo mais profundas. [...]” (p.269).

“Além do mais, ao preencher assim todas essas funções —isto é, ao promover seu sentimento de onipotência, seu teste de realidade e sua relação com os objetos e, por meio dessas funções, servir à função dominante de controlar a ansiedade — o pênis, ou melhor, seu representante psíquico, é posto em uma relação especialmente próxima com o ego e é transformado em representante do ego e da consciência, ao passo que o interior do corpo, as imagos e as fezes — isto é, aquilo que é invisível e desconhecido — são comparados ao inconsciente. Além do mais, ao analisar pacientes do sexo masculino, meninos ou homens, tenho observado que, à medida que o medo das suas imagos más e de suas fezes (isto é, do inconsciente), que dominavam internamente, diminuía, sua crença em sua própria potência sexual era fortalecida e o desenvolvimento de seu ego ganhava terreno. [...]” (p.270).

“Nas minhas análises de meninos e de homens adultos, tenho observado que, quando fortes impulsos orais de sucção se combinaram com fortes impulsos sádico-orais, o bebê se afasta muito cedo e com ódio do seio da mãe.<sup>3</sup> Suas tendências destrutivas arcaicas e intensas contra o seio levam-no a introjetar uma mãe “má” na sua maior parte; e o seu abandono concomitante e súbito do seio materno é seguido por uma introjeção excessivamente forte do pênis paterno. [...]” (p.271).

“A isso se deve acrescentar a consequência de uma fase feminina, que em tais casos é excessivamente governada pelo sadismo. A introjeção desordenadamente forte do monstruoso pênis “mau” do pai faz que ele acredite que seu corpo está exposto aos mesmos perigos a partir de dentro a que está exposto o corpo de sua mãe. [...]” (p.272).



“O paciente era um homossexual de trinta e cinco anos (Sr. A) que sofria de uma grave neurose obsessiva com traços paranóides e hipocondríacos e cuja potência era gravemente perturbada. Seus sentimentos de desconfiança e de aversão, que dominavam suas relações com as mulheres em geral, puderam na análise ser remetidos em última instância a fantasias de que sua mãe estava continuamente unida com o pai no ato sexual, quando ele não a podia ver. [...]” (p.273).

“Seus sentimentos com relação ao ato sexual dos pais se refletiam na situação transferencial, entre outras coisas, no grande interesse que o Sr. A tinha pelo meu hábito de fumar. Se ele, por exemplo, via um toco de cigarro ainda no cinzeiro da sessão anterior ou se houvesse cheiro de fumaça na sala, ele ficava imaginando se eu fumava muito, se eu fumava antes do café da manhã, se eu fumava uma marca boa, e assim por diante. [...]” (p.274).

“No que diz respeito ao seu próprio hábito de fumar, o Sr. A abandonava-o periodicamente na esperança de que isso eliminaria suas queixas hipocondríacas. Nunca persistia muito tempo nesse esforço, porque inconscientemente fumar era também um remédio para essas queixas. Como o cigarro representava pênis “mau” do pai, ele imaginava aniquilar os objetos “maus” dentro do seu corpo fumando; mas, como o cigarro também representava o pênis “bom” do pai, ele fumava para restaurar o seu corpo e os objetos dentro dele.” (p.275).

“Além disso, quando imaginava que a mãe estava unida com o pai numa relação sexual, ela sempre se tornava uma inimiga. Por exemplo, ele às vezes sentia uma forte aversão à minha voz e às minhas palavras. Essa aversão não estava baseada apenas na equação das minhas palavras com excrementos perigosos e venenosos, mas também na fantasia de que era o pai, ou melhor o pênis do pai, em mim que falava por meu intermédio. Esse pênis influenciava minhas palavras e ações contra ele de uma maneira hostil do mesmo modo que o pai dentro dele o fazia agir mal em relação à mãe. Tinha medo também de que o pênis do pai pudesse, quando eu falava, saltar para fora da minha boca e atacá-lo. Minhas palavras e minha voz estavam, portanto, também equiparadas ao pênis do pai.” (p.276).

“Verifiquei em casos assim que, quando o menino teve uma relação homossexual na infância, ele teve uma boa oportunidade de moderar seus sentimentos de ódio e de medo ao pênis do pai e de fortalecer sua crença no pênis “bom”. Além disso, todos os seus casos homossexuais futuros repousarão sobre essa relação. [...]” (p.277).



“Nos indivíduos em quem predomina a ansiedade paranóide com respeito aos excrementos e ao pênis como perseguidores, o objeto de amor homossexual representará em primeiro lugar e acima de tudo um aliado contra seus perseguidores. O desejo libidinal do indivíduo por um pênis “bom” será fortemente supercompensado e servirá ao propósito de ocultar seus sentimentos de ódio e de medo em relação ao pênis “mau”. Se uma tal compensação falhar, prevalecerão o ódio e o medo do objeto de amor e haverá uma transformação paranóica da pessoa amada em um perseguidor.” (p.279).

“Já foi dito mais de uma vez que o desejo pelo conhecimento fornece uma força motivacional em geral para o desempenho do ato sexual. Mas, quando o indivíduo obtém satisfação do seu desejo pelo conhecimento em conexão com atividades homossexuais, ele o emprega em parte para aumentar sua eficiência na posição heterossexual. O ato homossexual é destinado a realizar o seu desejo de infância arcaico de ter a oportunidade de ver em que o pênis do pai difere do seu e descobrir como ele se comporta ao copular com a mãe. Ele quer se tornar mais apto e potente no ato sexual com a mãe.” (p.281)

“O Sr. B era um verdadeiro homossexual. Embora tivesse boas relações com mulheres (e com homens) como seres humanos, como objetos sexuais ele as rejeitava tão completamente que não podia absolutamente compreender como é que elas podiam supostamente ter qualquer atrativo.” (p.282).

“Ao igualar o pênis a pedaços de fezes, meu paciente ampliava seu deslocamento do medo suscitado pelo pênis do pai para o corpo da mãe ainda mais e o aplicava aos excrementos venenosos e perigosos delà também. Desse modo, ele de alguma forma encobria e punha de lado todas as coisas que odiava e temia dentro do corpo da mãe. Que esse extenso processo de deslocamento tenha falhado pode ser inferido a partir do fato de que o Sr. B se tornou consciente novamente dos seus objetos de ansiedade ocultos na forma dos seios e nádegas femininos. Eles simbolizavam perseguidores olhando para fora do corpo da mulher e observando-o; e, como me contou com evidente repugnância e ansiedade, jamais ousaria sequer bater neles ou atacá-los, pois tinha um medo excessivo de tocá-los.” (p.283).

“Voltarei minha atenção agora para um exame da estrutura do caso. O paciente havia sido amamentado a mamadeira. Dado que seus componentes libidinais não haviam sido satisfeitos pela mãe, sua fixação oral de sucção ao seio fora impedida. Devido a essa frustração também, seus



impulsos destrutivos contra o seio foram aumentados e ele transformou aquela parte do corpo em feras e monstros perigosos em sua imaginação.” (p.284).

“O Sr. B tinha dois irmãos. Tinha tido uma grande admiração e amor por Leslie, dois anos mais velho que ele, mesmo quando era bem pequeno, e transformou-o no representante do pênis “bom” — em parte, sem dúvida, por causa da satisfação antiga dos seus anseios orais que recebera dele por meio do ato sexual. [...]” (p.285).

“Portanto, enquanto numerosos fatores encorajavam a adoção de uma atitude homossexual por parte do Sr. B, numerosos outros fatores externos já se encontravam operando desde muito cedo contra o estabelecimento de uma posição heterossexual. [...]” (p.286).

“Ambos os tipos serviam para satisfazer as tendências de restituição do Sr. B e para dissipar sua ansiedade. Em suas relações do primeiro tipo, a cópula significa restaurar os pênis do pai e do irmão David, os quais, em razão de seus poderosos impulsos sádicos contra eles, ele imaginava ter destruído. Identificava-se ao mesmo tempo com seu objeto inferior e castrado, de modo que seu ódio do objeto também era dirigido contra si mesmo e a restituição do pênis daquele objeto implicava uma restituição do seu próprio pênis. Mas, em última instância, suas tendências de restituição em relação ao pênis serviam ao propósito de restaurar a mãe; pois, transpirou que ter castrado o pai e o irmão significava ter atacado as crianças dentro da mãe e que ele se sentia profundamente culpado em relação a ela por causa disso. Ao restaurar o pênis do pai e o pênis do irmão, ele se esforçava por devolver à mãe um pai indene, crianças ilesas e um interior intacto. A restauração do seu próprio pênis significava, além disso, que ele tinha um pênis “bom” e podia dar à mãe satisfação sexual.” (p.288).

“Embora a posição homossexual do Sr. B tenha se estabelecido tão cedo e de modo tão forte, e embora ele conscientemente rejeitasse uma posição heterossexual, ele havia sempre inconscientemente mantido os alvos heterossexuais em vista, com relação aos quais, quando pequeno, ele havia se esforçado tanto ardente em sua imaginação e dos quais, como adulto, nunca havia renunciado completamente. Para o seu inconsciente, suas várias atividades homossexuais representavam muitos atalhos que levavam a esse objetivo inconscientemente desejado.” (p.289)



“Durante o tempo em que o Sr. B ainda era capaz de trabalhar, ele esteve engajado em escrever um livro no qual ele punha os resultados de suas pesquisas científicas. Esse livro, que teve que desistir de escrever quando sua inibição no trabalho se tornou excessiva, tinha o mesmo significado para ele que a linda cidade. [...]” (p.291).

“Quando meu paciente retomou novamente seu livro, após uma análise de catorze meses de duração, sua identificação com a mãe passou para primeiro plano de modo muito claro. Mostrou-se na situação transferencial em fantasias de ser minha filha. Lembrou-se de que, quando era pequeno, ansiava conscientemente ser uma menina, porque sabia que sua mãe preferia ter uma filha; mas, inconscientemente, ele podia então tê-la amado sexualmente também. Pois ele não teria que ter medo de machucá-la com seu pênis, que era odioso para ela e que ele mesmo sentia como perigoso. Mas, apesar da sua forte identificação com a mãe e suas acentuadas características femininas — características que apareciam também em seu livro —, ele não foi capaz de manter a posição feminina. Isso era um impedimento fundamental no caminho das suas atividades criativas, que sempre foram inibidas em alguma medida.” (p.292).

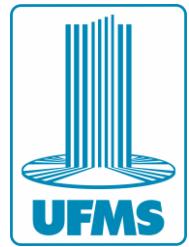
“À medida que sua crença na mãe “boa” se fortalecia e, consequentemente, sua ansiedade paranóide e hipocondríaca e também suas depressões se tomavam menos intensas, o Sr. B tornou-se proporcionalmente mais capaz de dar continuidade ao seu trabalho, mostrando de início todos os sinais de ansiedade e compulsão, mas mais tarde fazendo-o com muito mais facilidade. Lado a lado com isso, houve uma diminuição uniforme de seus impulsos homossexuais.” (p.293).

“Nesse ponto do desenvolvimento de sua análise, meu paciente teve que parar de vir me ver por um certo tempo, por razões externas. Os resultados até então foram de que suas depressões profundas e sua inibição no trabalho haviam sido quase que completamente removidas e seus sintomas obsessivos e a ansiedade paranóide e hipocondríaca consideravelmente diminuídos. [...]” (294).

“Quando atinge o nível genital pleno, o indivíduo do sexo masculino retorna na cópula à sua fonte original de satisfação, sua mãe generosa, que agora lhe dá também prazer genital; e, em parte como um presente de retribuição, em parte como uma reparação para todos os ataques que fez a ela na época em que danificou o seu seio, ele lhe dá o seu sêmen “sadio”, que a dotará de crianças, restaurará o seu corpo e lhe dará também satisfação oral. A ansiedade e sentimento de culpa que ainda estão presentes nele aumentaram, aprofundaram e deram forma a seus impulsos libidinais primários de



**Serviço Público Federal**  
**Ministério da Educação**  
**Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul**  
**Campus de Paranaíba - Curso de Psicologia**



quando era um bebê ao seio, dando à sua atitude para com seu objeto toda aquela riqueza e plenitude de sentimento a que chamamos amor.” (p.295).



## ATIVIDADES ORIENTADAS DE ENSINO

### TEMA 2

#### FICHAMENTO 7

**Discente:** Estefani Gabrieli Alves de Souza

**Orientadora:** [Camila Bellini Colussi Macedo](#)

KLEIN, Melanie. **Inveja e gratidão e outros trabalhos** (1946-1963). 6. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1991. Capítulo 8 e 9.

“Ao oferecer como introdução a este livro um artigo fundamentalmente dedicado à técnica através do brincar, fui estimulada pela consideração de que meu trabalho com crianças e adultos e minhas contribuições à teoria psicanalítica como um todo derivam, em última instância, da técnica através do brincar desenvolvida com crianças pequenas. Não quero dizer com isto que meu trabalho posterior foi uma aplicação direta da técnica através do brincar. Mas o insight que obtive sobre o desenvolvimento inicial, sobre os processos inconscientes e sobre a natureza das interpretações por meio das quais pode-se abordar o inconsciente, teve influência de longo alcance no trabalho que fiz com crianças mais velhas e com adultos” (p.150).

“O tratamento foi conduzido na casa da criança, com seus próprios brinquedos. Esta análise representou o início da técnica psicanalítica através do brincar, porque desde o início à criança expressou suas fantasias e ansiedades principalmente através do brincar, e eu interpretava consistentemente seu significado para ela, com o resultado de que material adicional aparecia em seu brincar.” (p.151).

“Como com Fritz, empreendi esta análise na casa da criança e com seus próprios brinquedos. Mas, durante este tratamento, que durou apenas uns poucos meses, cheguei à conclusão de que a psicanálise não deveria ser realizada na casa da criança.” (p.152).

“Fiz ainda outras observações significativas na psicanálise de uma menina de sete anos, também em 1923. Suas dificuldades neuróticas aparentemente não eram sérias, mas seus pais estiveram por um certo tempo preocupados com seu desenvolvimento intelectual. Embora bastante inteligente, não



acompanhava o grupo de sua idade, não gostava da escola e algumas vezes matava as aulas. Sua relação com sua mãe, que havia sido afetiva e confiante, mudou desde que começou a escola: ela tomou-se reservada e silenciosa. Passei algumas sessões com ela sem conseguir muito contato.” (p.153).

“Descrevi como o uso dos brinquedos que eu mantinha especialmente para a criança na caixa em que eu os trouxe pela primeira vez provou ser essencial para sua análise. Esta experiência, assim como outras, ajudaram me a decidir quais brinquedos são mais adequados para a técnica psicanalítica através do brincar.” (p.154).

“Não estou sugerindo que a técnica psicanalítica através do brincar dependa inteiramente de minha seleção particular do material. De qualquer modo, as crianças com freqüência trazem espontaneamente suas próprias coisas e o brincar com elas entra como um fato natural no trabalho analítico. Mas creio que os brinquedos providos pelo analista devem ser, no geral, do tipo que descrevi, isto é, simples, pequenos e não-mecânicos.” (p.155).

“Em geral, sou capaz de transmitir à criança que eu não toleraria ataques físicos a mim. Essa atitude, não apenas protege o psicanalista como também tem importância para a análise. Pois tais assaltos, se não forem mantidos dentro de limites, podem provocar culpa e ansiedade persecutória excessivas na criança e, desse modo, aumentar as dificuldades do tratamento. Fui algumas vezes inquirida sobre o método através do qual eu evitava ataques físicos, e penso que a resposta é que eu tomava muito cuidado em não inibir as fantasias agressivas da criança. De fato, lhe era dada a oportunidade de atuá-las de outras formas, incluindo ataques verbais a mim. Quanto mais eu era capaz de interpretar em tempo os motivos da agressividade da criança, mais a situação podia ser mantida sob controle. Mas com algumas crianças psicóticas foi ocasionalmente difícil proteger-me contra sua agressividade.” (p.156).

“É parte essencial do trabalho interpretativo que ele se mantenha em compasso com as flutuações entre amor e ódio; entre felicidade e satisfação de um lado e ansiedade persecutória e depressão de outro. Isto implica que o analista não deve mostrar desaprovação por ter a criança quebrado um brinquedo. Ele não deve, no entanto, encorajar a criança a expressar sua agressividade, ou sugerir a ela que o brinquedo poderia ser consertado. Em outras palavras, ele deve permitir à criança vivenciar



suas emoções e fantasias na medida em que aparecem. Sempre foi parte de minha técnica não utilizar-me de influência moral ou educativa, mas ater-me apenas ao procedimento psicanalítico que, resumidamente, consiste em compreender a mente do paciente e comunicar a ele o que ocorre nela.” (p.157).

“O próximo exemplo pode me ajudar a mostrar algumas das causas da inibição do brincar. O menino, com a idade de três anos e nove meses, que descrevi com o nome de “Peter” no livro *The Psycho-Analysis of Children*, era muito neurótico. Para mencionar algumas de suas dificuldades, ele era incapaz de brincar, não podia tolerar nenhuma frustração, era tímido, queixoso e tinha pouco jeito de menino, ainda que às vezes fosse agressivo e autoritário, muito ambivalente com relação à família e intensamente fixado em sua mãe.” (p.158).

“Há crianças que, no começo do tratamento, não podem nem mesmo brincar como Peter ou o menininho que veio apenas a uma entrevista. Mas é muito raro que uma criança ignore completamente os brinquedos dispostos sobre a mesa. Ainda que se afaste deles, com freqüência dá ao analista algum insight sobre os seus motivos para não querer brincar. Também de outras formas o analista de crianças pode reunir material para interpretação. Qualquer atividade, tal como usar o papel para rabiscar ou recortar, e cada detalhe do comportamento, tais como mudanças na postura ou na expressão facial, podem dar uma pista do que está se passando na mente da criança, possivelmente em conexão com o que o analista ouviu dos pais sobre as suas dificuldades.” (p.159).

“A compreensão consciente e intelectual da criança é, com freqüência, um processo decorrente. Uma das muitas experiências interessantes e surpreendentes daquele que se inicia na análise de crianças é encontrar, até mesmo em crianças muito pequenas, uma capacidade, de insight que freqüentemente é bem maior que a de adultos. Isso se explica em alguma medida pelo fato de que as conexões entre consciente e inconsciente são mais próximas em crianças pequenas do que em adultos, e de que as repressões infantis são menos poderosas. Acredito também que as capacidades intelectuais do bebê são freqüentemente subestimadas e que, de fato, ele comprehende mais do que se acredita” (p.160).

“Um dos diversos fenômenos que me impressionaram na análise de Rita foi a severidade de seu superego. Descrevi, no livro *The Psycho Analysis of Children*, como Rita costumava desempenhar o papel de uma mãe severa e punitiva que tratava a criança (representada pela boneca ou por mim)



muito cruelmente. Além disso, sua ambivalência em relação à mãe, sua necessidade extrema de ser punida, seus sentimentos de culpa e seus terrores noturnos levaram-me a reconhecer que, nesta criança de dois anos e nove meses — claramente remontando a uma idade muito anterior —, operava um superego severo e implacável” (p.161).

“Ao estudar os ataques fantasiados ao corpo da mãe, logo me deparei com impulso sádicos- anais e sádico-uretrais. Mencionei acima que reconheci a severidade do superego em Rita (1923) e que sua análise ajudou me enormemente a compreender o modo pelo qual os impulsos destrutivos dirigidos à mãe tomam-se a causa de sentimentos de culpa e perseguição.” (p.162).

“Como mencionei, eu já havia reconhecido em Rita e em Trude a internalização de uma mãe atacada e, por isso, amedrontadora — o superego severo. Entre 1924 e 1926, analisei uma criança que estava de fato muito doente. Através de sua análise, aprendi muito sobre os detalhes específicos de tal internalização e sobre as fantasias e impulsos subjacentes às ansiedades paranóides e maníaco-depressivas, pois vim a compreender a natureza oral e anal de seus processos introjetivos e as situações de perseguição interna que engendravam” (p.163).

“Cheguei a observar que os medos relacionados a ataques ao corpo da mãe e de ser atacado por objetos externos e internos tinham uma qualidade e uma intensidade particulares que sugeriam uma natureza psicótica. Ao explorar a relação da criança com objetos internalizados, várias situações de perseguição interna e seus conteúdos psicóticos tornaram-se claros.” (p.164).

“Houve outras experiências que me ajudaram a atingir ainda outra conclusão. A comparação entre Ema, indubitavelmente paranóica, e as fantasias e ansiedades que encontrei em crianças menos doentes — que poderiam ser apenas chamadas de neuróticas — convenceu-me de que ansiedades psicóticas (paranóides e depressivas) subjazem à neurose infantil.” (p.165).

“A importância que atribuí ao simbolismo conduziu-me, com o decorrer do tempo, a conclusões teóricas sobre o processo de formação de símbolos. A análise através do brincar havia mostrado que o simbolismo possibilitava à criança transferir não apenas interesses, mas também fantasias, ansiedades e culpa a outros objetos além de pessoas. Desta forma, muito alívio é experimentado no brincar, e este é um dos fatores que o tomam tão essencial para a criança.” (p.166).



“As observações de que na mente do bebê a mãe aparece primariamente como um seio bom e um seio mau cindidos, e de que em poucos meses, com a integração crescente do ego, os aspectos contrastantes começam a ser sintetizados, ajudaram-me a compreender a importância dos processos de cisão e de manutenção das figuras boas e más separadas, assim como a compreender o efeito de tais processos sobre o desenvolvimento do ego.” (p.167).

“A compreensão mais plena dos estágios mais iniciais do desenvolvimento, do papel das fantasias, ansiedades e defesas na vida emocional, do bebê, também lançou luz sobre os pontos de fixação da psicose adulta. Como resultado, abriu-se um novo caminho de tratamento de pacientes psicóticos pela psicanálise. Este campo, em particular a psicanálise de pacientes esquizofrênicos, necessita de muito mais exploração. Mas o trabalho feito nesta direção por alguns psicanalistas incluídos neste livro parece justificar esperanças para o futuro” (p.168).

“Em “Luto e Melancolia”, Freud (1917) mostrou a conexão intrínseca entre identificação e introjeção. Sua descoberta posterior do superego, que ele atribuiu à introjeção do pai e identificação com ele, levou ao reconhecimento de que a identificação, como uma seqüela da introjeção, faz parte do desenvolvimento normal. A partir dessa descoberta, introjeção e identificação desempenharam um papel central no pensamento e na pesquisa psicanalíticos.” (p.170).

“Não são apenas as partes do self sentidas como destrutivas ou “más” que são excindidas e projetadas para dentro de outra pessoa, mas também partes que são sentidas como boas e valiosas. Eu já havia chamado a atenção para o fato de que, desde o começo da vida, o primeiro objeto do bebê, o seio da mãe (e a mãe), é investido libidinalmente e de que isso influencia vitalmente a maneira pela qual a mãe é internalizada. Isso, por sua vez, é da maior importância para a relação com ela como um objeto externo e interno. O processo pelo qual a mãe é investida libidinalmente está ligado ao mecanismo de projetar, para dentro dela, sentimentos bons e partes boas do self” (p.171).

“A identificação projetiva está ligada a processos de desenvolvimento surgidos durante os três ou quatro primeiros meses de vida (a posição esquizo-paranóide), quando a cisão está em seu auge e predomina a ansiedade persecutória.” (p.172).



“Gostaria, aqui, de ir um pouco além do meu artigo sobre “Mecanismos Esquizóides”. Eu sugeriria que um objeto bom firmemente estabelecido, o que pressupõe um amor por ele também firmemente estabelecido, dá ao ego um sentimento de riqueza e abundância, que facilita um extravasamento de libido e a projeção de partes boas do self no mundo externo sem que surja uma sensação de esvaziamento. O ego pode, então, sentir também que é capaz de reintrojetar o amor que distribuiu, assim como internalizar o “bom” de outras fontes e, dessa forma, ser enriquecido por todo o processo. Em outras palavras, em tais casos existe um equilíbrio entre dar e receber, entre projeção e introjeção.” (p.173).

“A meu ver, o processo descrito por Freud supõe que esse objeto amado seja sentido como contendo a parte do self excindida, amada e valorizada que, dessa forma, continua sua existência dentro do objeto. Desse modo, ele se torna uma extensão do self.” (p.174).

“A essência da história é o poder mágico de transformar-se em Outras pessoas, que é conferido a Fabian através de um pacto com o Diabo, que o seduz a aceitar esse dom sinistro através de falsas promessas de felicidade; ele ensina a Fabian uma fórmula secreta através da qual pode ser efetuada a transformação em outra pessoa. Essa fórmula inclui seu próprio nome, Fabian, e é muito importante que ele consiga — aconteça o que acontecer — lembrar-se da fórmula e de seu nome.” (p.175).

“Ao sair do escritório, levando consigo a agenda de Poujars, ele gradualmente se dá conta de ter-se colocado numa situação extremamente grave. Porque, além de não gostar da personalidade, da aparência e das lembranças desagradáveis que adquiriu, começa a ficar muito preocupado com a falta de força de vontade e de iniciativa que são adequados à idade de Poujars. O pensamento de que ele possa não ser capaz de reunir a energia necessária para se transformar em outra pessoa o enche de horror. Decide que para seu próximo objeto deve escolher alguém jovem e saudável.” (p.176).

“O autor nos conta que nessa transformação, mais do que em qualquer uma das anteriores, entram alguns elementos da natureza original de Fabian. Especialmente o lado inquisitivo do caráter de Fabian influencia a descobrir mais e mais sobre a personalidade de Fruges. Entre outras coisas, descobre que ele é atraído por postais obscenos, que compra de uma velha mulher numa pequena papelaria, onde os cartões são escondidos atrás de outros artigos.” (p.177).



“Fabian-Fruges está horrorizado com a idéia de não conseguir se separar de Fruges, de quem ele gosta cada vez menos. Sente-se prisioneiro de Fruges e luta por manter vivo seu aspecto Fabian, pois percebe que falta a Fruges a iniciativa que o ajudaria a escapar.” (p.178).

“Da mesma maneira que das outras vezes, Fabian se sente ressentido com a pessoa na qual se transformara, porque descobrira que ela não valia nada; regozija-se, portanto, ao imaginar como Camille, quando Fabian o abandonar, será recebido em sua casa pelo tio e pela esposa.” (p.179).

“Durante os três dias em que todos esses fatos aconteceram, Fabian esteve inconsciente em sua cama, sendo cuidado por sua mãe. Ele começa a voltar a si e vai se tornando inquieto quando Fabian-Camille se aproxima da casa e sobe as escadas. Fabian ouve Fabian-Camille chamar pelo seu nome atrás da porta, sai da cama e dirige-se para a porta, mas não consegue abri-la.” (p.180).

“Antes de discutir a identificação projetiva — que é, para mim, o tema principal desse livro —, considerarei a interação entre processos introjetivos e projetivos, que é, a meu ver, também ilustrada no romance. Por exemplo: o autor descreve a intensa necessidade do infeliz de Fabian de contemplar as estrelas.” (p.181).

“Um outro aspecto ainda do pai internalizado surge, sob a forma do Diabo. Pois lemos que, quando o Diabo está se aproximando dele, Fabian ouve passos ressoando nas escadas. “Ele começou a ouvir os golpes secos daquelas passadas como uma pulsação martelando suas têmporas.” Um pouco depois, quando estava cara a cara com o Diabo, parece-lhe que “a figura à sua frente iria continuar crescendo e crescendo até que se espalhasse como trevas por todo o quarto”. (p.182).

“Uma noite, quando Fabian perambulava sem destino pelas ruas, a idéia de voltar para seu próprio quarto o enche de horror. Sabe que tudo o que irá encontrar lá será ele mesmo; nem pode escapar para um novo caso amoroso, pois se dá conta de que iria outra vez, como sempre, cansar-se dele rapidamente.” (p.183).

“Minha interpretação do romance implica que o autor tenha apresentado aspectos fundamentais da vida emocional em dois planos: as experiências do bebê e sua influência na vida do adulto. Nas



últimas páginas, referi-me a algumas das emoções, ansiedades, introjeções e projeções infantis que suponho estarem subjacentes ao caráter e às experiências adultas de Fabian.” (p.184).

“Então ele se lembra de que a mulher havia tocado o pão e, “com a paixão do desejo frustrado, morde furiosamente a parte mais grossa do pãozinho”. Ataca até suas sobras, esmagando-as em seu bolso, ao mesmo tempo que tem a impressão de que uma migalha ficara entalada, como uma pedra, em sua garganta.” (p.185).

“Nos pormenores desse episódio, vejo o desejo de Fabian pelo seio de sua mãe sendo poderosamente revivido, com resultante frustração e ódio; seu desejo de pisotear o pão com seus sapatos pretos expressa seus ataques sádico-anais; e o morder furiosamente o pão, seu canibalismo e seus impulsos sádico-orais.” (p.186).

“Minha conclusão é que sua culpa e seu desespero relacionam-se à destruição, em fantasia, da mãe externa e interna e de seus seios, e à rivalidade assassina com seu pai; em outras palavras, ao sentimento de que seus objetos bons, internos e externos, haviam sido destruídos por ele. Essa ansiedade depressiva estava ligada a uma ansiedade persecutória.” (p.187).

“Mas isso se refere apenas a um aspecto da complexa relação com a mãe, um aspecto ilustrado pela tentativa de Fabian de projetar-se no garçom que lhe traz seu frugal desjejum (no romance, sua primeira tentativa de assumir a personalidade de outro homem). Como tenho comentado repetidas vezes, processos projetivos dominados pela voracidade fazem parte da relação do bebê com a mãe, mas são especialmente fortes onde a frustração é freqüente.” (p.188).

“Contrastando com o aspecto da mãe que deveria ser venerada como a Madona, há um outro. Tomo a transformação no assassino Esménard como uma expressão dos impulsos infantis de assassinar a mãe, cuja relação sexual com o pai não é apenas sentida como uma traição ao amor do bebê, mas é inteiramente sentida como má e torpe.” (p.189).

“Acho que a necessidade premente de compensar a morte precoce do pai e, num certo sentido, mantê-lo vivo, contribuiu muito para o desejo arrebatado e voraz de Fabian de viver a vida ao máximo. Eu diria que ele era também voraz em nome de seu pai. Por outro lado, em sua agitada busca por mulheres



e descuido com a saúde, Fabian também reencenava o destino de seu pai, que se supunha ter morrido prematuramente como resultado de sua vida dissoluta.” (p.190).

“A perda precoce do pai contribuiu muito para sua depressão, mas as raízes dessas ansiedades podem, novamente, ser encontradas em sua infância. Pois, se assumirmos que a intensa emoção de Fabian em relação ao amante da padeira seja uma repetição de seus sentimentos edípicos iniciais, concluiríamos que ele vivenciou intensos desejos de morte contra seu pai.” (p.191).

“Na relação de Fabian com seu pai, assim como na relação com sua mãe, podemos detectar o processo de idealização e seu corolário, o medo de objetos persecutórios. Isso se torna claro quando Fabian se transforma em Fruges, cuja luta interior entre seu amor por Deus e sua atração pelo Diabo é muito intensa” (p.192).

“Nesse contexto, o amor não correspondido de Elise parece expressar a situação edipiana invertida de Fabian. Colocar-se no papel de uma mulher amada pelo pai significaria desalojar ou destruir a mãe e despertaria uma culpa intensa; de fato, na história, Elise tem a mulher de Camille, desagradável mas linda, como sua rival odiada — outra figura materna, penso.” (p.193).

“Já mencionei uma série de fatores externos que desempenharam um papel importante no infeliz desenvolvimento de Fabian, tais como a morte prematura de seu pai, a falta de afeição de sua mãe, sua pobreza, a natureza insatisfatória de seu trabalho, seu conflito com a mãe a respeito de religião e — um ponto muito importante — sua doença física” (p.194).

“Os processos subjacentes à identificação projetiva são descritos muito concretamente pelo autor. Uma parte de Fabian abandona, literalmente, seu self e entra em sua vítima, um acontecimento que, de ambos os lados, é acompanhado por fortes sensações físicas.” (p.195).

“A ansiedade de Fabian de que ele possa esvaziar seu ego através da excisão de partes desse ego, e da projeção dessas partes para dentro de outras pessoas, é expressa, antes que ele dê início a suas transformações, pela maneira como olha para suas roupas, empilhadas desordenadamente sobre uma cadeira: “Ele teve uma horrível sensação, olhando para elas, de que estivesse vendo a si mesmo, mas vendo uma pessoa assassinada ou, de alguma forma, destruída. As mangas vazias de seu casaco, na medida em que pendiam flácidas para o chão, eram um indício desesperançado de tragédia” (p.196).



“Chegamos agora à escolha de Fruges. Fabian tem muito em comum com Fruges, em quem, no entanto, essas características são muito mais pronunciadas. Fabian tem tendência a negar o poder que a religião (e isso significa também Deus — o pai) tem sobre ele e atribui seus conflitos quanto à religião à influência de sua mãe.” (p.197).

“A escolha seguinte de Fabian, Camille, quase nada tem em comum com ele. Mas, através de Camille, ao que parece, Fabian identifica-se com Elise, a moça que está, de uma maneira infeliz, enamorada de Camille. Como vimos, Elise representava a parte feminina de Fabian e seus sentimentos por Camille representavam o amor homossexual não satisfeito de Fabian por seu pai.” (p.198).

“Até aqui ainda não discuti por que Fabian escolheu, em primeiro lugar, identificar-se com o Diabo — um fato no qual o enredo é baseado. Salientei, anteriormente, que o Diabo representava o pai sedutor e perigoso; ele também representava partes da mente de Fabian, tanto o superego como o id.” (p.199).

“Sugeri, em minhas “Notas sobre Alguns Mecanismos Esquizóides”, que o processo de reintrojetar uma parte projetada do self inclui internalizar uma parte do objeto para dentro do qual se deu a projeção, uma parte que o paciente pode sentir como hostil, perigosa e que ele absolutamente não deseja reintrojetar” (p.200)

“Fabian recupera partes de sua personalidade depois de sua transformação em Fruges, e ao mesmo tempo acontece algo muito importante. Fabian-Fruges percebe que suas experiências lhe haviam dado uma melhor compreensão de Poujars, de Esménard e até mesmo de Fruges, e que ele, agora, era capaz de sentir compaixão por suas vítimas. E também através de Fruges, que gosta de crianças, que a afeição de Fabian pelo pequeno George desperta.” (p.201)

“Em Fabian, notamos que ele parecia incapaz de uma identificação com um objeto bom ou admirado. Teríamos que discutir uma variedade de motivos em relação a isso, mas desejo isolar um, como uma possível explicação” (p.202)



**Serviço Público Federal  
Ministério da Educação  
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Campus de Paranaíba - Curso de Psicologia**



“No final, Fabian recupera seu amor pela mãe e faz as pazes com ela. É significativo que ele reconheça a falta de ternura dela mas sente que ela poderia ter sido melhor se ele tivesse sido um filho melhor. Ele obedece à ordem de sua mãe para que reze e parece ter recuperado, depois de todas as suas lutas, sua crença e confiança em Deus. As últimas palavras de Fabian são “Pai Nossa”, e pareceria que, naquele momento em que ele está cheio de amor pela humanidade, o amor por seu pai retorna.”  
(p.203)

“Como consequência da superação das ansiedades psicóticas fundamentais da infância, a necessidade intrínseca de integração emerge com toda força. Ele concomitantemente alcança a integração e boas relações de objeto e, desse modo, repara o que havia fracassado em sua vida.” (p.204).



## ATIVIDADES ORIENTADAS DE ENSINO

### TEMA 2

#### FICHAMENTO 8

**Discente:** Estefani Gabrieli Alves de Souza

**Orientadora:** Camila Bellini Colussi Macedo

KLEIN, Melanie. **Inveja e gratidão e outros trabalhos** (1946-1963). 6. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1991. Capítulo 10.

“Este é o último dos trabalhos teóricos de maior envergadura de Melanie Klein. Antes de seu aparecimento, a inveja era esporadicamente reconhecida por psicanalistas como uma emoção importante, mas apenas em situações de privação, e somente uma de suas formas, a inveja do pênis, havia sido estudada pormenorizadamente.” (p.207).

“Este trabalho lança nova luz sobre a reação terapêutica negativa, estudada como efeito da inveja. Melanie Klein considera que, embora a inveja possa em alguma medida ser analisada, ela estabelece um limite para o êxito analítico. Esse fato, portanto, coloca uma restrição final ao grande otimismo de seus artigos iniciais dos anos vinte” (p.208).

“Considero que a inveja é uma expressão sádico-oral e sádico-anal de impulsos primitivos em atividade desde o começo da vida, e que tem base constitucional. Essas conclusões têm certos elementos importantes em comum com a obra de Karl Abraham, apesar de implicar algumas diferenças com relação a ela.” (p.209).

“Em sua “Short History of the Development of the Libido, Viewed in the Light of Mental Disorders”, escrita em 1924, Abraham não mencionou as hipóteses de Freud sobre as pulsões de vida e de morte, embora Beyond The Pleasure Principle tivesse sido publicado havia quatro anos. Em seu livro, porém, Abraham investigou as raízes dos impulsos destrutivos e aplicou essa compreensão à etiologia das perturbações mentais de um modo mais específico do que até então fora feito.” (p.210).



“O que procuramos é um quadro dos anos esquecidos do paciente, que seja igualmente digno de confiança e completo em todos os aspectos essenciais. (...) Seu (do psicanalista) trabalho de construção, ou, se se preferir, de reconstrução, assemelha-se em grande parte à escavação, por um arqueólogo, de uma morada que foi destruída e sepultada ou de algum edifício antigo” (p.211).

“O estado pré-natal indubitavelmente implica um sentimento de unidade e segurança, mas o quanto estado está livre de perturbações depende necessariamente das condições psicológicas e físicas da mãe e possivelmente, até mesmo de certos fatores, não investigados até o presente momento, no bebê ainda não nascido.” (p.212).

“Concomitantemente a experiências felizes, ressentimentos inevitáveis reforçam o conflito inato entre o amor e o ódio, isto é, basicamente entre as pulsões de vida e de morte, o que resulta no sentimento de que existem um seio bom e um seio mau.” (p.213).

“Deve-se fazer uma distinção entre inveja, ciúme e voracidade. A inveja é o sentimento raivoso de que outra pessoa possui e desfruta algo desejável — sendo o impulso invejoso o de tirar este algo ou de estragá-lo. Além disso, a inveja pressupõe a relação do indivíduo com uma só pessoa e remonta à mais arcaica e exclusiva relação com a mãe” (p.214).

“A atitude geral para com o ciúme difere da que se tem para com a inveja. Na realidade, em certos países (particularmente a França), o assassinato induzido pelo ciúme acarreta sentença menos severa.” (p.215).

“Meu trabalho ensinou-me que o primeiro objeto a ser invejado é o seio nutridor, pois o bebê sente que o seio possui tudo o que ele deseja e que tem um fluxo ilimitado de leite e amor que guarda para sua própria gratificação.” (p.216).

“Se considerarmos que a privação intensifica a voracidade e a ansiedade persecutória, e que existe na mente do bebê a fantasia de um seio inexaurível, que é o seu maior desejo, toma-se compreensível como a inveja surge mesmo se o bebê é inadequadamente amamentado. Os sentimentos do bebê parecem ser que, quando o seio o priva, este se torna mau porque retém só para si o leite, o amor e os



cuidados associados ao seio bom. Ele odeia e inveja aquilo que sente ser o seio mesquinho e malevolente.” (p.217)..

“Desse modo, a inveja e as defesas contra ela desempenham um papel importante na reação terapêutica negativa, além dos fatores descobertos por Freud e mais amplamente desenvolvidos por Joan Riviere. Pois a inveja e as atitudes a que dá origem interferem na construção gradual de um objeto bom na situação transferencial. Se, no estágio mais inicial, o bom alimento e o objeto bom originário não puderam ser aceitos e assimilados, isso se repete na transferência e o curso da análise é prejudicado.” (p.218).

“Tenho frequentemente me referido ao desejo do bebê pelo seio inexaurível e sempre presente. Mas, como foi sugerido anteriormente, não é apenas alimento que ele deseja; quer também ser impulsos destrutivos e da ansiedade persecutória. Esse sentimento de que a mãe é onipotente e de que compete a ela evitar toda dor também encontrado na análise de adultos.” (p.219).

“Da asserção de que a inveja estraga o objeto bom originário e dá ímpeto adicional aos ataques sádicos ao seio, surgem outras conclusões. O seio assim atacado perde seu valor, torna-se mau por ter sido mordido e envenenado por urina e fezes.” (p.220).

“Em contraste com o bebê que, devido à sua inveja, foi incapaz de construir seguramente um objeto bom interno, uma criança com uma forte capacidade de amor e gratidão tem uma relação profundamente enraizada com um objeto bom e pode suportar, sem ficar profundamente danificada, estados temporários de inveja, ódio e ressentimento que surgem mesmo, em crianças que são amadas e recebem bons cuidados maternos” (p.221).

“Se há experiência frequente de ser alimentado sem que a satisfação seja perturbada, a introjeção do seio bom se dá com relativa segurança. Uma gratificação plena ao seio significava um objeto amado uma dádiva especial que ele deseja guardar. Essa é a base da gratidão.” (p.222).

“A inveja intensa do seio nutridor interfere na capacidade de satisfação completa e, assim, o desenvolvimento da gratidão. Há razões psicológicas muito pertinentes para que a inveja figure entre



os sete “pecados capitais”. Diria mesmo que ela é inconscientemente sentida como o maior de todos os pecados, por estragar e danificar o objeto bom que é a fonte de vida.” (p.223).

“Não há dúvida de que, em todas as pessoas, a frustração e as circunstâncias infelizes despertam certa inveja e ódio no decorrer da vida, mas a intensidade dessas emoções e a maneira pela qual o indivíduo as enfrenta variam consideravelmente. Essa é uma das muitas razões pelas quais a capacidade de fruição, ligada ao sentimento de gratidão pelo que foi recebido de bom, difere enormemente nas pessoas.” (p.224).

“Retomando ao processo de cisão, que considero ser precondição para a relativa estabilidade do bebê pequeno: durante os primeiros meses ele mantém predominantemente o objeto bom separado do mal e, desse modo, fundamentalmente o preserva.” (p.225).

“Se o objeto bom está profundamente enraizado, a cisão é fundamentalmente de natureza diferente e permite que processos muito importantes de integração do ego e síntese do objeto sejam operantes. Assim, uma mitigação do ódio pelo amor pode ocorrer em certa medida e a posição depressiva pode ser elaborada.” (p.226).

“Algumas pessoas lidam com sua incapacidade (derivada de inveja excessiva) de possuir um objeto bom por meio da idealização. Essa primeira idealização é precária porque a inveja do objeto bom está fadada a estender-se a seu aspecto idealizado. O mesmo é verdade quanto às idealizações de objetos ulteriores e à identificação com eles, a qual é geralmente instável e indiscriminada. A voracidade é um fator importante nessas identificações indiscriminadas, pois a necessidade de obter o melhor do que quer que seja interfere na capacidade de seleção e discriminação. Essa incapacidade está também ligada à confusão entre o bom e o mau que surge na relação com o objeto originário.” (p.227).

“Parece que uma das consequências da inveja excessiva é um aparecimento prematuro da culpa. Se a culpa prematura for experimentada por um ego ainda não capaz de tolerá-la, ela é sentida como perseguição e o objeto que a desperta transforma-se num perseguidor. O bebê, então, não pode elaborar nem a ansiedade depressiva nem a persecutória, porque elas se confundem uma com a outra. Alguns meses mais tarde, quando surge a posição depressiva, o ego mais integrado e fortalecido tem



maior capacidade de suportar a dor da culpa e de desenvolver defesas correspondentes, principalmente a tendência a fazer reparação.” (p.227).

“A inveja excessiva interfere na gratificação oral, adequada, agindo assim como estímulo à intensificação dos desejos e tendências genitais. Isso leva o bebê a voltar-se cedo demais para a gratificação genital, tendo como consequência que a relação oral torna-se genitalizada e as tendências genitais tornam-se demasiadamente coloridas por ressentimento e ansiedades orais.” (p.228).

“Quando o bebê alcança a posição depressiva e torna-se mais capaz de enfrentar sua realidade psíquica, sente também que a “maldade” do objeto é devida em grande parte à sua própria agressividade e à projeção decorrente.” (p.229).

“Quando em trabalhos anteriores descrevi a posição depressiva, mostrei que nesse estágio o bebê progressivamente integra seus sentimentos de amor e ódio, sintetiza os aspectos bons e maus da mãe e passa por estados de luto ligados a sentimentos de culpa. Começa também a compreender melhor o mundo externo e entende que não pode manter a mãe para si, como posse exclusiva” (p.230).

“Se a inveja não é excessiva, o ciúme na situação edipiana torna-se um meio de elaborá-la. Quando o ciúme é vivenciado, os sentimentos hostis são dirigidos não tanto contra o objeto originário mas principalmente contra os rivais — pai ou irmãos — o que introduz um elemento de distribuição.” (p.231).

“Já examinei, em relação a outros assuntos, vários fatores que contribuem para a inveja do pênis. Neste contexto, desejo considerar a inveja do pênis já a mulher principalmente na medida em que é de origem oral. Como sabemos, sob o predomínio dos desejos orais, o pênis é equacionado com o seio (Abraham) e, em minha experiência, a inveja do pênis na mulher pode ser remontada à inveja do seio da mãe.” (p.232).

“Mesmo quando o ódio e a inveja da mãe não são tão fortes, o desapontamento e o ressentimento podem, ainda assim, levar a um afastamento dela; porém uma idealização do segundo objeto, o pênis do pai e o pai, pode então ser mais bem-sucedida. Essa idealização deriva principalmente da busca por um objeto bom, uma busca que já não teve sucesso e, portanto, pode falhar novamente, mas que



não precisa falhar se o amor pelo pai predomina na situação de ciúme; pois então a mulher pode combinar um certo ódio contra a mãe com amor pelo pai e, mais tarde, por outros homens.” (p.233).

“É provável que a inveja excessiva do seio se estenda a todos os atributos femininos, particularmente à capacidade da mulher de ter filhos. Se o desenvolvimento é bem-sucedido, a compensação do homem para esses desejos femininos não realizados pode ser aferida através de uma relação boa com sua mulher ou amante e através de tornar-se pai dos filhos que ela concebe dele. Essa relação propicia outras experiências, como a identificação com o filho, compensando assim, de muitas maneiras, a inveja e as frustrações arcaicas; também o sentimento de ter criado o filho contrabalança a inveja arcaica que o homem tem da feminilidade da mãe.” (p.234).

“Minha experiência psicanalítica tem me mostrado que a inveja da criatividade é um elemento fundamental na perturbação do processo criativo. O estragar e destruir a fonte inicial do “bom” logo conduz à destruição e ataque aos bebês que a mãe contém, e tem como resultado a modificação do objeto bom, que passa a ser hostil, crítico e invejoso.” (p.235).

“Uma causa especial de inveja é sua relativa ausência em outras pessoas. A pessoa invejada é sentida como possuidora daquilo que, no fundo, é o mais prezado e desejado — um objeto bom, que também implica bom caráter e sanidade.” (p.236).

“Em seguida, ilustrarei com material clínico algumas de minhas conclusões. Meu primeiro exemplo é tirado da análise de uma mulher. Ela tinha sido amamentada ao seio, mas outras circunstâncias não foram favoráveis e ela estava convencida de que sua tenra infância e sua amamentação haviam sido totalmente insatisfatórias. Seu ressentimento do passado ligava-se à desesperança quanto ao presente e ao futuro. A inveja do seio nutridor e as conseqüentes dificuldades nas relações de objeto já haviam sido extensivamente analisadas antes do material ao qual vou me referir.” (p.237).

“A frustração tinha sido assim acrescentada a inveja do seio. Essa inveja tinha dado origem a um ressentimento amargo, pois a mãe havia sido sentida como egoísta e mesquinha, alimentando e amando a si própria em vez de seu bebê. Na situação analítica eu era suspeita de ter-me divertido durante o tempo em que ela estivera ausente, ou de ter dado o tempo a outros pacientes preferidos por mim.” (p.238).



“Foi por tomá-la gradualmente capacitada a reunir as partes excindidas do seu self em relação à analista, e a reconhecer o quanto me invejava e, portanto, suspeitava de mim, e em primeiro lugar de sua mãe, que se deu a experiência daquela mamada feliz. Essa experiência estava ligada a sentimentos de gratidão. No decurso da análise, a inveja diminuiu e sentimentos de gratidão tornaram-se mais frequentes e duradouros.” (p.239).

“Um sentimento de grande euforia em relação a seu sucesso logo se desenvolveu e foi introduzido por um sonho que mostrava o triunfo sobre mim e, subjacentemente, a inveja destrutiva de mim, representando sua mãe. No sonho, ela estava lá no ar, sobre um tapete mágico que a sustinha e estava acima do topo de uma árvore. Ela estava num plano suficientemente alto para olhar, através de uma janela, para dentro de um quarto onde uma vaca estava mastigando algo que parecia ser uma infundável tira de cobertor. Na mesma noite, ela também teve um pedaço de sonho no qual suas calcinhas estavam molhadas.” (p.240).

“Isso é apenas um extrato do material que demonstrou convincentemente à paciente a sua venenosa inveja da analista e do seu objeto originário. Ela sucumbiu a uma depressão tão profunda como jamais tivera. A causa principal dessa depressão, que se seguiu a seu estado de euforia, foi que ela havia sido levada a tomar consciência de uma parte completamente excindida dela mesma, a qual até então não fora capaz de reconhecer.” (p.241).

“A análise de sua depressão levou a uma melhora que, após alguns meses, foi seguida novamente por uma depressão profunda. Isso foi causado por ter a paciente reconhecido mais amplamente seus virulentos ataques sádico-anais à analista e, no passado, à sua família, o que confirmava seus sentimentos tanto de maldade quanto de doença. Foi a primeira vez que ela foi capaz de ver quão fortemente os traços sádico-orais e sádico-uretrais tinham sido excindidos.” (p.242).

“Esse reconhecimento fez surgir maiores sentimentos de culpa, tanto em relação à irmã como à mãe, e levou a uma nova revisão de suas mais antigas relações. Ela chegou a uma compreensão muito mais solidária com as deficiências dessa irmã e sentiu que não a havia amado suficientemente. Também descobriu que, em sua tenra infância, havia amado a irmã mais do que até então se lembrara.” (p.243).



“No sonho, o paciente havia estado pescando; ele se perguntava se deveria matar o peixe que apanhara a fim de comê-lo, mas decidiu pô-lo numa cesta e deixá-lo morrer. O cesto no qual estava carregando o peixe era do tipo usado pelas mulheres para levar roupa para a lavanderia. O peixe transformou-se repentinamente num lindo bebê e havia algo verde que tinha que ver com a roupa do bebê.” (p.244).

“A forte depressão que sucedeu a esse insight durou várias semanas, mais ou menos sem interrupção, mas não interferiu no trabalho do paciente e em sua vida familiar. Ele descreveu essa depressão como diferente e mais profunda que qualquer outra que até então experimentara.” (p.245).

“Também compreendeu que o edifício interessante, no qual não gostaria de viver, representava a analista. Por outro lado, sentia que eu, ao analisá-lo, o tinha tomado sob minhas asas e o estava protegendo de seus conflitos e ansiedades. As dúvidas e acusações contra mim, no sonho, eram usadas como desvalorização e relacionavam-se não apenas com a inveja, mas também com seu desânimo face à inveja e com seus sentimentos de culpa por sua ingratidão.” (p.246).

“Mencionarei agora o caso de um outro paciente, no qual uma tendência à depressão era também acompanhada de uma necessidade compulsiva de reparação; sua ambição, rivalidade e inveja, que coexistiam com vários outros traços de bom caráter, tinham sido gradualmente analisadas. Não obstante, só depois de alguns anos foi que o paciente vivenciou plenamente, por estarem muito excindidos, a inveja do seio e de sua criatividade e o desejo de estragá-lo.” (p.247).

“A tomada de consciência de sua inveja e ódio de mim veio-lhe como um choque e foi seguida por forte depressão e um sentimento de desvalia. Acredito que essa espécie de choque, que já relatei em vários casos, é resultado de um passo importante na restauração da cisão entre partes do self , assim, uma etapa de progresso na integração do ego” (p.248).

“Enumerarei agora algumas das defesas contra a inveja, que tenho encontrado no decorrer de meu trabalho. Algumas das defesas mais primitivas, já muitas vezes descritas, tais como a onipotência, a negação e a cisão, são reforçadas pela inveja.” (p.249).

“O fugir da mãe para outras pessoas admiradas e idealizadas a fim de evitar sentimentos hostis para com aquele mais importante objeto invejado (e portanto odiado), o seio, torna-se um meio de



preservar o seio, o que significa também preservar a mãe. Tenho constantemente assinalado que é da maior importância o modo como é feita a passagem do primeiro objeto para o segundo (o pai). Se a inveja e o ódio são predominantes, essas emoções são transferidas, em certo grau, para o pai ou para os irmãos, e mais tarde para outras pessoas, e daí por diante o mecanismo de fuga fracassa.” (p.250).

“Uma defesa própria a tipos mais depressivos é a desvalorização do self. Algumas pessoas podem ser incapazes de desenvolver seus dons e de usá-los com sucesso. Em outros casos essa atitude surge apenas em certas ocasiões, sempre que haja perigo de rivalidade com uma figura importante. Desvalorizando seus próprios dons, elas tanto negam a inveja como punem-se por ela.” (p.250).

“Há uma outra defesa, não rara, e a correspondente intensificação, do ódio, porque isso é menos doloroso do que suportar a culpa que surge da combinação de amor, ódio e inveja. Isso pode não se expressar como ódio mas tomar a forma de indiferença. Uma defesa afim é a de retirar-se do contato com as pessoas. A necessidade de independência que, como sabemos, é um fenômeno normal do desenvolvimento, pode ser reforçada a fim de evitar gratidão ou culpa pela ingratidão e inveja. Na análise, verificamos que, inconscientemente, essa independência é, de fato, bastante espúria: o indivíduo permanece dependente de seu objeto interno.” (p.251).

“As defesas que enumerei, e muitas outras, fazem parte da reação terapêutica negativa porque são um obstáculo poderoso à capacidade de internalizar o que o analista tem a dar. Referi-me anteriormente a algumas das formas que toma a inveja ao analista.” (p.252).

“Enumeremos algumas das consequências dessa dificuldade inicial: o aparecimento prematuro de culpa, a incapacidade do bebê de vivenciar separadamente a culpa e a perseguição, e o resultante aumento da ansiedade persecutória, já foram mencionados acima; também chamei atenção para a importância da confusão entre os pais, resultante da intensificação e pela inveja, da figura dos pais combinados. Relacionei o aparecimento prematuro da genitalidade à fuga da gravidez, levando a um aumento da confusão entre tendências e fantasias orais, anais” (p.253).

“No decurso da análise nós temos que estar preparados para encontrar flutuações entre melhorias e retrocessos. Isso pode aparecer de vários modos. Por exemplo, o paciente sentiu gratidão e apreciação



pela capacidade do analista. Essa mesma capacidade, causa de admiração, logo dá lugar à inveja; a inveja pode ser contrabalançada pelo orgulho em ter um bom analista.” (p.254).

“A incapacidade do paciente de aceitar com gratidão uma interpretação, que em algumas partes da sua mente ele reconhece como proveitosa, é um dos aspectos da reação terapêutica negativa. Sob a mesma denominação há muitas outras dificuldades, algumas das quais mencionarei agora.” (p.255).

“Procurei mostrar, em vários contextos, que os impulsos destrutivos, expressão da pulsão de morte, são sentidos primeiramente como sendo dirigidos contra o ego. Defrontando-se com eles, mesmo que gradualmente, o paciente sente-se exposto à destruição enquanto está no processo de aceitar e integrar esses impulsos como aspectos de si mesmo.” (p.256).

“No último parágrafo salientei as dificuldades que surgem em certos momentos da análise de pacientes cuja inveja é constituição forte. No entanto, a análise dessas perturbações graves e profundas é, em muitos casos, uma salvaguarda contra o perigo potencial de psicose, resultante de atitudes excessivamente onipotentes e invejosas.” (p.257).

“Estamos cientes de que estamos nos referindo a uma parte da personalidade que, para todos os efeitos, não é suficientemente acessível na ocasião, quer ao paciente quer ao analista. Nossas tentativas de dar o paciente a integrar só são convincentes se podemos mostrar a ele tanto no material presente como no passado como e por que ele está repetidamente excindindo partes de seu self.” (p.258).

“A preocupação do paciente com a segurança do cachorro-gato exprimia o desejo de proteger a analista contra suas tendências hostis e vorazes, representadas por “X”, e levava a uma ampliação temporária da cisão que já havia sido parcialmente sanada.” (p.259).

“O paciente prosseguiu então com seu relato do sonho. Seu irmão e ele foram presos por um policial que o olhou bondosamente, e assim o paciente teve a esperança de que, afinal, não seria executado; parecia deixar seu irmão entregue à própria sorte.” (p.260).



“A recorrência da cisão era causada não apenas por ansiedade persecutória mas também por ansiedade depressiva, pois o paciente sentia que não podia confrontar a analista (quando ela aparecia em um papel bondoso) com a parte má de si mesmo sem danificá-la. Essa foi uma das razões pela qual ele recorreu à união com o policial contra a parte má de si mesmo, a qual desejava aniquilar naquele momento.” (p.261).

“É também sabido que alguns bebês são expostos a grandes privações e circunstâncias desfavoráveis e, ainda assim, não desenvolvem ansiedades excessivas, o que sugeriria que seus traços paranóides e invejosos não são predominantes; isso é freqüentemente confirmado por sua história ulterior.” (p.262).

“Como sabemos, o objetivo último da psicanálise é a integração da personalidade do paciente. A conclusão de Freud de que “onde era id, ego será” é um indicador nessa direção. Os processos de cisão surgem nos estágios mais iniciais de desenvolvimento. Se são excessivos, fazem parte integrante de graves traços paranóides e esquizóides que podem ser a base da esquizofrenia. No desenvolvimento normal, essas tendências esquizóides e paranóides (posição esquizo-paranóide) são, em grande parte, superadas durante o período que é caracterizado pela posição depressiva, e a integração desenvolve-se com êxito. Os passos importantes em direção à integração, surgidos durante esse período, preparam o ego para sua capacidade de operar a repressão, a qual, acredito, funcionará cada vez mais no segundo ano de vida.” (p.263).

“Minha experiência mostrou-me que quando falha a análise desses impulsos, fantasias e emoções fundamentais, isso é parcialmente devido a que a dor e a ansiedade depressiva, tomadas manifestas, sobrepujam em algumas pessoas o desejo de verdade e, em última análise, o desejo de ser ajudado.” (p.264).

“Quando a análise pode ser levada a esse nível de profundidade, a inveja e o medo da inveja diminuem, levando a uma maior confiança nas forças construtivas e reparadoras, em realidade na capacidade de amar. O resultado é também uma maior tolerância com as próprias limitações, bem como melhores relações de objeto e uma percepção mais clara da realidade interna e externa.” (p.265).



“Acredito que essa capacidade de recuperar as partes excindidas da personalidade seja uma precondição para o desenvolvimento normal. Isso pressupõe que a cisão é até certo ponto superada durante a posição depressiva e que seu lugar seja tomado gradualmente pela repressão de impulsos e fantasias.” (p.266).

“Para expressar de outro modo, a ansiedade persecutória e os mecanismos esquizóides diminuem, e o paciente pode elaborar a posição depressiva. Quando ele supera, até certo ponto, sua incapacidade inicial de estabelecer um bom objeto, a inveja diminui e sua capacidade de fruição e gratidão aumenta passo a passo. Essas mudanças estendem-se a muitos aspectos da personalidade do paciente e vão desde a vida emocional mais arcaica até as experiências e relações adultas. Eu acredito que é na análise dos efeitos das perturbações arcaicas no desenvolvimento em seu todo que reside nossa maior esperança de ajudar nossos pacientes.” (p.267).



## ATIVIDADES ORIENTADAS DE ENSINO

### TEMA 2

#### FICHAMENTO 9

**Discente:** Estefani Gabrieli Alves de Souza

**Orientadora:** Camila Bellini Colussi Macedo

KLEIN, Melanie. **Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921 - 1945).** Rio de Janeiro: Imago, 1996. Capítulo 9 e 17.

“Esse é um dos artigos mais importantes de Melanie Klein. Há alguns anos ela já defendia a opinião de que o complexo de Édipo tinha início antes do que Freud imaginava; em “A análise de crianças pequenas” (1923) sugere que ele começa quando a criança está entre dois e três anos de idade; numa nota de pé de página de “Princípios psicológicos da análise de crianças pequenas” (1926) dá a entender que na verdade começaria bem mais cedo — no primeiro ano de vida durante o desmame, apresentando explicitamente esse conceito em “Simpósio sobre a análise de crianças” (1927). No entanto, as descobertas que fez a partir da análise de crianças vão além da simples datação desse complexo num período anterior; neste artigo relativamente curto, ela apresenta o equivalente de uma nova concepção do complexo de Édipo.” (p.214)

“Nesse artigo, Melanie Klein acompanha identificações sucessivas no início das relações edipianas, num relato que apresenta elos de ligação com as discussões de Freud em O ego e o id, mas num nível mais inicial. Ela descreve o desenvolvimento sexual do menino e da menina, e apesar de não concordar com Freud a respeito da principal ansiedade nos dois sexos, vê seu trabalho como uma expansão das novas idéias de Freud sobre a ansiedade em Inibições, sintomas e ansiedade [...]” (p.215).

“Durante minha experiência com a análise de crianças, principalmente aquelas entre os três e os seis anos de idade, cheguei a diversas conclusões que apresentarei aqui de forma resumida.” (p.216).

“Essas conclusões abrem uma nova perspectiva. Um ego ainda muito fraco só é capaz de se defender de um superego tão ameaçador através de forte repressão. Uma vez que as tendências edipianas de



ínicio se expressam sob uma forma de impulsos orais e anais, a questão de quais fixações serão predominantes no desenvolvimento edipiano será resolvida, principalmente, pelo grau de repressão que ocorre nesse estágio inicial.” (p.217).

“Na análise, essas duas fontes de sofrimento dão origem a uma quantidade extraordinária de ódio. Sozinhas ou em conjunto, são a causa de diversas inibições do impulso epistemofílico: a incapacidade de aprender línguas estrangeiras e o ódio àqueles que falam outra língua, por exemplo. Também são responsáveis por distúrbios diretos da fala, etc. A curiosidade que se manifesta com clareza mais tarde, geralmente no quarto ou quinto ano de vida, não é o início, mas sim o clímax e o encerramento dessa fase do desenvolvimento. Minhas descobertas indicam que o mesmo se aplica ao conflito edipiano em geral.” (p.218).

“Nesses estágios iniciais, todas as posições do desenvolvimento edipiano são investidas numa rápida sucessão. Isso, porém, passa despercebido, pois o quadro ainda é dominado pelos impulsos pré-genitais. Além disso, não é possível estabelecer uma distinção clara entre a atitude heterossexual ativa que se expressa no nível anal e o estágio posterior de identificação com a mãe.” (p.219).

“Esse medo da mãe é esmagador, pois combinado a ele vem o pavor de ser castrado pelo pai. As tendências destrutivas cujo objeto é o útero também são dirigidas com toda a sua intensidade sádico-oral e sádico-anal contra o pênis do pai, que estaria localizado lá. É nesse pênis que o medo de ser castrado pelo pai se concentra durante essa fase. Assim, a fase de feminilidade se caracteriza pela ansiedade relacionada ao útero e ao pênis do pai, e essa ansiedade submete o menino à tirania de um superego que devora, mutila e castra, formado a partir das imagens da mãe e do pai ao mesmo tempo.” (p.220).

“Em ambos os sexos, uma das principais fontes das inibições no trabalho é a ansiedade e o sentimento de culpa associado à fase de feminilidade. A experiência me ensinou, porém, que a análise cuidadosa dessa fase, também por outros motivos, é importante do ponto de vista terapêutico e pode ser de grande ajuda em casos de obsessão que parecem ter atingido um ponto onde não é possível fazer mais nada.” (p.221).



“Além do caráter receptivo do órgão genital — posto em ação pelo desejo intenso de encontrar uma nova fonte de gratificação — a inveja e o ódio da mãe, que possui o pênis do pai, também parecem ser mais um motivo para que a menina se volte para o pai no período em que seus primeiros impulsos edipianos estão se manifestando. As carícias do pai agora têm o efeito de uma sedução e são sentidas como “a atração do sexo oposto”. ” (p.222).

“A identificação com o pai é menos carregada de ansiedade do que aquela com a mãe; além disso, o sentimento de culpa em relação à mãe provoca a supercompensação, através de uma nova relação de amor com ela. Em oposição a essa nova relação de amor, há ainda o complexo de castração, que torna difícil uma atitude masculina, e o ódio contra a mãe resultante das posições anteriores. O ódio e a rivalidade com mãe, contudo, fazem mais uma vez com que a identificação com o pai seja abandonada e ele volte a ser o objeto para amar e pelo qual ela deseja ser amada.” (p.223).

“Essa ansiedade e o sentimento de culpa são a principal causa da repressão do orgulho e da alegria no papel feminino, que originalmente são muito fortes. Essa repressão resulta na depreciação da capacidade de ser mãe, de início tão valorizada. Assim, a menina não possui o mesmo apoio que o menino encontra na posse do pênis e que ela também poderia descobrir na expectativa da maternidade.” (p.224).

“O menino também deriva da fase feminina um superego materno que o impele, assim como a menina, a criar identificações cruéis primitivas e, ao mesmo tempo, bondosas. Contudo, depois de passar por essa fase, ele retoma (em diferentes graus, é verdade) a identificação com o pai. Por mais que o lado materno se faça sentir na formação do superego, ainda é o superego paterno que desde o início exerce a influência decisiva sobre o homem. Este também coloca diante de si a figura de um personagem sublime que possa lhe servir de modelo, mas como o menino é de fato “feito à imagem” de seu ideal, este não é inatingível. Essa circunstância contribui para o trabalho criativo mais constante e objetivo do homem.” (p.225).

“Há outro tipo de experiência no início da infância que me parece característico e extremamente importante. Essas experiências muitas vezes se seguem à observação do coito e são provocadas ou alimentadas pela excitação que esta desperta. Refiro-me às relações sexuais de crianças pequenas entre si, entre irmãos e irmãs ou amiguinhos, que consistem nos atos mais diversos: olhar, tocar,



defecar juntos, felação, cunilíngua e muitas vezes tentativas diretas de realizar o coito. Elas são profundamente reprimidas e possuem o investimento de um enorme sentimento de culpa.” (p.226).

“Descobri o valor terapêutico desse conhecimento na análise de crianças, mas ele não se limita a essa área. Tive a oportunidade de testar as conclusões retiradas dessa prática na análise de adultos e constatei não só que sua validade teórica estava confirmada, mas também que sua importância terapêutica era inegável.” (p.227).

“Minhas obras anteriores contêm a descrição de uma fase em que o sadismo está no auge, fase pela qual as crianças passam durante o primeiro ano de vida. Já nos primeiros meses de existência, o bebê tem impulsos sádicos dirigidos não só contra o seio da mãe, mas contra o interior de seu corpo: desejos de esvaziá-lo, de devorar seu conteúdo e de destruí-lo com todos os meios que o sadismo pode imaginar.” (p.304).

“De acordo com Freud e Abraham, o processo básico da melancolia é a perda do objeto amado. A perda verdadeira de um objeto real, ou uma situação semelhante que tenha o mesmo significado, resulta na instalação do objeto dentro do próprio ego. No entanto, devido a um excesso de impulsos canibaiscos no indivíduo, essa introjeção fracassa e a consequência é a doença.” (p.305).

“Isso leva ao enfraquecimento dos desejos orais. Uma manifestação desse fato pode ser observada na dificuldade que crianças muito pequenas apresentam de aceitar o alimento; em minha opinião, essa dificuldade é de origem paranóide. Quando a criança (ou o adulto) se identifica de forma mais completa com um objeto bom, os anseios libidinais aumentam; ela desenvolve amor e desejo vorazes de devorar esse objeto, e o mecanismo de introjeção é reforçado.” (p.306).

“Em minha opinião, o mecanismo paranóico de destruir os objetos (tanto no interior do corpo quanto no mundo exterior) com todos os meios derivados do sadismo oral, uretral e anal ainda persiste, mas numa intensidade bem menor e com certa modificação devida à mudança ocorrida na relação do sujeito com seus objetos.” (p.307).



“[...] Todo estímulo interno ou externo (i.e., toda frustração real) está repleto de grandes perigos: tanto os objetos maus quanto os bons são ameaçados pelo id, pois cada acesso de ódio ou ansiedade pode abolir temporariamente essa diferenciação, resultando numa “perda do objeto amado”.” (p.308).

“Nesse ponto nos deparamos com uma questão de grande importância para toda nossa teoria. Minhas observações, assim como as de vários colegas ingleses, levaram-nos à conclusão de que a influência direta dos processos iniciais de introjeção sobre o desenvolvimento normal e o patológico é muito mais importante do que se pensava, diferindo em certos aspectos daquilo que costumava ser aceito nos círculos psicanalíticos.” (p.309).

“Entre as várias exigências internas responsáveis pela severidade do superego no melancólico, mencionei a necessidade premente de cumprir as reivindicações rigorosas dos objetos “bons”. Esse aspecto do quadro —isto é, a crueldade dos objetos “bons”, amados, que foram internalizados pelo ego —é o único reconhecido pelo saber analítico geral; ele fica muito claro na severidade implacável do superego do melancólico.” (p.310).

“Em minha opinião, só quando o ego introjeta o objeto como um todo e estabelece uma relação melhor com o mundo externo e as pessoas reais é que ele percebe o desastre criado pelo seu sadismo e principalmente pelo seu canibalismo. Só então ele sofre por causa disso.” (p.311).

“A esse respeito, gostaria de acrescentar que já estamos familiarizados com as censuras que o depressivo dirige a si mesmo e que, na verdade, representam acusações contra o objeto introjetado. No entanto, o ódio do ego pelo id, que é fator dominante nessa fase, pode explicar ainda melhor os sentimentos de desmerecimento e desespero do que as censuras feitas contra o objeto.” (p.312).

“Outro motivo importante pelo qual o paranóico é incapaz de manter uma relação com o objeto inteiro é que, enquanto as ansiedades persecutórias e a ansiedade por si mesmo continuam muito fortes, ele não consegue suportar as ansiedades adicionais em torno do objeto amoroso, nem os sentimentos de culpa e remorsos que acompanham essa posição depressiva.” (p.313).

“Estudando agora os sintomas hipocondríacos da mesma forma comparativa, são tipicamente paranóides as dores e outras manifestações que na fantasia resultam de ataques feitos contra o ego



por objetos perseguidores internos. Por outro lado, os sintomas derivados de ataques de objetos maus internos e do id contra os objetos bons — i.e., uma luta interna em que o ego se identifica com o sofrimento dos objetos bons — são tipicamente depressivos.” (p.314).

“Quando a falta de confiança em mim foi diminuindo com o progresso da análise, o paciente começou a ficar muito preocupado comigo. X sempre tinha se preocupado com a saúde da mãe; no entanto, nunca fora capaz de desenvolver um verdadeiro amor por ela, apesar de fazer o máximo para agradá-la. Agora, somados à preocupação comigo, vinham à tona fortes sentimentos de amor e gratidão, juntamente com sensações de desmerecimento, pesar e depressão.” (p.315).

“Enquanto as ansiedades paranóides eram predominantes e a ansiedade causada pelos pais maus em união mantinha-se firme, X sentia ansiedades hipocondríacas apenas pelo seu próprio corpo. Quando a depressão e o pesar se estabeleceram, o amor e a preocupação pelo objeto bom passaram a ocupar o primeiro plano, modificando os conteúdos de ansiedade, assim como os sentimentos e as defesas como um todo.” (p.316).

“Em minha opinião, sempre que existe um estado de depressão, seja no indivíduo normal, no neurótico, no maníaco-depressivo ou em casos mistos, estará presente esse grupo específico de ansiedades, sentimentos de pesar e diversas variedades dessas defesas que acabo de descrever dando a ele o nome de posição depressiva.” (p.317).

“Freud afirma que a mania está calcada nos mesmos conteúdos da melancolia e, na verdade, é uma maneira de fugir desse estado. Gostaria de sugerir a hipótese, porém, de que na mania o ego procura fugir não só da melancolia, mas também de uma condição paranóica que ele não consegue dominar. A dependência torturante e perigosa em relação aos seus objetos amados impele o ego à busca de liberdade.” (p.318).

“Sua tentativa de se libertar de um objeto sem abandoná-lo completamente parece ser condicionada por um aumento da força do próprio ego. Ele consegue esse acordo ao negar a importância dos objetos bons, juntamente com os perigos a que estes se veem submetidos pelos objetos maus e o id. Ao mesmo tempo, ele procura incessantemente dominar e controlar todos os seus objetos. A indicação desse esforço é a hiperatividade.” (p.319).



“Essa indiferença, que o ego não consegue atingir na posição depressiva, representa um avanço, um fortalecimento do ego em relação a seus objetos. Esse avanço, entretanto, é contraposto pelos mecanismos mais antigos descritos acima, que o ego também emprega na mania.” (p.320).

“Na noite seguinte, o paciente teve outro sonho: ouvia o som de alguma coisa fritando numa panela dentro do forno. Não conseguia ver o que era, mas pensou em alguma coisa marrom, provavelmente um rim sendo frito. O barulho que ouvia parecia o guincho ou o choro de uma voz fininha e teve a impressão de que estavam cozinhando alguma coisa viva.” (p.321).

“A análise desses sonhos lançou nova luz sobre alguns pontos fundamentais do desenvolvimento do paciente. Estes já tinham sido trabalhados antes na análise, mas agora apareciam em novas conexões, tomando-se claros e convincentes para ele. Destacarei apenas alguns que dizem respeito às conclusões propostas neste trabalho; é preciso observar, porém, que não terei espaço para mencionar todas as associações importantes que me foram apresentadas.” (p.322).

“Uma das defesas contra o sentimento de culpa e a responsabilidade pelo desastre que o próprio paciente havia criado foi revelada pela associação de que eu riscava os fósforos e o pai servia as bolas de tênis da maneira errada. Assim, o paciente tomava os pais responsáveis pelo seu coito equivocado e perigoso. No entanto, o medo de retaliação baseado na projeção (a ameaça de que eu o queimasse) se manifesta no comentário a respeito de quantas vezes as cabeças dos fósforos teriam voado em sua direção, assim como em outros conteúdos de ansiedade relacionados a ataques feitos contra ele (a cabeça de leão, o óleo fervente).” (p.323).

“Há ainda os perigos oriundos do id. Se o ciúme e o ódio provocado por uma frustração real forem se acumulando dentro do indivíduo, em sua fantasia ele atacará novamente o pai internalizado com seus excretas que queimam, perturbando a cópula dos pais, o que dá origem a mais ansiedade. Estímulos internos ou externos podem aumentar as ansiedades paranóides em torno de perseguidores internalizados.” (p.324).



“Os pontos que destaquei em relação ao sonho parecem-me indicar que o processo de internalização, que se instala no primeiro estágio da infância, é essencial para o desenvolvimento das posições psicóticas.” (p.325).

“No curso normal dos acontecimentos, nesse ponto do desenvolvimento —em geral entre os quatro e os cinco meses de idade — o ego se depara com a necessidade de reconhecer até certo ponto a realidade psíquica, além da realidade externa. Desse modo, ele se dá conta de que o objeto amado e o odiado são um só; também percebe que as figuras imaginárias e os objetos reais, tanto externos quanto internos, estão ligados entre si.” (p.326).

“Em meu ponto de vista, como observei antes, já no período de amamentação, quando começa a ver a mãe como uma pessoa completa e passa da introjeção de objetos parciais para a introjeção do objeto total, a criança experimenta alguns dos sentimentos de culpa e remorso, algumas das dores que resultam do conflito entre o amor e o ódio incontrolável, algumas das ansiedades em torno da morte iminente dos objetos amados externos e internalizados” (p.327).

“[...] o ego recorre constantemente ao mecanismo que já foi mencionado acima e que é tão importante para o desenvolvimento da relação com os objetos: a cisão das imagens entre a amadas e as odiadas, ou seja, entre boas e perigosas.” (p.328).

“Já examinei com certa minúcia como a incapacidade de manter a identificação com os objetos amados reais e internalizados pode levar a desordens psicóticas, como os estados depressivos, a mania ou a paranoia.” (p.329).



## ATIVIDADES ORIENTADAS DE ENSINO

### TEMA 2

#### FICHAMENTO 10

**Discente:** Estefani Gabrieli Alves de Souza

**Orientadora:** Camila Bellini Colussi Macedo

KLEIN, Melanie. **Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921 - 1945).** Rio de Janeiro: Imago, 1996. Capítulo 18 e 19.

“Melanie Klein faz uma apresentação vivida e pouco técnica desse novo ponto de vista. Como se trata de um guia prático de como cuidar das crianças, ela também inclui conselhos de ordem psicológica sobre os problemas da educação dos bebês. Faz uma rápida comparação da mamadeira com a amamentação no seio, assunto discutido de forma mais completa na primeira nota de capítulo de “Sobre a observação do comportamento de bebês” (“On Observing the Behaviour of Young Infants”) (1952). A segunda nota de capítulo do mesmo artigo discute novamente a questão do desmame.” (p.330).

“O trabalho analítico demonstrou sem sombra de dúvida que bebês com poucos meses de idade já entregam-se à construção de fantasias. Creio que essa é a atividade mental mais primitiva e que as fantasias já estão na mente do bebê quase desde o nascimento. Aparentemente, todo estímulo recebido pela criança imediatamente gera a fantasia: os estímulos desagradáveis, incluindo a mera frustração, provocam fantasias agressivas; os gratificantes, fantasias concentradas no prazer.” (p.331).

“Mas ao mesmo tempo ocorre outro processo muito importante: a introjeção. Esse termo se refere à atividade mental da criança através da qual, na fantasia, ela absorve para dentro de si tudo o que percebe no mundo externo. Sabemos que nesse estágio a criança recebe sua maior satisfação pela boca, que portanto se torna a principal via através da qual ela toma não só o alimento, mas também, na sua fantasia, o mundo à sua volta.” (p.332).

“Já mencionei as fantasias e o medo de perseguição arcaicos relacionados aos seios hostis e expliquei como estão ligados ao relacionamento fantástico da criança pequena com os objetos. Suas primeiras



experiências com estímulos externos e internos dolorosos oferecem um fundamento para várias fantasias sobre objetos externos e internos hostis, e contribuem em muito para o acúmulo dessas fantasias.” (p.333).

“Ao mesmo tempo, sua atitude emocional em relação à mãe se modifica. O apego prazeroso da criança ao seio acaba se convertendo em sentimentos dirigidos à mãe como pessoa. Assim, têm-se sentimentos de caráter destrutivo e amoroso pela mesma pessoa, o que causa conflitos profundos e perturbadores na mente da criança.” (p.334).

“A análise de crianças bem pequenas (recentemente, até crianças entre um e dois anos de idade têm sido analisadas) mostra que bebês de alguns meses associam fezes e urina a fantasias onde essas substâncias são encaradas como presentes. Mais do que presentes —e, portanto, sinais de amor pela mãe ou babá —eles são vistos como materiais capazes de realizar restauração. Por outro lado, quando os sentimentos destrutivos se tornam dominantes, o bebê defeca e urina com ódio na sua fantasia, utilizando os excrementos como agentes hostis. Assim, os excrementos produzidos com sentimentos amistosos são empregados, na fantasia, como meio de compensar os danos causados pelas fezes e a urina em momentos de raiva.” (p.335).

“Como já observei acima, a criança sente qualquer frustração de forma muito profunda; apesar de normalmente ocorrer um contínuo processo de adaptação à realidade, a vida emocional da criança parece ser dominada pelo ciclo de gratificação e frustração; os sentimentos de frustração, porém, têm natureza muito complexa. O Dr. Ernest Jones descobriu que a frustração é sempre percebida como uma privação: se a criança não pode obter aquilo que deseja, é porque isso está sendo retido pela mãe má, a cujo poder está submetida.” (p.336).

“É óbvio que uma boa relação humana entre a mãe e a criança na época em que esses conflitos básicos se instalam e são em grande parte elaborados tem uma importância enorme. Não se pode esquecer que no período crítico do desmame, a criança perde, por assim dizer, seu objeto “bom”, isto é, perde aquilo que mais ama. Tudo aquilo que torna a perda de um objeto bom externo menos dolorosa e diminui o medo de ser punida ajuda a criança a manter a confiança no objeto bom que guarda dentro de si. Ao mesmo tempo, isso abrirá o caminho para que a criança mantenha uma boa relação com a mãe, apesar da frustração, e estabeleça relações prazerosas com outras pessoas além dos pais. Assim



ela poderá obter outras satisfações que substituirão aquela que é tão importante, e que está prestes a perder.” (p.337).

“Um bom contato, entre mãe e filho pode ser ameaçado na primeira (ou nas primeiras) mamadas se a mãe não souber como fazer com que o bebê pegue o bico do seio; se, por exemplo, ao invés de lidar pacientemente com as dificuldades à medida que elas vão surgindo, ela enfiar violentamente o bico do peito na boca do bebê, é possível que ele não consiga criar um forte apego ao bico e ao seio, alimentando-se apenas com dificuldade. Por outro lado, pode-se observar como bebês que apresentaram essa dificuldade inicial acabam se alimentando tão bem quanto os que não tiveram nenhum problema, se tratados com paciência.” (p.338).

“Mas também há outros aspectos a serem considerados. O hábito descontrolado de chupar o dedo ou a chupeta apresenta o risco de criar uma fixação exagerada na boca (quero dizer com isso que o movimento natural da libido, da boca para os órgãos genitais, fica impedido), enquanto uma leve frustração na boca pode ter o efeito desejável de distribuir os ímpetos sexuais.” (p.339).

“Uma grande vantagem para o futuro relacionamento entre mãe e filho é que, além de alimentar o bebê, a mãe também tome conta dele. Se as circunstâncias a impedirem de fazer isso, mesmo assim ela pode estabelecer uma forte ligação com o bebê, desde que consiga ter um insight de sua mentalidade.” (p.340).

“Não se deve interferir indevidamente no desenvolvimento da criança. Uma coisa é observar com prazer e compreensão seu crescimento físico e mental, outra bem diferente é tentar acelerá-lo. É preciso deixar o bebê crescer à sua maneira. Como Ella Sharpe (1936) observou, o desejo de impor um ritmo de crescimento à criança, com o objetivo de fazê-la se adequar a um plano pré-estabelecido, é prejudicial à criança e à sua relação com a mãe. O desejo de apressar esse processo muitas vezes se deve à ansiedade, que é uma das principais causas de perturbações no relacionamento entre mãe e filho.” (p.341).

“Até agora não mencionei os casos em que o bebê não mama no peito. Espero ter deixado clara a importância psicológica de a mãe alimentar o filho; examinemos agora a situação em que ela se vê impedida de fazer isso. A mamadeira é um substituto para o seio da mãe, pois permite ao bebê ter o



prazer de sugar e de estabelecer até certo ponto o relacionamento com a mãe-seio através da mamadeira oferecida pela mãe ou pela babá.” (p.342).

“Resumindo: a alimentação bem-sucedida pelo seio sempre é uma grande vantagem para o desenvolvimento; algumas crianças, apesar de não terem tido essa influência fundamentalmente favorável, conseguem se desenvolver muito bem sem ela.” (p.343).

“Se esse ajuste foi obtido, podemos usar a palavra “desmame” em seu sentido antigo. De acordo com minhas informações, a palavra “desmame” em inglês arcaico era empregada não só no sentido de “desmamar de”, mas também no de “desmamar para”. Aplicando esses dois sentidos da palavra, podemos dizer que quando há uma verdadeira adaptação à frustração, o indivíduo não só é desmamado dos seios da mãe, mas também procura novos substitutos —fontes de gratificação que são necessárias para construir uma vida completa, rica e feliz.” (p.344).

“Se as dificuldades da primeira fase são superadas dentro da normalidade, o bebê provavelmente conseguirá lidar com os sentimentos de depressão gerados no estágio crucial seguinte, que se estende aproximadamente dos quatro aos seis meses de idade.” (p.345).

“Mais tarde, Melanie Klein mudaria de idéia a respeito de um ponto. Nesse artigo, o fardo da reparação de um objeto danificado pelo ódio é colocado nos ombros do bebê desde o início. No entanto, de acordo com a teoria posterior da posição esquizo-paranóide, a cisão se mantém dominante nos primeiros meses de vida e a necessidade de reparação só surge mais tarde, nos estados mais integrados da posição depressiva.” (p.346).

“O primeiro objeto de amor e ódio do bebê —a mãe —é ao mesmo tempo desejado e odiado com toda intensidade e força características dos anseios arcaicos da criança. Muito no início, esta ama a mãe no momento em que ela satisfaz suas necessidades de alimentação, aliviando seus sentimentos de fome e lhe oferecendo o prazer sensual que obtém quando sua boca é estimulada ao chupar o peito. Essa gratificação é parte essencial da sexualidade da criança — na verdade, é sua expressão inicial.” (p.347).



“O papel essencial que o pai desempenha na vida emocional da criança também influencia todas as suas relações amorosas posteriores, assim como toda a sua ligação com outras pessoas. No entanto, a relação do bebê com o pai, na medida em que este é percebido como uma figura gratificante, amistosa e protetora, é modelada em parte sobre a relação com a mãe.” (p.348).

“Os impulsos e sentimentos do bebê são acompanhados por um tipo de atividade mental que julgo ser a mais primitiva: a construção da fantasia ou, em termos mais coloquiais, o pensamento imaginativo. Por exemplo, o bebê que deseja o seio da mãe quando ele não está lá pode imaginar sua presença, i.e., pode imaginar a satisfação que obtém dele. Esse fantasiar primitivo é a forma mais arcaica da capacidade que mais tarde se transforma na atividade mais elaborada da imaginação.” (p.349).

“Nossa tendência é deixar esses sentimentos de culpa em segundo plano, por causa da dor que eles trazem. Entretanto, eles se manifestam de várias formas disfarçadas e são fonte de perturbação nas nossas relações pessoais. Por exemplo, algumas pessoas sofrem com facilidade quando não recebem apreço, mesmo daqueles que não têm muita importância para elas; isso acontece porque em sua mente inconsciente não se sentem dignas da atenção dos outros, impressão que é confirmada quando são recebidas com frieza.” (p.350).

“Esses sentimentos, desejos e fantasias são acompanhados de rivalidade, agressividade e ódio contra a mãe, somando-se ao ressentimento que sente contra ela, oriundo de frustrações anteriores no seio.” (p.351).

“Afirmei acima que sentimentos de amor e gratidão surgem direta e espontaneamente no bebê como resposta ao amor e aos cuidados da mãe. O poder do amor —que é a manifestação das forças que tendem a preservar a vida — está presente no bebê ao lado dos impulsos destrutivos e encontra sua expressão fundamental no apego ao seio da mãe, que depois se transforma no amor por ela enquanto” (p.352).

“Levando em conta o que afirmei a respeito das origens do amor, examinemos agora alguns relacionamentos específicos dos adultos, tomando primeiro como exemplo o relacionamento amoroso satisfatório e estável entre um homem e uma mulher, do tipo que podemos encontrar no casamento



feliz, Isso implica forte apego, capacidade de sacrifícios mútuos e grande habilidade de compartilhar — de compartilhar a dor assim como o prazer, os interesses de cada um assim como o gozo sexual.” (p.354).

“Como a menina tinha fantasias de que o órgão genital do pai era perigoso, estas ainda exercem uma certa influência sobre a mente inconsciente da mulher. No entanto, se tem uma relação feliz e sente gratificação sexual com o marido, ela passa a ver o órgão genital do homem como algo bom, o que serve de refutação para o medo do órgão genital mau. Assim, a gratificação sexual traz uma dupla reafirmação: a da natureza boa do marido e de si mesma. A sensação de segurança obtida dessa maneira se soma ao prazer sexual em si.” (p.355).

“A atitude emocional e a sexualidade do homem na sua relação com a esposa também são, é claro, influenciadas pelo seu passado. A frustração de seus desejos genitais por parte da mãe durante a infância gera fantasias em que o pênis do menino se torna um instrumento que poderia causar dor ou feri-la. Ao mesmo tempo, o ciúme e o ódio do pai, visto como rival pelo amor da mãe, provoca o surgimento de fantasias sádicas também contra o pai.” (p.356).

“Assim, os dois parceiros verão na relação onde há amor e gratificação sexual mútua a feliz recriação da sua vida familiar inicial. Muitos desejos e fantasias nunca podem ser satisfeitos na infância, não só porque são impraticáveis, mas porque são desejos contraditórios da mente inconsciente. Parece paradoxal que a realização de vários desejos infantis só seja possível, de certo modo, quando o indivíduo já se tornou adulto. Na relação feliz entre pessoas adultas, o desejo arcaico de ter a mãe ou o pai só para si continua ativo inconscientemente.” (p.357).

“Uma relação feliz entre dois adultos, nos moldes que acabo de descrever, pode significar, portanto, uma recriação da situação familiar arcaica, que se tornará mais completa — ampliando ainda mais o círculo de garantia mútua e segurança — com a relação do homem e da mulher com os filhos. Isso nos leva ao assunto da maternidade e da paternidade.” (p.358).

“A natureza da relação da mãe com os filhos se altera, é claro, à medida que eles crescem. Sua atitude em relação aos filhos mais velhos será influenciada em maior ou menor grau pela atitude que tinha diante dos irmãos, irmãs, primos, etc. no passado. Certas dificuldades nessas relações do passado



podem facilmente interferir nos sentimentos que ela nutre pelo próprio filho, principalmente se este desenvolve traços e reações que tendam a despertar essas dificuldades nela. O ciúme e a rivalidade em relação aos irmãos davam origem a desejos de morte e fantasias agressivas em que ela os feria ou destruía em sua mente. Se o sentimento de culpa e os conflitos trazidos por essas fantasias não forem fortes demais, então a possibilidade de fazer reparação será mais ampla e seus instintos maternais poderão funcionar de forma mais completa.” (p.359).

“No entanto, se a mãe não se envolve demais nos sentimentos da criança e não se identifica com ela de forma excessiva, ela pode usar sua sabedoria para guiar a criança da maneira mais útil. Sua satisfação, então, virá da possibilidade de estimular o desenvolvimento da criança — satisfação que também será ampliada por fantasias de fazer pelo filho o que sua própria mãe fez por ela, ou que gostaria que a mãe tivesse feito. Ao conseguir isso, ela dá uma retribuição à mãe e compensa os danos feitos, na fantasia, aos seus filhos, de sua mãe, o que mais uma vez diminui o sentimento de culpa.” (p.360).

“Entretanto, ele também obtém muitas satisfações em poder ser um pai bom para os filhos. Todos os seus sentimentos protetores, estimulados por sentimentos de culpa relacionados à vida familiar de quando era criança, encontram agora sua expressão mais completa. Mais uma vez, há uma identificação com o pai bom, que pode ser o pai real ou o seu ideal de pai. Um outro elemento na sua relação com os filhos é a forte identificação com eles, pois em sua mente compartilha de seus prazeres. Além disso, ao ajudá-los em suas dificuldades e estimular seu desenvolvimento, ele revive sua própria infância de forma mais satisfatória.” (p.361).

“Afirmei acima que o sentimento de culpa e a necessidade de fazer reparação estão intimamente ligados à emoção do amor. Se, no entanto, o conflito arcaico entre amor e ódio não for trabalhado de forma satisfatória, ou se a culpa for forte demais, isso pode levar a um afastamento da pessoa amada ou à sua rejeição.” (p.362).

“As pessoas que se tornam completamente dependentes daqueles com quem têm uma ligação muito forte apresentam um desenvolvimento bastante diferente. No seu caso, o medo inconsciente de que o ente amado morra leva à super-de- pendência. A voracidade, intensificada por medos desse tipo, é



um dos elementos que dão forma a essa atitude e se expressa através da necessidade de se usar ao máximo a pessoa da qual se depende.” (p.363).

“Na verdade, ele é empurrado de uma pessoa para outra, pois cada uma acaba representando a mãe. Seu objeto amoroso original, portanto, é substituído por uma sucessão de outros objetos. Na fantasia inconsciente, ele recria ou cura a mãe através da gratificação sexual (que ele de fato dá às outras mulheres), pois sua sexualidade só é considerada perigosa num único aspecto; em outro, ela é considerada restauradora e capaz de torná-la feliz. Essa atitude dupla faz parte do meio-termo inconsciente que resulta na sua infidelidade e é uma condição básica para esse tipo de desenvolvimento.” (p.364).

“Fatores semelhantes estão por trás da escolha realizada pela mulher. Suas impressões acerca do pai, seus sentimentos em relação a ele — admiração, confiança, e assim por diante — podem exercer papel preponderante na sua escolha de um companheiro. No entanto, seu amor arcaico pelo pai pode ter sido abalado. [...]” (p.365).

“Apesar de os relacionamentos amorosos na vida adulta estarem calcados em situações emocionais arcaicas relacionadas aos pais, irmãos e irmãs, os novos relacionamentos não são necessariamente simples repetições de situações familiares mais antigas. [...]” (p.366)

“O processo de deslocar o amor (e o ódio) pela mãe para outras coisas e pessoas, distribuindo essas emoções pelo mundo, é acompanhado por uma outra maneira de lidar com os impulsos arcaicos. Os sentimentos sensuais da criança em relação ao seio da mãe se transformam num amor por ela como uma pessoa total; sentimentos amorosos se fundem desde o início a desejos sexuais.” (p.367).

“Quando se volta para outras pessoas, seus conflitos não são eliminados, pois ela os transfere, de forma atenuada, das primeiras pessoas, que são também as mais importantes, para os novos objetos de amor (e ódio) que representam em parte os mais antigos, justamente porque os sentimentos por essas novas pessoas são menos intensos, a pulsão de fazer reparação, que corre o risco de ser prejudicado quando o sentimento de culpa é forte demais, pode entrar em ação com maior liberdade.” (p.368).



“A vida escolar também traz a oportunidade de se fazer uma melhor separação do amor e do ódio do que no pequeno círculo familiar. Na escola, é possível odiar algumas crianças, ou simplesmente lhes ter antipatia, enquanto se ama outras. Desse modo, as emoções reprimidas do amor e do ódio — reprimidas por causa do conflito em torno do ódio à pessoa amada — podem encontrar expressão mais completa em direções aceitas pela sociedade.” (p.369).

“A idealização de certas pessoas é acompanhada pelo ódio a outras, que passam a ser encaradas da pior maneira possível. Isso se aplica principalmente a pessoas imaginárias, i.e., a certos tipos de vilões nos filmes e na literatura; ou a pessoas reais bastante afastadas do indivíduo, como líderes políticos do partido” (p.370).

“Essa divisão entre amor e ódio por pessoas que não estão muito próximas também serve ao propósito de manter as pessoas amadas em maior segurança, tanto na realidade quanto na mente do indivíduo. Além de elas serem fisicamente remotas e, portanto, inacessíveis, a divisão entre a atitude de amor e de ódio cria a impressão de que é possível manter o amor intacto.” (p.371).

“Tomemos como exemplo a amizade entre duas mulheres que não dependem muito uma da outra. Uma ou outra talvez precise de vez em quando de proteção e ajuda, de acordo com as situações que forem surgindo. Essa capacidade de dar e receber emocionalmente é essencial para a verdadeira amizade.” (p.372).

“Compartilhamos interesses e prazeres com a amiga, mas também podemos ser capazes de gozar sua felicidade e seu sucesso, mesmo quando estes nos escapam. Sentimentos de inveja e ciúme podem cair para o segundo plano se a nossa capacidade de nos identificarmos com ela for forte o suficiente, permitindo-nos compartilhar de sua felicidade.” (p.373).

“Para mostrar como esse primeiro relacionamento participa de interesses que parecem muito distantes dele, tomemos como exemplo o caso dos exploradores que partem para novas descobertas, passando pelas maiores privações e se deparando com graves perigos, ou até mesmo com a morte, nessa tentativa.” (p.374).



“Ao descrever o desenvolvimento emocional da criança pequena, observei que seus impulsos agressivos dão origem a fortes sentimentos de culpa e ao medo de que a pessoa amada morra. Tudo isso faz parte dos sentimentos de amor, reforçando-os e intensificando-os. Na mente inconsciente do explorador, um novo território representa uma nova mãe, aquela que substituirá a perda da mãe real.” (p.375).

“No poema perfeito de Keats, o mundo representa a arte, e fica claro que o gozo e a exploração científica ou artística têm a mesma fonte: o amor pelas terras de grande beleza, as “regiões de ouro”. ” (p.376).

“Como procurei mostrar, o sentimento de culpa é um incentivo fundamental para a criatividade e o trabalho em geral (mesmo o mais simples). No entanto, se for intenso demais, ele pode ter o efeito de inibir interesses e atividades produtivas. Essas conexões complexas só começaram a ficar claras com a psicanálise de crianças pequenas.” (p.377).

“A satisfação das nossas necessidades de autopreservação e a gratificação do nosso desejo de amor estão sempre ligadas entre si, pois ambas derivam originalmente da mesma fonte. Quem nos fornecia segurança era, antes de mais nada, a nossa mãe, que não só placava nossas ânsias de fome, mas também satisfazia nossas carências emocionais e aliviava a ansiedade. A segurança obtida com a satisfação das nossas necessidades básicas, portanto, está ligada à segurança emocional, e ambas se tornam ainda mais importantes como contra- posição ao medo arcaico de perder a mãe amada.” (p.378).

“Voltemos à relação com a natureza. Em algumas regiões do mundo, a natureza é cruel e destrutiva, mas mesmo assim seus habitantes preferem desafiar os perigos dos elementos (sejam eles a seca, as inundações, o frio, o calor, os terremotos ou as pragas) a abandonar sua terra. Circunstâncias externas, é verdade, desempenham um papel importante nessa situação, pois essas pessoas obstinadas podem não ter a menor condição de se mudarem do lugar onde nasceram.” (p.379).

“Já vimos, contudo, que não é fácil para a criança estabelecer uma relação harmoniosa com eles. Impulsos arcaicos de amor são seriamente inibidos e perturbados por impulsos de ódio e pelo sentimento de culpa inconsciente que estes despertam. Os pais, é verdade, podem ter oferecido pouco



amor e compreensão, o que tenderia a aumentar todo tipo de dificuldade. Impulsos e fantasias destrutivas, medo e falta de confiança, sempre ativos na criança pequena mesmo nas circunstâncias mais favoráveis, são necessariamente intensificados por condições desfavoráveis e experiências desagradáveis.” (p.380).

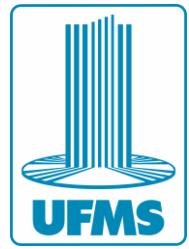
“Ao tentar explicar alguns dos nossos relacionamentos adultos, afirmei que nos comportamos com certas pessoas da mesma maneira como nossos pais se comportavam conosco (quando nos davam amor) ou como gostaríamos que eles tivessem se comportado, revertendo, desse modo, situações arcaicas. Com outras pessoas, por outro lado, temos a mesma atitude de uma criança carinhosa diante dos pais.” (p.381).

“Sabemos que algumas pessoas, principalmente ao envelhecer, ficam cada dia mais amargas; outras se tornam mais brandas, compreensivas e tolerantes. Também é fato notório que essas variações se devem a uma diferença de atitude e de caráter, não correspondendo simplesmente às experiências adversas ou favoráveis que se apresentam ao longo da vida. A partir de tudo o que afirmei acima, podemos concluir que a amargura de sentimento, quer ela se volte contra as pessoas ou o destino — ou ambos, como na maioria dos casos — cria suas raízes principalmente durante a infância, podendo ser intensificada em estágios posteriores da vida.” (p.382).

“Se, no início do nosso desenvolvimento, conseguimos transferir nosso interesse e amor pela mãe para outras pessoas e fontes de gratificação, então, e somente então, conseguiremos ter outras fontes de prazer em nossa vida posterior.” (p.384).



**Serviço Público Federal**  
**Ministério da Educação**  
**Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul**  
**Campus de Paranaíba - Curso de Psicologia**





## ATIVIDADES ORIENTADAS DE ENSINO

### TEMA 3

#### FICHAMENTO 1

**Discente:** Estefani Gabrieli Alves de Souza

**Orientadora:** [Camila Bellini Colussi Macedo](#)

MAMEDE MAIA, Maria Vitória Campos; PINHEIRO, Nadja Nara Barbosa. Um psicanalista fazendo outra coisa: reflexões sobre setting na psicanálise extramuros. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 31, n. 3, p. 656-667, 2011.

“Podemos considerar que o trabalho clínico da psicanálise possua dois momentos distintos, mas interligados. Propomos, aqui, considerá-lo uma viagem. Há um momento dedicado a uma série de preparativos, como a escolha do destino, a compra das passagens, a reserva dos hotéis, o planejamento dos lugares a serem visitados, etc.” (p.657).

“O que queremos destacar aqui é a posição freudiana de se abrir, mesmo no contexto de seu consultório, para a possibilidade de nem sempre, diante de um pedido de ajuda, dar início a um processo analítico, mas ter a clareza de que, em algumas ocasiões, e diante de determinados pacientes, podemos ser psicanalistas que fazem alguma outra coisa.” (p.658)

“Apresentamos dois pequenos relatos de nossa clínica em contextos denominados extramuros com o propósito de tomá-los como ponto de partida e de fundamento para suscitar algumas reflexões a respeito daquilo que entendermos por setting na clínica psicanalítica.” (p.662).

“Embora os dois exemplos se refiram a contextos diferentes (universidade e hospital), acreditamos que haja algo em comum entre eles e que em ambos podemos perceber de forma clara a metáfora da viagem efetuada por Freud para designar o trabalho clínico da psicanálise em ação, em produção, em acontecimento [...]” (p.662)

“[...] acreditamos tratar-se, em psicanálise, de um posicionamento ético, e não técnico. Talvez sejam essas as razões que permitiram que Freud, em muitas ocasiões, deixasse o conforto de seu consultório



**Serviço Público Federal  
Ministério da Educação  
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Campus de Paranaíba - Curso de Psicologia**



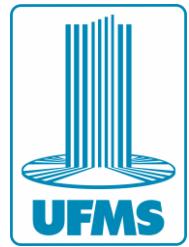
para efetuar sessões de análise com seus pacientes caminhando pelos parques e jardins ensolarados ou estrelados de Viena.” (p.664).

“Para concluir (por enquanto), os trabalhos de Freud e de Winnicott parecem indicar que a questão referente ao setting na psicanálise se relaciona muito mais com o campo teórico que embasa nossas concepções sobre o ser humano, sua construção como sujeito desejante, vivo, na tarefa incessante de se relacionar com o mundo do que com o lugar [...]” (p. 664).

“[...] a partir do trabalho desses dois psicanalistas genuínos e criativos, gostaríamos de deixar para reflexão uma pergunta sobre a psicanálise extramuros: quem foi mesmo que construiu os muros? [...]” (p. 665).



**Serviço Público Federal**  
**Ministério da Educação**  
**Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul**  
**Campus de Paranaíba - Curso de Psicologia**





## **ATIVIDADES ORIENTADAS DE ENSINO**

### **TEMA 3**

#### **FICHAMENTO 2**

**Discente:** Estefani Gabrieli Alves de Souza

**Orientadora:** Camila Bellini Colussi Macedo

MACHADO, Maíla Do Val; CHATELARD, Daniela Sheinkman. A psicanálise no hospital: dos impasses às condições de possibilidades. **Ágora**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 135-150, jan./jun. 2013.

“Cada vez mais presenciamos a difusão da psicanálise nos diversos campos do saber, o que exige do analista formalizar teoricamente a prática a partir dos próprios fundamentos do campo psicanalítico. Reinventar a psicanálise para além dos consultórios particulares é uma demanda imposta pela cultura, e, por isso, é necessário e vital o esforço do analista em recriar a psicanálise para o avanço dessa clínica. [...]” (p.136).

“[...] pretende-se apresentar aqui, por meio de uma articulação entre a teoria, a prática e a pesquisa, algumas especificidades para se identificar a clínica psicanalítica e analisar as condições de possibilidades para o trabalho analítico no hospital.” (p.136).

“Ao longo das suas investigações, Freud acaba percebendo que o inconsciente obedece a certa lógica e que os sintomas esquisitos dos quais as pessoas se queixam têm um sentido, desconhecido pelo próprio indivíduo. Pode-se entrever aí que Freud tem grande preocupação com as consequências lógicas das noções que vai construindo para dar conta dos fenômenos aparentemente estranhos e sem sentido com os quais se depara.” (p.137).

“Atualmente, percebe-se que o futuro vislumbrado por Freud já é o nosso presente, uma vez que os psicanalistas são convocados a intervir nos diferentes campos, e a psicanálise se torna cada vez mais objeto de curiosidade de profissionais não analistas. Hoje, vê-se que muitos se interessam pelo que a psicanálise pode fornecer tanto em relação à análise quanto em termos de leitura do cotidiano e do mundo.” (p.138).



“A partir da prática nos hospitais, observa-se que a extensão da psicanálise para esses espaços pode fazer com que ela se misture com a promoção de tratamentos que visariam simplesmente restabelecer o equilíbrio, o bem-estar e a saúde perdida. [...]” (p.138).

“Atualmente, percebe-se que o futuro vislumbrado por Freud já é o nosso presente, uma vez que os psicanalistas são convocados a intervir nos diferentes campos, e a psicanálise se torna cada vez mais objeto de curiosidade de profissionais não analistas. Hoje, vê-se que muitos se interessam pelo que a psicanálise pode fornecer tanto em relação à análise quanto em termos de leitura do cotidiano e do mundo.” (p.138).

“O psicanalista pode ser solicitado pelo médico para eliminar um fenômeno psíquico, para tentar acalmar qualquer situação de angústia ou para convencer os pacientes a aceitarem algum procedimento ao qual ele se opõe ou resiste. Eliminar, acalmar, convencer... Esses são termos que frequentemente envolvem o pedido do médico ao analista.” (p.139).

“É importante destacar que a obra de Figueiredo (1997) é desenvolvida a partir da experiência analítica nos ambulatórios públicos. De fato, o trabalho nesses espaços abrange diferenças em relação aos hospitais gerais. No entanto, quando Figueiredo analisa as condições mínimas, ela trata das especificidades da psicanálise e não do que é específico para o atendimento nos ambulatórios.” (p.140).

“A primeira condição à qual Figueiredo (1997) faz referência é o que Freud denominou de realidade psíquica. Essa realidade é uma forma de existência do sujeito que se distingue da realidade material, uma vez que é dominada pelo império da fantasia e do desejo. De acordo com Roudinesco (1998), historicamente, a ideia de realidade psíquica nasceu do abandono da teoria da sedução e da elaboração de uma concepção do aparelho psíquico baseada no primado do inconsciente.” (p.141).

“[...] a especificidade do trabalho psicanalítico está em ater-se às produções da fala do sujeito como indicações da realidade psíquica. Afirma ainda que “o pacto analítico é um pacto da fala. A psicanálise é uma clínica da fala. Fazer falar é uma condição da escuta e é pela escuta que a fala se constitui” (FIGUEIREDO, 1997, p.124).” (p.141).



“A segunda condição mencionada por Figueiredo (1997) consiste na produção de um modo de fala através da transferência. Ela diz que a transferência é o movimento do sujeito que apresenta ao analista algo de sua realidade através da fala [...]” (p.142).

“A terceira condição que Figueiredo (1997) expõe seria determinada concepção do tempo que é a mola-mestra da interpretação, ou seja, “uma palavra ou ação do analista só tem valor de interpretação, como efeito, num tempo posterior” (FIGUEIREDO, 1997, p.125) (p.142).

“Diante desse contexto, Figueiredo (1997) aponta uma questão que é fundamental nessa terceira condição para um trabalho psicanalítico. Tendo como base o processo de elaboração do sujeito em análise, a autora questiona: qual é o teor da incidência do analista nesse processo? Ela responde: “Chegamos à interpretação, onde o analista é supostamente livre para dizer o que quiser. Essa é sua tática!” (FIGUEIREDO, 1997, p.150).” (p.144).

“Freud (1912a/1996) já havia alertado os psicanalistas quanto às suas ambições terapêuticas de alcançar a cura. Conforme exposto antes, a psicanálise não visa a um modelo ideal a ser alcançado nem propõe ajustar o paciente a um padrão de normalidade [...]” (p.145).

“Figueiredo (2007) expõe as condições mínimas para que se caracterizem as especificidades da clínica psicanalítica. Analisar esses dispositivos possibilitou-nos delimitar a clínica psicanalítica como determinada maneira de trabalho independentemente do lugar em que o psicanalista atue.” (p.146).

“[...] O analista deve acolher as demandas e encaminhamentos a ele dirigidos sem ceder às suas particularidades. Aqui se articulam as questões já suscitadas sobre as solicitações médicas. Ou seja, uma vez que o psicanalista tenha clareza dos seus dispositivos, é importante acolher as demandas médicas — independentemente das maneiras como são formuladas — e saber recuar quando necessário.” (p.147).

“[...] concluímos que a aplicação da psicanálise para além dos consultórios privados é viável, mas depende fundamentalmente da implicação do psicanalista nas especificidades dessa clínica e na exigência de um rigor ético de formalização permanente de sua prática. Quando o analista tem clareza de seus propósitos e de sua função, é possível sustentar essa prática fora do enquadre clássico.” (p.147).



**Serviço Público Federal**  
**Ministério da Educação**  
**Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul**  
**Campus de Paranaíba - Curso de Psicologia**

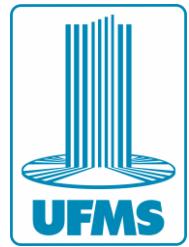


“O psicanalista no hospital se afasta das normas e padrões adotados pelas técnicas convencionais. Ele encontra à sua disposição um conjunto limitado de utensílios e materiais. Além da ausência do tradicional divã, muitas vezes faltam salas para o atendimento ou, embora elas existam, os atendimentos podem também ocorrer nos corredores ou escadarias do hospital.” (p.148).

“[...] Portanto, tem-se aí a ideia de que o que legitima o trabalho analítico no hospital é o próprio psicanalista, que deve sustentar a existência do inconsciente a partir dos próprios dispositivos psicanalíticos. Para cada analista, trata-se de reinventar os meios para a instalação desses dispositivos, no particular de cada caso.” (p.149).



**Serviço Público Federal**  
**Ministério da Educação**  
**Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul**  
**Campus de Paranaíba - Curso de Psicologia**





## **ATIVIDADES ORIENTADAS DE ENSINO**

### **TEMA 3**

#### **FICHAMENTO 3**

**Discente:** Estefani Gabrieli Alves de Souza

**Orientadora:** Camila Bellini Colussi Macedo

SABBAGH, Ana Luísa Masetti; SCHNEIDER, Venicius Scott. Limites e possibilidades da escuta clínica dentro de um hospital geral. **Ágora.** Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 109-116, set./dez. 2020.

“A inserção do psicanalista no ambiente hospitalar brasileiro é ainda recente se comparada à presença de outros profissionais da equipe de saúde, porém já suscitou inquietações e interrogações importantes acerca do trabalho clínico nesse campo – Moura (2000); Moreto (2002); Simonetti (2013); Kamers; e Marcon e Moretto (2017) são alguns exemplos de autores que se debruçam sobre o tema da construção de um espaço de prática psicanalítica nos equipamentos de saúde pública, da atenção básica aos hospitais gerais.[...].” (p.110).

“Tendo em vista, portanto, que a presença do psicanalista no espaço hospitalar não implica necessariamente na sua inserção imediata na equipe, e que o espaço ocupado é fruto de uma construção constante, trazer reflexões e discussões a respeito da prática neste ambiente se faz relevante a fim de oportunizar uma maior troca de experiências entre os psicanalistas que trabalham em instituições de saúde e contribui para a formação dos praticantes.[...].” (p.110).

“A pesquisa em psicanálise pretende, portanto, produzir um saber posterior à prática clínica, tendo em vista que “a mais fundamental dessas condições [para a realização de uma pesquisa em psicanálise] [...] é que não se dê início a uma investigação trazendo alguma resposta, teoria ou conhecimento anterior” (SILVA, 2013, p. 40-41). É imprescindível que aquele que se dispõe a escutar a fala a ele endereçada permita se surpreender com o que lhe será dito.” (p.111).

“O trabalho clínico fundamentado nos conceitos psicanalíticos, por outro lado, segue um caminho específico. Freud e Breuer, em seus estudos no final do século XIX (FREUD, 1895/2006), trabalham com pacientes acometidas por distúrbios no corpo, que padecem de algum mal orgânico cuja origem é de difícil definição. O trabalho que vai se construindo com essas pacientes é pautado pelas palavras



proferidas em determinada sequência ao longo de um sem-número de sessões, e, à medida que os estudos de Freud caminham em direção ao que será denominada Psicanálise, menor o número e a frequência de intervenções diretamente realizadas no corpo orgânico dessas mulheres – hipnose, técnica de pressão na testa etc. – e maior o apelo para que a paciente fale. (p.112).

“Durante o tempo de permanência nas equipes multiprofissionais, pude notar que ao menos um desses elementos dificultadores a seguir elencados estava presente durante os atendimentos. *O tempo de internação do paciente*: pretensamente curto e incerto, os pacientes hospitalizados podem ter alta da instituição tão logo seu quadro clínico se estabilize ou melhore. [...] *O espaço físico*: os pacientes ocupam leitos em enfermarias com até cinco colegas de quarto, limitando a oferta de um atendimento privativo. [...] *A disposição do paciente em falar*: a ausência de uma demanda colocada a priori, sendo o psicanalista quem se apresenta e oferta sua escuta ao outro.” (p.113-114).

“Freud, no artigo de recomendações aos médicos que exercem a psicanálise (1912/2006b), nos fala do método por ele utilizado para levar a cabo uma análise. Entre os fatores imprescindíveis a ele, há a atenção flutuante, que captaria o conteúdo inconsciente a partir de uma suspensão das pressuposições do analista quanto ao que é ou não mais relevante a ser escutado, bem como a ordem em que o conteúdo vai aparecendo. As formações do inconsciente se manifestam inesperadamente, condensadas e deslocadas muitas vezes, nos mais rotineiros temas e situações (FREUD, 1901/2006). [...]” (p.115).

“Os obstáculos que dizem respeito à infraestrutura e à rotina hospitalar podem se colocar a qualquer momento e podem representar uma dificuldade extra quando tratamos de inserir o psicanalista nesta instituição. No entanto, em última instância, não são impeditivos para que se operacionalize uma clínica fundada nos conceitos psicanalíticos, uma vez que o praticante não depende de recurso algum além da palavra para poder colocar sua clínica em prática. O responsável por tornar esse trabalho possível é, portanto, o próprio psicanalista.” (p.116).



## ATIVIDADES ORIENTADAS DE ENSINO

### TEMA 3

### FICHAMENTO 4

**Discente:** Estefani Gabrieli Alves de Souza

**Orientadora:** Camila Bellini Colussi Macedo

PEDROZA, Regina Lucia Sucupira. Psicanálise e Educação: análise das práticas pedagógicas e formação do professor. **Psicologia da Educação** (São Paulo), n. 30, p. 81-96, 2010.

“Mesmo sem nos ter deixado escrito algum sobre a educação, podemos dizer que, em toda a obra de Freud, há uma preocupação constante com as questões desse campo, no sentido de que a psicanálise, nascendo de uma prática clínica, constrói um corpo teórico fundamentando uma nova concepção de mundo e de homem, como ser histórico, social e cultural, e tenta compreender como se dá a inserção desse homem na cultura.” (p.81)

“Na escola, o desejo de saber do aluno se confronta com o desejo do professor, que está ligado a um ideal pedagógico colocado por ele mesmo, desde o início, e que se interdita ao mesmo tempo em que se mostra ao aluno. O professor espera do aluno um saber que lhe falta, e o aluno, por sua vez, se defende com medo de se ver frustrado no produto do seu trabalho. O aluno se encontra numa relação de poder, sujeito a um desejo inconsciente do professor, que pode chegar a ser bloqueador.” (p.82).

“Sendo assim, podemos afirmar que não basta à criança possuir uma inteligência e uma saúde física satisfatórias para se desenvolver e se afirmar na aprendizagem escolar. É necessário também que tenha uma educação afetiva que lhe permita desenvolver uma sensibilidade relacional com os outros, podendo se servir de suas capacidades físicas e intelectuais. A escola é um meio de grande importância para o desenvolvimento das relações afetivas da criança com os adultos, assim como também com as outras crianças da mesma idade.” (p.83).

“[...] É dessa maneira que a psicanálise pode ajudar o educador, permitindo a possibilidade de uma compreensão em profundidade do sujeito, no que ele tem de mais pessoal e de mais íntimo. Para tal, é necessário que a escola não mantenha os alunos numa relação de submissão passiva à autoridade



do professor. Este deve lembrar que as dificuldades encontradas pelo aluno, na escola, podem ser de origem afetiva.[...]" (p.83).

"A premissa fundamental da psicanálise é a diferenciação do psíquico em consciente e inconsciente. E sua grande utilidade é, sem dúvida alguma, tentativa de trazer o inconsciente até o consciente levando as repressões e preenchendo as lacunas mnêmicas. [...]" (p.84).

"O lugar da sala de aula constitui um encontro de vários sujeitos com múltiplas ocasiões de transferência. A relação entre o sujeito do inconsciente e o sujeito social deve ser tratada a partir de diferentes abordagens complementares (Psicologia, Psicanálise, Antropologia) que permitam a elaboração de uma real articulação entre um pensamento crítico e a ação profissional. [...]" (p.85).

"O tema da formação do professor tem ocupado lugar de destaque nas pesquisas desenvolvidas na área de educação. As discussões a respeito desse tema versam sobre a tentativa de buscar soluções para os problemas que assolam a escolaridade básica brasileira. Muitas vezes, procura-se encontrar um fator que seja a causa dessa situação, achando-se que, solucionando o mesmo, o problema estará sanado. A visão tem sido de que há um mal e que, uma vez diagnosticado, há a possibilidade de uma solução (PEDROZA, 2003). [...]" (p.85).

"A formação do professor foi sempre influenciada pela abordagem da ciência positivista que tem se mostrado simplista e limitada para a prática social e para a ação do profissional que é chamado a enfrentar problemas de grande complexidade e incertezas no cenário escolar. A dimensão técnica da ação pedagógica reduziu a profissão docente a um conjunto de competências e de capacidades (PEDROZA, 2003). [...]" (p.85).

"O educador baseado em idéias psicanalíticas tem que renunciar à atividade excessivamente programada, obsessivamente controlada. Ele pode, a partir da Psicanálise, obter uma ética, um modo de ver e de entender sua prática educativa. O que for ensinado será confrontado com a subjetividade de cada um, o que permitirá o pensamento renovador, a criação e a geração de novos conhecimentos [...]" (p.87).



“Se concebermos a aprendizagem acontecendo numa relação com o outro, é necessário cultivar nessa relação o respeito mútuo, o reconhecimento das necessidades, buscando a expressão dos desejos e encontrando prazer no processo ensino-aprendizagem. [...]” (p.90).

“As situações trazidas remetem ao íntimo de cada um. Os desvios psíquicos que emergem abrem para falas e sentidos inesperados e afetos passados e presentes. Cada um se reconhece de modo diferente a partir do que emergiu do inconsciente graças ao “espelho” do grupo. O relato profissional e a palavra pessoal tornam-se significantes de outra realidade psíquica que se repete e age na experiência da classe, das atitudes e decisões tomadas no cotidiano. Ao falar sobre sua prática pedagógica esta se torna concreta diferenciando-se daquela que a pessoa desejaría ter e que por diferentes razões desconhece porque não faz.” (p.91).

“A Psicanálise por ser uma teoria que privilegia a escuta da palavra e da relação do sujeito com o saber tem em comum com a educação a preocupação da pessoa na sua singularidade, uma vez que provoca investimentos e emoções que permitem análises. A Psicanálise nos inspira antes de tudo um método de trabalho que exige que se faça um permanente retorno a si mesmo. Torna-se mais fácil ao professor compreender sua prática pedagógica quando ele pode ser escutado por alguém de fora da situação pedagógica.” (p.92).



## ATIVIDADES ORIENTADAS DE ENSINO

### TEMA 3

#### FICHAMENTO 5

**Discente:** Estefani Gabrieli Alves de Souza

**Orientadora:** [Camila Bellini Colussi Macedo](#)

HOPPE, Martha Marlene Wankler; FOLBERG, Maria Nestrovsky. O desejo e a aprendizagem da leitura e da escrita. **Ágora**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 147-158, jan./abr. 2017.

“A presença da psicanálise no campo das aprendizagens escolares pode proporcionar subsídios para a melhor compreensão das práticas educativas. As propostas didático-pedagógicas de alfabetização são conduzidas, em grande medida, por meio de modelos tecnicistas que propõem a transferência da cadeia sonora da fala para a forma gráfica da escrita de modo eficiente. Entretanto, a eficiência dos resultados pode não revelar uma aprendizagem verdadeira, e isso é constatado nas dificuldades de leitura e escrita que muitas crianças mantêm ao longo dos anos da educação básica.” (p.148).

“[...] ao ingressar na instituição escolar, a criança é colocada entre as demandas do sistema de ensino formal e as expectativas da família. Tudo é novo e tensionante, mas o que vai contar neste momento é a posição da criança em relação ao desejo de aprender. [...] Então, para corresponder às demandas impostas pela escola e pela família a esse sujeito da infância na aprendizagem — como tema que faz mover o desejo —, a criança deve fazer uma torção, uma mudança de posição mental: tomar para si a necessidade de aprender como existência no mundo da linguagem e assumir a nova posição que transpõe a demanda do outro para a demanda de desejo.” (p.148).

“O campo da leitura comprehende a criança na colocação em ato da experiência de leitura com adultos. O campo da escritura envolve o corpo e a postura da criança, e revela seu modo de funcionamento psíquico na medida em que exige que ela exponha seus traços. A criança sabe que receberá aprovações ou reprovações por suas produções e isso antecipa seu modo de responder às demandas escolares. Falar, ler e escrever uma língua é marcar o lugar social com novas possibilidades de existência, e é assim que acontece o letramento.” (p.150).



“Sabemos que o ato de ler é parte da construção da linguagem humana. Podemos defini-lo como o ato de deciframento de signos linguísticos operados por meio do olhar sobre o texto, dos dedos sobre a superfície (na leitura em Braile) ou dos ouvidos que registram as entonações. Essa forma de leitura tem como referência a decodificação de signos, de símbolos e de imagens, bem como a associação da visualização da palavra com seu som, na formação do sentido da mensagem.” (p.150).

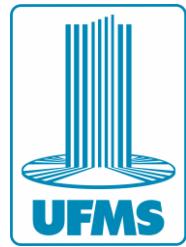
“Quando identificamos uma criança por um diagnóstico como o transtorno de déficit de atenção, por um sintoma ou por uma dificuldade de raciocínio matemático, estamos marcando a existência dessa criança, dos limites de seu corpo e de seu desempenho acadêmico. Esse é o lugar do grande Outro.” (p.152).

“A linguagem, como espaço simbólico, é o lugar da inscrição dos sons da fala e dos traços e signos que constituem a escrita. A linguagem nos leva à noção de texto e de tecitura, como uma trama de significantes que vão formar os sentidos da linguagem.” (p.152).

“Mesmo não sendo ainda um ser falante, a criança assume desde a origem essa condição ao compartilhar as impressões do discurso vigente por meio da fala de seus genitores e daqueles que a rodeiam. É nesse discurso que o grande Outro se presentifica como referência nas afirmações e reprovações sobre seus atos. No contato com o discurso e em seu uso, a partir dos primeiros vagidos, a criança irá reconhecer-se na relação com o grande Outro.” (p.153).

“A leitura remete o leitor à situação de uma escuta na alteridade, de um desejo desse que escreve, que é posto no lugar do grande Outro e que passa a responder como desejo daquele que lê. Tudo isso, porque o lugar do grande Outro é o lugar dos significantes, das vozes que o leitor espera que respondam à questão de seu desejo.” (p.154).

“Na relação do leitor com o escritor, diferentemente da relação entre o analista e seu paciente, podemos situar o leitor como o amante e sujeito de desejo que deixa-se envolver sob o texto do escritor na conjunção do desejo com o objeto de amor. Sua permanência no texto, entretanto, é uma busca pela satisfação, pelo efeito que a leitura proporciona com a preciosa vivência de percorrer os meandros da imaginação do autor.[...].” (p.155).



“O leitor entendido a partir da psicanálise, é o leitor da linguagem que nasce sob a égide de suas normas. Na leitura da linguagem, conjugam-se a gramática e a fonêmica, lugares em que o sujeito se reconhece. A gramática independe da fala, pois seus princípios podem ser deixados de lado sem que a compreensão daquilo que é dito fique prejudicada. A fonêmica está em relação direta com a fala e a leitura, e dispensa os conceitos linguísticos.[...]" (p.156).

“Pensar a escola infantil é pensar as possibilidades que oferecemos às crianças pequenas antes de seu ingresso no ensino regular. Sabemos que o aprendizado da escrita é o resultado de uma complexidade de experiências na vida da criança e não simples efeito de uma habilidade motora, de uma memória sobre as letras e palavras. Na escola infantil, a criança revela suas potencialidades gráficas e simbólicas, naquilo que os pesquisadores como Gréssillon (2007) denominam de “gênese do texto”.” (p.157).

“Ao aprender, a criança pequena vive a intensidade de seu mundo fantasmático e necessita expressá-lo em movimentos, palavras e traços. Estes atos envolvem o corpo, a fala e as expressões gráficas espontâneas, bem como as relações com a família e com professores. É nesta rede de significações proporcionada pela linguagem que irá circular, de modo singular, o desejo de aprender.” (p.157).



## **ATIVIDADES ORIENTADAS DE ENSINO**

### **TEMA 3**

#### **FICHAMENTO 6**

**Discente:** Estefani Gabrieli Alves de Souza

**Orientadora:** [Camila Bellini Colussi Macedo](#)

DUARTE, Daniele Almeida; CASTRO, Mariana Devito; HASHIMOTO, Francisco. Psicologia do trabalho e psicanálise: uma possibilidade de compreensão do sofrimento psíquico. p.1-7.

“Este estudo buscou compreender, através da Psicodinâmica do Trabalho, como a Psicologia do Trabalho, aliada à psicanálise, estruturou-se no decorrer da história, as repercussões do sofrimento para a vida do trabalhador (dotado de subjetividade e Desejo) e como a organização do trabalho interfere na saúde física e, principalmente, mental. [...]” (p.2).

“Para compreender de que forma a organização vê o trabalhador faz-se necessário retomar a história da Psicologia do Trabalho e suas alterações ao longo de seu desenvolvimento, bem como averiguar as influências do pensamento capitalista para a concepção e saúde do trabalhador, uma vez que o surgimento do capitalismo histórico trouxe consigo a concepção de que o trabalho é algo essencial à vida do indivíduo.[...].” (p.2).

“É válido mencionar que cada mudança ocorrida na Psicologia do Trabalho repercutiu de maneira diferente de acordo com o olhar estabelecido sobre o trabalhador e as relações deste com o mundo do trabalho. O mesmo aconteceu com a organização e os processos de trabalho, assim como seus significados para o homem e para a sociedade.” (p.3).

“Uma crise gerada pelo modelo de desenvolvimento econômico fez com que as técnicas da Psicologia Industrial tornassem-se ineficientes e colaborou então, para o surgimento da Psicologia Organizacional, a segunda face. Foi necessária então uma alteração do objeto de estudo, ou seja, a passagem de foco dos postos de trabalho para um foco em que as estruturas das organizações pudesse ter espaço para serem discutidas e repensadas. [...]” (p.4).



“Na análise parcial do trabalho, pôde-se observar que a história da Psicologia do Trabalho, construída no século passado, ainda se faz presente na atualidade quando, nas organizações, atende somente ao capitalismo e ignora o ser humano (dotado de Desejo, afetividade e sofredor) para poder movimentar as engrenagens do sistema econômico que obedece a fins lucrativos. Esta representa uma das vertentes apontadas por Sato (2001), voltada às questões da Administração de Recursos Humanos. [...]” (p.6).

“É fato que o indivíduo, quando é impelido pela organização a reprimir seus desejos, sofre. Esse sofrimento é decorrente também de precárias condições de trabalho e pressões impostas por essa organização. Entretanto, nem sempre o sofrimento é prejudicial à saúde física e mental do trabalhador. [...]” (p.6).

“[...] Dejours propõe como forma de intervenção não a eliminação do sofrimento, mas a elaboração de “condições nas quais os trabalhadores pudessem gerir eles mesmos seu sofrimento, em proveito de sua saúde e, consequentemente, em proveito da produtividade” (DEJOURS, 1993, p.160). Assim, o homem, sob o prisma psicanalítico, tem a liberdade e oportunidade de voltar o olhar para si mesmo e para as suas necessidades físicas e psicológicas.” (p.6-7).



## ATIVIDADES ORIENTADAS DE ENSINO

### TEMA 3

#### FICHAMENTO 7

**Discente:** Estefani Gabrieli Alves de Souza

**Orientadora:** [Camila Bellini Colussi Macedo](#)

MENDES, Ana Magnólia Bezerra. Algumas contribuições teóricas do referencial psicanalítico para as pesquisas sobre organizações. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 7, n. especial, p. 89-96, 2002.

“Buscam-se discutir nesse artigo algumas contribuições teóricas da Psicanálise, mais especificamente, conceitos desenvolvidos por Freud, para as pesquisas com organizações. Não é intenção um aprofundamento na Psicanálise, mas tomar de empréstimo alguns conceitos que contribuem para uma proposta de um outro modo de escutar os fenômenos organizacionais, enfocando o entendimento dos aspectos dinâmicos que se integram ao entendimento do funcionamento, dos processos e dos comportamentos organizacionais.” (p.89).

“Do ponto de vista epistemológico, tomar de empréstimo da Psicanálise alguns conceitos para entender a dinâmica organizacional significa enfocar os processos intrapsíquicos e o inconsciente como fundamentais na determinação dessa dinâmica, que envolve relações simbólicas indivíduo-organização. É também, considerar o não-dito como um referente para interpretar os dados e entender os fenômenos organizacionais.” (p.90).

“A interpretação, então, assume lugar central nas pesquisas nas organizações com o referencial psicanalítico. Essa interpretação é uma forma de duvidar do que está posto. É necessário um exercício sistemático da dúvida para entender o significado do fenômeno, os motivos do pesquisador e do pesquisado para emitir esta ou aquela fala, resposta e/ou indícios, sendo a construção de uma rede de significados originada numa variedade de dados, o ponto de partida para entender a dinâmica organizacional.” (p.90).

“Para Gabriel (1999), as maiores dificuldades de fazer pesquisa nas organizações com esse referencial é que as teorias e conhecimento organizacionais têm bases muito variadas e sua aplicação é bastante específica, não sendo por isso, possível usar o mesmo critério e testes para acessá-las. As pesquisas



em organizações com o referencial psicanalítico devem usar diferentes estratégias metodológicas devido à complexidade do que se busca investigar, bem como deve variar em função do objeto a ser estudado: o indivíduo, a organização ou a entidade abstrata, requerendo instrumentos específicos e coerentes com os procedimentos e análise a serem adotados.” (p.91)

“O momento da entrevista, segundo Assunção (1977), é um processo de ligação, de mutualidade, um elo percepto- ideativo estabelecido pelos laços emocionais e processos imitativos e identificatórios. Na medida em que o entrevistado fala, o entrevistador vai limpando o que foi enfatizado versus o não-falado, o omitido versus o reprimido. O entrevistador chega ao imaginário através do simbólico, que é a linguagem. É difícil constatar na entrevista esse imaginário, que geralmente está associado a conteúdos de medo, ameaça e ansiedade. No contexto da entrevista fazem-se análises da estrutura dos seus componentes e observação das significações trazidas, identificando a relação do entrevistado com o entrevistador, para compreender o como o entrevistado faz suas trocas no passado e como elas se revelam e/ou atualizam agora no presente, na relação atual.” (p.91)

“Um outro instrumento estruturado que pode ser utilizado é escalas de atitudes, as quais têm papel descritivo. Permitem uma descrição da situação geral da organização sob o ponto-de-vista da maioria dos seus membros. São importantes no sentido de mostrar a direção em que o fenômeno acontece na organização naquele momento e contexto organizacional, sendo de grande valia seus resultados para subsidiar e corroboraram as entrevistas e as observações.” (p.92).

“As emoções podem ser investigadas a partir do questionamento sobre os sentimentos dos indivíduos em determinado contexto ou quando submetidos a certas situações de trabalho. Tais emoções podem ser relacionadas a aspectos da história de vida do sujeito e a suas características de personalidade, sendo aprofundados elementos que associam experiências passadas com o vivido atualmente, bem como as estratégias de controle destas emoções e suas relações com os outros presentes no contexto de trabalho.” (p.93).

“Nessa perspectiva, para o estudo do prazer-sofrimento no trabalho, as técnicas qualitativas de coleta de dados foram mantidas, ora isoladamente em algumas pesquisas, ora para complementar as quantitativas. Pesquisas têm sido realizadas com entrevistas semi-estruturadas coletivas e individuais. Observamos que as entrevistas coletivas são mais adequadas para investigar as vivências de prazer-



sofrimento na medida em que os sujeitos compartilham um sentimento sobre o trabalho e sentem-se apoiados no grupo que também vivencia os mesmos sentimentos, além de serem atingidos um maior número de participantes em menor tempo. Os procedimentos para condução dessas entrevistas são os mesmos já descritos na seção sobre aspectos metodológicos.” (p.94).

“Essas pesquisas, apesar de recentes no campo da Psicologia Organizacional, vêm apresentando resultados que apontam na direção de que é possível ter acesso aos aspectos dinâmicos do contexto organizacional, que se integrados aos aspectos estruturais, processuais e funcionais, podem ampliar o entendimento do objeto de estudo da Psicologia Organizacional. Isso se daria, especialmente, se fosse mantido um diálogo constante entre as diferentes abordagens metodológicas na perspectiva de criar modelos teóricos, que contribuam para o que está posto como o modo natural de se fazer ciência. Nesse contexto, o referencial teórico da Psicanálise pode trazer aspectos como a dúvida, o não-dito e a interpretação para a pesquisa dos fenômenos organizacionais.” (p.95).



## ATIVIDADES ORIENTADAS DE ENSINO

### TEMA 3

#### FICHAMENTO 8

**Discente:** Estefani Gabrieli Alves de Souza

**Orientadora:** [Camila Bellini Colussi Macedo](#)

DIAS, Mariana Hollweg; SOUSA, Edson Luiz André de. Esporte de alto rendimento: reflexões psicanalíticas e utópicas. **Psicologia & Sociedade**, v. 24, n. 3, p. 729-738, 2012.

“A raiz do esporte de alto rendimento tal como o conhecemos hoje remete ao surgimento do esporte moderno na Inglaterra da Revolução Industrial estando ligado a fatores políticos, econômicos e sociais. Ele teria surgido da modificação, ou esportivização de elementos da cultura corporal do movimento das classes populares e da nobreza inglesa.” (p.730).

“O modelo inglês de organização do esporte, construído concomitante ao processo de racionalização e secularização da sociedade, disseminou-se, tornando-se um paradigma do esporte moderno. Dessa forma, a cultura corporal do movimento esportivizou- se incorporando valores intrínsecos à sociedade capitalista como: a orientação ao rendimento e à competição, o cientificismo do treinamento, a organização burocrática, a especialização de papéis, a pedagogização e o nacionalismo.” (p.731).

“Na cultura esportiva responsável pela formação de atletas de alto rendimento há todo um discurso e uma prática que visam à superação de limites por parte do atleta, sejam eles físicos ou emocionais, custe o que custar. Assim, é muito comum ouvirmos nesse meio que é preciso dar “101%” de sua capacidade nos treinamentos e competições a fim de se obter o resultado desejado, afinal só há lugar para três no pódio e os louros são muitas vezes dados apenas ao primeiro. Logo, é preciso estar no lugar mais alto, é preciso superar-se e para isso há muitos sacrifícios a serem feitos.” (p.731).

“O que nos interessa, a partir dessa reflexão, é pensar que, numa sociedade que se organiza desse modo, fica excluída a dimensão da falta, da fragilidade. É como se para o sujeito contemporâneo todas as condições de gozo estivessem ao seu alcance, mas ele está sempre aquém, quem goza é o outro que o exclui, e ele, desamparado, padece. Sabemos que muitas vezes na cultura do esporte de alto rendimento ou se é o vencedor ou se é desconsiderado. Essa insatisfação permanente do atleta



que busca sempre mais reverbera um sintoma social contemporâneo? É num delírio de sujeito não barrado que vive esse atleta sempre em busca do recorde?” (p.732).

“Na medida em que responde ao chamado do discurso do alto rendimento, o que move o sujeito atleta não passa apenas pela via imaginária da busca por um estado mítico de onipotência outrora perdido, mas também por uma via de inscrição simbólica. A experiência do esportista de alto rendimento na busca constante de ir além reatualiza a dimensão da castração, afinal como lembra Nasio (1989).” (p.733).

““Utopia” foi o nome dado a uma ilha em uma narrativa de 1516 de Thomas Morus, em que as pessoas eram sábias e felizes já que viviam num sistema político e social que beirava a perfeição. O autor tecia críticas ao sistema de sua época e apresentava um lugar onde as coisas funcionavam de maneira a tornar a sociedade mais harmoniosa. Seguiram-se a essa produção inúmeras outras narrativas que apontavam para uma utopia social, descreviam lugares e sistemas onde outra realidade diferente da existente era possível. Anos mais tarde, o então chamado pensamento utópico passa a ser objeto de reflexão filosófica para além de um gênero literário.” (p.734).

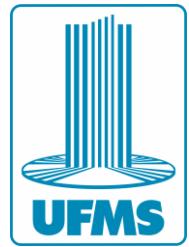
“Visto dessa forma, o ideal esportivo de superação pode estar tensionando o presente e cumprindo a função utópica de levar o desejo, como algo que nos move em direção à vida, adiante. Ele não precisa estar limitado a um dever-ser opressor, pode aprender com a experiência e fazer concessões quando a sua exigência corre o risco de aniquilar o sujeito.” (p.735).

“Como refere Gumbrecht (2007), “Alguma coisa acontece aos corpos nos grandes momentos do esporte, algo para o qual os corpos não foram feitos”. (p.128). E se é para algo para o qual os corpos não foram feitos que se está indo, então a entrada da técnica é fundamental.” (p.735).

“Atualmente é impossível pensar o homem sem todas as tecnologias que o circundam e assim também o é no esporte. Dos programas de computador que auxiliam no scout do jogo às roupas e acessórios especiais, tudo isso já é parte do cenário esportivo contemporâneo. Não se trata de atacar ingenuamente tudo que não é “natural” ao homem, e sim de uma posição ética que, a nosso ver, necessariamente deveria ser tomada por todos os atores envolvidos no esporte espetáculo – equipe técnica, dirigentes, patrocinadores [...]” (p.736).



**Serviço Público Federal**  
**Ministério da Educação**  
**Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul**  
**Campus de Paranaíba - Curso de Psicologia**





## ATIVIDADES ORIENTADAS DE ENSINO

### TEMA 3

#### FICHAMENTO 9

**Discente:** Estefani Gabrieli Alves de Souza

**Orientadora:** [Camila Bellini Colussi Macedo](#)

LIMA, Carolina Mousquer; POLI, Maria Cristina. Música e um pouco de silêncio: da voz ao sujeito. *Ágora*, v. 15, número especial, p. 371-387, dez. 2012.

“O presente relato é composto de associações oriundas da experiência em distintos espaços clínicos, especialmente em um Centro de Atenção Psicosocial (Caps) da cidade de Porto Alegre. Na trilha que abrâmos, inquietava-nos o trabalho nas oficinas: espaços que conjugam psicose e os laços que podem ser produzidos a partir da música. Trabalhávamos com oficinas de música, com encontros semanais que reuniam cerca de dez a 15 usuários do serviço, de modo variável.” (p.372).

“Nesse espaço, portanto, música e clínica se conjugam, demonstrando igualmente quanto clínico é o trabalho de uma oficina. Primeiro, porque manter os ouvidos abertos ao próximo acorde abre um espaço de espera pelo Outro. Depois, porque esse espaço de espera é aquilo que, na clínica, resguarda um espaço para o novo. Afinal, o trabalho do analista também é uma lida com as distensões e contrações do tempo. A aposta de quem escuta e daquele que padece é de que, aos poucos, vai ser possível ritmar de outra forma o mesmo e o novo, a repetição e a diferença.” (p.373).

“Na clínica com pacientes psicóticos, acordar os tempos, não para anular a singularidade, mas de forma a não perder de vista a busca pelo outro, a instituição de um espaço Outro, é um desafio constante. Talvez por isso o violão seja, em nossa experiência na oficina de música do Caps, tão requisitado pelos pacientes. Quando cada um tem seu tempo, o violão funciona diminuindo o “grau de incerteza no universo, porque insemina nele um princípio de ordem temporal” (idem).” (p.374).

“Assoun (1999) utiliza-se do mito de Argos, descrito por Ovídio, para nos falar de uma dupla condição da voz: a falada e a tocada. A cabeça de Argos possuía cem olhos, que repousavam por revezamento: a cada turno, alguns olhos descansavam, enquanto outros se mantinham abertos. Argos,



portanto, era aquele que não cessava de olhar, o velador perfeito para servir a Juno na tarefa de vigiar todo o tempo à ninfa rival. A pobre ninfa é então vigiada até o momento que perde a voz.” (p.375).

“Parece-nos clara a função de reparação, quando o sujeito neurótico está confrontado pela castração, quando a suposição de “há ao menos um” ameaça cair. Mas, como pensar a reparação do Outro na clínica com a psicose? Na psicose, trata-se da necessidade de produzir uma reparação? Ou seria antes uma vacilação que o psicótico visaria produzir em um Outro tornado absoluto?” (p.377).

“O interesse pelo instrumento, diz o autor, deve-se ao fato de ele apresentar a voz de uma forma exemplar e demonstrar como ela é potencialmente separável. A pergunta que nos fica é: a separação diz respeito à significação ou é possí- vel que ela se refira ao Outro, enquanto lugar do significante? E por que seria importante essa experimentação da voz sob sua forma separável? Lacan (1962-63/2005) segue pelo caminho da constituição do sujeito. A questão seria pensar como esse objeto poderia inserir-se nas etapas de emergência e instauração do campo do Outro para o sujeito.” (p.378).

“Já nos é bastante conhecido o trabalho de Lasnik Penot a respeito da função de convocação que pode ser exercida pela música da voz. A autora identificou na observação de crianças autistas que a voz da mãe não tinha as características prosódicas do “manhês”.<sup>5</sup> Já na observação clínica de Campanário e Pinto (2006), quando se trata de crianças cuja estruturação está se dando pela via da psicose, ao contrário do que acontece com as autistas, haveria um excesso de manhês por parte da mãe.” (p.379).

“A voz enquanto fala convocaria o sujeito a responder. Já a voz do lado da música convocaria ao gozo do puro objeto. O interessante é que, aparentemente, esse enquadramento da voz cria um tensionamento com tudo o que vínhamos pensando com relação à música. Ela funciona ora como aquilo que faz calar o Outro, ora como aquilo que captura o sujeito no gozo infinito do puro objeto?” (p.380).

“A música, enquanto uma linguagem que não narra, mas que ressoa no corpo, nos parece ser um caminho possível para compreender a relação primordial do sujeito com o Outro. Para Didier-Weill (1997,1999) a música aproximaria o sujeito do Outro, situando-o como um “bom ouvinte”. Já através da fala, o sujeito e o Outro estariam muito mais próximos do mal-entendido. Deste modo, a música, em sua essência, seria indutora de uma sincronicidade estrutural entre sujeito e Outro, pois assim



como não haveria um intervalo entre o instante no qual a música toca e o instante em que o corpo responde a essa música, tampouco haveria uma latência entre o instante no qual o sujeito cantando invoca o Outro e o instante em que ele advém.” (p.381).

“O silêncio decanta como ponto essencial do trabalho de dar voz ao sujeito. Para que ele fale desde esse lugar, de sujeito, é necessário que ele possa esquecer a voz do Outro criando aquilo que Vives (2009) aponta como “ponto surdo”. Só nesse ponto surdo é que o sujeito poderá tornar-se falante, esquecendo-se que é receptor do timbre originário.” (p.382).

“No espaço das oficinas aqui relatadas, poderíamos dizer que a música auxiliava na construção ou no resgate de algumas histórias. Esse trabalho era geralmente operado pela letra da música, que funcionava como disparadora de memórias. Ali elas podiam ser compartilhadas, e então encontrávamos como seguir adiante.” (p.384).

“Para alguns, a música — às vezes pela letra, outras vezes com uma lembrança que a melodia evocava — funcionava como disparadora de narrativas, de encontros, de compartilhamentos de histórias. A música operava através da dimensão da palavra. Mas, em outros momentos, ou em especial para alguns pacientes, era algo anterior à palavra que a música operava: era a dimensão espaço-temporal do corpo que a música colocava em questão.” (p.385).

“Se dissemos que era preciso calar o Outro — no sentido de que ao Outro é preciso que falte palavra — é porque falávamos de um Outro que fala pelo sujeito, no lugar do sujeito, excluindo-o do lugar da enunciação. Por fim, resta também uma apostila: de que a música pode produzir um silêncio — ou seria mais preciso dizer um esquecimento? — para que o Outro possa falar nele, no sujeito.” (p.385).



## ATIVIDADES ORIENTADAS DE ENSINO

### TEMA 3

#### FICHAMENTO 10

**Discente:** Estefani Gabrieli Alves de Souza

**Orientadora:** Camila Bellini Colussi Macedo

FURTADO, Juarez Pereira *et al.* Modos de morar de pessoas com transtorno mental grave no Brasil: uma avaliação interdisciplinar. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 18, n. 12, p. 3683-3693, 2013.

“A demanda por moradias de pessoas com transtorno mental grave (TMG) é uma implicação fundamental da mudança do modelo de assistência em saúde mental no Brasil, uma vez que prioriza o direcionamento do cuidado para a comunidade, superando a centralidade do hospital psiquiátrico. Tanto aqueles que deixaram tais hospitais quanto aqueles que, por meio do acompanhamento dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), prescindiram de internações prolongadas, apresentam necessidades peculiares de habitação nesse novo contexto” (p. 3684).

“A partir da interação com o campo e do material gerado, definiram-se três eixos de análise relacionados ao modelo tecnoassistencial: equipe de referência, reabilitação psicossocial e promoção de autonomia. No primeiro eixo, examinou-se o estabelecimento de relações entre profissionais de diferentes categorias em torno de uma clientela específica, visando vínculo e resolutividade.” (p.3686).

“As equipes de referência e a interação cotidiana entre diferentes categorias profissionais é algo a ser ainda implementado nos três cenários da pesquisa. Os cuidadores são os principais e frequentemente únicos profissionais presentes ao lado dos moradores de SRT. Suas atribuições vão dos trabalhos domésticos de limpeza e alimentação até o estímulo à aquisição de autonomia pelos moradores e a administração de conflitos entre eles.” (p.3686).

“Como decorrência, são escassos os projetos terapêuticos formulados de maneira individualizada para os moradores de SRT. Há evidente acompanhamento da saúde bucal e clínica, porém a pouca articulação de profissionais de distintas áreas em torno de um plano terapêutico para cada um dos



moradores dificulta a particularização da atenção e fomenta a padronização das tarefas cotidianas, tornando os processos de reabilitação psicossocial bastante restritos.” (p.3687).

“A abordagem antropológica privilegiou os conceitos de "significado" e "pessoa", para compreender como ocorre a inserção social dos sujeitos particulares desta pesquisa, a partir dos significados que cada um atribui à sua moradia e à sua própria vida. A ideia do significado, na perspectiva antropológica, pressupõe a interação entre pensamento e experiência; o que implica que, ao se analisar o significado de moradia para pessoas em situação de sofrimento mental seja necessário conhecer o modo como vivem e se organizam nas moradias.” (p.3688).

“A noção de significado é complementada pela de pessoa, evidenciando um contexto em que as relações sociais estabelecidas possibilitam o tráfego de símbolos, na medida em que se sustentam por meio de regras, valores e no respeito ao outro.” (p.3688).

“A relação entre as pessoas com TMG que moram sozinhas e as instituições com as quais precisam lidar no cotidiano urbano também provocam vontades e resistências que nos parecem importantes indícios do processo de inserção social. Assim, por exemplo, lidar com dinheiro mediante uma meticolosa contabilidade ou uma recusa categórica das trocas comerciais – identificamos os dois extremos – são ambas atitudes que pressupõem um posicionamento do sujeito no jogo das instituições.” (p.3689).

“Sob a ótica da psicanálise, a questão de habitação e inserção social considerou dois aspectos: (1) a singularidade dos modos de viver de cada sujeito; (2) e como a dimensão de casa se articula às possibilidades subjetivas referidas ao íntimo em sua relação com o Outro. Esses dois aspectos relacionam-se com noções teóricas presentes desde o início da pesquisa: posição do sujeito na linguagem, saber fazer com o sintoma e a relação com o Outro. A elas se acrescentaram a noção de íntimo e de desinserção, como frutos do processo de investigação.” (p.3690).

“Pudemos observar diferentes tentativas criativas de habitação, dentre aqueles que moram de outras maneiras que não os SRT, indicando possíveis laços com o Outro, com o corpo, os objetos e com as ofertas do mundo. Nessa perspectiva, tomamos a noção de íntimo em sua articulação com a casa e a resposta sintomática do sujeito, destacando que cada morador tenta se arranjar como pode para criar



uma esfera íntima, buscando seus recursos para se proteger do domínio e do olhar do Outro e conseguir habitar minimamente o mundo.” (p.3690).

“Na colaboração interdisciplinar, um conceito emergiu a partir do trabalho empírico e foi compartilhado pelas quatro áreas: autonomia. A noção de autonomia se cristalizou nas análises como possibilidade de as pessoas com TMG, em suas diferentes experiências de moradia, terem espaços e momentos de privacidade, interferirem nas normas e regras dos locais de moradia, poderem exercer sua criatividade na interação com espaços, objetos e outras pessoas, e reconstruírem suas relações com a cidade.” (p.3691).

“No limite, o que parece estar em jogo para ambas as clientelas acompanhadas e também para o aparato institucional que procura se ocupar do problema é a complexa articulação de estrutura, suporte e acompanhamento na medida certa para garantir, mais do que um abrigo/moradia, a constituição de um lar/habitação, sendo este último ao mesmo tempo condição e consequência da inserção social.” (p.3692).